

IRMÃOS KOSTANIDIS
LIVRO 2

Destinada
AO GRECO

A Babá e o Viúvo Proibido

D. A. LEMOYNE

IRMÃOS KOSTANIDIS
LIVRO 2

Destinada
AO GREGO

A Babá e o Viúvo Proibido

D. A. LEMOYNE

D. A. LEMOYNE

Copyright © 2022

Destinada **AO GREGO**

A Babá e o Viúvo Proibido

Irmãos Kostanidis
Livro 2

Línguas e dentes duelam pelo
controle, mas ao mesmo tempo,
se rendem à entrega.

Não é um contato ensaiado,
não há nada de elegante ou
calculado na maneira como nos
tocamos. É fome crua, que vem
cozinando em fogo baixo.

Desejo desenfreado, demanda,
precisão, urgência.

Dionysus Kostanidis
(Destinada ao Grego)

D. A. LEMOYNE

dalemoynewriter@gmail.com

Copyright © 2022 por D. A. Lemoyne

Título Original:

Destinada ao Grego – A Babá e o Viúvo

Proibido

Primeira Edição 2022

Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos

reservados. Nenhuma parte desta publicação

pode ser reproduzida, distribuída

ou transmitida

por qualquer forma

ou por qualquer meio, incluindo

fotocópia, gravação ou outros

métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em

revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Nome do Autor: D. A. Lemoyne

Revisão: Dani Smith Books

Capa: D. A. Lemoyne

ISBN: 978-65-00-55152-5

Esse é um trabalho de ficção.

Nomes, personagens, lugares,

negócios, eventos e incidentes

são ou produtos da imaginação da

autora ou usados de forma fictícia.

Qualquer semelhança com

pessoas reais, vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.

Sumário

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 1](#)

[1](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Epílogo 1](#)

[Epílogo 2](#)

[Bônus](#)

[Papo com a Autora](#)

[Obras da Autora](#)

[Sobre a autora](#)



Atenção: pode conter gatilhos.

Aviso: *Destinada ao Grego*, li vro 2 da série **Irmãos**

Kostanidis

, é um volume único. Por ser com casais diferentes, cada livro da saga pode ser lido separadamente, mas o posterior pode conter spoilers dos anteriores.

Dionysus Kostanidis,

o magnata de uma família

de banqueiros e

CEO da maior empresa de telecomunicações norte americana, assim como seus irmãos, é um homem implacável

em todas as

áreas.

O pai solo está decidido a manter a viuvez não por amor à falecida esposa, mas porque casamento não consta em seus planos.

O grego pode ter a mulher que quiser com um estalar de dedos, então para que se prender novamente?

Harper Cecily Bradley, ou Cici, como prefere ser chamada, é uma inocente garota do Kansas que chega a Nova Iorque com uma missão. Quando seus planos dão errado, ela toma uma atitude drástica que mudará para sempre o rumo de sua vida e a colocará em definitivo no caminho do bilionário.

Para Dionysus, possuir a babá do seu filho

é apenas um jogo de

sedução como tantos outros que executou ao longo da vida. Para a jovem inexperiente, estar nos braços do grego é sua ideia de paraíso, ainda que saiba que ele é proibido.

Quando ambos resolvem se render à paixão, no entanto, sabem que estão destinados.

Mas Cici guarda um segredo que se for descoberto, poderá fazer com que o homem de sua vida a odeie.

A todos aqueles que estavam esperando a história do nosso grego delícia e da babá do filho dele, a sexy Cici.

Carolina do Norte, outubro de 2022.

NOTA DA AUTORA:

Destinada ao Grego, liv

ro 2 da série **Irmãos Kostanidis**

,

contará a história de Dionysus e Cici.

Ele, já conhecido do livro 1 da saga, é arrogante, possessivo, gostoso e entre outros investimentos, um dos acionistas majoritários do banco da família.

Ela, garota ingênua, mas muito determinada, está estreando em meu universo literário,

mesmo que já tenha sido citada em dois

outros livros meus.

Podem esperar nesse romance: cenas muito quentes, segredos, omissões e reviravoltas.

Como todos os Kostanidis,

Dionysus é implacável

quando quer

algo e o que ele quer

, é nossa ruiva.

A garota que tinha um plano ao chegar em Nova Iorque não esperava se apaixonar perdidamente pelo grego controlador e agora ela sabe que está enredada em uma teia que não tem como sair

.

De quebra, irão rever outros personagens que já apareceram no livro 1 da série, como Zeus e Madison, Ares, Hades e também de outras sagas.

Eu amei escrever sobre esse casal apaixonado e espero que vocês apreciem também.

Um beijo carinhoso e boa leitura.

D.A. Lemoyne



Prólogo

Passado

Uma risada me desperta do sono profundo.

Ela é sonora como o canto de um pássaro em uma manhã de verão.

— Acordou feliz hoje, Irma?

— Ah, sim. Nada melhor para meu humor do que ver uma belezinha dessas aqui dando um drible na dona morte.

Ouçó passos se aproximado e em seguida, uma mão

acaricia meu cabelo.

— Verdade. A garota é linda e sortuda também. Não bastasse essa aparência de princesa de contos de fadas, assim como um gato, certamente tem sete vidas.

Sortuda?

Eu sou uma garota de sorte? Não me sinto assim.

Como posso ter sorte, se todos aqueles a quem amei
morreram?

— Se tem mesmo sete vidas, gastou uma na noite passada.

— Ainda restam seis, meu amor

. — Uma das mulheres

parece falar comigo, ainda que meus olhos permaneçam fechados.

— Viva-as com sabedoria. Aproveite cada segundo.

— Quer saber de uma coisa? Sou como minha avó e
acredito que não estava na hora dela ainda.

— Talvez não. Ou talvez Deus tenha apenas mudado de ideia. O fato
é que eu nunca vi alguém sobreviver a algo assim com somente uns
arranhões. Penso que é o destino dela ter uma jornada longa para
contar essa história aos netos no futuro.

— Ou ela ainda tenha uma missão para cumprir antes de partir.

Sim — quero dizer à mulher bondosa —

eu tenho uma

missão, mesmo que não faça nem ideia de por onde começar

.

Apesar disso, não posso desistir

.

Sou a última esperança
dele.



Capítulo 1

Nova Iorque

Um ano depois

Vou até a janela da sede da minha emissora de TV, me sentindo sufocado. Há muito tempo tenho andado assim e sei a razão: a tensão pelo inesperado; de não saber de onde o inimigo pode surgir — ou *quando*.

Como meus três irmãos, a necessidade por controle está enraizada em meu DNA. Qualquer coisa que desalinhe a vida

rigidamente programada altera meu humor. Isso se torna infinitamente pior se envolve meu filho, Joseph.

Penso na criança que deixei em casa pela manhã e pela milésima vez me questiono se estou fazendo tudo direito para que seja feliz.

Insegurança está longe de ser uma das minhas características,

mas quando se trata da criação de um bebê, estou

caminhando no escuro, sem qualquer previsão de quando surgirá uma lanterna.

Passo as duas mãos pelo rosto, pensando na babá que tive que demitir há alguns dias. Ainda que tenha tomado todas as precauções possíveis e contratado-a através da melhor agência de Nova Iorque, isso não impediu

que a mulher negligenciasse

Joseph

para foder um dos guarda-costas no porão da minha casa.

Lembrar do episódio faz meu maxilar contrair. Sou absolutamente obcecado pela segurança do meu herdeiro porque sei muito bem o que um descuido pode causar

.

Um amigo muito próximo, Ricco [Moretti\[1\]](#), perdeu o filho em

uma tragédia que poderia ser evitada caso as devidas precauções tivessem sido tomadas.

Pensar no meu menino em perigo me dá a sensação de ter uma bola de ferro no estômago, ainda mais porque minhas jornadas

de trabalho são intensas e preciso confiar em terceiros, além de mim, para garantirem seu bem-estar

.

A família

próxima se resume a meu irmão mais velho Zeus[\[2\]](#),

Ares e Hades.

Há [Odin\[3\]](#) e a esposa dele, Elina, também, mas apesar da mulher do meu primo ter fica

do com Joseph algumas vezes quando

precisei viajar

, ela tem seus próprios filhos

e o trabalho em sua

Associação para tocar.

A tarde cai rapidamente e uma chuva fina começa a molhar as calçadas de Manhattan. O céu fechado, de um cinza chumbo, vai ao encontro do meu humor.

Volto para a minha mesa e olho a fotografia

de Joseph. Ele

não sorri muito. Na verdade, quase nunca. Parece um miniadulto: observador e introspectivo, o que sempre me faz questionar se é feliz.

Quero dizer, não é como se antes dele nascer eu fosse um especialista em bebês, mas sempre os imaginei sorridentes.

Não o meu menino. Mesmo quando me sento em seu quarto para brincar, tenho a sensação às vezes de que ele me observa e

que sabe segredos dos quais desconheço.

Eu li a respeito da relação intrauterina entre mãe e filho e

também procurei psicólogos

para entender a apatia dele. Por tudo

que pude descobrir, os fetos sentem as emoções da mãe e Deus sabe que a gravidez de Sue, minha falecida esposa, não foi fácil.

Observando de novo a imagem de Joseph, tento, como sempre, encontrar semelhanças entre meu menino loiro e de olhos

negros, com os olhos verdes e cabelos castanho-escuros da mãe morta. Não há. Como uma lembrança ou um castigo, Joseph se parece com o filho da puta que contribuiu em sua concepção.

— O que vai fazer? — meu irmão Ares pergunta, me trazendo de volta à realidade.

— Continuar no mesmo caminho que tenho percorrido: usando de todas as armas possíveis para proteger meu filho e

impedir que o levem de mim. Eu mandei que investigassem qualquer parente vivo dos dois. Sue e Keith, o falecido marido dela,

aparentemente não tinham ninguém, mas estou agindo por precaução.

Desde que Sue morreu, eu tenho tentado nos proteger legalmente de qualquer tentativa de extorsão ou pedido de guarda

de um parente distante do bastardo do seu pai biológico.

Com

ambos os pais mortos, a minha única ligação

com meu filho

é o fato

de eu ter adotado-o assim que nasceu, mas hoje a banca de advogados que cuida do caso me avisou que mesmo que seja improvável

que consigam tirá-lo
de mim, podem iniciar
uma batalha
na justiça que se arrastará por anos.

Ele me olha em silêncio
por um tempo e eu sei o que está
pensando: que eu não preciso passar por nada daquilo.

Ares está enganado. Joseph se tornou o centro do meu mundo.

— E quanto ao jantar de hoje?

— Não acho que eu vá conseguir ir. De qualquer modo, por que precisamos estar os quatro lá ao mesmo tempo?

Ele dá de ombros.

— Não precisamos. Eu já fechei o acordo com Rey Cardona de la Vega[4]. Seria mais para nos reunirmos mesmo. Uma homenagem ao nosso avô.

O argumento faz com que eu me sinta culpado. Nós perdemos nossos pais e no leito de morte de nosso avô,

prometemos respeitar as tradições familiares e nunca ficarmos

muito tempo sem nos ver, o que parece cada vez mais difícil por

conta das atribulações que cada um de nós têm.

— Soube que houve uma confusão com relação à dançarina nova naquela noite em que Rey esteve lá, né?

— *Confusão?* Eu não chamaria assim. Madison se equivocou e deu uma dança privada para Zeus, mas ele sabia o que estava fazendo e que não deveria estar ali. Acho que nosso irmão ficou obcecado por ela. — Ele pausa e sorri. — E o que é mais engraçado é que a menina está fazendo Zeus suar

.

— Não vai durar. Em poucos meses, a mulher perderá o encanto. Como nós, Zeus quer ser desafiado.

Até hoje nenhuma das mulheres com as quais nos relacionamos, mantivemos por muito tempo e se eu for honesto comigo mesmo, até mesmo o envolvimento

com Sue seguiu adiante

muito mais por Joseph e minha vontade de mantê-lo por perto, do que por qualquer vínculo mais forte entre mim e a mãe dele.

— Eu não sei. Madison é diferente

de todas as mulheres que

ele já teve. É jovem, mas não baixa a cabeça para ninguém.

— Virou um romântico agora? — ironizo.

— Sem chance. Romance não é para mim.

— Com o exemplo que tivemos em casa, para nenhum de nós, eu diria.

O celular acende com uma mensagem e Ares ri porque reconhece o toque. Desde mais novos, temos isso em comum em nossos telefones:

um som de chamada que ele, meu irmão rebelde

e o segundo mais velho, apelidou de disque-putaria.

Embora nenhum de nós seja mais criança, mantivemos o alerta para reconhecer quando é uma das nossas mulheres que nos liga ou quando se trata de negócios.

— Precisando que eu fique com Joseph outra vez? —

pergunta. — Talvez foder faça seu humor melhorar

.

Eu ignoro a mensagem. A mente agora totalmente focada no meu filho.

— Eu vou encontrar outra babá noturna, obrigado. Da última vez que tomou conta dele, meu menino estava assistindo desenho

quando cheguei às três da manhã.

Ele não parece se sentir culpado.

— Nós dois ficamos com insônia e Joseph é uma ótima companhia.

Todos os meus irmãos o aceitaram como um Kostanidis, apesar de saberem que não é meu filho biológico.

Nunca vi a mim mesmo como alguém capaz de cuidar de uma criança, sendo meu ou não, e me surpreendeu, quando conheci Sue grávida do cretino do ex-marido dela, que o diabo o mantenha no inferno, a forte ligação

que tive com o bebê quando

ainda estava na barriga da mãe.

Em todos os aspectos que contam, Joseph é meu. Eu o registrei e cuidei dele mesmo antes de nascer

.

Vejo meu irmão levantar e se encaminhar para a porta.

— Avise-me se mudar de ideia sobre o jantar

.

— Não vou. Tirarei a noite para o meu filho.

Vou ter que viajar

dentro de algumas semanas e preciso compensar esse tempo que ficaremos separados. Quanto à babá da noite, caso não consiga

[uma até lá, terei que deixá-lo com Elina](#)

[\[5\]](#).

Ares sorri.



— Tenho certeza de que meu sobrinho vai preferir a mulher de Odin a uma babá. Ele é um Kostanidis

completo:

como nós, não

gosta de estranhos à volta.

Joseph é um bebê triste e que não parece confortável com qualquer um que não sejamos nós. Até mesmo Sue implicava com

isso:

que o carregara dentro do corpo durante nove meses e que, no entanto, o menino só parecia ter olhos para mim. Aos poucos, foi se acostumando com os meus irmãos também.

— Tudo bem. E quanto ao seu encontro aí — diz, fazendo um gesto de cabeça para o celular

—, se precisar que eu fiqu

e com ele,

basta me avisar com antecedência.

— É esse que você quer? — pergunto ao meu filho,

que tenta

pegar um bloco de montar das minhas mãos.

Estamos sentados no chão de seu quarto de brincar e quando cheguei em casa, vim direto encontrá-lo, parando apenas para tirar sapatos, meia e o paletó do terno.

Ele acena com a cabeça, fazendo que sim.

— Diga:

[naí\[6\]](#).

— Naiiiii

— repete, estendendo a última letra e eu me sinto orgulhoso do meu menino.

Depois de observá-lo colocar a peça no lugar certo, estendo minha mão para ele.

Como sempre, Joseph não hesita, e vem para os meus braços.

Eu o aperto contra o peito, pensando na conversa que tive com Ares.

Todos os meus irmãos são assombrados com a mesma preocupação que eu: de que no futuro, alguém da família biológica

dele venha reivindicar a guarda do meu menino.

— Não vai acontecer, filho.

Eu não vou deixar que pessoas

daquela laia te criem. Eles nunca saberão onde você está.



Capítulo 2

Ilha de Manhattan — Nova Iorque

Meses depois

Aperto a alça da mala com força para tentar me acalmar, mas meu coração bate tão rápido que eu me sinto enjoada.

Manhattan parece ainda mais assustadora ao vivo do que nos filmes.

Carros passam por todos os lados, tocando buzinas e talvez demonstrando o temperamento de seus proprietários.

A ilha inteira grita impaciência

e pressa. Totalmente na

contramão da pacata vida que levei até pouco tempo.

Descanso a bagagem aos meus pés enquanto olho em volta.

Estou cercada de arranha-céus.

É assim que chamam os edifícios

tão altos que tornam

impossível ver o sol.

A cidade, mesmo pela manhã, está parcialmente

oculta nas

sombras dos prédios e eu me pergunto como alguém pode ser feliz vivendo nessa selva de concreto e aço.

Pouso os dedos sobre a testa e sinto o suor frio que a recobre.

Deus, eu quero voltar para casa.

Não há a menor chance disso funcionar

. Qualquer um que

olhar para mim vai saber que sou uma caipira

do interior

do Kansas,

antes mesmo que eu abra a boca.

As pessoas em Manhattan se vestem tão bem! Não há qualquer um aqui no centro financeiro

da cidade usando jeans

surrado e um All

Star que se eu não tivesse um apego sentimental

tão grande a ele, já deveria ter ido para o lixo há tempos.

Não seja covarde, Cici. Lembre-se da conversa entre as enfermeiras.

Você sobreviveu por milagre, então talvez aquela

história de que tem sete vidas seja verdade.

É provável que eu vá precisar de mais uma delas hoje, porque não posso me dar ao luxo de morrer.

Como se meus pensamentos tivessem eco, um carro se aproxima da calçada em alta velocidade e quase me causa um infarto. T

omo um susto e tropeço para trás.

Jesus, pelo visto todos nessa cidade gozam do privilégio de

vidas extras, caso contrário, como poderiam sobreviver a um trânsito que parece repleto de pilotos de fórmula um?

Alguém esbarra em mim e eu quase deixo a mochila

cair no

chão.

Eu não posso ficar parada o dia todo na calçada. Preciso resolver se terei coragem de fazer o que planejei.

Não há alternativa

— uma voz avisa. — *Hoje é o dia.*

A bile

sobe à minha garganta e, nervosa, me encaminho para o edifício

do banco Kostanidis

em uma última

tentativa desesperada

de encontrar uma solução menos drástica.

A sede do banco da família

é para onde o doutor Dionysus, o

terceiro filho

do *clã* de banqueiros e também dono de uma grande

emissora de TV, vem todas as tardes.

Há duas portarias, eu sei. Uma que leva para o interior do estabelecimento

comercial

e a outra, ao lado, que é a entrada dos

escritórios. É para lá que devo me dirigir

.

— Boa tarde — falo, colocando meu melhor sorriso e cumprimentando um dos seguranças que guarda a entrada.

— Não pode passar se não tem crachá, senhorita. O ingresso é exclusivo para funcionários.

— Eu preciso falar com o doutor Kostanidis.

Assim que as palavras me escapam, sei pelo olhar do homem para mim que a abordagem foi um erro.

E como para confirmar

, ele diz:

— Qual dos quatro?

Eu não acho que ele queira mesmo uma resposta e sim, que está me analisando.

— O doutor Dionysus.

O que diabos pensa que está fazendo, Cici? Não vai conseguir passar soando tão insegura assim.

— Marcou horário?

Agora tenho certeza de que o homem além de desconfia do,

está internamente rindo de mim. Sua expressão deixa claro que sabe a resposta: eu não tenho horário com o grego poderoso porque sou uma ninguém.

— Não, mas é importante.

— Não perca seu tempo, senhorita. Qualquer que seja seu motivo, posso lhe garantir que não conseguirá chegar até ele. Seria mais

fácil tentar ser atendida por Deus.

E não é o que estou fazendo? Ao que me consta, todos os quatro homens Kostanidis, que receberam dos pais os nomes de deuses gregos, o são na vida real também. Eles teriam dinheiro para viver várias encarnações bebendo champanhe francês no lugar de água se quisessem.

Ele agora me olha de alto a baixo e foca na minha mala também.

— Eu vou te dar um conselho de graça, menina. Parece muito jovem e claramente não é daqui. Volte para seu lugar ou a ilha vai te devorar viva.

— Eu não posso. Tenho uma promessa a cumprir.

— Se essa sua promessa tem a ver com o doutor Dionysus, é melhor dizer à pessoa a quem prometeu que terá que voltar atrás. A chance de que consiga falar com ele é nula.

Penso no que está dizendo e meu coração se contrai.

Como eu pude acreditar que o magnata grego me escutaria se eu contasse a minha história? Achei mesmo que ele acreditaria em mim? É provável que mandasse me internar

.

Não. Antes, ele *talvez*

mandasse me internar. Agora,

desejaria mandar me prender

.

O olhar do homem já não é mais arrogante, e sim, solidário.

Provavelmente porque ele consegue enxergar o desespero no meu rosto depois do que me disse.

Qualquer fio de esperança que eu tinha se foi. Não me resta alternativa. Eu terei que tomar uma medida drástica.

Lembro-me das reportagens que li a respeito do homem do qual devo me aproximar. Na verdade, recordo-me do que li sobre a família inteira.

Empresários implacáveis. Bilionários. Inacessíveis.

Essa última parte eu pude atestar por mim mesma. O homem se mantém dentro de uma fortaleza. Há uma semana eu tenho vindo todos os dias e não posso mais esperar. O dinheiro que usei para pagar a estada no hotel se esgotou e essa é a razão de eu estar com minha mala hoje.

Caso não consiga meu intento, terei que voltar para o Kansas e começar a planejar tudo de novo.

Meu Deus, me ajude a não falhar

.

Os Kostanidis são uma espécie de família

real — não só

muito ricos, mas poderosos também.

Eu não tenho dúvida de que se o doutor Dionysus descobrir quem sou e por que estou em Nova Iorque, mesmo sem saber da história completa, me mandará para longe. Ele dará um jeito de que

eu nunca mais me aproxime e então eu terei falhado irremediavelmente,

porque uma vez que ele descubra tudo, eu não

terei uma segunda chance.

Faço um aceno de cabeça para o segurança em uma espécie de despedida. Ele foi a pessoa mais simpática que conheci em Nova Iorque desde que cheguei. Ou melhor seria dizer, a menos grosseira.

Puxo algumas respirações profundas e, aos poucos, meus batimentos cardíacos começam a voltar ao normal, mas a falsa sensação de paz não dura nada porque assim que chego na parte traseira do prédio, onde fica

a entrada da garagem, vejo o carro que

apanha o doutor Kostanidis todos os dias.

É agora ou nunca.

Vou precisar de uma das seis vidas restantes, Deus.

Não me desampare.



Capítulo 3

— Estamos indo direto para casa, doutor Kostanidis? — meu motorista pergunta assim que entro no carro.

— Sim, Anderson. Eu preciso entrevistar a candidata a babá da noite.

Ou seria melhor dizer:

mais uma babá, de tantas que já falharam
na função.

Vejo pelo espelho retrovisor quando ele contrai os lábios e sei a
razão: Anderson é praticamente da família

e tanto quanto os meus

irmãos, ficou

louco por a minha ex-funcionária

ter abandonado meu

filho

sozinho, chorando no berço, enquanto fazia sexo no andar de baixo.

As outras que a substituíram desde então, não pararam no emprego.

Aperto os olhos por um instante, sentindo uma dor de cabeça se aproximar e me perguntando se não deveria aceitar a sugestão de Zeus e colocar Joseph em uma creche diurna, trocando a babá que fica até as duas para a parte da noite.

O problema é que a senhora Nuttle já avisou que não poderá ficar todas as noites, porque o marido não aceita que ela se ausente por dias seguidos.

— Para o bem do nosso Joseph, espero que essa dê certo, doutor.

Aceno com a cabeça concordando, embora tenha as minhas dúvidas.

Enquanto ele arranca com o carro, olho pela janela escurecida, mas com a cabeça a quilômetros de distância.

[Eu sei que terei que contratar a senhorita Pain](#)

[7].

Jesus, só o nome da mulher já está errado. Como uma babá pode ter como sobrenome a palavra “dor”?

Sei também que não durará na função e não tem nada a ver com seu sobrenome excêntrico, mas com o fato de que ela não tentou tocar meu filho durante a entrevista.

Na verdade, nem dirigiu um olhar para ele.

Propositadamente, eu deixei o carrinho com meu menino por perto, mas a mulher parecia muito mais concentrada em me provar suas qualificações

profissionais

— que são muitas, não nego — do

que entender que o elemento principal

dessa equação é seu bom

relacionamento com meu filho.

Ao contrário do que a maioria dos *sites*

para pais solo indica

como requisitos,

eu não dou a mínima se ela fez faculdade

ou fala

mais línguas além do inglês

. Se não tiver uma interação real com

Joseph, para mim não servirá.

— Eu não gostei dela, se me permite falar

. — Anderson expõe

meus pensamentos.

— Eu também não, mas ela tem um currículo impressionante.

— Crianças precisam de muito mais do que educação primordial.

Sim, eu e meus irmãos sabemos disso. Apesar de termos tido uma inf

ância feliz, o que se seguiu no fim da adolescência, com a morte de nossa mãe em um acidente e depois, o suicídio do meu

[pai\[8\]](#), foi um pesadelo.

Em um piscar de olhos, nós passamos de uma família

unida para

quatro órfãos cujo o patriarca — nosso avô — não foi exatamente um exemplo de amor, apesar de ter se esforçado para equilibrar a

carreira com a dedicação aos netos. Mal nos recuperamos da perda dos nossos pais, no entanto, vovô caiu doente e não durou seis meses.

Zeus fez o seu melhor para nos manter como uma unidade, mas dentro de cada um dos Kostanidis há um buraco emocional que nada consegue preencher.

Não, isso não é verdade. Eu tenho meu filho.

A criança que

entrou no meu caminho por acaso, mas que eu amo como se fosse uma parte de mim.

— Talvez devesse repensar essa contratação então, senhor —

ele diz e apesar de não ser o tipo de homem que aceite opiniões no que concerne às minhas decisões, sei que só está pensando no bem-estar de Joseph. — Não acho que faça bem ao menino essa mudança constante de pessoas cuidando dele.

— Eu vou analisá-la

com calma nessa última entrevista. Ainda

não decidi nada.

— Graças a Deus! — diz e o que vejo dos olhos através do retrovisor transmite alívio.

— Tem algo de estranho com aquela...

Jesus!

Ele frei

a de repente e eu que já estava distraído enviando uma mensagem para Hades, se não estivesse com o cinto de segurança

teria sido arremessado no banco da frente.

Nem tenho tempo de perguntar o que houve porque Anderson já está do lado de fora do carro.

O que no inferno está acontecendo?

Mesmo quebrando todos os protocolos de segurança e com certeza deixando o chefe dos meus guarda-costas no veículo de trás com cabelos brancos, eu desço também.

Parece a porra de uma realidade paralela quando vejo uma mulher caída na frente do carro.

— Nós a atingimos? — pergunto, sem acreditar e já discando para chamar uma ambulância.

— Não foi culpa minha, doutor Kostanidis.

Ela se jogou na frente

do automóvel ou atravessou sem olhar. Eu não tenho certeza. De qualquer modo, a luz da garagem que avisa a saída dos veículos estava acesa.

Ele parece prestes a desmaiar e mesmo que eu não tenha testemunhado todo o ocorrido, sei que está falando a verdade.

Anderson, assim como Larry, o motorista de Zeus, trabalha com nossa família desde quando meu avô era vivo.

— Eu chamei uma ambulância — falo com ele, enquanto me aproximo para tentar verificar os sinais vitais da mulher

.

Sei que não devo movê-la porque posso piorar sua condição.

Apesar disso, me abaixo para ver se está consciente. Não é da minha natureza ficar parado esperando as coisas acontecerem.

Escuto vozes ao nosso redor. As pessoas se aglomeram, mas estou absolutamente concentrado nela.

Eu não consigo ver seu rosto e sim uma massa de cabelos ruivos que o encobre. Não do tipo fabricado em salões, mas uma juba cheia

e ondulada que oscila entre tons de laranja e vermelho.

Ela parece frágil,

membros delicados,

muito branca e tem sardas

pelos braços e pescoço. Está tão imóvel que por um instante eu penso o pior.

Não há sangue, mas eu sei que hemorragias internas são muito mais preocupantes e mesmo que Anderson não estivesse correndo, a garota — sim, acho que é uma garota se for levar em conta o tipo físico

e a maneira como se veste — parece delicada

demais para

suportar o impacto de um automóvel.

Movo os dedos até seu pescoço, rezando para que esteja viva, e volto a respirar quando sinto sua pulsação.

A pele da moça é quente e lisa como seda e eu me sinto meio pervertido por ter esse tipo de percepção.

— Ela está viva — falo para tranquilizar Anderson porque caso

contrário, teremos duas pessoas precisando de socorro ao invés de uma.

Eu nunca o vi tão nervoso.

Ao mesmo tempo, não consigo me afastar dela, sentindo-me ligado à criatura frágil de uma maneira que não consigo entender

.

Ouço o som da ambulância
e preparo-me para levantar quando a
garota agarra a minha mão.

— Eu sou um gato mesmo, mas já gastei a segunda vida. Tenho que tomar cuidado. Só sobraram cinco.

Depois disso, ela desmaia.



Capítulo 4

— *O que aconteceu?* — Zeus pergunta ao telefone.

— Como sabe que aconteceu algo?

— *As câmeras de segurança do banco aparentemente filmaram*

o

atropelamento e os guarda-costas me telefonaram. Onde você está?

— No hospital, esperando que ela seja atendida.

— *Ela?*

— Sim, uma garota. Não sei o nome. Desmaiou antes que eu pudesse perguntar. Viu as filmagens?

— *Ainda não. Primeiro*

quis conferir

se você estava bem. Em que

hospital estão? No de Athanasios

[9]?

— Não. Eu pedi que a ambulância a levasse para o mais próximo, mas dependendo do que os médicos digam, eu a transferirei para lá.

— *Acha que é grave?*

— Não, mas de qualquer forma é muito fodido.

Anderson está em

transe ainda. Nunca teve qualquer incidente do tipo ao longo da vida.

— *Estou indo encontrar você.*

— Zeus, não precisa. Não deveria estar com sua mulher?

Ele nem se abala, quando em outra época, se eu usasse o título, teria um infarto. Muitas coisas mudaram, no entanto, durante os últimos meses. Principalmente com relação ao futuro do meu irmão.

— *Madison irá comigo.*

— Não precisa vir. Se quer me ajudar, verifique as filmagens.

Temos que saber o que realmente aconteceu. — Passo a mão pelo cabelo. — Preciso saber se foi

nossa culpa. De qualquer modo, não
importa a que conclusão chegue, vou custear todas as despesas.

— *Não tinha qualquer dúvida quanto a isso.*

Penso nos olhos azul-cobalt

o me encarando e no rosto pálido

e

pintado com pequenas sardas.

A garota parece que poderia se desmanchar com um sopro.

— Ela é muito jovem e se eu pudesse adivinhar

, necessitada

também. Estava vestida com roupas simples

e carregava uma mala

toda puída. Independentemente do que os médicos digam ou de quem foi a culpa, eu vou cuidar para que chegue em casa bem.

— *Chegue em casa?*

— Sim, ela não é daqui, disso eu tenho certeza.

— *Menor de idade?*

— Acho que não. Deixamos para preencher as papeladas depois.

Eu só preciso ter certeza de que ela está bem.

Pela minha visão periférica,

vejo alguém se aproximar e quando

me viro noto que, Hades, meu irmão caçula, está aqui.

— Confira as filmagens

para mim. Hades acaba de chegar. Não

se preocupe, eu estou bem.

— *Nunca vou deixar de me preocupar com qualquer um de vocês, Dionysus. Com quem ficou Joseph?*

— Ares foi para minha casa. Eu tinha uma reunião com uma possível candidata a babá do turno da noite, mas pedi que ele a recebesse e marcasse para outro dia.

— *Tudo bem. Vou verificar*

as filmagens

e te telefono

assim que

tiver certeza do que aconteceu. Não deixe de me dar notícias.

— Zeus, eu vou ficar bem. Aproveite sua mulher. Tem minha palavra de que telefonarei caso algo dê errado.

Eu mal tenho tempo de desligar

o celular

e Hades para ao meu

lado.

— Quem é ela? Eu conversei com Anderson e ele me garantiu que a mulher se jogou na frente do seu carro. Isso é muito suspeito

— despeja, sem sequer me cumprimentar

.

Meu irmão faz jus ao nome do deus que herdou: não perdoa e destrói a vida daqueles a quem considera inimigos.

Ele é incapaz de

sentir empatia por qualquer outra pessoa que não seja de nossa família

e acho que mesmo assim, por força do sangue, não por ser algo fácil para ele.

— Não sabemos ainda. Está sendo examinada. Zeus vai verificar as film

agens, mas antes que comece com suas teorias da conspiração, ela é uma menina, Hades. Ou ao menos foi o que me pareceu no pouco tempo que fiquei perto.

— E daí? Por acaso falta de caráter tem idade?

— Jesus, de onde você tirou essa conclusão? Está a cada dia pior. Não é porque errou seu julgamento uma vez que todas as pessoas em seu caminho serão assim. Precisa seguir em frente.

— Nunca. Não até que eu destrua ambos.

— Você já a destruiu.

— Ainda não. Ela precisaria

ficar muito tempo ainda onde está

para receber a punição que merece.

— Não vou discutir esse assunto com você. Está obcecado.

— Não vim para falar sobre Juliet

ou aquele filho

da puta, mas

para saber se precisa de alguma coisa.

— Por enquanto, não.

— Então, já vou indo — ele fala de mau humor e sei que foi porque levantei o tema que o atormenta há anos.

— Hades, eu não estou tentando fazer da sua vida um inferno.

Consegue entender isso?

Ele estava andando, mas volta a me encarar

.

— Ninguém pode fazer da minha vida um inferno, Dionysus. Eu já vivo nele. Sou o senhor do submundo, esqueceu?

Ele não está sendo irônico.

Eu acho que realmente é onde sua

alma está presa.

— Doutor Kostanidis?

— Uma voz de homem me chama assim

que meu irmão parte.

Volto-me para ver quem é e me deparo com um médico e uma enfermeira.

— Pois não?

— Boa noite. Sou o doutor Roswell, o responsável pelo atendimento da senhorita... — ele franze a testa e percebo que não sabe o nome da garota também. — Pelo que pudemos atestar, não foi nada grave. Ela só teve leves escoriações. Fizemos todos os exames, inclusive uma tomografia na cabeça. Ela está bem.

— Posso vê-la?

— Seria melhor voltar amanhã. Eu mandei que a sedassem porque estava muito ansiosa.

— Onde posso verificar o nome dela? Preciso avisar a família.

— Todos os documentos foram levados para a recepção. Estão fazendo a ficha dela nesse instante para sabermos a quem — ele tosse, constrangido —, devemos cobrar.

— Não se preocupem com isso. As despesas serão por minha conta. Quero que ela tenha o melhor atendimento. Eu voltarei amanhã para vê-la. Não lhe deem alta antes que eu chegue.

Entro no elevador, seguido por meus guarda-costas e sigo direto para a recepção.

— Preciso de informações da paciente do quarto oitocentos e quatro — digo à atendente.

— O senhor tem algum parentesco com a paciente?

Cerro o maxilar

, mesmo sabendo que a pergunta da funci

onária é

válida.

— Sou o responsável por ela — respondo, sem dar margem à discussão.

A mulher não se abala. Cruza as mãos em cima da mesa da recepção e me encara.

— Qual tipo de informação deseja?

Tudo — penso, mas sei que seria impossível

porque não tenho

qualquer vínculo

com a garota. Eu conseguirei

o que preciso até a

noite chegar ao fim ou amanhã no máximo, de qualquer maneira.

Com apenas um telefonema para o meu primo Odin, a vida dela será virada do avesso.

— Apenas o nome — falo e deixo meus olhos percorrerem seu rosto e depois, mais lentamente, até a altura dos seios, me demorando ali.

Eu nunca deixo que algo me impeça de obter o que desejo. Não respeito muitas regras além das que crio quando quero atingir um objetivo.

Se ela fosse seguir à risca o protocolo, nem mesmo o nome me daria, já que não faz sentido algum me fornecer tal informação

quando acabei de lhe dizer que sou o responsável pela garota. Eu deveria sabê-lo.

Entretanto, quando vejo suas bochechas se transformarem em duas bolas cor-de-rosa, eu sei que, nesse instante, ela faria o que eu quisesse.

Qualquer coisa.

Suas mãos tremem enquanto digita,
pesquisando pelo que pedi e
em seguida, anota algo em um papel e me entrega.

Não o olho ainda, mesmo depois de pegá-lo. No momento, lhe dou total atenção. Não estou interessado em nada além do que tenho em mãos, mas ela não precisa saber disso.

— Obrigado, senhorita. Espero que tenha bons sonhos.

— Posso saber seu nome? Só para anotar aqui, caso peçam a informação pelo responsável, senhor

.

Eu lhe entrego um cartão onde só consta o telefone do meu escritório. Mesmo por essa via, ela teria que passar por minhas secretárias antes de ter acesso a mim.

— Vai ser uma boa menina e me ligar

caso seja necessário... —

Olho para o nome dela na placa, acima do seio esquerdo. — Molly?

O rubor aumenta consideravelmente.

— Com certeza, doutor Dionysus — responde, lendo meu cartão.

— É mesmo o deus do amor?

— Não. É um pensamento equivocado, senhorita. Esse é Eros.

Boa noite.

Depois de todas as merdas que aconteceram hoje, essa pequena interação quase me faz sorrir

Eu não tenho problema em usar qualquer método para persuadir uma mulher a fazer o que eu quero, desde que eu consiga meu resultado.

Ela vai passar a noite sonhando com o amor na mitologia grega?

Provavelmente.

Deveria estudar mais sobre o assunto, no entanto. Eu sou o deus prazer, entre outras coisas. Não procuro sentimentos entre homem e mulher. Nunca os desejei,

nem mesmo com Sue. Para mim tudo se

resume a luxúria.

A exemplo dos meus irmãos, nossa mãe foi

feliz

ao escolher meu

nome.



Capítulo 5

Harper Cecily

Bradley

— leio

novamente o papel assim que

saio da delegacia

onde acompanhei meu motorista, juntamente com

nossos advogados, para que ele prestasse depoimento.

Eu também consegui evitar, com alguns telefonemas, que o incidente vá parar nos jornais.

Aparentemente a imprensa acha que

o dia a dia da minha família

é um *reality show*

e não importa o quão

fechados sejam, querem noticiar tudo e qualquer coisa.

Inclusive

parece que por sermos discretos sobre nossas

vidas privadas, isso atrai ainda mais atenção e é uma das razões pelas quais eu blindo meu filho por todos os meios que posso.

Depois de tudo que Sue me contou sobre o ex-marido, a última coisa que preciso é que algum parente daquele desgraçado venha atrás do meu menino.

Na verdade, são poucas as pessoas que têm conhecimento de que Joseph não é meu filho

biológico

e se depender de mim,

continuará sendo assim até que ele cresça e eu possa lhe contar que o adotei.

— Foi tudo bem, certo, doutor? — Anderson pergunta, antes de entrarmos juntos no automóvel onde Larry, o motorista de Zeus, estava nos esperando.

— Sim. Fique tranquilo.

Meu irmão mais velho entregou as filmagens

aos nossos

advogados e foi comprovado que a garota atravessou mesmo em frente à garagem sem prestar atenção à saída de veículos.

Ele se acomoda no banco da frente, ao lado de Larry e eu, atrás. O carro em que estávamos hoje foi levado para a perícia e o

advogado me disse que é o procedimento legal mesmo. Não sabemos quando será liberado.

— Doutor Kostanidis... — ele começa.

— Não precisa falar nada. Não foi culpa sua. Tem seu emprego garantido e vou cuidar para que ela receba qualquer cuidado de que precise.

— De qualquer modo, a menina é tão jovem. Eu estou me sentindo muito mal.

— Acalme-se. Amanhã voltarei ao hospital para saber mais sobre ela e vou ampará-la em tudo o que for necessário.

Ele finalmente

parece relaxar e eu faço o que estou

desejando desde que descobri como a garota se chama: ligo para meu primo Odin.

— *Dionysus, como ela está?* — ele pergunta após o celular chamar somente duas vezes.

Meu outro primo mais velho, [Christos\[10\]](#), também já havia mandado mensagem porque para nós o problema de um é um problema de todos e linhas

de privacidade

são desconhecidas entre

meus parentes.

— Acabei de sair da delegacia. Parece que ela estava andando distraída. Segundo os advogados, Anderson estará isento de qualquer responsabilidade

e, mas vou cuidar para que a garota

fique bem. Entretanto, gostaria que descobrisse informações elementares sobre ela. Não sei nada ainda, além do nome: Harper Cecily Bradley

.

— *Sem problema. Até amanhã de manhã, no máximo, terei suas respostas. Com quem Joseph ficou? Elina estava preocupada.*

— Com Ares. Estou indo para casa.

— *Qualquer coisa basta ligar*

.

— Eu sei disso, primo.

Deixo o aparelho sobre o console central do veículo e fecho

os olhos, pensando na confusão que foi o dia. Eu teria que ir à emissora amanhã para uma reunião com a mesa diretora, mas será impossível.

Além de ter que resolver a questão com a *talvez* nova

babá noturna do meu filho,

preciso passar para ver como Harper

Cecily está.

Meia hora depois, Larry atravessa a guarita da minha propriedade e estaciona em frente a minha casa no Brooklyn. Após me despedir rapidamente dos dois funcionários

e dispensar os

guarda-costas, sigo para encontrar meu irmão.

— Como foi com a babá? Conseguiu remarcar para a semana que vem? — pergunto, assim que entro.

— Não. Eu a dispensei.

— Você fez o quê?

— Shhhh... fale baixo. Joseph acabou de dormir

.

Ele tem muita sorte que meu filho

está em casa ou eu seria

capaz de matá-lo. Demorei cerca de duas semanas para selecionar uma candidata que atendesse a quase todos os requisitos.

O *quase* fica por conta do nome dela, que acho estranho para caralho, e o fato de que não sentia qualquer vibração na mulher que me dissesse que gosta realmente de crianças, o que me faz questionar por que diabos alguém procura um emprego desses se não tem vocação.

— Eu a dispensei — ele repete, sem se abalar

.

— Está me dizendo que a dispensou por *hoje*? — pergunto, esperançoso.

— Não. Para sempre. Ela não serve.

— Por que fez uma merda dessas?

— Joseph tem medo dela.

— Está louco? Ele é só um garotinho.

— Não. Crianças têm intuiç

ão melhor do que a nossa. A

mulher não olhava na direção dele — fala, confirmando o que eu já

havia notado na última

entrevista —, então eu o peguei e tentei me

aproximar dela. Ele ficou apavorado. Sabe que não é um comportamento normal. Ele nunca reage assim às pessoas. Mesmo que não seja a criança mais simpática

do mundo, não grita quando

vê alguém. Ele odiou a senhorita *dor na bunda* e eu também.

Arrume outra.

— O que ela fez quando ele começou a chorar?

— Pareceu irritada.

Levantou e foi

para a janela

como se não

suportasse o choro dele. Ela não serve, Dionysus.

Passo as duas mãos pelo rosto, pensando no que vou fazer agora.

— Não há mais candidatas. Cada uma tem uma característica que não se encaixa.

— Daremos um jeito.

Nem que precisemos nos revezar para

ficar com Joseph em cada dia da semana.

Apesar de estar puto por ele ter enxotado uma boa candidata, sei que fez isso pelo bem-estar do meu filho.

— Se eu não encontrar alguém, você vai ficar

com ele para

eu viaja

r daqui a duas semanas — ameaço, meio rindo, mas ainda irritado.

Ele dá de ombros.

— Não me importo. Prefiro me mudar para cá do que deixar meu sobrinho na mão daquela sociopata. Eu não gostei da mulher e nem Joseph. Confio na opinião dele.

— Vai treinando. Dentro de pouco tempo será você a tomar conta de uma criança — debocho, me referindo

ao acordo que ele e

[Zeus fizeram, no qual Ares se tornará tutor legal de uma herdeira](#)

[\[11\]](#).

Precisávamos das ações que o fundo que a menina herdou detinha e essa foi a condição imposta pelo antigo tutor para concretizar a venda.

O humor dele muda instantaneamente.

— Ainda tenho um tempo antes de começar minha tortura.

Além do mais, pretendo mantê-la à distância.

Não sou babá e ela

não é uma garotinha.

— Não invejo a função. Preferiria trigêmeos a uma adolescente.

— Chega de falar de mim. Quero saber tudo sobre essa história de atropelamento. Eu não acredito em coincidências.

A não

ser que a garota seja suicid

a, não há como ela simples

mente não

ter visto o carro.

Ai, cacete. Por que, com três irmãos, Deus não me deu pelo menos um que não seja um bastardo desconfiado?

Porque essa é uma caracterí

stica

familiar

— uma voz ironiza.

— *Não seriam Kostanidis se não duvidassem da própria sombra.*



Capítulo 6

Eu ouvi o médico dizendo que me daria um calmante para dormir. Se deu, não adiantou. Passei a noite em claro tentando entender que aquilo aconteceu mesmo, não foi um sonho.

Eu vim para Manhattan e fiz a loucura de entrar na frente do carro do doutor Dionysus. Mais do que isso, consegui que ele se aproximasse de mim. Na verdade, ele me tocou.

É a última coisa da qual me lembro antes de desmaiar.

Depois, recordo-me dos médicos me examinando no hospital, perguntando se eu estava com dor e me fazendo repetir o número de dedos na frente do meu rosto.

Nada em mim parece realmente ferido e estou começando a acreditar naquela história de ter mesmo sete vidas.

Eles colheram meu sangue e fizeram exames de imagem.

Lembro também de terem me colocado em uma espécie de tubo para fazer uma tomografia e que eu entrei em pânico porque tenho claustrofobia.

Talvez tenha sido por isso que o médico pensou que precisaria me dar um calmante.

Eu gostaria de um neste exato momento. Não, na verdade, eu queria um vidro inteiro, porque estou nervosa de verdade agora.

A enfermeira entrou há pouco para me avisar que o doutor Dionysus está vindo me fazer uma visita.

Em todas as vezes que imaginei

nosso encontro, certamente

não foi vestida em uma camisola que deixa meu bumbum de fora e muito menos estando deitada em um leito de hospital.

Passo as mãos molhadas de suor frio pelo lençol,

dizendo a

mim mesma que não estou com medo. Eles não podem ter

percebido que me joguei na frente do carro, podem?

Não, Cici, eles não sabem de nada.

Então, por que quando o médico veio me examinar hoje cedo, disse que apesar de eu estar bem, terei que esperar o doutor Kostanidis vir me ver?

Era isso mesmo que eu queria:

conseguir um jeito

de chamar

a atenção dele para que pudéssemos conversar. Claro, nunca pensei em ter que tentar me matar de quebra, mas não vi outra saída.

Eu nunca vou conseguir fazer com que ele me ouça.

Meu Deus do céu, não vai dar certo.

Calma. Não precisa ficar com medo. Mesmo que ele descubra que você se jogou na frente

do carro, ele não vai te matar,

afinal, é um homem civilizado e com muito a perder

.

Então por que quer me ver?

Jesus, eu vou passar mal. A ansiedade está me pondo louca.

— Posso entrar? — um homem pergunta ao girar a maçaneta da porta, mas sem me deixar vê-lo ainda.

Respiro, imediatamente aliv

iada. Não é o todo poderoso

grego. A voz que acaba de falar comigo, além do tom parecer pertencer a alguém mais velho, soa insegura. Eu poderia apostar a minha vida que não há um osso no corpo de Dionysus Kostanidis que não seja autoconfiante, então não é ele quem está aqui.

— Pode, sim. Quem é?

Um senhor aparece no meu campo de visão. Ele deve ter por volta de uns sessenta anos e seu rosto apesar de parecer simpático, demonstra apreensão.

— Meu nome é Anderson Colt, senhorita Bradley, e eu sou o motorista do doutor Dionysus Kostanidis.

— Bom dia. Como sabe meu nome? — pergunto, nervosa, ainda que eu tenha certeza de que mesmo tendo conhecimento dele, nunca descobrirão quem sou.

— A ficha do hospital. Tiveram que fazer porque o doutor Kostanidis quis garantir que a senhorita gozasse de todo o necessário. — Ele pausa e parece ainda mais ansioso do que eu. —

Queria me desculpar

, senhorita Bradley

.

— Pode me chamar de Cecily

, senhor Colt.

— Não de Harper?

— Não. Eu odeio esse nome. Foi minha madrasta quem escolheu. Era o nome da avó dela, que nunca conheci.

Ele me olha, confuso e eu sei a razão: como minha madrasta pode ter me dado um nome?

— Minha mãe morreu no parto e meu pai não sabia o que fazer com um bebê, então, apenas quinze dias depois, já estava morando com uma mulher.

Ele parece chocado, mas como o homem educado que presumo que seja, não fala nada.

— Mas ninguém me chama assim — continuo, fazendo de conta que não percebo o quanto está desconcertado. Qual homem colocaria

outra mulher dentro de casa apenas duas semanas após perder a esposa? A resposta é simples:

um que tivesse uma

amante. Afasto os pensamentos tristes porque mais do que nunca, preciso ser forte. — De qualquer modo, para todos, sou Cici.

Ele acena com a cabeça, concordando e em seguida, limpa a garganta.

— Eu vim para pedir perdão. Não consegui dormir à noite imaginando-a ferida e sozinha no hospital.

Pela primeira

vez, eu entendo as consequências do que fiz

e

o remorso me atinge tão forte que sinto um nó no estômago.

— Eu me distraí — falo depressa. — É um defeito meu.

Essa parte não é mentira. Vivo sonhando acordada, apesar de que, no caso específico

co, foi proposital. Um ato de puro

desespero.

— Tem certeza? — ele pergunta, já parecendo um pouco mais aliviado.

— Tenho sim, senhor Colt. Sou do Kansas, de uma cidade de apenas cinco mil habitantes. Não há trânsito e praticamente só temos uma rua, a principal. Eu fico meio perdida em Manhattan.

Isso é verdade também. Nova Iorque como um todo é assustadora para caramba. Mas quanto ao resto, quando eu explicar a razão de eu estar aqui, será basicamente uma grande encenação.

Não sinto orgulho de estar enganando-o, entretanto, não há outro caminho. Eu e o poderoso grego vivemos em galáxias

diferentes e se não fizess

e o que fiz, nunca conseguiria me

aproximar dele.

— Quero fazer uma pergunta, mas me avise se eu for indiscreto

porque não é minha intenção e sim ajudá-la porque me sinto responsável por você...

Antes que termine de falar

, o celular dele toca e com um

gesto de mão, me pede licença para poder atender

.

Faço que sim com a cabeça e ele se afasta do meu leito, mas não sai do quarto.

— Sim, senhora Nuttle, eu já soube que a babá da noite não será mais contratada. Tenho certeza de que o doutor Kostanidis está providenciando alguém para colocar no lugar dela.

A mulher parece falar

sem parar porque ele afasta o telefone

e as feições agora demonstram impaciência.

— Sim, ele já está sabendo que a senhora não pode trabalhar dois turnos todos os dias. Daremos um jeito.

Aguarde que

nosso patrão entre em contato — ele finaliza, não dando mais margem para que a mulher aparentemente continue reclamando.

Em seguida, desliga.

— Desculpe-me por isso — ele pede, mas fingindo que não estava ouvindo a conversa, olho pela janela.

Apenas quando ele me chama pelo nome, volto a encará-lo com um sorriso quando, na verdade, estou quase vomitando de tanto nervoso.

Babá.

Eles estão precisando de uma babá e agora eu já sei o que fazer.

— Como eu ia dizendo, você contou que veio de uma cidade pequena no Kansas e que Nova Iorque a assusta. Parece muito jovem também.

— Tenho vinte.

— É uma criança praticamente. Quer um conselho, minha filha?

Volte para sua cidade. Metrópoles podem engolir

você em um

piscar de olhos.

— Não há nada que eu gostaria mais, no entanto, não posso.

— Por que não?

— Eu prometi a alguém que tentaria a sorte em uma cidade grande e pretendo cumprir a promessa.

Só estou mentindo parcialmente.

Essa era a promessa

original,

antes da tragédia

acontecer

. Agora, eu continuarei

aqui

porque preciso manter a palavra dada.

— E estava dando certo? Pelo que vi, carregava uma mala consigo.

Penso nos dias infernais

que passei desde que cheguei e

suspiro desanimada.

— Não estava, mas não pretendo desistir

— minto, porque na

verdade eu já estava quase desistindo

mesmo. — Estou procurando

um emprego.

Dessa vez, quando meus olhos se enchem de lágrimas, não

é fingimento,

é angústia por nada ter funcionado

desde que pisei

no

estado de Nova Iorque, a começar, minha estúpida ingenuidade em

acreditar que eu poderia simplesmente me aproximar do grego,
contar minha história e tudo ficaria bem.

— Emprego de quê?

Respiro fundo. É agora ou nunca. Vou precisar ser a melhor atriz do mundo.

— Babá. Li em uma reportagem que Nova Iorque é um dos estados que paga melhor por hora. Eu adoro criança e já cuidei de

muitas na minha cidade. Seria perfeito.

Por um instante, ele me olha com tanta seriedade que quase me remexo na cama, agoniada por pensar que posso ter posto tudo a perder.

Fui com muita sede ao pote?

— Crianças de que idade? — pergunta e meu coração volta a bater.

— Bebês, basicamente, ou até uns três anos, eu me garanto

— falo, forçando um sorriso.



Capítulo 7

— Só isso?

— *Aham. Eu também não acreditei*

quando vi, então como sou

obcecado, comecei a pesquisa toda de novo. A história da vida da

garota é praticamente

uma releitura

da Cinderela,

com direito

a pai

morto, ter sido criada

pela madrasta que a detesta

e uma meia-irmã

que não vale nada — meu primo Odin fala ao telefone após me passar tudo o que descobriu sobre Harper Cecily

.

— Como sabe até mesmo sobre a dinâmica dentro da família dela?

Ele não responde e eu sacudo a cabeça. Às vezes eu me esqueço com quem estou falando. Odin não segue leis ou convenções sociais

quando o que está em jogo é alguém importante

para ele.

— *Como eu ia dizendo, os parentes dela, os que restaram, não valem nada. Sua Harper é uma princesa*

precisando

ser salva, mas

sem o bônus de ter encontrando o príncipe

encantado. Na falta

dele,

mais um pouco e ela virará

uma santa, porque a menina não tem

sequer uma multa

de trânsito

no histórico.

Na verdade, uma garota,

não menina, já que tem vinte anos. Jovem, mas adulta.

— Ela não é “minha” nada. Apenas o acaso colocou um na vida do outro. E desde quando entende de contos de fadas?

— *Sei todos, sem exceção. Se tivesse*

que escolher um marido

para minha filh

a, um príncipe

não seria

um mau negócio, embora eu

fosse ter uma conversinha com ele antes.

Contra todas as probabilidades

es depois do dia de merda que tive

ontem, eu sorrio. Eu não gostaria de estar na pele do pobre coitado candidato a genro de Odin.

— Elina

vai ser o equilíbrio.

Sua mulher vê o melhor em todas as

peessoas, o que é incrível, dado a família tóxica da qual provém.

— *Elina*

é meu anjo encarnado — diz e não pela primeira vez eu

me pergunto como alguém pode se encantar de tal maneira por uma parceira. Eu nunca experimentei nada nem perto disso.

Então, eu me lembro do meu irmão Zeus, antes inabalável em sua autossuficiência e agora completamente rendido por Madison.

— *Sobre as princesas,*

espere nascer sua primeira

menina — ele

continua —, *depois você me diz se não vai saber de cor todas elas.*

— Não terei mais filhos. Joseph será meu único herdeiro.

— *Nunca se sabe. Zeus também parecia*

prestes

a entrar

em um

casamento de conveniência

sem qualquer chance de crianças no

futuro, no entanto, está aí com uma namorada grávida.

— É diferente. Meu irmão e Madison foram unidos pela mão do destino. Eu não tenho a menor intenção de encontrar alguém para me envolver a sério.

— *Todos vocês são teimosos.*

— E você está virando casamenteiro.

— *Eu não, Elina, que quer muitos bebês na família.*

Sorrio, ao pensar que aquilo é típico da esposa grega do meu primo. Ela é uma mulher maravilhosa e tem uma paciência infinita

com crianças, tanto as deles quanto as dos outros.

— Então, sobre Harper, é isso mesmo? Atropelamos uma santa?

E o que diabos uma menina como ela veio fazer em Nova Iorque?

Interior

do Kansas, você disse? Nada poderia ser mais diferente de Manhattan.

— *Para a sua primeira pergunta, a resposta é simples.*

Deve ter

vindo tentar

a vida, como tantos outros. Viver

o sonho americano

no

sentido literal

— ele ironiza, porque nós dois sabemos que jovens vulneráveis podem se dar muito mal dependendo de quem acesse seu caminho.

— Eu vou ajudá-la a voltar para casa.

— *Talvez não seja o que ela quer, afinal,*

tem pouco tempo que

veio para cá.

— Ela precisa apenas ser devidamente estimulada.

Eu lhe darei

uma espécie de indenização por conta do atropelamento e a mandarei para o Kansas em um voo de primeira classe.

— *Ela não teve qualquer sequela mesmo?*

— Não. Hoje pela manhã falei

com o médico ao telefone

e ele me

disse que a garota está bem. Mandeí que um advogado a acompanhasse quando o detetive foi tomar o depoimento dela assim que despertou. Quando tiver alta, transferirei uma boa quantia

para que não retorne triste à terra natal e problema resolvido.

— *E se ela não quiser ir?*

— Não acredito nisso. Ela vestia roupas simples, na verdade, bem humildes e a mala já estava arrebentando o fecho. A garota está passando necessidade e claramente precisa de ajuda.

— *Quem carrega uma mala em plena Manhattan?*

— Exatamente. Acho que já estava indo embora. Na verdade, estarei lhe fazendo um favor

.

— *Pode ser que ela o enxergue como alguém que está lhe matando os sonhos e não um salvador*

.

— Não se ela for esperta. Você é muito pessimista. Estou tentando ser positivo nessa situação de merda.

— *Não sou pessimista.*

Sou realista

com tendências cínicas,

é

diferente.

— Tendências? Todos nós somos desconfiados para caralho.

— *Sim, não tenho como negar.* — Ele fica em silêncio por alguns segundos antes de voltar a falar

. — *Deixe-me saber como toda essa*

história

terminou. Se houver algo que possamos fazer pela menina...

— Como o quê, por exemplo?

— *Se ela não quiser ir embora, eu posso lhe arranjar um emprego em uma das minhas empresas.*

— Eu poderia fazer isso também — respondo, só Deus sabe a razão.

— *Mas nem passou pela sua cabeça e sim, despachá-la o mais rápido possível.*

O que estou tentando lhe dizer é: ouça o que ela quer. Não imponha. Pelo que descobri, não acho que ela deseje voltar

para o Kansas. Não há nada esperando-a lá, a não ser uma madrasta que parece que não a suporta e uma meia-irmã que é um monstro de saias.

— Não sou responsável por ela. Pretendo lhe dar um tratamento justo, mas nossa ligação

se encerrará assim que eu tiver certeza de

que ela está bem e com dinheiro para se manter por um tempo.

— *Tudo bem. Vou pedir que Elina a visite.*

Com certeza

encontrará algum lugar na Associação para a garota.

— Por que se dar ao trabalho?

— *Porque eu tenho uma porrada de defeito,*

mas procuro ser

justo. A história de vida dela é fodida, ao que tudo indica. Sua garota é alguém solitário

e sem esperança que está tentando mudar o

próprio

futuro.

Não há nada de desabonador no passado de Harper ou eu teria

descoberto. Talvez ela seja apenas azarada para caralho e só precise de uma chance.

Mesmo depois que eu desligo, fico pensando no que ele falou.

Odin consegue ser ainda mais desconfiado

do que nós, à exceção

de Hades, claro.

Por que diabos está tão preocupado com a garota atropelada?

Anderson também a visitou hoje cedo e parece enfeitiçado pela menina. Disse-me que é doce e humilde.

Levanto-me, visto o blazer do terno e saio da minha sala.

Chegou a hora de enfrentar o problema. Tanto meu primo quanto meu motorista só podem estar comovidos com a história triste dela.

Desconheço o sentimento, mas em contrapartida, sou justo. Vou fazer o que for possível para ajudá-la e depois, virar essa página para sempre.



Capítulo 8

— Então ela já pode ter alta? — pergunto ao chefe da equipe médica assim que chego ao hospital.

— Sim. Nós fiz

emos um check-up completo e a senhorita Bradley

deu entrada há mais de vinte e quatro horas. Com os resultados e mais o tempo de observação que consideramos seguro, não vejo por que não liberá-la.

— E pode voar?

— Não. Isso eu não aconselharia ainda. Vamos esperar mais uma semana, ao menos.

Aceno com a cabeça e começo a andar em direção ao quarto em que Harper está hospedada.

A conversa com Odin não sai da minha cabeça.

Devo perguntar o que ela quer fazer ou não lhe dar alternativa?

A

minha necessidade por controle me manda enviá-la

para o lugar de

onde veio porque pelo pouco que já sei a seu respeito — juntando as infor

mações fornecidas por Odin e também por Anderson —, a garota não pertence a uma cidade grande. Entretanto, esperarei para tomar uma decisão após vê-la.

— Doutor Kostanidis

— alguém chama e quando me viro, dou de

cara com Anderson.

— Achei que já tinha ido embora. Eu lhe dei três dias de folga.

— Não fui.

Eu não preciso de folga.

Ficar sem trabalhar me deixa

ansioso.

— Anderson, como já lhe disse, não há o que temer. Seu emprego está garantido.

Ele acena com a cabeça, concordando porque já me conhece há tempo demais e sabe que nunca volto atrás com a palavra.

— Não foi por isso que fiquei,
e sim porque não queria deixar a
senhorita Bradley sozinha.

Franzo a testa, estranhando. Meu motorista não costuma ser tão protetor.

— O que há de errado com ela?

— Errado? Nada, mas a menina parece um anjo. Estou preocupado que insista em ficar em Nova Iorque e se meta em confusão.

— Ela disse que pretende ficar?

— Sim. Falou que fez uma promessa de que venceria na cidade grande e que pretende cumpri-la, então eu pensei...

— O quê?

— O senhor disse que pretendia investigá-la, certo?

— Sim. E já fiz.

— Encontrou algo?

— Não. Ela é apenas uma garota do interior perdida na cidade grande.

— Cici me disse...

— *Cici*

? — interrompo-o.

— Sim, ela me disse que odeia o primeiro nome porque foi sua madrasta quem o escolheu.

— Como seria possível?

— Também fiquei

confuso, mas ela me explicou que apenas

quinze dias após a mãe morrer, já havia outra mulher dentro de casa. Foi assim que ganhou o nome que detesta: Harper, que era

como se chamava uma parente da madrasta. Ela aceita Cecily

, no

entanto, mas prefere Cici.

Por um instante acho que bati a cabeça e acordei em uma realidade paralela.

Esse homem falando comigo não é o Anderson

que eu conheço. Meu motorista é fechado e talvez por conviver há muito tempo com a minha família, desconfiado também.

— Continue.

— Como eu ia lhe dizendo, ela contou que veio morar em Nova Iorque porque o salário para a função na qual trabalha é bem melhor.

— De que função está falando?

Ele limpa a garganta, mas vejo seus olhos brilhando.

— Babá. Não parece um milagre de Deus?

Eu não acredito em milagre

s. Caso eles existissem, Sue não

estaria morta, deixando um bebê de poucos meses e...

Afasto rapidamente o pensamento. Eu passei tempo demais analisando o que aconteceu por todos os ângulos. É estupidez continuar insis

tindo em algo que não se modificará.

Minha esposa

morreu e nada a trará de volta.

Olho para o homem que conheço a minha vida inteira

e lamento

ter que destruir suas esperanças, porque vejo aonde aquilo está

indo. Não há maneira de que eu vá deixar uma desconhecida que sequer consegue atravessar a rua sem tentar se matar, cuidar do meu filho.

— Não vou contratá-la.

Vejo por sua expressão que era exatamente o que planejava me sugerir.

— Com todo o respeito, doutor Kostanidis, mas por que não?

— Ela é uma estranha.

— Tecnicamente, todas são.

— Mas são estranhas *qualificadas*

.

— De novo peço perdão pela ousadia, mas não são *tão* qualificadas assim. Nenhuma delas parou no emprego. Mesmo a senhora Nuttle, só está conosco há poucos meses e a cada cinco minutos ameaça pedir demissão.

Inferno,

eu não tenho como argumentar contra isso, mas ainda assim, não pretendo colocar meu filho

à mercê de uma garota que

não tem noção do perigo.

— Cici já trabalhou como babá na cidade dela e ama crianças.

— Não, Anderson. Agradeço a boa vontade, mas não vou contratá-la. Se a sua preocupação é em como ela vai se manter, saiba que farei o possível para que volte para casa bem.

Ele sacode a cabeça, como se quisesse dizer mais, entretanto apenas se despede e vai embora com a decepção estampada no rosto.

Respiro fundo antes de bater na porta do quarto. Eu não pretendo ficar

mais do que cinco minutos, mas ainda assim, me aborrece ter que falar com ela. Parece que todos acham que a garota desconhecida tem que permanecer na minha vida de uma maneira ou de outra.

Eu gostaria de nem precisar vê-la, porém, sou um Kostanidis e nunca fujo das minhas responsabilidades.

Bato duas vezes na porta e aguardo.

O tempo que ela leva para responder é um pouco maior do que a minha paciência aguenta, mas quando me preparo para uma terceira batida, uma voz suave diz:

— Pode entrar.

Seguro a maçaneta hesitante, o que não é algo comum para mim. No entanto, a razão é que eu preferiria

mil

vezes apenas fazer

um cheque e me livrar

do incômodo de uma interação. Então, penso

na minha mãe e no quanto ela ficaria

decepcionada se eu agisse

assim.

— Senhorita Bradley? — chamo, mesmo antes de vê-la.

— Sim, sou eu.

Dou dois passos para dentro do quarto e então ficamos frente a frente.

Por um instante, eu só a encaro. Na confusão que se passou ontem, não me lembrava de que fosse tão bonita.

Não, ela não é bonita apenas, é linda. Uma fada de cabelos vermelhos alaranjados e olhos azuis enormes e brilhantes, que parecem ainda maiores no delicado rosto sardento.

Ela é tão frágil,

que acho que com um pequeno apertão se
quebraria.

Tem um ar inocente também. Não importa a idade biológica, Harper Cecily é uma criança.

Agora, mais do que nunca, eu sei que preciso enviá-la de volta para casa. Se continuar em Nova Iorque, esse anjo será devorado.

— Meu nome é Dionysus Kostanidis,
senhorita Bradley — falo,
antes que ela abra a boca —, e vou providenciar
para que volte para
sua cidade o mais rapidamente possível.
Talvez, na próxima vez em
que se jogar na frente de um carro, não tenha tanta sorte.



Capítulo 9

— Senhorita Bradley? — Ouço uma voz poderosa chamar e meu corpo treme porque sei que a hora da verdade chegou.

Ele não precisa ser anunciado, tenho certeza de que estou prestes a me encontrar com Dionysus Kostanidis.

— Sim, sou eu — respondo, tentando transmitir calma.

Volte a respirar

, *Cici* — ordeno a mim mesma assim que o homem que ansiei

encontrar nos últimos

meses entra no quarto de

hospital.

Eu não consigo, no entanto. Estou muito impactada com a presença do grego para sequer lembrar do que planejei quando nos

víssemos. Mal recordo meu nome, na verdade.

Eu sabia que ele era bonito pelas pesquisas que fiz na internet.

Aliás, se há algo que se pode dizer a respeito dos irmãos Kostanidis, é que têm uma genética abençoada.

Nenhuma foto fez jus, porém, a sua presença.

Calculo

que tenha perto de um metro e noventa, ombros retos, largos e com um corpo de musculatura sólida.

Ele parece um deus

mesmo.

O cabelo é escuro e alcança os ombros, mais longo do que recordava. Uma barba cerrada, perfeita, modela o rosto de maxilar anguloso.

Propositadamente, foco na roupa — terno, camisa e gravata negros e que se encaixam tão bem nele como se fossem uma segunda pele —, dando uma rápida espiada nos olhos apenas e sem chegar a uma conclusão se são verdes, azuis ou cinzentos.

Talvez uma combinação dessas três cores, criando uma nuance única.

Não é o tom o que mais me impressiona, porém, e sim, a maneira direta com que me encara. Eu não preciso que alguém me diga que ele é um homem que não teme nada.

Há frieza em seus olhos, o que o torna ainda mais intimidante.

Eles se destacam contra a pele naturalmente dourada e são uma contradição, também.

Tudo no homem grita calor e fogo. Sua expressão, porém, é de “afaste-se”.

Não fosse minha situação atual, ou melhor, minha *missão*, eu pediria licença

e escaparia para bem longe do magnata, porque fica

claro que estou diante de alguém com quem não se deve brincar

.

Meu Deus do céu, onde fui me meter?

Meu estômago dá cambalhotas de ansiedade.

Sei que tenho pouco tempo e não posso ficar simplesmente

encarando-o como se estivesse catatônica, então tento me lembrar de todas as informações que tenho a respeito dele.

É o terceiro dos quatro irmãos Kostanidis

e ficou

viúvo há poucos

meses — essa última parte faz meu enjoo piorar

.

Será que ele sabe com quem esteve casado?

Havia fotos dele com Sue na internet e em nenhuma delas eu consegui chegar a uma conclusão se eram felizes.

Apesar disso,

formavam um lindo casal.

O que duvido, no entanto, é que a esposa tenha lhe contado a história toda sobre o pai de Joseph.

Estou criando coragem para falar

, quando, de repente, solta:

— Meu nome é Dionysus Kostanidis, senhorita Bradley — diz, antes que eu abra a boca —, e vou providenciar

para que volte para

sua cidade o mais rapidamente possível.

Talvez, na próxima vez em

que se jogar na frente de um carro, não tenha tanta sorte.

O quê? De todas as coisas que imaginei

que diria,

nada chegava

sequer perto disso.

Repito mentalmente suas palavras e, aos poucos, o nervosismo vai sendo substituído por raiva.

Ele simplesmente entrou aqui, se apresentou e disse que me enviaria de volta para casa?

Quem ele pensa que é para tomar decisões por mim?

Eu nem posso culpá-lo

com relação a última

parte do que disse,

porque agi como uma louca mesmo, entrando na frente do carro.

Após conversar com o senhor Anderson, me senti culpada para caramba porque percebi que dei um susto no motorista, mas nada disso dá direito

ao grego de achar que pode determinar o que vou

fazer com a minha vida.

Deus, como fui estúpida em pensar que um homem como ele, acostumado a ter o mundo aos pés e ser rei de seu universo, me ouviria.

— Eu não vou voltar para o Kansas — falo, com toda a calma, quando por dentro estou fervendo.

Tenho plena consciência

de que sou a errada na história,

mas ter

entrado na frente do carro não foi irresponsabilidade, foi fruto do desespero.

Ele me encara, como se não estivesse acreditando que tive a ousadia de enfrentá-lo.

Somos dois. Eu também não sei o que me deu.

Preciso ser humilde e tentar ganhar a simpatia dele — o que dado esse primeiro contato, já começo a acreditar que será impossível.

— Não ouviu o que eu tenho a propor ainda, senhorita. Vai ser bem remunerada.

— Eu não quero seu dinheiro,
doutor Kostanidis.

Eu já falei
com a
polícia

e disse que o erro foi meu. Atravessei sem olhar. Sou distraída. Não tem qualquer culpa no que aconteceu — digo e despejo um pouco do remorso que estava preenchendo meu coração. — Vim para Nova Iorque procurar um emprego, não pedir esmola.

Resolvo mudar de estratégia porque precisei

somente de poucos

minutos para entender que não vou conseguir comovê-lo com a
minha história.

Agora tenho certeza de que a minha abordagem foi

a mais errada

possível e que eu não deveria ter feito o que fiz. Se sem saber de nada, ele já quer se livrar

de mim, se eu lhe contar tudo, nunca mais

terei outra oportunidade.

Suor frio

escorre pela minha coluna ao pensar o que deve ser ter alguém como Dionysus Kostanidis como inimigo e isso é exatamente o que sou.

— Eu gostaria de compensá-lo pelo prejuízo que causei —

continuo, mesmo que aos meus próprios ouvidos a proposta soe ridícula,

mas estou desesperadamente tentando me agarrar a uma chance de me manter em Manhattan.

— Me *compensar*? — repete, erguendo uma sobrancelha com ironia.

— Sim. Suponho que o carro tenha ficado amassado. Eu não tenho dinheiro agora, mas posso trabalhar para pagá-lo.

Por favor

, me deixe ficar

.

— Quem é você?

Meu coração bate tão depressa que sinto-o no ouvido.

— Não entendi.

— Entendeu, sim. Se jogou na frente do meu carro com algum propósito. Qual foi? O que espera conseguir de mim? Se é uma indenização, já estou oferecendo-a.

O medo se esvai, dando lugar à indignação.

— Talvez, no seu mundo, tudo se resume a dinheiro. No meu, procuro fazer o que acho certo. Eu lhe causei um prejuízo e pensei em compensá-lo. Apenas isso.

As mentiras só aumentam e sei que estou entrando em um jogo cujas regras desconheço, mas ele está me colocando contra a parede e tenho que reverter isso, antes de perder totalmente a aposta que fiz ao vir para Nova Iorque.

— Eu conversei com o senhor Colt. Ele me disse que precisa de uma babá para o seu filho.

Eu tenho experiência

e posso lhe dar

referências, inclusive.

É um alívio depois de tantas inverdades, poder falar algo real.

— Não vai trabalhar para mim. Eu teria que ser louco para deixar uma garota, que sequer consegue atravessar uma rua sem tentar se matar, cuidar do meu menino.

Dois sentimentos me atingem simultaneamente.

O primeiro,

de alívio,

porque ele enfim parece acreditar que não

tenho segundas intenções — e ele está muito enganado sobre isso.

O segundo, e mais assustador, é que acabo de ter certeza de que o que planejei,

está indo ladeira

abaixo. Se o doutor Kostanidis

não

permite me aproximar de seu filho

para cuidar, o que diria

se eu lhe

contasse a história completa?



Capítulo 10

Ela não reagiu como eu esperava e surpreendentemente, ao invés daquilo me irritar

, intriga.

Não querendo ser um filho

da puta arrogante, mas está claro

que a garota não tem uma boa situação financeira, o que deveria fazê-la agarrar com unhas e dentes a chance que estou lhe dando.

Ao invés disso, parece indignada.

— Acho que terminamos nossa conversa então, doutor Kostanidis.

Tento disfarçar o meu espanto.

Ela está me dispensando?

Eu a encaro com mais atenção agora e percebo que por baixo da aparência frágil,

Cecily

tem coragem, para dizer o mínimo.

Eu não duvido que a essa altura saiba quem eu sou, porque o nome da minha família

é conhecido no mundo inteiro. Ainda assim, não

parece impressionada.

Não baixou a cabeça por nenhum momento,

pelo contrário, age de igual para igual, o que é excitante em meu universo.

Estou acostumado a que tentem adivinhar meus desejos antes mesmo que eu os expresse. E esse número de bajuladores aumenta consideravelmente quando se trata de mulheres.

Sempre parecem ansiosas para me satisfazer

.

— Por que a pressa de que eu vá embora, Cecily?

Faço a concessão de não lhe chamar de Harper, lembrando do que Anderson me contou sobre a madrasta dela, mas, em contrapartida, doso cada palavra com uma gota de sedução. Estou determinado a fazê-la ceder à minha vontade, mas também curioso sobre a razão de parecer tão arisca.

Fico satisfeito

quando noto que engole em seco, mas confuso

quando, em seguida, cruza os braços em frente ao peito para esconder os seios muito bem delineados pela camisola fina do hospital.

Ela não está reagindo a mim, como sempre acontece com as mulheres. Fui propositadamente mais suave quando lhe fiz a pergunta há pouco, mas isso parece ter feito com que se fechasse ainda mais.

Estranho

.

— Eu não quero seu dinheiro — repete —, quero um emprego. A única coisa que sei fazer é cuidar de crianças ou de livros.

Não é dono de uma biblioteca,

o que descarta os livros,

mas

tem um filho.

Entretanto, disse-me que não vai permitir que seja a babá dele porque sou distraída.

Não acho que há algo que eu possa

fazer para convencê-lo do contrário, assim, eu preciso que me dê licença para poder trocar de roupa. Quero ir embora.

— Ir embora para onde? — pergunto, deixando claro que sei que sua situação financeira

não é das melhores. — Além do mais,

não recebeu alta ainda.

— Por alguma razão que desconheço, o médico disse que só me daria alta depois que o senhor viesse me visitar

. Está aqui e já

conversamos. Obrigada por custear o hospital. Gostaria de dizer que vou reembolsá-lo um dia, mas sei que será impossível, então,

nesse caso, vou engolir

meu orgulho e aceitar. Com isso resolvido,

não acho que tenhamos mais nada para dizer um ao outro.

Eu a estudo para ver se está blefando.

Não, ela fala sério e há tanta dignidade

em seu discurso que

se eu fosse um homem sensível, me sentiria mal.

Eu não sou. Cecily

só fez despertar meu interesse por sua

coragem de me enfrentar.

— Não tem qualificação para ser babá de Joseph.

Não dou do tipo que explica
as decisões para alguém, mas
de algum modo, me pego tentando retardar nossa separação.

— Joseph? É esse o nome dele?

Aceno com a cabeça.

— O que houve com a antecessora?

— Elas nunca param no serviço, por uma razão ou outra.

— Eu ficaria.

— Você não serve — falo

novamente, quando ela se levanta,
mas agora minha negativa tem outra razão.

Eu teria que estar morto para não notar que o tecido da camisola
não faz muito para esconder seu corpo de mim e o que vejo parece
delicioso.

Mesmo com a roupa disforme,

percebo ancas

largas, o que me excita.

Percorro suas pernas nuas com o olhar, demorando nos pés
pequenos e delicados.

Eu deveria parar por aqui, mas agora preciso

ver mais. Então, continuo meu inventário por seu corpo.

Quando chego na altura dos seios, os mamilos estão durinhos, empurrando a veste. Ela sabe que estou cobiçando-a, mas não faz nada para se proteger de mim.

Não é como se eu também estivesse escondendo meu desejo. Ela poderia se cobrir ou até mesmo ir para o banheiro da suíte, ao invés disso, fica

parada, como em um desafio:

pode olhar

,

mas não pode ter

.

A doce Cecily é uma provocadora?

Eu sinto tesão em mulheres que possuem corpos de ampolheta como o dela e mesmo que saiba que não iremos a lugar algum a partir daqui, eu gosto do que vejo. Não tenho por que disfarçar isso.

— Porque sou desastrada? — pergunta, quando finalmente chego a altura de seu rosto.

A respiração a alcança em arfadas profundas e é quando tenho certeza de que a afeto também.

— Não só por isso — respondo, sem elaborar mais a respeito porque agora já não tem nada a ver com o fato de eu achar que Cecily tem problemas sérios de atenção e coordenação motora, mas porque seu jeito combativo-passivo, combinado ao rosto lindo e o

corpo matador, me fazem querer ir até onde está e descobrir o que se esconde por baixo da roupa de hospital.

Eu me sinto despertado como há muito tempo não acontecia.

Saio com mulheres em uma base regular

. Eu as amo como gênero e

também o prazer que me proporcionam, mas não estou acostumado a sentir uma necessidade tão voraz. No meu mundo, quando quero sexo com uma escolhida,

não é uma questão de “se” vou possuí-la

e sim, “quando”.

Nunca desejei alguém e fiquei

só na vontade. Sempre sou

correspondido.

Cecily

, que já havia roubado minha atenção, agora ganhou também de bônus meu desejo e fico

me perguntando a razão. Ela

não é como as mulheres com quem estou acostumado a sair. É

jovem demais, nem um pouco sofisticada

e apesar da aparência

etérea, é tão suave como um *cacto*.

Ela não tem feito

outra coisa desde que entrei aqui a não ser

me enfrentar.

A garota despertar meu interesse é só mais uma prova de que não devo contratá-la. A última

coisa que preciso é sentir tesão

por uma mulher que terá que dormir na minha casa. Quando tudo chegar ao fim

e minha luxúria

for satisfeita,

não terei como me livrar

dela.

— Não sou suicida,

se é isso o que está pensando. Eu amo a

vida. Estava exausta e me distraí — diz e preciso me esforçar para voltar ao mundo real.

Limpando a mente da vontade de fazê-la minha, endureço o tom:

— Se não fosse a habilidade

e atenção de Anderson, poderia

ter perdido a vida. Volte para onde veio, senhorita Bradley. Nova Iorque janta meninas como você em duas garfadas.

Ela comprime os lábios e sei que quer continuar me desafiando, mas não faz porque acho que o orgulho não permite.

Cecily começa a caminhar até o banheiro, sem se dar ao trabalho de pedir licença e me ignorando ostensivamente.

Será que não percebe que estou visando o bem dela?

Nem eu mesmo entendo o que ainda faço aqui. Eu ofereci ajuda e ela recusou. O que mais há para ser dito? Ainda assim, não consigo ir embora porque tenho a sensação de estar sendo injusto.

— Senhorita Bradley...

Ela para e me encara outra vez, mas antes que eu possa abrir a boca, ouvimos uma batida na porta e em seguida, Elina, a esposa de Odin, entra.

— Dionysus, como está? Gostaria de ter uma palavrinha com a garota que você atropelou.

— Eu não...

Ela se aproxima, me beija e abraça.

— Eu sei que não a atropelou realmente, mas gosto de ver vocês, homens arrogantes, perderem o controle. — Sorri. — Olá, Harper, meu nome é Elina e eu vim aqui para salvá-la das mãos deste grego malvado.



Capítulo 11

Eu ainda custo um pouco para dar atenção à mulher loira e com

aspecto de top model que acaba de entrar no meu quarto de hospital porque estou presa à presença do homem que era minha esperança, mas que vem aos poucos se tornando meu algoz.

Nada do que saiu da boca de Dionysus em relação a mim foi gentil, apesar de eu ter que reconhecer que, dado o que fiz, ele está sendo generoso.

Entretanto, sua generosidade não me serve. Eu preciso ficar na vida dele, agora entendo. Caso contrário, nunca poderei me aproximar de Joseph.

Não há a menor chance desse homem desconfiado acreditar em minha história sem que me conheça ao menos um pouco antes.

O grego mandão parece não poder esperar o suficiente para se livrar de mim.

Eu deveria detestá-lo, não importa quão lindo seja, mas ainda assim, sinto-me enredada em uma teia invisível

de sensualidade

que não importa o quanto eu me esforce, não consigo me libertar

.

Tem que ser algum tipo de magia que o nome dele evoca. Não há outra explicação porque, sem medo de errar, eu nunca conheci alguém tão arrogante.

Dionysus é daquele tipo que as mulheres viram a cabeça para olhar quando passa na rua, não somente porque é dono de uma beleza que não deixaria nada a dever a um modelo fotográfico masculino, mas porque tem aquele “algo mais”, uma sedução latente e tão

selvagem que faz com que meu coração mantenha-se constantemente disparado e que me esqueça de minha missão.

No pouco tempo em que estamos falando, eu entendi que não apenas me aproximei da jaula do leão sem ter a menor ideia de como domesticá-lo. Eu estou

dentro dela.

E não é só isso. A maneira como ele me encara, apesar da boca cuspir animosidade, é como um homem olha para uma mulher

.

Eu deveria ignorá-lo

porque a atração física

não só é mútua, mas

avassaladora. O corpo musculoso e o rosto sexy do meu inimigo

—

porque é isso que ele vem se tornando — me desperta de um modo que me deixa trêmula. Ele é perigoso para mim em mais de um sentido.

Ao invés de correr, porém, fiquei

parada como uma presa se

oferecendo em sacrifício ao caçador

.

Engulo em seco, me obrigando a voltar ao mundo real, mas mesmo quando desvio os olhos para dar atenção à mulher que acaba de

chegar, sinto os dele em mim e meu corpo corresponde, arrepiando-se inteiro.

— Olá, dona Elina.

Pode me chamar só de Cecily

. É um prazer

conhecê-la. — *Mesmo que eu não faça a menor ideia de quem seja ou o que está fazendo aqui.* — Se puder me dar cinco minutos, vou apenas trocar de roupa.

— Sim, faça isso e depois vamos conversar sobre seus planos em Nova Iorque.

O quê? Qual o significado disso e quem é essa mulher?

Não sou do tipo que dispensa oportunidades, no entanto, e sem mais uma palavra, corro para o banheiro em anexo para me trocar

.

Eu acho que bato todos os recordes de velocidade ao me vestir, uma parte tola e meio infantil

com medo de que a mulher se vá e me

deixe sozinha novamente com o homem prepotente. Não porque eu ache que ele pode me fazer mal, mas porque não confio em mim mesma em não deixá-lo

me convencer a ir embora, já que o grego

parece capaz de poder, com todo aquele charme arrogante, conseguir convencer um esquimó a comprar gelo.

No que na maioria das pessoas é uma característica desagradável, a arrogância dele torna-o ainda mais fascinante.

Eu preciso tomar muito cuidado com o doutor Kostanidis.

Apesar de não haver qualquer foto dele com mulheres nas revistas nos dias atuais, talvez por conta da viuvez relativamente recente, no passado não só ele como os irmãos eram flagrados por

sites de celebridades

com modelos internacionais.

Mulheres lindas

e

sofisticadas.

O magnata é um conquistador e ficar enamorada por ele vai tornar mais difícil alcançar meu objetivo.

Abaixo-me para lavar o rosto. Quando torno a erguê-lo, vejo minha imagem refletida no espelho e sinto vontade de chorar

.

Estou pálida

e com um aspecto cansado e acabo de ter certeza

de que imaginei

qualquer interesse que pudesse haver da parte do

doutor Kostanidis por mim. Não há maneira de um homem daquele me olhar com desejo.

Pareço uma boneca de louça com os olhos azuis se destacando muito no rosto.

Fico agradecida que tenham deixado minha bolsa no banheiro e pego um pente nela para deixar o cabelo minimamente apresentável. Quando acho que estou bem o suficiente para enfrentar os dois estranhos do lado de fora, seguro a maçaneta e saio.

— Sinto muito por ter demorado — falo para a loira, ignorando completamente o bilionário.

No fundo, eu tinha esperança de que ele já tivesse partido, apesar de precisar muito que ele não se afaste.

É, no momento, sou uma massa confusa de pensamentos contraditórios.

— Sou a esposa de Odin, um primo de Dionysus, Cecily

— diz,

usando meu primeiro nome como pedi —, e vim aqui para ajudá-la.

— Ajudar-me? — pergunto, confusa.

— Sim, mas primeiro quero que me conte sua história.

— Não sei se estou entendendo.

O tempo todo que falo

com ela sinto os olhos do homem em mim,

mas finjo indiferença.

— Você não é daqui — ela diz.

— Não, sou do Kansas — respondo, embora eu tenha quase certeza de que ela já saiba disso.

Quem é essa gente? Eles me investigaram?

Meu Deus, aonde fui

me meter?

— E veio para Nova Iorque à procura de um emprego de babá —
diz, e eu suspiro aliviada.

Ah, deve ter sido o senhor Colt quem lhe contou. Mas se foi o caso, como pôde chegar aqui tão rápido?

— Sim, eu vim — falo,
agarrando esta chance. Não é como se eu
tivesse muitas opções. — Mas não dei muita sorte até agora.

Ela olha para a mala perto da cama.

— Estava indo embora?

— Eu considerei
essa possibilidade,
sim — falo com cuidado —,
mas ficaria muito triste se tivesse que fazer isso.

— Por quê?

— Porque eu vim para Nova Iorque para alcançar um objetivo

—

respondo, mentindo apenas parcialmente. — E não gostaria de partir sem realizá-lo.

Nenhum dos dois precisa saber que meu objetivo não tem nada a
ver com ganhar mais dinheiro

porque eu não preciso disso. Estava

muito feliz

trabalhando na pequena biblioteca

comunitária

da cidade

onde nasci e cuidando dos bebês de vizinhos nas horas livres.

Não é dinheiro o que me motiva, é a lealdade.

— Eu não tenho mais filhos

pequenos que precisem de babás —

diz e eu abro a boca, espantada.

Ela está me dizendo que se tivesse, os deixaria sob meus cuidados?

Sem conseguir me impedir

, olho para o grego e pela primeira

vez,

me sinto autoconfiante

em sua presença. Eu o encaro de igual

para

igual e mando uma mensagem silenciosa

de “eu não preciso de

você”, embora seja uma mentira.

— Mas tenho uma Associação e posso tentar encaixá-la em alguma função.

— Eu não estou tentando ser ingrata, mas por que faria isso?

— Porque meu marido me contou sua situação — continua, sem dar qualquer explicação

de como o marido dela sabe da minha vida.

— E eu quero que você tenha uma chance. Talvez Nova Iorque não seja o que imagina

e no fim

de tudo, queira voltar correndo para sua

cidade.

Eu voltaria agora mesmo se fosse possível, mas não é. Eu não posso deixar o garotinho a quem vim conhecer para trás.

— Eu não vou voltar para minha cidade, dona Elina. Estou determinada a mudar minha vida.

— Elina somente, Cecily

. Quanto a não querer mais ir embora,

espere alguns meses para tomar uma decisão definitiva.

Depois dessa espécie de previsão, ela começa a me fazer perguntas sobre o que sei fazer e quando explico que já trabalhei

em uma biblioteca também, apesar do lugar ter um acervo minúsculo, parece encantada.

— Nós temos uma biblioteca

em nossa Associação. Tenho

certeza de que posso lhe arranjar alguma coisa por lá.

— Eu não vou recusar, Elina. Agradeço muito sua generosidade.

— Ela não precisa trabalhar na Associação. — Dionysus se intromete. — Se quer mesmo ficar

em Nova Iorque — continua, me

encarando —, posso conseguir-lhe qualquer coisa na minha emissora ou no banco.

Aquele é o momento em que eu deveria me calar. Ou, talvez, cair aos pés dele, agradecida, porque é a chance que eu estava esperando para me aproximar do grego e consequentemente, de

Joseph. Entretanto, uma espécie de entidade rebelde toma conta do meu corpo, e antes que eu possa me parar, me vejo dizendo:

— Obrigada, doutor Kostanidis, mas eu prefiro trabalhar para Elina. Nós dois sabemos como sou estabranada. Longe de mim querer lhe causar prejuízos.

Ele me olha incrédulo, como se não acreditasse que estou recusando a oferta e mesmo sabendo que cometi uma espécie de suicídio no que diz respeito ao meu plano, uma satisfação mesquinha se espalha pelo meu peito quando o deixo sem resposta.



Capítulo 12

Enquanto saio do quarto, eu mal acredito no que acaba de acontecer.

Quando eu finalmente

decidi

ceder, Cecily

optou por não aceitar

minha generosa oferta de lhe oferecer um emprego?

Não é problema seu — uma voz avisa. — Fez seu melhor e ela recusou tanto a ajuda financeira,

fora o pagamento do hospital,

quanto um emprego.

Então por que estou indo embora com a sensação de que fui injusto?

Não sou de me arrepender das decisões que tomo, mas sinto-me como se estivesse em dívida

com ela, o que é loucura já que foi a

garota quem, literalmente,

atravessou o meu caminho, quase se

matando e trazendo-me problemas.

Pego o celular

para conferir uma reunião que terei daqui a uma hora, mas ao invés de virar a página, dando por encerrada a participação de Cecily

Harper Bradley em minha vida e me concentrar no trabalho, que é meu foco principal

depois de Joseph,

pego-me analisando o que Anderson disse sobre contratá-la como babá.

Não. Nunca daria certo. Eu jamais me relacionei com funcionários antes, mas me conheço e sei que se tivesse Cecily ao alcance da mão, a seduziria.

O celular toca e vejo no visor que é Zeus.

— *Onde você está? A garota já recebeu alta, presumo.*

Eu mandei uma mensagem a ele avisando que ela estava bem e também lhe contando sobre o que eu descobri a respeito de Cecily

,

porque meu irmão mais velho precisa controlar tudo nos mínimos detalhes.

— Acabei de sair do quarto. Ela terá alta, mas não vai embora de Nova Iorque como eu desejava.

— *Como você desejava? Desde quando se importa com o destino de estranhos?*

— Eu não me importo. Foi maneira de dizer. De qualquer modo, Elina

dará um emprego a ela. A partir de agora, Cecily

não é mais

problema meu.

— *Cecily? Pensei que o nome dela fosse Harper Cecily ou senhorita Bradley*

.

Agora tenho certeza de que ele está me provocando, mas mesmo assim, mordo a isca.

— Ela não gosta que a chamem de Harper, por causa da madrasta.

Explico rapidamente o que Odin descobriu e também o que Anderson contou.

— *O que há com a garota que está chamando sua atenção?* —

meu irmão pergunta de seu jeito direto tão característico.

— Não sei do que você está falando.

— *Sabe, sim. Apesar do que me disse, que ela não é mais problema seu, ela parece ser muito “problema seu” ainda.*

Suspiro, irritado por ele me conhecer tão bem.

— Eu não gosto de me sentir em dívida

com quem quer que seja.

Cecily

não aceitou ajuda fina

nceira e tenho a sensação de que não

fiz tudo o que podia para ampará-la.

— *Como o quê, por exemplo?*

— Ela queria um emprego e eu só lhe ofereci depois que Elina fez a oferta. Foi quando ela recusou.

— *Por que não lhe ofereceu antes? Qualquer um de nós poderia lhe conseguir uma posição em nossas empresas.*

— Porque ela não pertence aqui.

— *Você está esquisito*

para cacete. Nunca se importou

com a

vida de estranhos.

— Essa discussão não faz mais qualquer sentido. Cecily vai ficar em Nova Iorque. Agora preciso ir porque tenho uma reunião dentro de pouco tempo. Já tomou alguma decisão sobre o casamento?

— *Sim, faremos o mais breve possível.*

— Achei que Madison fosse esperar a irmã sair do coma. Parece que Athanasios tem certeza de que conseguirá trazê-la de volta.

— *Sim, eu acredito*

que ele o fará. Se Brooklyn tem alguma

chance, é com ele. Com relação

a adiar o casamento, eu não quero

esperar e Madison concordou com isso.

A despeito da manhã infernal, eu rio.

— Você está apaixonado.

— *Paixão não define o que ela é para mim porque esse é um sentimento*

passageiro.

Madison e os bebês que ela está esperando

são meu oxigênio.

Depois que desligo,

ainda fic

o um tempo parado no corredor do

hospital, pensando na conversa que acabamos de ter

.

Oxigênio.

Como será ser tão ligado a alguém ao ponto de não poder imaginar sua vida sem ela?

Nosso pai era assim em relação à mamãe, tanto que no mesmo dia em que ela faleceu, ele tirou a própria vida.

Não, esse tipo de prisão não é para mim. Eu não quero ou preciso de complicações no meu caminho. Joseph me basta.

Chamo o elevador, determinado a esquecer Cecily

e tudo o que a

trouxe à minha vida, quando noto alguém parado ao meu lado.

Quando olho, vejo Anderson.

— Ainda por aqui? — pergunto. — Vá para casa e aproveite a folga que lhe dei, Anderson.

Ao contrário de quando o deixei mais cedo, agora ele sorri.

— Agora irei,

sim. Acabei de sair do quarto de Cici

e soube que

ela vai ficar sob a proteção da senhora Lykaios. Posso descansar, enfim.

— Por que tanta preocupação com ela? Não teve culpa no atropelamento.

— Não sei explicar

, acho que tem algo na menina que faz com

que a adoremos instantaneamente. Quando entrei no quarto, ela e dona Elina estavam rindo como se se conhecessem há muito tempo. Cici é encantadora.

Encantadora.

Não, essa não é a palavra que eu usaria para descrevê-la, embora concorde que é linda.

Deliciosa

, para mim, a definiria melhor

.



Capítulo 13

Três semanas depois

— Por que parece que tem formigas dentro da roupa? São apenas pessoas, Cici.

Não fique

tão agitada — Elina

diz, quando me

observa torcer as mãos no colo.

— Não pertenço ao seu meio, Elina.

Além do mais, não acho que

o doutor Kostanidis

vá gostar de me ver por aqui. Ele estava louco

para se livrar de mim e quando você me fez a oferta de emprego, acabou com os planos dele.

— Quanto a não pertencer ao meu meio, isso é bobagem. Você é linda e é mais educada do que a maioria das pessoas com quem

convivo. Qual é o problema real?

— Insegurança em relação a fazer algo inadequado hoje.

— Isso é besteira. Está bem vestida e o novo corte de cabelo te deixou com uma aparência sofisticada.

As mulheres vão morrer de

inveja de você.

Elina

só pode ser um anjo que Deus colocou no meu caminho mesmo. Ela não é só patroa, mas uma amiga. Levou-me para fazer compras e ao salão de beleza e se recusou a descontar do meu salário

tanto as roupas novas, quanto o novo visual.

Agora eu já não

sinto que destoo do restante da população novaiorquina.

Também tenho um lugar para morar: uma quitinete que ela me disse que lhe pertence e que estava vago, de modo que posso ir caminhando para o trabalho.

— Quanto a Dionysus, ele te ofereceu um emprego também. Não se aborrecerá ao vê-la aqui.

— É, ofereceu, mas não antes que você o fizesse e tenho quase certeza de que foi

somente porque deve ser competitivo

e não gosta

de ficar para trás.

Ela dá risada e não discorda.

— Ele me acha doida por ter atravessado sem olhar — falo, me sentindo culpada por ocultar a verdade dela. Porém, ainda que seja muito bondosa, Elina

é parente dos Kostanidis

por afinidade,

já que

o marido, Odin, é primo deles.

— Diz isso porque não quis lhe dar o emprego como babá de Joseph?

Aceno com a cabeça, concordando.

— Não leve para o lado pessoal o fato de Dionysus não ter te contratado para cuidar do filhinho, Cici. Joseph é o mundo dele.

— Aonde está a mãe do menino? — pergunto, me sentindo uma falsa por ter que fingir que não sei que Sue está morta.

O rosto lindo de Elina se fecha com desgosto.

— Ela morreu em um acidente de carro.

— Não gostava dela? — pergunto, porque está óbvio que não e eu quero saber o porquê.

Sei a razão pela qual eu odiava a mulher, mas achei que ela se desse bem com a família de Dionysus.

— Não devemos falar

mal dos mortos, mas não é porque morreu

que virou santa, né? Não vou entrar nesse assunto porque acho que a alma daquela lá precisa de paz, mas digamos que “não gostar” é

resumir muito o quanto eu a desprezava.

Eu não deveria insistir

, mas não resisto.

— Por quê?

Ela sacode a cabeça de um lado para o outro e por um momento acho que não vai me responder, mas de repente, diz:

— Não há uma única explic

ação. O conjunto da obra, eu acho.

Eu sentia uma péssima vibração nela. Como quando estamos diante de alguém que representa o tempo todo, sabe? E como você deve ter percebido, minha tendência é gostar das pessoas.

Fico espantada com o quanto Elina

é intuitiva

porque se tem algo

que se pode dizer em relação à Sue, é que ela era uma mentirosa.

— Eles... hum... ela e o doutor Dionysus eram apaixonados?

Minha chefe encara-me por um instante, como se estivesse pensando antes de responder, e finalmente fala:

— Não fique chateada com o que vou aconselhar, mas me sentiria um ser humano horrível se não lhe desse uma aviso: não caia de amores por Dionysus, Cici.

Ele é um ótimo pai, mas assim

como os outros membros da família,

à exceção de Zeus, Odin e

Christos, não quer compromisso. No fim, você vai sair com seu jovem coração partido.

Sinto meu rosto em chamas e gostaria de dizer que minha pergunta teve a ver apenas com um interesse mórbido sobre o

relacionamento

de Sue com o grego, mas não é verdade e isso me

deixa muito envergonhada.

— Eu não... — começo, mas ela levanta a mão, me interrompendo:

— É uma adulta e eu não sou a pessoa certa para lhe dizer com quem se envolver, já que como lhe contei no outro dia, Odin e meu pai eram inimigos mortais e, no entanto, nos apaixonamos loucamente, mas nenhum dos Kostanidis

ou Lykaios são homens de

uma mulher só, até que encontrem aquela que faça seu mundo parar de girar.

— Sue era essa mulher para o doutor Kostanidis? — continuo insistindo porque simplesmente não consigo parar

.

— Não. Dionysus não era apaixonado por ela. Joseph foi a razão

que o fez se casar com Sue. As pessoas amam de maneira diferente,

claro, mas um homem que é louco por uma mulher é fácil de ser reconhecido.

— Fala por experiência própria? — brinco, porque das poucas vezes que vi Odin e Elina juntos, ficou claro que minha amiga e patroa é o centro do universo dele.

Ela sorri.

— Também.

Eu quero saber mais sobre o casamento de Dionysus e Sue, assim como sobre o garotinho, mas não posso levantar suspeitas.

— Eu não tenho como te agradecer tudo o que tem feito por mim, Elina.

Se não fosse por você, a essa altura eu estaria de volta ao Kansas.

— E era tão ruim assim lá?

— Depois que fiz dezoito e saí de casa, não, mas enquanto morava com a minha madrasta e minha meia-irmã,

ou melhor, irmã

de criação, já que ela não era filha do meu pai, era horrível.

— E está gostando de Nova Iorque?

— Estou, sim. Achei que não iria

me acostumar, mas eu cada vez

mais gosto daqui.

— Por quê? Quero dizer, você nasceu e foi

criada em uma cidade

pequena. Como pode adorar o tumulto de Manhattan?

— Eu estou adorando ser anônima. Na minha cidade, você espiro dentro de casa e alguém na padaria já diz “saúde”. É

emocionante estar em um lugar em que ninguém te conhece.

— E quanto à promessa que fez?

No exato momento em que conclui a pergunta, vejo o senhor Colt, motorista de Dionysus, estacionar

.

Hoje será o dia em que verei Joseph pela primeira vez, já que Elina me convidou para uma pequena recepção entre amigos.

Vejo o grego que é a razão de eu ter mudado completamente a minha vida sair do carro e em seguida, se inclinar

no banco de trás.

Quando volta a se erguer, tem um garotinho louro nos braços.

Meu coração erra as batidas e sinto os olhos se encherem de lágrimas, mas disfarço, desviando o olhar dos alvos do meu interesse.

— A promessa que fiz está se encaminhando para ser concretizada. Eu vou conseguir

, se Deus quiser.



Capítulo 14

— Eu nunca te vi nas reuniões de família.

Olho para trás para ver quem falou

comigo e me deparo com um

homem bonito, que deve ter por volta dos trinta anos. Ele tem cabelos de um loiro escuro e corpo atlético, mas não é isso que chama a atenção e sim, o sorriso amigável.

— Olá. É a primeira

vez que venho. Estou trabalhando há pouco

tempo com Elina.

— Na Associação? — Aceno com a cabeça, concordando, e ele estende a mão em cumprimento. — Meu nome é Cage Sinclair

. Eu

trabalho no banco Kostanidis.

Não hesito em aceitar o cumprimento porque simpatizo com ele instantaneamente.

— Cecily — digo, porque de onde venho as pessoas não são formais, apresentando-se com nome e sobrenome.

— Combina com você — diz, de maneira enigmática,

mas é tão

amistoso que não sei se acabou de me elogiar com segundas intenções ou se está apenas sendo gentil mesmo. De qualquer modo, interagir com estranhos, ainda mais tão bem vestidos e cheirosos como ele, me deixa nervosa.

Não daquele tipo de nervosismo como aconteceu com o grego arrogante, mas uma espécie de fobia social mesmo.

— Obrigada. Eu vou dar uma volta e ver se Elina precisa de ajuda — minto, porque a vi há cerca de dez minutos e ela me disse para aproveitar a festa.

— Por que a pressa? Fui muito agressivo na abordagem?

— Meu Deus! — falo, rindo e sentindo o rosto esquentar

.

— O quê?

— Não foi agressivo, mas é bem direto, né?

— Ah, sim. Desse pecado eu sou culpado mesmo. De onde você é? Não estou conseguindo identificar seu sotaque.

— Sou do Kansas.

— Hum. Está explicado.

— O que isso significa?

— Significa

que ainda não se contaminou com o mau humor dos novaiorquinos.

— Você não é mal-humorado.

— Não sou novaiorquino, tampouco. Nasci em Miami.

— Achei que Miami
era só destino de férias.

As pessoas *nascem*

lá?

Ele gargalha, mas em seguida me olha intensamente.

— É muito cedo para pedir seu telefone, Cecily?

Mordo o interior da bochecha, sem saber o que responder. Ele não me atrai, mas o que há de errado em fazer amizade?

Como se estivesse lendo meus pensamentos, diz:

— Eu não mordo. Só imaginei
que não tem amigos na cidade
ainda.

— E quer ser meu amigo?

— Por que o espanto?

— Sou do Kansas e não de Marte, senhor...

— Cage.

— Okay, *Cage*. Sei que quando homens como você pedem o telefone de uma garota é pensando em algo mais e eu não sou do tipo casual — falo e fico vermelha, porque vejo como aquilo soou estranho —, quero dizer, não estou procurando um namorado também, mas se o que quer...

Jesus, me mate.

Por que no céu estou fala

ndo esse monte de bobagens? O

homem só pediu meu telefone, não a minha mão em casamento.

Para meu alívio, quando o encaro, ele está sorrindo.

— Você é linda, *Cecily*

, mas o que estou oferecendo, por

enquanto, é amizade. Mas tudo bem se não se sentir confortável para me dar seu telefone. — Ele tira uma carteira do bolso de trás do jeans e pega um cartão. — Fique com o meu para os dias solitários.

Sou do tipo que responde mensagens, então não há problema em enviá-las de madrugada.

Eu pego o pedaço de papel e me sinto uma caipira.

— Desculpe-me os maus modos. Não estou muito acostumada a lidar com desconhecidos.

— Talvez seja isso o que a faz tão fascinante — ele diz, dando uma piscadinha e em seguida se afasta.

Estou me preparando para sair quando, de repente, sinto meu coração parar dentro do peito porque no fim do corredor, está a razão de eu ter arriscado todas as apostas da minha vida: *Joseph*.

Ele já está andando e fecho os olhos por um instante, emocionada. Talvez eu não devesse me aproximar, mas não posso me impedir

.

Ando com cautela e vejo uma babá, vestida de calça e jaleco branco, acompanhando de perto os passos do pequenino.

Ele olha para o chão, não me vê ainda. Está a cerca de cinco passos de distância e eu me ajoelho, esperando.

Parece muito satisfeito consigo mesmo por executar a caminhada, conversando e mexendo os bracinhos até que para na minha frente.

Ele ergue a cabeça e nossos olhos se encontram.

É uma criança linda. A mais linda do mundo para mim.

Sinto minha garganta travar e fico imóvel porque Elina me explicou que ele não gosta muito de estranhos. E então, um milagre acontece. Ele estica a mãozinha e agarra uma mecha do meu cabelo.

Concentrado nela, com a outra, deixa os dedos percorrerem os fios.

— Olá. — Arrisco-me a cumprimentá-lo.

Ele me olha, mas não parece assustado.

Estou louca para abraçá-lo, mas sei que se o fizer

, porei tudo a

perder.

— Meu nome é Cici e o seu?

— *Shiiishiiii.*

— Isso mesmo, eu sou a Cici, Joseph.

Ouço passos da babá se aproximando.

— Como sabe o nome dele? — a mulher pergunta, parecendo desconfiada.

— Elina me disse — respondo, mas minha atenção ainda é do garotinho. Eu não estou fazendo nada de errado. — Meu nome é Cici.

— Sim, eu ouvi. Sou a senhora Lisa Nuttle.

— Muito prazer.

Ela ignora o cumprimento e acho que só me disse o nome mesmo por mera formalidade

porque, em seguida, tenta afastar

Joseph de mim, lhe oferecendo a mão.

O menino nem olha na direção dela, parecendo encantado com meu cabelo.

— *Shiiishiiii.*

Eu sorrio, feliz que ele tenha gravado meu nome.

— Sim, Cici, meu lindo. V

ocê é tão esperto!

Como se entendesse que estou elogiando-o, ele abre o maior sorriso e se joga no meu colo.

Eu abro os braços para recebê-lo e quando sinto seu calor e cheirinho, preciso fazer força para não chorar

.

— Ele nunca fala com estranhos — a mulher diz.

— Deve ter gostado de mim — respondo, mas sei que estou revelando demais ao me mostrar tão apegada ao menino, então, após fazer um carinho no rosto dele, o viro em direção da babá e me ergo.

Quando estou de pé, vejo Dionysus me encarando do outro lado do corredor.

O rosto está sério e eu tenho certeza de que estava nos assistindo.

Ai, meu Deus, o que eu fiz?

Tentando o meu melhor para continuar calma, me despeço de Joseph e me preparo para ir embora, mas o garotinho vem atrás e se agarra à minha perna.

Eu não posso me mexer. Mesmo que eu saiba que corro riscos, não vou deixá-lo se quer que eu fique.

— Hey, filho.

— Ouço a voz do grego e meu coração acelera. —

Está fazendo amizade com a Cecily?

Olho para trás e a despeito de estar falando com Joseph, os olhos de Dionysus estão em mim.

— *Shiiishiiii.*

— Como vai, doutor Kostanidis?

Ele não responde e vejo pela minha visão periférica a babá se afastando.

Meu nervosismo aumenta.

— O que estava fazendo perto do meu filho?

— pergunta, em um

tom mais baixo.

— Só o cumprimentando — falo,

com um nó na garganta e louca

para fugir

.

Entretanto, parece que o herdeiro do grego me quer por perto,
porque agora agarra minhas duas pernas.

— Seu pai quer ficar

com você, meu amor — falo

para o menino,

ignorando o homem arrogante. — Outra hora nos falamos.

Mexo no cabelinho

dele e depois me afasto, como se estivesse

sendo perseguida pelo próprio diabo, o que, talvez, não deixe de ser
verdade.



Capítulo 15

Depois que Cecily

foge de mim, vou à procura da senhora Nuttle,

para que fique com meu filho

porque não acabei a conversa com a

garota ainda.

Elina aparece na minha frente antes que eu encontre a empregada.

— O que houve? — pergunta.

— Você viu Cecily?

— Ela estava aqui agora mesmo, mas talvez tenha ido dar uma volta no jardim. Acho que sente falta da vida ao ar livre.

— Como ela tem se saído no emprego?

— Pensei que não se importasse.

Eu gosto da mulher do meu primo como se fosse do meu próprio sangue, mas ela não facilita a vida de ninguém.

— Só quero saber se ela tem tudo o que precisa.

— Tem, sim. Um apartamento, um emprego... — ela pausa. —

Olhe lá. Até mesmo um admirador — diz, fazendo um gesto com a cabeça para trás de mim. — Não duvido muito, vai estar namorando em breve.

Quando me viro, vejo Cage, um dos executivos do meu banco, conversando com ela.

— Do que você está falando? Eles se conhecem?

— Acho que não, ou Cici

teria me dito, mas não duvido que em

breve isso mudará. Cage parece bem interessado. Mas que homem não ficaria? Ela é linda e tão diferente das mulheres daqui...

— Pode ficar com ele um instante?

— Posso, mas por quê?

— Preciso falar com Cecily

.

— Não atrapalhe a vida dela, Dionysus. Como você mesmo disse a Odin, seu problema com ela acabou. Cici é minha funcionária, mas minha amiga também. Estou tentando ajudá-la a dar os primeiros passos em Nova Iorque.

— Como eu atrapalharia a vida dela?

— Nós dois sabemos por que implica tanto com a garota.

— *Sabemos?* — ironizo, mas sendo Elina

quem é, vai direto na

jugular

.

— Você se sente atraído por ela. Eu vi o jeito que a estava olhando no hospital.

Foi por isso que não a contratou para babá de

Joseph. Não tem nada a ver com ser desastrada. Eu convivo com ela há semanas e posso lhe garantir que Cici é uma boa moça.

Inteligente,

responsável e educada. Se meus filhos

ainda fossem

pequenos, eu os deixaria aos cuidados dela sem pensar duas vezes.

— Achei que ela estava feliz no emprego que lhe deu.

— Ela está feliz por ter uma chance quando antes todas as portas pareciam fechadas, mas Cecily adora mesmo é crianças, ainda mais do que os livros — diz e lembro-me de Odin comentar que Cecily estava tomando conta da biblioteca da Associação.

— Joseph pareceu... hum... gostar dela.

— Já conseguiu a babá da noite?

— Não.

— Por que não faz um teste com Cici?

Mas veja bem, estou lhe

dizendo para testá-la como babá, não para magoar o coração dela.

Não respondo porque qualquer coisa que eu diga faria de mim um mentiroso.

— Pode ficar com ele? — repito. — Eu já volto.

— Posso, sim. Talvez fosse melhor esperar que ela terminasse a conversa com Cage.

— Esperar é uma palavra que desconheço, Elina. — Dou um beijo na testa do meu garoto. — Papai só vai ali um instantinho, filho.

Começo a andar para onde ela está conversando com o admirador e minha irritação aumenta quando noto o sorriso de Cecily e o aparente encantamento de Cage por ela.

Eu sei que ela percebe minha aproximação, mas mesmo assim não me encara.

Nem posso culpá-la. Agi como um cretino depois de várias semanas sem vê-la, mas não consegui acreditar quando observei meu filho

correndo para os braços da ruiva. Joseph é arredio e desconfiado, então que tipo de encantamento ela fez para que confiasse nela logo de cara?

Feiticeira

. Sim, talvez seja isso o que ela é. Uma bruxinha de cabelos vermelhos, que enfeitiça

homens de todas as idades que

entram em seu caminho.

— Cecily, preciso falar

com você — digo, assim que me aproximo

deles, porque diplomacia

não é uma característica presente em
nossa família.

Cage, que estava de costas, olha para trás.

— Dionysus, eu não tinha te visto ainda.

Faço um gesto de cabeça cumprimentando-o, mas sem paciência
para socializaç

ão. Ao invés disso, ergo os olhos para o meu alvo, desafiando-a a
me ignorar

.

Para minha satisfação, ela não o faz.

— Com licença, Cage. A gente se vê por aí.

— Vou ficar à espera do telefonema ou mensagem. Lembre-se do
que falei: podemos ser apenas amigos... a princípio.

Filho da puta

assediador .

— Vamos — falo, sem dar tempo a ela de responder

.

Pousando a mão na parte baixa de suas costas, eu a guio na direção
contrária de onde os convidados estão reunidos.

A carne macia pega fogo contra meus dedos e talvez eu tenha
cometido um erro ao tocá-la.

O contato é leve, superficial

e por isso mesmo, insuficiente,

então

eu dou um foda-se à prudência e abro a mão, espalmando-a em suas costas.

Cecily

estremece e olha para trás. Os olhos brilham

como cristais

soltando pequenas chamas, mas ela não se afasta.

Uma espécie de diálogo mudo se instaura entre nós, ambos conscientes da atração e incapazes de nos afastarmos.

Seu olhar é ardente e ver como eu a afeto gera um descontrole que nunca experimentei.

Agora não se ouve mais música ou risadas. Somos só nós dois.

Eu paro de andar e ela também.

O desejo que eu vejo em seu rosto, reflexo do meu, deveria me mostrar que me enganei ao pensar em lhe dar uma chance como babá noturna e que não tenho nada para lhe dizer, mas eu nunca fujo de um desafio e resistir ao tesão por Cecily será o maior de todos.



Capítulo 16

— Gostaria de falar comigo, senhor? — ela pergunta, dando um passo para trás e longe do alcance da minha mão.

— O que Cage queria com você? — *Caralho, por que diabos perguntei*

algo assim? O que Cecily faz com a vida dela não é problema meu.
— Esqueça.

Ainda que eu queira muito

o saber se o interesse que ele

obviamente tem em você é recíproco.

— Eu não tinha mesmo intenção de responder, doutor Dionysus.

Não costumo falar da minha vida privada com pessoas que não sejam meus amigos.

Estou tentando manter minha fera interior sob controle, mas a impertinência dela joga meus planos para o inferno.

Dou um passo para muito perto, invadindo

seu espaço físico.

Ela

não desvia os olhos dos meus.

— Significa que não somos amigos, então, Cecily?

A temperatura entre nós sobe de forma absurda, pelo simples fato de estarmos com nossos corpos quase colados, mesmo sem qualquer contato ainda, o que me faz pensar o que aconteceria se eu estivesse *dentro* dela.

Uma onda de luxúria

me nubla a racionalidade,

desejo indomável

aflorando.

Eu não sou um garoto. Tenho muita experiência sexual para conhecer química explosiva e o que existe entre mim e a ruiva é algo capaz de mudar mares de lugar

.

Não me sinto ferver, apenas. É um passo além. O calor de Cecily é escaldante como a lava de um vulcão.

— Não, nós não somos. Até porque não nos conhecemos. — Ela dá um sorriso autodepreciativo.

— Pelo que me lembre, em nosso

último encontro, queria me despachar para o Kansas.

— No entanto, aqui está você. Ainda em minha vida. Ainda em meu mundo.

— Não em *seu* mundo. Eu vim a festa porque Elina...

— Eu sei. Não disse que não aprecio que tenha vindo.

— Nossa, que alívio.

Agora vou dormir mais tranquila

por ter sua

aceitação, senhor. Obrigada por me dizer isso.

Disfarço um sorriso diante da ironia.

Sim, ela é um cacto, mas tão gostosa que eu não me importaria de ter que lidar com os espinhos.

Percebo que tenta fingir

naturalidade, mas seu rosto e pescoço

estão tomados por um rubor intenso. Cecily

não consegue esconder

o quanto se sente atraída por mim também.

Como um teste, me aproximo ainda mais.

As pupilas

dela dilatam

e pela primeira

vez, tenho um vislumbre

da linguinha rosada quando a passa no lábio inferior

.

— Meu filho gostou de você.

— Ao contrário do pai, que me acha suicida ou ao menos, imprudente.

— Não superamos esse tópico já?

— O senhor me diz. Foi seu argumento quando falou

que eu não

serviria para babá.

As razões pelas quais eu não deveria contratá-la são outras,

Cecily

, mas faz parte da minha natureza gostar de brincar com fogo.

— Eu quero fazer um teste — falo.

— Como assim?

— Por duas semanas, você ficará

na minha casa à noite para ver

se esse arranjo funciona.

— Eu já tenho um emprego.

— Mas não gosta do que faz. Elina

me disse que seu negócio

são crianças, muito mais do que livros.

Ela abre e fecha a boca e acho que quer negar pelo simples prazer de me desafiar

, mas parece voltar atrás.

— Elina sabe que veio me propor isso?

— Sabe, mas preciso que você entenda que é um *teste*

.

— Eu tenho que pensar.

— O quê?

— Acabou de me dizer que é um teste. Se não gostar de mim como babá, fico sem emprego. Tenho que conversar com Elina e saber se ela me daria o lugar de volta caso tudo dê errado.

— Eu dobro seu salário — falo, porque nunca negocio para perder.

— E de que isso me adiantaria

se fosse mandada embora? Nada

vezes dois é nada.

— Está recusando minha proposta?

— Não. Eu quero muito trabalhar como babá, ainda mais agora que conheci Joseph, mas preciso de um plano “b”.

— Vou conversar com Elina

e garantir que terá seu emprego se

não nos acertarmos, Cecily

.

— Não. Eu agradeço essa oportunidade que o senhor está me dando, mas prefiro

eu mesma conversar com ela. Não sou um bebê.

Posso resolver meus problemas.

— Não quer saber quanto vai ganhar?

— O senhor já disse: vai dobrar meu salário.

Sorrio internamente. Ela é esperta e boa negociadora também.

— Se ficar

comigo — *e merda, eu gosto de como isso soa* —, vai dormir na minha casa. Claro, terá uma noite de folga.

— Não preciso — diz e depois se corrige. — Ou ao menos não no início. Depois, pretendo fazer amigos.

— Como Cage?

Estou atento à sua resposta, mesmo consciente de que não tenho qualquer direito de lhe perguntar isso.

— Hum... sim, como Cage.

— Não é amizade o que ele quer de você.

— Com todo o respeito, por que isso lhe importa?

Boa pergunta.

Talvez porque eu seja maníaco por controle, talvez porque eu seja egoísta e quero ser o único a prová-la, mesmo sabendo que não devo.

— Você será minha funcioná

ria. É só uma garota. Não quero que

se machuque.

Ela sorri e desvia os olhos, mas não rápido o bastante para que eu não perceba uma ponta de provocação.

— Fale o que está pensando.

— Seria inadequado porque o senhor será meu patrão.

— Não sou nada seu ainda. Vai começar amanhã.

— Já?

— Sim. Para que perder tempo? Mas não mude de assunto.

Quero saber o que estava pensando que a fez sorrir

.

— Disse que sou só uma garota. Sim, eu ainda sou, mas até mesmo as garotas podem beijar na boca.

A voz soa sexy, quase como o canto de uma sereia, cada nota escapando com sensualidade, mas não é isso o que me chama a atenção e sim, o que ela falou.

— É uma *garota*?

— O quê?

— Concordou que é uma garota. Significa

que nunca teve um

namorado, Cecily?



Capítulo 17

Minta

— uma voz avisa, mas eu já tenho muitas inverdades acumuladas para acrescentar mais uma à lista.

O olhar dele me diz que não vai desistir enquanto não obtiver uma resposta. Mesmo sem experiência de vida no que diz respeito a homens, sei que é uma conversa completamente errada para uma empregada e um patrão terem, mas não consigo lhe negar o quer saber.

— Não — falo, envergonhada e desviando meus olhos daquele céu cinzento que são os dele.

Agora, mais do que nunca, Dionysus vai saber o quão estranha eu sou. Quem, aos vinte anos, ainda não teve um namorado?

— Olhe para mim.

É uma ordem, mas também soa como um comando sensual e rouco, o que me arrepiava.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Só posso estar ficando louca!

Contrariada, volto a encará-lo.

— Não. Eu não tive tempo ou interesse nisso — revelo parcialmente a verdade.

Curiosidade eu tive, sim, afinal, sou uma leitora ávida de romances. O problema é ter nascido em uma cidade com cinco mil habitantes em que todos se conhecem e que tudo é comentado.

— E vontade, teve?

— Estou me sentindo como uma espécime em laboratório.

Acha

que sou anormal por não ter experimentado nada ainda? Eu não quero ficar com alguém por ficar

, quero que tenha um significado

para mim.

Eu poderia voltar para a festa, mas me sinto entorpecida, como se com o olhar, ele tivesse o poder de me manter parada e isso tanto é assustador quanto excitante.

— Eu não disse que ser inexperiente era anormal. Estou apenas surpreso.

— Por quê?

— Ainda não somos patrão e empregada, então vou falar livremente.

Aceno com a cabeça, concordando.

— Significa

que posso dizer o que quiser sem que se sinta assediada?

Outra vez concordo e vejo um canto de sua boca se erguer em um meio sorriso.

Tudo nele é meio hipnotizant

e. A cor da pele, a malícia

nos olhos,

a boca sensual cujo lábio inferior é um pouco mais cheio.

O homem consegue fazer meus hormônios entrarem em ebulição só me encarando e quis Deus que aquele a me despertar para atração sexual fosse o mesmo que é proibido para mim.

— Pergunte-me outra vez — ele fala, se aproximando.

— Por que ficou

surpreso quando eu disse que nunca estive com

alguém, doutor...

— Não, ainda estamos em um território

neutro, Cecily

. Diga meu

nome, sem essa de “doutor” ou “senhor”.

— Por que ficou

surpreso quando eu disse que nunca fiquei

com

alguém, Dionysus?

Ele está muito perto, quase colado em mim, *sobre* mim. Eu o sinto por todos os lados e gosto da sensação.

— Porque é linda, o que torna inacreditável que seja intocada.

Pisco, sem acreditar que ele disse aquilo.

— Está falando isso para me fazer sentir melhor ou por que me acha interessante mesmo?

— *Interessante?*

— ele repete com ironia e toca uma mecha do

meu cabelo, sentindo-a nos dedos, assim como o filho fez. — Não, você não é *interessante*

, menina. É uma delícia.

O meu corpo enlouquece com a proximidade.

Eu esqueço-me da

festa e das pessoas. Esqueço o que vim fazer em Nova Iorque e que a partir de amanhã esse homem vai ser meu chefe. O que sei, é que quero mais disso. Um pouco mais

dele.

Encaramo-nos em silêncio

e eu me derreto com o brilho

de aço

cinzento que agora intercalado com labaredas, incandescentes e convidativas.

Os meus membros são como gelatina e meu pulmão não funciona

como deveria. Todos os meus sentidos pertencem a ele e dentro de mim, uma voz, louca, imprudente e sem juízo, grita: *meu*.

Sacudo a cabeça, tentando clareá-la, mas não adianta. A sensação não passa porque o corpo grita pelo dele, febril e necessitado.

Ergo o rosto para poder vê-lo melhor porque ele é muito alto.

Agora estamos tão perto que sinto o calor de sua respiração.

Quero tocá-lo e sentir a rigidez

que adivinho

que seja sua carne e

fico com vergonha porque acho que ele consegue me ler completamente e sabe o que estou sentindo.

— Faça — ordena, confirmando minha intuição e fora de mim, dou um passo para perto. Seu tom de comando me faz estremecer e a pele inteira formigar

.

— Não devo.

— Não somos nada ainda, a não ser um homem e uma mulher.

Faça o que está com vontade, Cecily

.

Ouçó um gemido como o lamento de um gato e, horrorizada, percebo que escapou de mim.

As narinas dele dilatam

e o olhar endurece. Sua respiração é tão

falha quanto a minha quando se abaixa e sussurra no meu ouvido, os lábios roçando minha orelha:

— Toque-me. Será sua única chance. Não me relaciono com funcionárias.

Aquilo deveria me ofender porque ele está assumindo que tudo depende exclusivamente

da vontade dele, como se tivesse certeza

de que eu sucumbiria em um estalar de dedos. Já passei muito tempo da fase do orgulho, no entanto, e sua declaração me encoraja a fazer o que tanto desejo.

Pouso as duas mãos espalmadas em seu peito.

— Isso mesmo. Sinta minha carne. É isso o que você quer?

Eu não respondo e ele me segura o queixo para encará-lo.

— É o que você quer — repete, arrogante, e dessa vez, como uma afirmação.

— Sim, mas eu queria sentir o calor de sua pele também, porque mesmo pela camisa, você é tão quente... Como alguém pode ser tão quente assim?

Não sei mais o que estou dizendo. Eu apenas me concentro em pegar o que posso, lembrando do que falou.

Amanhã esse transe de

luxúria não será mais permitido.

Passo a ponta dos dedos em seu peitoral e paro nos mamilos, massageando-os, e um som rouco escapa de sua garganta.

Deixo a mão se inserir

no intervalo

entre os botões da camisa e

tomo um susto quando ele prende meu pulso.

— Eu não dou a mínima

que seja virgem. Se não fosse se tornar

a babá do meu filho amanhã, passaria a noite toda dentro de você.

Os joelhos

perdem a força no exato momento em que ele passa

um braço em volta da minha cintura.

— Meu Deus.

Eu tento me afastar porque não sei lidar

com aquilo.

As palavras

dele ligaram

de uma só vez todas as terminações nervosas do meu

corpo, como um interruptor que apenas ele soubesse onde fica localizado.

— Eu não posso ter você, mas quero que se lembre do dia de hoje quando for se deitar. Acaricie

sua bocetinha virgem para mim.

Pense que é a minha mão quando estiver molhada e gemendo de tesão.

Eu estremeço em seus braços e fico tonta também.

Ele é muito sedutor. Se um outro homem me dissesse algo assim, eu o afastaria, então por que com ele, quero mais?

— Ah, aí estão vocês. — Ouço a voz de Elina

dizer e tomo um

susto tão grande que se o braço de Dionysus não estivesse em volta da minha cintura, eu teria caído.



Capítulo 18

— Tudo bem, pessoal? — Elina

pergunta quando eu e Dionysus

não falamos nada.

Ele não parece ter pressa de me soltar. O olhar prendendo o meu ainda.

— Sim, eu perdi o equilíbrio e o doutor Kostanidis me ajudou.

Ele ergue uma sobrancelha com ironia e fico sem jeito quando olho para minha amiga. Está na cara que Elina não acreditou naquilo,

mas graças a Deus, não insiste.

— Acertou a questão de Joseph com ela? — pergunta e ouvir o nome do garotinho é um banho de água fria.

Eu ando para trás, me libertando do meu futuro chefe.

— Sim, falei

— ele diz, continuando a me encarar. — Mas Cecily

está com medo de perder o emprego na Associação caso nosso arranjo não funcione.

— Nós faremos uma experiência de duas semanas — falo.

— Não, eu mudei de ideia. Uma será suficiente.

— Mas...

— Em uma semana eu saberei se meu filho

a quer por perto,

Cecily

.

— E vai começar quando? — Elina pergunta.

— Amanhã mesmo — ele responde e eu me sinto como em um jogo de pingue-pongue, vendo minha vida sendo decidida pelos dois

gregos.

— Então talvez fosse melhor você ficar um pouco com Joseph hoje, Cici.

Para ele ir se acostumando, mas antes, pode vir comigo na cozinha um instante?

Sinto a vergonha aumentar porque já imagino

o que ela quer falar

comigo. Elina não é boba e com certeza percebeu o que estava acontecendo.

Agora, a pergunta de um milhão de dólares é: o que estava acontecendo mesmo?

Eu não faço a menor ideia, então, vou classificar

, em nome do

meu equilíbrio mental e moral, como

insanidade temporária

.

— Com licença

— falo

para o homem que, tenho certeza, me fará

ter pensamentos pecaminosos ao me deitar hoje.

Não consigo me esquecer das palavras sujas que ele disse. E

muito além disso, eu quero obedecer o seu comando e me tocar pensando nele.

— Cecily?

Eu estremeço apenas ouvindo a voz do homem, então como conseguirei morar em sua casa?

Por Joseph, eu o farei

— prometo em silêncio .

— Sim? — pergunto, voltando-me para encará-lo.

— Leve uma mala para uma semana e depois providenciarei sua mudança.

— É um prazo de experiência

— falo mais para mim mesma do
que para ele.

Se fosse apenas uma oferta de emprego, eu diria

a Dionysus que

mudei de ideia

porque depois do que aconteceu há pouco, não há

chance de que eu encontre esse homem sem lembrar de como a
pele é dura e quente ou da sensação abrasadora que é estar em
seus braços. Mas não se trata de mim e sim, de Joseph. Foi por ele

que vim para Nova Iorque, então tenho que controlar a reação do
meu corpo ao grego e cumprir minha missão.

— Vocês estavam se beijando? — Elina pergunta sem rodeios
quando chegamos à cozinha.

— Não.

— Não nasci ontem. Alguma coisa estava acontecendo!

— Eu não sei explicar

. Meu corpo enlouqueceu quando ele

chegou perto de mim. Eu senti uma vontade incontável de tocá-lo e ele percebeu.

— Ai, meu Deus! — Ela bate com a mão na testa em um gesto dramático.

— Ele me disse que eu poderia fazer o que quisesse só hoje, porque ainda não somos patrão e empregada. Falou que não se relaciona com funcionárias

e a partir de amanhã, estarei sob contrato.

— Eu trabalhava para Odin e agora ele é meu marido, só para você saber.

— É diferente.

Pelo que me contou, vocês já tinham uma história

juntos. Estava escrito. Não há nada nem perto disso entre meu novo chefe e eu. A partir de amanhã, teremos apenas uma relação profissional.



Ela não parece acreditar em mim. Vejo isso na maneira como me encara.

— Não se machuque, Cici.

Lembre-se do que conversamos. Se

juntassem todos os corações partidos que os Lykaioi e os Kostanidis deixaram pelo mundo, seria o equivalente

a uma cidade

de pequeno porte tranquilamente.

— Acabou, Elina.

Ele ficou curioso quando eu disse que nunca

tive um namorado. Foi só isso. Confie em mim. De amanhã em diante, serei uma funcionária exemplar

.

— Oi, já que ninguém nos apresenta, eu mesma vou fazer isso.

Sou Madison e você deve ser a Harper.

— Cecily ou Cici. Eu não gosto do meu primeiro nome.

— Gosto de Cici.

Então, você vai ser a nova babá da noite de

Joseph?

— Sim e você é a noiva do irmão do meu futuro chefe?

Ela abre um sorriso tão brilhante quanto o sol.

— Isso mesmo. E em breve serei a mãe dos bebês dele também

— diz, acariciando a barriga bem redonda.

— Gêmeos? Que benção! Meus parabéns!

— Obrigada. Nem eu mesma acredito. Para ficar mais perfeito, só minha irmã acordando do coma, mas acredito que Deus tenha um tempo certo para todas as coisas.

— Seria indisc

rição da minha parte perguntar o que aconteceu com ela?

— Ela foi atacada durante a madrugada. Invasão de domicílio.

O

marido morreu. Brooklyn sobreviveu, mas está em coma desde então.

— Meu Jesus! Vou colocá-la em minhas orações daqui por diante.

— Obrigada. Eu tenho certeza de que ela vai acordar. Está nas mãos do maior neurologista

do mundo e, além disso, tem uma vida

inteira para viver e também dois bebês para criar

.

A emoção na voz dela é evidente e eu entendo totalmente. Eu também rezei por um milagre. No meu caso, infelizmente, não se concretizou.

— Chega de falar sobre coisas tristes, o que vim fazer mesmo foi convidá-la para o meu casamento.

— O quê?

— Eu não sabia muito a seu respeito, a não ser a história do atropelamento — diz, como que se desculpando —, mas Elina me

disse que a tem como uma amiga, então quero que vá também, para comemorar conosco.

— Tem certeza? Vou ser a babá de Joseph.

— Tenho, sim. Eu não me importo qual seja a sua função e sim, que é querida para Elina,

então, é para mim também. Acredito no

juízo da grega.

Alguns minutos depois, ela se afasta, indo em direção ao homem que sei ser o irmão mais velho de Dionysus. E eu, vou procurar Joseph.

Encontro-o brincando no chão com duas crianças loiras que obviamente são irmãos — um menino e uma menina — e que, salvo engano, são gêmeos também.

— Esses são Silas

e Soraya, Cecily

— a babá diurna de Joseph

diz, agora de uma maneira mais suave do que havia me tratado pela manhã. — São os melhores amigos de Joseph.

Sento-me no chão e as crianças se aproximam, Joseph, debruçando sobre meu colo.

Eu fico emocionada com a ligação que parece ter se formado instantaneamente entre nós.

Será que em sua pureza inf

antil sente quem eu sou? Tem ideia

de que daria minha vida por ele sem pensar duas vezes?

Passo a mão pelos cachinhos loiros e para minha surpresa, ele larga o brinquedo, vem para o meu colo e deita a cabeça em meu ombro.

Sim, você sabe que eu te amava mesmo antes de te conhecer, não é, bebê?

Eu nunca mais me afastarei,

Joseph. Eu terei

a certeza

de que

você estará protegido e feliz.



Capítulo 19

— O que te fez mudar de ideia? — Ares pergunta ao meu lado, fazendo um gesto de cabeça em direção a Cecily

, que segura

meu filho em seus braços.

A senhora Nuttle foi embora há cerca de meia hora, sem sequer se importar que Cecil

y nunca tenha ficado

a sós com Joseph

antes. São esses detalhes que me dizem que as funcionárias atuais

não ligam para o meu filho

realmente. Não têm afeto pelo meu

menino, apenas o encaram como um trabalho qualquer

.

Sinto os olhos dos meus três irmãos em mim e sei que esperam por uma resposta.

— Não é óbvio?

— O quê? Que ela é linda e você não consegue desviar o olhar? —
Ares debocha.

— Cretino. Estou falando da fascinação

imediate de Joseph

por ela. Quando você já o viu reagir assim a um estranho?

Ele não responde porque sabe que tenho razão.

— Tem certeza de que ela é uma boa pessoa?

— Eu virei o passado de Cecily

do avesso. Duas vezes —

Odin diz, atrás de nós. — Dionysus acaba de contratar uma santa.

— Ela vai morar na sua casa? — agora é Hades quem pergunta.

— Vocês tiraram o dia para encher o meu saco? Cecily vai

morar na minha casa como a anterior a ela o fazia. Durante o dia,
ficará li

vre para cuidar da própria vida e, à noite, tomará conta de Joseph
até eu chegar, quando assumirei.

— Ela te atrai — Zeus fala, rindo.

— É inacreditável

como a perspectiva de se casar com a

mulher que ama e também se tornar pai em breve mudou seu humor,
irmão mais velho — ironizo.

Ele dá de ombros, sem comprar minha provocação.

— Nunca me senti como se vivesse minha própria vida, e sim, o que alguém havia designado para mim. Pela primeira vez, fiz escolhas sem precisar colocar o bem-estar da família a frente do

meu.

— Mesmo antes de Madison aparecer, já deveria ter esquecido aquela promessa, Zeus — Ares diz. — Nosso avô não tinha o direito de ter te pedido aquilo e no fim de tudo, para quê?

Estão todos mortos. Nossos pais e os algozes deles. Do que serve orgulho e vingança agora?

— Fale por você — Hades rosna. — Vingança é, no mínimo, para termos a satisfação

de que um filho

da puta não saiu impune e

que não causará danos a outro inocente.

— Não me levem a mal. Sou totalmente a favor da retaliação.

Olho por olho, dente por dente é o meu norte — meu segundo irmão mais velho continua —, mas não quando isso modifica completamente a nossa vida.

Sei que Ares está dizendo isto diretamente para Hades, que vive em busca da destruição de seus inimigos.

O caçula da nossa família não se abala.

— Inimigos devem ser destruídos sem clemência.

Sacudo a cabeça, pensando em quão fodido

cada um de nós

é.

Incapazes de aprofundar um relacionamento

homem-mulher,

de perdoar. De confiar

, a não ser na família.

O único a escapar desse estigma foi Zeus.

— Eu preciso ir — falo.

— Tenho que providenciar

a mudança

de Cecily

.

— Não a deixe sozinha com o garoto no início.

— Caralho, Hades, você está se tornando mais obcecado do que eu

— Odin diz. — Elina

está há semanas convivendo com a

garota e minha mulher é uma boa julgadora

de caráter. Nunca teria

inserido Cecily em nosso meio se pensasse que ela não presta.

Sacudo a cabeça, sorrindo. Nossa família

toda, de ambos os

pais, é composta por um bando de bastardos paranoicos.

— Vejo vocês no casamento — falo.

— Se precisar que eu vá vigiar sua nova funcionária, é só avisar — Ares diz, sorrindo, e eu sei o que isso significa.

— Não chegue perto de Cecily

.

— Por que não? Não a estarei empregando diretamente e há muito tempo não saio com uma ruiva natural.

— Não vou te avisar novamente.

O sorriso dele aumenta.

— Porque ela é só sua, né?

— Não tem nada a ver com isso. Cecily

será apenas minha

funcionária.

Dessa vez, todos sorriem, até mesmo Odin, e fica

claro que

não acreditam no que falei. Minha irritação aumenta.

Ando para onde meu filho

está, nos braços da mulher que é

uma tentação para mim, mas muito proibida também.

— Vamos? — pergunto a Cecily

, como se me dirigisse

a

qualquer outro empregado.

O que aconteceu hoje mais cedo foi um erro. Devo manter distância, ainda mais agora que vi o quanto meu filho

se encantou

por ela. Talvez Cecily seja mesmo a funcionária ideal.

Ela me encara, parecendo confusa, mas logo em seguida se levanta com ele no colo ainda.

Só então percebo que Joseph adormeceu.

— Pode me dar. Ele é pesado.

— Eu dou conta — diz. — Vou com vocês até o carro.

— Eu a levarei para casa e amanhã pedirei para Anderson fazer sua mudança.

Nada do que eu digo tem qualquer emoção. Sou propositadamente indiferente

porque será melhor para nós dois que

seja assim.

— Aceitarei a ajuda com a mudança — ela responde, no mesmo tom. — Mas não a carona para casa. Madison disse que me levaria.

Chegamos ao meu carro e ela passa Joseph para o meu colo. Nossos braços roçam e por um instante, ambos congelamos o movimento.

— Eu vou te levar — repito, porque quero controlar nem que seja uma pequena parte da vida dela.

— Por quê? Já disse que não precisa... senhor

.

— Vai ser minha funcionária.

É natural que eu tente facilitar

sua vida — digo com indiferença,

como se estivesse comentando

sobre o tempo, enquanto coloco Joseph na cadeirinha do banco de trás.

Quando torno a me erguer e a encaro, ela parece entender o que estou fazendo.

— Serei sua funcionária

sim, mas apenas quando estiver em

sua casa e no meu turno de trabalho. Fora isso, com todo respeito, doutor Kostanidis, tenho minha própria vida para cuidar

.

Ela começa a se afastar, mas seguro seu braço, mesmo sabendo que Anderson, assim como as outras pessoas da festa, podem nos ver.

— Está sendo teimosa.

Ela tenta esconder um sorriso, mas falha.

— Não. Estou sendo prática. Pelo que Elina

me contou, sua

casa é no caminho oposto ao meu apartamento, já a de Madison e do seu irmão, não. Tenho pressa em chegar ao meu lugar hoje.

Alguém me aconselhou a me divertir

antes de dormir. Rememorar o

dia de hoje. Foi um bom conselho e pretendo segui-lo.

Depois de jogar essa bomba, ela vira as costas e vai embora, me deixando louco para ir à sua caça.

Pela primeira

vez, me dou conta de que talvez tenha julg

ado

erroneamente o poder da atração que Cecily tem sobre mim.



Capítulo 20

O homem é perigoso

para o meu juízo

— concludo, assim que

me afasto dele.

Apesar da confusão que se deu desde que cheguei em Nova Iorque,
as coisas parecem finalmente

voltar aos eixos e não vou

estragar tudo em nome de uma atração física

que, como Elina

bem

disse, não dará em nada.

— Você é disputada — Cage fala, aparecendo ao meu lado.

Sorrio sem jeito.

Ele é o tipo de pessoa que eu adoraria ter como amigo. É

direto e simpático,

alguém que não precisamos adivinhar

o que está

pensando. Entretanto, acho que não é somente amizade o que quer
comigo e não estou interessada em “algo mais”.

— Eu estava levando o filho

do doutor Kostanidis

até o carro.

Ele adormeceu.

A testa dele franze, como se estivesse confuso.

— Pensei que havia me dito que trabalhava para Elina, na Associação.

— Sim, mas agora serei a babá noturna de Joseph. É o que mais gosto de fazer: cuidar de crianças. — Enquanto digo aquilo, uma ideia de repente surge. — Pode me dar licença?

Tenho que

falar com Elina.

Eu me afasto sem lhe dar tempo de responder. Quando a encontro, ela está entretida em uma conversa com Madison.

— Cici, Madison estava te procurando para irem embora.

— Estou pronta, mas queria falar com você antes.

— Diga, meu bem.

— Acha que eu conseguiria conciliar meio expediente na biblioteca

da Associação, pela manhã, com o turno da noite na casa do doutor Kostanidis?

— Acho, sim, mas para que fazer isso? Se é sobre guardar sua vaga no emprego, ele está garantido. Fique tranquila.

Olho-a sem jeito.

— Não é isso. É para não fi

car muito tempo à toa dentro de

casa, mesmo.

Seu rosto demonstra que entendeu.

— Dionysus fica

o dia todo na emissora ou no banco. Fique
tranquila.

Madison sorri, talvez entendendo o que a mulher de Odin insinua e
minha vergonha aumenta.

— O que está acontecendo entre vocês? — a futura esposa de Zeus
pergunta.

— Nada — respondo depressa e mudo de assunto. — Ah, Elina,

Madison me convidou para o casamento deles. Como devo ir
vestida?



Elas se empolgam me explicando
sobre trajes e penteados e

dou graças a Deus por ter conseguido tirar o foco da minha inapropriada relação — ou seria melhor dizer *reação* — ao meu futuro chefe.

Meia hora depois, quando me despeço da dona da casa, fica combinado que continuarei

sim, por meio expediente, todos os dias,

trabalhando para a Associação.

Não tem nada a ver com o medo de perder o emprego.

Confio

na palavra de Elina.

A questão é que apesar de querer muito

passar todo o tempo possível ao lado de Joseph, não posso entregar a razão de estar trabalhando lá para o pai dele.

Dionysus parece ter o poder de ler meus pensamentos e se eu revelar minha identidade

cedo demais, tenho certeza de que ele

me enviará para longe.

Olho para o apartamento que nem cheguei a me acostumar e já estou deixando. Hoje pela manhã, liguei

para Elina para lhe

perguntar como posso devolver as chaves, mas ela me disse que devo fic

ar com elas caso queira, em uma das folgas,

fugi

r para ficar

sozinha um pouco.

Pego em cima da cama a única fotografia

que guardo da

minha infância

e depois de passar os dedos pela imagem, eu a beijo.

— Eu vou conseguir. Vou garantir que seu esteja bem, Keith.

Mas só para que fique

tranquilo

aí no céu, saiba que Dionysus ama

Joseph de verdade. Ele não é como Sue. Eu sinto com cada gota de sangue do meu corpo que o sentimento dele por nosso menino é real.

Seco as lágrimas que teimam em cair e guardo a foto no fundo da mala.

O certo seria nem levá-la,

mas eu nunca me separei dela. É a

única recordação boa que tenho da infância.

Cinco minutos depois, a campainha toca e eu sei que é o senhor Colt porque ele me enviou uma mensagem há pouco, dizendo que estava vindo. T

ambém me passou todos os números de

Diony... *Doutor Kostanidis*,

tonta. Ele lhe passou os números do

doutor Kostanidis

.

Eu vou precisar me policiar

para não pensar nele como o

homem que foi minha fantasia sexual ontem à noite.

A partir de hoje, ele é meu chefe.

Abro a porta para o motorista que sorri, simpático.

— Eu sabia que esse cargo seria seu.

— Eu não. Achei que ele nunca fosse me contratar. Senhor Colt...

— Pode me chamar de Anderson, menina.

— Anderson, novamente peço que perdoe-me pelo susto que lhe dei.
Eu deveria ter prestado mais atenção ao atravessar naquele dia.

O que eu queria mesmo era contar toda a verdade, mas não posso.
Não ainda. Talvez quando eu finalmente puder partir

.

— Esqueça. Você estava cansada e distraída. Deus escreve certo
por linhas tortas. Não tenho dúvida de que aquele incidente tinha que
acontecer para chegarmos até aqui.

Eu não falo mais nada porque minha lista de pecados e mentiras
está alcançando níveis estratosféricos. Assim, me deixo

guiar em silêncio

para o automóvel, mesmo que fique muito sem

jeito quando ele abre a porta de trás do veículo.

Eu mal me sento e fecho o cinto de segurança, meu celular toca.

— *Cecily?*

O corpo estremece com o calor daquela voz sexy, mas me obrigo a me controlar

.

— Doutor Kostanidis, bom dia. Já estou a caminho de sua casa.

— *Eu sei. Surgiu um imprevisto*

, no entanto. Não vou poder

esperá-la. Ares está com Joseph até você chegar, mas depois ele terá que trabalhar também.

— E a senhora Lisa?

Ouçó seu suspiro.

— *Ela faltou ao serviço. Pode acontecer eventualmente, então, precisa*

rei que nesses casos, você trabalho

durante o dia.

Quando mandar elaborar

seu contrato

de trabalho,

já direi

aos meus

advogados para triplicarem

seu salário

atual, para situações

como

esta.

— Não precisa...

— *Precisa sim, mas não foi para isso que liguei e sim para*

avisar que estou confiando

em suas mãos o meu bem mais

precioso. Joseph é meu mundo, Cecily

. Não me decepcione.



Capítulo 21

— *Peludo?* — pergunto, rindo e apontando para o gato gordo sentado no chão perto de Joseph.

Ele acena com a cabeça, concordando, e eu não acho que se poderia escolher um nome melhor para o bichano. O animal é fofo e também, ao que tudo indica

, preguiçoso, mas parece, assim como

eu, absolutamente apaixonado pelo menino.

Já são cinco da tarde e posso dizer, sem medo de errar, que é o dia mais feliz que passo em anos.

A cada segundo ao lado do garotinho, eu procuro memorizar, sedenta, ansiosa, cada pequena coisa que me entrega: uma risada,

as brincadeiras de que gosta e até como se suja ao comer, já que não quer mais ajuda e faz uma lambança durante as refeições.

Eu não senti o dia passar. Eu quero repeti-lo infinitamente.

Essa primeira experiência em meu novo emprego só me fez ter certeza de que farei o impossível

para não sair mais do lado de

Joseph. A ideia

de partir depois de verificar

que ele está bem já não

me atrai mais.

O problema é que quanto mais sei sobre a relação do meu chefe com o filho

adotivo, mais entendo que tenho que mover as

peças desse jogo com cuidado.

Algo me diz que Dionysus não é o tipo de homem que dá segundas chances, o que significa

que no momento em que se

decidir

a me excluir

de sua vida, será um para sempre. E isso fará

com que eu nunca mais tenha acesso a Joseph.

— A brincadeira está muito boa, mas chegou a hora do banho, meu lindo.

Ele solta os brinquedos, como se entendesse o que estou falando, e com a independência

característica,

se levanta sozinho,

ainda que com um andar meio desequilibrado.

Quando cheguei na mansão de dez quartos, hoje pela manhã, Anderson me explico

u o básico do funcionamento

da casa e

me apresentou aos outros empregados, assim como aos seguranças, também.

O irmão que Dionysus... *ai, Jesus!* O irmão que o *doutor Kostanidis*

disse que estaria me esperando, Ares, que conheci de vista ontem na festa, já havia partido porque assim como meu chefe, teve uma

reunião de emergência, mas havia tantas instruções do doutor Kostanidis,

tanto por escrito quanto através dos empregados,

que dei graças a Deus de não ter que enfrentar outro grego mandão logo cedo.

A principal

recomendação, não, na verdade, *ordem*, é que eu nunca deveria sair de casa com o garoto sem a autorização do pai.

Os guarda-costas entram na residência três vezes ao dia para conferir se Joseph está bem e os horários de alimentação do

meu menino são rígidos também.

Eu tinha certeza de que Joseph estava fisicamente bem,

sendo criado como filho

adotivo do grego porque pelo pouco tempo

que tenho convivido com os Lykaios, percebi que são unidos e

amorosos uns com os outros. Eu não fazia ideia, no entanto, do tamanho da adoração do meu chefe pelo filho.

Se o primeiro andar da casa é luxuoso e digno de uma revista de bilionários de tão arrumada, o segundo é território do menino.

A cada parte que se anda, há um soldado ou carrinho espalhado e o quarto de dormir e o de brincar de Joseph são o paraíso de qualquer criança.

A enorme quantidade de brinquedos seria de se esperar para o fil

ho de um magnata, mas não é apenas isso o que chama a atenção, mas os cuidados e detalhes.

A grade na parte superior da escada que enfeia a decoração da mansão, mas que é muito necessária caso a babá se distraia e

Joseph corra para ali.

A parte da despensa exclusivamente dele, com lista de refeições determinadas por uma nutricionista,

assim como, de

acordo com o que a governanta me contou, foi abolido da casa qualquer alime

nto com *nuts*, já que Joseph é alérgico

a amendoim e

o “patrão”, segundo ela, não quer correr riscos para o caso dos

[frutos terem sido processados juntos ao legume](#)

[\[12\]](#).

E o mais importante:

os telefonemas

de Dionysus para o filho

durante o dia, para que Joseph ouça sua voz. Mesmo sem entender o que está sendo dito, ele sorri ao ouvir o pai falando.

Honestamente, o relacionamento dos dois faz qualquer mulher ter vontade de ter bebês. Para mim, porém, o significado é

outro: quer dizer também que Joseph está bem aqui. Feliz e protegido.

— Vai dar banho nele agora? — a governanta pergunta, chegando na porta do quarto, e talvez ansiosa para cumprir os horários determinados pelo patrão.

— Vou, sim. E depois o jantar

, certo?

— Isso mesmo. Ele não demora a dormir

. Às vezes a babá da

noite enrola um pouco a pedido do doutor Kostanidis, que quer passar um tempo com o filho

, mas hoje ele ficará

até mais tarde na

emissora, então, pode seguir o protocolo normal. Não precisa ficar no quarto com ele, no entanto. Basta carregar a babá eletrônica com você e ter certeza de não se afastar muito. Joseph nunca acorda durante a noite. Ele é um anjinho.

Olho para o meu tesouro e ele está prestando atenção na conversa, como se nos entendesse, mas não sorri para a mulher



como faz comigo.

— Banho? — pergunto e sua expressão muda.

Ele sorri e balança a cabeça fazendo que sim.

— Incrí

vel! É como se você fizesse algum tipo de magia.

Ouvi as gargalhadas dele hoje. O menino parece adorá-la.

— É recíproco — falo,

disfarç

ando o quanto me faz feliz

ouvir

aquilo. — Ele é uma criança muito fácil de se lidar

.

— Eu já vou indo, Cici. Precisa de mais alguma coisa?

— Não, acho que já sei onde fica quase tudo. Devo esquentar o jantar do doutor Kostanidis, quando ele chegar?

— Não é sua função, claro, mas se puder fazer a gentil eza, seria ótimo. Ele às vezes chega tão cansado que nem come.

— Pode deixar. Assim que Joseph dormir, deixarei tudo em ordem. Boa noite, Barbara.

Três horas depois, eu perambulo pelo segundo andar enquanto me pergunto se meu chefe ficaria

aborrecido se eu

pegasse um livro em sua biblioteca,

mas não quero ser abusada,

então decido lhe perguntar pessoalmente quando ele chegar

.

Joseph já está dormindo e a mesa posta à espera do doutor Kostanidis,

então agora estou entediada porque esqueci de trazer meu Kindle.

Eu tomei banho à tarde e decido mudar o pijama e em seguida, levar a babá eletrônica para a minha suíte.

Barbara disse que quando o patrão chega, passa ao menos uma hora com o filho

no quarto, mesmo com o menino dormindo, e

não quero tirar a privacidade do meu chefe.

Entro em meus aposentos, dois quartos depois do de Joseph e que de tão luxuoso parece pertencer a um hotel famoso. Depois de vestir o pijama,

deito-me na cama e fico

atenta a qualquer som

na casa.

Assim que o doutor Kostanidis

sair do quarto de Joseph, irei

para lá.

Há uma cama extra e mesmo que Barbara tenha explicado que não seria necessário dormirmos no mesmo quarto, eu ficarei

com ele.

Olho para a mesinha de cabeceira, para conferir

se o monitor

do aparelho está bem posicionado

no berço, quando percebo que

descarregou a bateria.

Caramba, nem pensei nisso.

Saio correndo e torcendo para que o bebê não esteja chorando, mas assim que chego no corredor, congelo ao dar de cara com meu chefe.



Capítulo 22

— Ai, meu Deus! Eu sinto muito por estar vestida assim, doutor Dionysus. Esqueci de carregar a babá eletrônica extra. Não sabia que já havia chegado — Cecily diz, tentando se cobrir

.

Não é rápida o suficiente
porque consigo mapear seu corpo
inteiro
através da camisola
fina.

Sinto-me enrijecer
, o pau pesado de
tesão.

Eu deveria deixá-la ir, mas ver seu constrangimento e, ao mesmo tempo, lembrar do que aconteceu ontem, me faz quebrar a

promessa que fiz a mim mesmo de manter tudo no terreno profissional.

— Pare.

Ela, que já estava quase entrando no quarto outra vez, interrompe os passos, mas ainda fica de costas para mim.

Ando até onde está, mas paro longe o bastante para não invadir seu espaço pessoal.

— Por que está com tanto medo, Cecily? Não está nua.

Apenas de camisola.

Ela gira devagar até estarmos frente a frente.

— Não devo me mostrar assim para o senhor — diz, com o rosto corado.

Apesar do que falei,

estou tenso também. Eu me preparei

para manter tudo sob controle, nunca mais ultrapassando a barreira entre empregador e empregada. Como disse a ela, jamais me relacionei com alguém que recebesse um pagamento de mim.

— Como foi o dia de vocês? — pergunto.

— Bom.

Percebo que ela tenta não demonstrar que se lembra de ontem, mas eu sei que sim.

Os olhos azuis de Cecily

entregam-na completamente, assim

como a maneira com que o peito sobe e desce em respirações curtas.

Ela engole em seco porque, virgem ou não, sabe o que estou pensando enquanto a encaro. Observo o movimento no pescoço delicado

e preciso usar de cada grama de autocontrole para não dar mais um passo à frente e sentir nos dedos a pele sedosa.

— Só isso? *Bom?* Não parece um relatório profissional.

Sim, eu a estou provocando de propósito. Qualquer coisa é melhor do que tê-la me encarando com a mesma fome que sinto.

— Achei que soubesse de tudo o que acontece aqui. Não pediu para seus funcionários me vigiarem?

— Claro que sim. Como lhe disse, está cuidando do meu bem mais precioso. Eu vou acompanhar de perto cada passo seu.

— Não me importo — responde, rebelde. — Adoro seu filho e cuidarei

dele com todo o amor. Além do mais, no seu lugar, eu faria o mesmo. Agora, se me der licença...

— Eu não dou.

— O quê?

— Quero saber por que não pegou a babá eletrônica extra.

Não pode cometer esse tipo de erro, Cecily

.

— Eu sei e sinto muito, doutor...

— Eu não quero que me chame assim. Apenas Dionysus.

— Seus funcionários o chamam de doutor Kostanidis.

— Porque não lhes dou a liberdade de fazerem diferente.

— Então por que está me autorizando?

— Porque eu posso e quero.

— Não acho direito, mas se é o que deseja...

— É o que quero. Agora, entenda que não pode mais cometer esse tipo de falha, Cecily

.

Parece envergonhada e eu me sinto mal, mas trata-se do cuidado com meu filho.

— Não vai acontecer novamente. Com licença. Vou me trocar.

— Nunca estive em uma praia? — pergunto, ainda sem querer deixá-la

ir, não importa o quanto eu saiba que é o certo a ser feito.

— O quê?

— Parece uma senhora da era vitoriana, morrendo de vergonha por mostrar um pouco de pele.

Vejo seu temperamento emergir e fico satisfeito.

Eu não respeito pessoas subservientes. Gosto de ver o real de cada um.

— Nunca estive em uma praia com alguém para quem eu trabalhasse. É inadequado ficar

seminua na sua frente, ainda mais

quando...

Ela para de falar

, o rosto rubro como uma maçã madura.

— Ainda mais quando o quê?

Sacode a cabeça, como que se negando a me responder.

— Diga, Cecily

.

— Por que está tentando me embaraçar?

— Não estou, mas gosto de honestidade.

— No nosso caso, ela é perigosa. Somos patrão e empregada.

Ela está certa, mas eu quero ouvir o que não me disse.

— Fale.

— E se custar meu emprego?

— Como poderia, se estou exigindo saber?

Cecily puxa uma respiração profunda.

— Ontem me disse que eu deveria, ao me deitar, lembrar do que aconteceu na festa, na casa de Elina. Eu... o obedeci.

Caralho!

Luto uma batalha interna entre razão e desejo.

Seria fácil

demais terminar a distância

entre nossos corpos e

dar o que nós dois queremos, muito mais agora, com a visão sensual de Cecily

em sua cama à noite, se tocando e pensando em

mim.

Ainda consigo sentir o calor e maciez de seu corpo.

Os dedos pequenos e curiosos tocando minha carne.

Eu a desejo como jamais quis mulher alguma.

Uma fome primitiva

e dominante. Em um território

em que a

lógica cede lugar ao tesão.

Aproximo-me, mas sem encostar nela.

— Gozou?

— Não pode me perguntar essas coisas. Disse que nunca se relacionou com uma funcionária.

— E não fiz mesmo. No entanto, não estou me relaciona ndo

com você nesse instante, Cecily

, estou perguntando se gozou

gostoso quando tocou sua boceta pensando em mim.

— Então vale isso? Podemos falar desde que não nos toquemos?

Seria imprudente e também algo que eu nunca experimentei.

Teoria não é comigo. Gosto de tocar, lamber, chupar. Mas Cecily acaba de abrir uma possibilidade

tentadora demais e

imagens dela gemendo com a mão no meio das coxas, tocando-se para mim, se desenham como um filme em minha mente.

Meu pau está como aço, empurrando contra a calça do terno e sei que o que vou dizer agora será um divisor de água entre nós.

— Sim, podemos falar

.

— E promete que não vai me tocar?

— Tem minha palavra de que nunca a tocarei contra a sua vontade.

— Eu não vou querer.

— Mentirosa. Quer isso tanto quanto eu. Agora, responda minha pergunta: gozou gostoso ontem?

Ela olha para o chão.

— Eu acho que sim.

— *Acha?*

— Não tenho certeza. Eu não sei como é ter um orgasmo.

— Se não sabe, é porque nunca teve.

E agora acabo de ficar obcecado em dar seu primeiro.

— Respondi suas perguntas. Agora, vou me vestir para poder pegar a babá eletrônica extra. Nunca mais cometerei esse erro, doutor... hum... Dionysus.

Eu a vejo entrar em seu quarto correndo e passo as duas mãos pelo rosto, tentando entender o que diabos há comigo, ao

mesmo tempo em que penso em todas as possibilidades que

resultariam levar Cecily para a cama.

A única conclusão a que chego é de que no momento em que fizer isso, terei que excluí-la em definitivo da minha vida.

Será uma vez só.



Capítulo 23

Rolei

na cama a noite inteira,

sem conseguir dormir depois da

conversa de ontem, mas acabo de receber uma mensagem do causador da minha insônia

dizendo que Lisa, a senhora Nuttle, veio

hoje, então, eu estou livre durante o dia.

Enrolei

o máximo que pude na cama para não correr o risco

de encontrar com ele.

Elina

me deu até a próxima segunda, depois do casamento,

para voltar a trabalhar na biblioteca

da Associação, o que significa

que tenho alguns dias para encontrar um vestido para o casamento.

Eu ainda não falei com Dionysus sobre trabalhar meio expediente na biblioteca,

mas ele é meu chefe, não meu dono,

então, não vejo nada de errado em continuar com o outro emprego também.

Pego o celular e mando uma mensagem para Elina.

“Bom dia. Eu preciso de indicação de uma loja onde possa comprar um vestido para o casamento de Madison, mas sem ter que deixar meu rim como pagamento. :)”

Não demora muito e ela me responde. É uma das coisas que adoro em minha nova amiga. Para pessoas ansiosas como eu, a demora para responder uma mensagem é uma espécie de tortura psicológica.

Elina:

“Hahaha. Complicado. Sou uma mulher cara, mas por que não fazemos compras juntas? Zoe chega hoje da Carolina do Norte para o casamento e quer comprar algo também.”

“Não vou aceitar presente.”

Elina:

“Você é muito orgulhosa.”

“Não, sou pé no chão. Você já cumpriu seu papel de fada-madrinha. Preciso viver dentro das minhas possibilidades.”

Elina:

“Veremos. Pego você às dez e meia.”

Jesus, ninguém havia me dito que os gregos eram tão teimosos, homens e mulheres.

Estou me preparando para tomar um banho antes de ir ver Joseph, quando meu celular toca. Ao ver quem está chamando, sinto meu estômago revirar

.

Peyton, minha irmã de criação.

Por um instante, considero não atender, mas não sou uma criança e tenho que enfrentar os meus problemas.

— Alô.

— *Finalmente*

ouço sua voz. Cheguei a pensar que tinha morrido.

Sinto o maxilar contrair

É assim que ela fala comigo após tanto tempo sem qualquer contato.

Desde que fiz dezoito e saí de casa, essa é a primeira vez que nos conversamos, mesmo que eu tenha continuado morando em nossa cidadezinha

e ela e Jodelle

pudessem me encontrar se

desejassem.

Quando fui embora, assinei um documento abrindo mão da minha parte da casa, que era do meu pai, porque eu só queria me livrar daquelas duas.

Peyton e a mãe venderam tudo e foram embora para a capital. Nunca mais as vi. Não me procuraram, então eu não tenho a menor ideia da razão dela estar me telefonando agora.

— O que você quer, Peyton? Estou de saída.

— *Saída para onde?*

— Não é da sua conta.

— *Nossa, que grosseria.*

Reviro os olhos, sentindo uma pontada de dor cabeça ter início.

É irônico

o que ela me acuse de rudeza quando junto à mãe,

sempre me tratou aos gritos.

— *Não tem problema, irmã. Eu não sou rancorosa. Como vai a vida em Nova Iorque?*

— Como sabe que estou em Nova Iorque?

— *Porque fui procurá-la naquele fim de mundo onde nascemos e me disseram*

que tinha

se mudado. Por quê? Não é do

tipo

que vive em cidade grande. Na verdade, [Austanville](#)

[\[13\]](#) combina

com você: sem graça e simplória.

— Ligou para me ofender? Porque se foi, procure uma nova vítima. Sou imune ao seu veneno. T

omei antitetânica esse ano.

— *Haha! Muito*

engraçada. Finalmente

começou a mostrar

as

garras, Harper?

— Como eu te disse antes, estou com pressa, Peyton. Se puder dizer de uma vez o que quer, facilitaria o trabalho para nós

duas.

— *Quero ir visitá-la.*

É a minha vez de dar risada.

— Virou comediante?

— *Não entendi.*

— Eu saí da casa que pertenceu ao meu pai, abrindo mão do que era meu por direito,

por uma razão: não a queria por perto. Nem
você e nem sua mãe. E agora que finalmente
estou livre

de vocês, a

receberia em minha casa? Talvez em outra vida. Ou, quem sabe,
nem assim.

— *Ingrata. Mamãe te criou como se fosse filha dela.*

— Quando isso aconteceu, Peyton? Nos dias em que meu pai
viajava e ela me deixava passando fome? Ou quem sabe quando
escondia shampoo e condicionador

e dizia

que eu tinha que

me virar com sabonete porque não precisava daqueles luxos? Ou
quando me trancava em casa por um fim de semana inteiro para
viajar

para visitar

os parentes de vocês, me deixando sozinha e sem

comida quando eu só tinha oito anos?

— *Você é muito dramática.*

— E você é uma sem noção. Já ouviu aquele ditado: quem bate esquece, mas quem apanha não? Eu apanhei muito, literal e

figurativamente

falando. Vocês perderam o poder sobre mim. Se

acha que vai se aproximar só porque moro em Nova Iorque, não me conhece tão bem assim.

Desligo o telefone, tremendo e com muita raiva de mim mesma por perder o controle desse jeito.

Eu nunca fiz terapia porque não tive dinheiro

suficiente,

mas

já li

muito a respeito e sei que quando você se descontrola assim na frente do inimigo, dá poder a ele.

Pensei que era imune às lembranças, mas pelo visto, elas ainda estão muito enraizadas dentro de mim, causando estragos.

Vou para o banheiro, apertando os olhos para não chorar

.

Acabou. Peyton e Jodelle

são apenas memórias ruins de um

passado. Elas não podem mais me fazer mal.

Eu preciso repetir isso como um mantra. Não posso me dar ao luxo de quebrar. Não há ninguém para reunir meus pedaços depois.



Capítulo 24

— Aconteceu alguma coisa — Elina afirma quando Zoe, a esposa de outro primo de Dionysus, entra no provador

.

— Você tem bola de cristal?

— Não. Sou apenas observadora. Por muito tempo ouvi mais do que falei e aprendi a decifrar as pessoas. Conte-me.

Eu poderia falar

sobre minha noite insone depois da conversa

para lá de inadequada com meu chefe, mas não sou tão corajosa assim, então opto por relatar o telefonema de Peyton.

Depois que me vesti e peguei a babá eletrônica, esperei, monitorando-o pelo aparelho até a hora em que ele saiu do quarto.

Eu o vi puxar a cadeira de balanço e observar o filho no

berço. Ficou ali por muito tempo e o contraste entre o pai amoroso e o homem sedutor é tão encantador que enlouquece todo meu sistema.

— Lembra que eu te contei que tenho uma irmã de criação e uma madrasta?

— Sim.

— Peyton, a *quase* irmã que nunca foi nada para mim além de uma estranha, me ligou. Queria me visitar em Manhattan.

— E isso seria tão ruim assim?

Penso se devo contar a minha história para ela, mas não quero que sinta pena de mim, então, resumo tudo.

— Depois que meu pai morreu, fiquei

sob a guarda de

Jodelle,

minha madrasta. Enquanto morei com elas, a vida foi um inferno. Eu quero distância das duas.

— Disse isso à sua irmã?

— Ela não é minha irmã.

Lembro de Keith. Ele sim foi o único amigo que tive.

— Ainda assim, ela tem o poder de lhe chatear

.

— Eu sei. Pensei sobre isso. Ainda permito que me magoem.

— Às vezes não é questão de *permitir*

. Somos humanos,

falhos e emoções são difíceis

de serem contidas na maior parte do

tempo. Quer ouvir um conselho de alguém que veio de uma família totalmente disfuncional?

Aceno com a cabeça, fazendo que sim.

— Não se cobre tanto. Ninguém é forte o tempo todo. Não precisa ser perfeita,

basta aprender a dizer o “não” e ficar

bem com

isso. Disse que elas eram más para você, então não deve nada a nenhuma das duas.

— Obrigada, Elina.

— Vai ser esse — Zoe, uma ex-top model linda

de viver, sai

da cabine dentro de um vestido cor de champanhe. — Já escolheram o de vocês?

— Cici está entre o vermelho e o rosa chá.

— Vermelho, sempre! — a esposa de Christos diz.

— Para combinar com o cabelo? — pergunto desanimada.

— Amor, não tem como esconder seu tom de cabelo. É uma ruiva natural e algumas mulheres dariam um braço para ter fios dessa cor. Eu voto no vermelho sem sombra de dúvidas.

— É cinco vezes o que posso dispor em uma roupa desse tipo. A chance de que eu seja convidada para outro casamento é bem pequena e se acontecer, provavelmente vai ser entre vocês, o que significa

que não vou poder repeti-lo. É um investimento alto para usar uma vez só.

— Para sua sorte, essa loja

me pertence — a amiga da grega

fala. — Escolha o que quiser

, vai ser presente.

Olho para Elina com vontade de enforcá-la e beijá-la ao

mesmo tempo.

— Fez de propósito — acuso. — Por isso me disse para vir com vocês.

Ela dá de ombros, nem um pouco constrangida.

— Fiz, sim. Sabia que não aceitaria

se eu oferecesse, mas

não pode fazer uma desfeita a Zoe.

O telefone

dela toca e enquanto converso com Zoe, que tenta

me convencer a levar também sandálias prateadas combinando, a esposa de Odin se afasta para atender

.

Quando volta, cinco minutos depois, diz:

— Dionysus vai viajar

. Deve voltar só na véspera do

casamento. Pediu que eu ficasse

com Joseph até lá, o que significa

que tem todas as noites livres a partir de hoje, Cici.

— Ele não confia em mim para ficar sozinha com o filho

—

falo o óbvio e apesar de estar desapontada por apenas vinte e quatro horas depois já ser separada do menino, não tenho como deixar de entender a posição do meu chefe.

Para ele, sou uma estranha, então não confia que eu fique sem supervisão com seu herdeiro enquanto viaja.

Elina concorda com a cabeça e com seu jeito nada diplomático, fala:

— Eu também não confiaria

em você, no lugar dele. Não me

leve a mal, mas é recém-contratada e de jeito

nenhum eu sairia

da

cidade e a deixaria com meus filhos com tão pouco tempo trabalhando para mim.



— Olhando por esse ponto de vista... — falo,
procurando não
me chatear muito.

— Pense pelo lado positivo:

tem uma casa de quase mil

metros quadrados somente para você. Três piscinas e nada de chefe
rabugento para perturbar.

— Ele não é rabugento. Não muito, ao menos — completo e as duas
gargalham.

— Claro que não. Os homens gregos são todos uns *amores*

— Zoe debocha. — Agora vamos ao que interessa: qual penteado
usaremos?

É estranho ter uma mansão à minha disposição,

mas quando

cheguei da farra de compras com Zoe e Elina, Barbara me disse que foi

orientada pelo “doutor Kostanidis” para que eu ficasse à vontade.

Sabe aquela história de “quem procura, acha”?

Foi o que aconteceu.

Depois de rodar a casa inteira

tentando me familiarizar

, sigo

para a bibliote

ca, certa de que Dionysus não vai se importar se eu pegar um dos seus livros.

Assim que dou alguns passos para o interior

do aposento, no

entanto, sinto como se tivesse levado um soco na boca do estômago quando vejo uma foto dele com um braço em volta do ombro de Sue e o outro segurando Joseph.

Sei que ela está morta, mas eu não consigo deixar de odiá-la.

Não, ódio é pouco. Eu a desprezo com todas as minhas forças.

Saio correndo porque mesmo a imagem dela me faz mal. Eu me sinto sufocar ao me lembrar do que ela fez.

Subo as escadas correndo e troco o pijama por um biquíni.

Eu li em um site sobre transtorno da ansiedade que, quando nos sentimos assim, devemos tentar algum exercício físico para combatê-la, não uma atividade intelectual.

Desço em direção à piscina aquecida e sem nem testar a água, me jogo nela.

Eu não saberia dizer por quanto tempo nado, mas quando saio, meus músculos estão exaustos e a mente, entorpecida.

Subo para o meu quarto como um robô e depois de uma chuveirada, caio na cama de roupão mesmo.

Eu não quero pensar naquela miserável. Eu espero que ela esteja queimando no inferno.



Capítulo 25

Tornou-se uma espécie de obsessão desvendar o passado de Sue com Dionysus.

Eu sei quem ela foi, mas e ele, sabia? Acho que não. Pelo que conheço do meu chefe até agora, não é o tipo de homem que se

uniria a alguém como a ex-mulher de Keith, então é claro que o enganou.

O que não faz sentido, é que, ao contrário do meu amigo, que era bom demais para esse mundo, Dionysus é um homem vivido, experiente com mulheres, então não consigo entender como não percebeu que Sue era tão falsa quanto uma nota de três dólares.

Ela o seduziu? Duvido. Não há maneira de que apenas um corpo e boas noites de sexo, o enganassem assim.

Então eu me lembro de Keith e de nossas conversas. O quanto ele parecia apaixonado, encantado pela “boa moça” que conhecera na cafeteria da faculdade.

Quando se encontraram, ele já era rico, mas poucos sabiam do fato. Na verdade, apenas os mais próximos.

Eu me lembro como se fosse hoje do dia em que ele me telefonou para contar que estava apaixonado e iria se casar

.

Não havia palavras o sufici

ente para elogiá-la.

Keith a pintou

como uma santa: amorosa e doce.

Eu já tinha saído de casa. Morava sozinha e ele me ajudou nos primeiros passos. Alugou um apartamento para mim — valor esse que o reembolsei integralmente assim que pude. Consegui um emprego e me libertei de vez das garras de Jodelle.

Eu estava prestes a me mudar para a Califórnia,

onde ele nasceu

e cresceu porque foi isso o que combinamos, implicitamente: que em algum momento, estaríamos juntos. Tudo mudou quando Sue entrou na equação.

Ainda que nenhum de nós ansiasse por um relacionamento amoroso, eu o adorava e queria estar onde ele estivesse.

Não havia atração física.

Ainda assim, morar com ele, ou perto,

ao menos, era minha ideia

de paraíso porque Keith se tornou minha

referência

no que dizia

respeito a amor, desde que meu pai falecera.

Eu estava louca para conhecer a mulher que roubou o coração do meu amigo, mas a cada vez que sugeria um encontro, ele dava uma desculpa, até que finalmente

me confessou que comentou com

Sue a meu respeito e ela ficou com ciúmes de mim.

Eu entendi o que ele não falou:

não haveria mais um *nós*, a

amizade estava suspensa e o contato ocorreria esporadicamente e à distância.

Fiquei

triste porque nem mesmo para o casamento fui

convidada,

mas o amor e carinho que eu sentia por ele eram tão grandes que sua felicidade era a minha também.

Desejei-lhe boa sorte e segui em frente.

Os telefonema

s rarearam, as mensagens de texto também.

Aprendi a ser sozinha, como sempre.

Os meses se passaram e presumi, corretamente, que já estava casado. Esperei que da próxima vez que nos falássemos, pudesse ser como antigamente e que sua mulher entenderia que não havia o que temer. Éramos apenas amigos.

Entretanto, quando ele fez o próximo contato, cinco meses depois de casado, lembrava muito pouco o rapaz que eu conheci.

Nunca vou me esquecer de seu rosto naquela chamada de vídeo que fizemos após meses sem qualquer notícia. Inicialmente, tomei

um susto apenas pelo fato dele me procurar, depois, eu me esqueci da mágoa por Keith ter me posto de lado com tanta facilidade assim

que vi seu rosto abatido, na verdade, transtornado.

Estava diferente, triste e um tanto paranoico.

Disse-me que Sue não era quem pensava, que era interesseira e cruel.

Eu não soube o que falar

. Achei que era uma briga de casal e

que tudo ficaria

bem. Não foi o que aconteceu. No telefonema

seguinte ele me disse que ela estava grávida e que temia pela própria vida.

Aquilo

me ligou

um sinal

de alerta com letras em *neon*. Keith era

a pessoa mais crédula que eu conheci. Para ele, todos eram bons e chegar ao ponto de desconfiar que a própria esposa poderia prejudicá-lo,

usar de violência

, me mostrou que seu medo era muito

real.

Combinamos de manter contato até que pudéssemos nos ver.

Implorei

para ir encontrá-lo, mas naquele ponto, ele estava

preocupado por mim também.

Comecei a ficar apavorada. Quem era aquela mulher?

Um dia, ele me ligou,

a voz era de alguém que não estava mais

no controle das próprias emoções.

Keith me deu o passo a passo caso algo lhe acontecesse. Me fez jurar que olharia por seu filho

que ainda nem nascera, que o

protegeria daquela a quem chamou de monstro.

Pedi que fosse embora de casa, mas ele me disse que não podia.

Tinha medo que para puni-lo, Sue prejudicasse o bebê.

Conversamos por horas, tentando encontrar uma solução. Não havia, até que a criança nascesse. Enquanto Sue estivesse grávida, meu amigo era refém dela.

Na semana seguinte, tentei entrar em contato. O celular não respondia. Mandeí e-mail e me desesperei quando os dias passavam sem notícias, até que decidi pesquisar seu nome na internet.

Eu nunca me esquecerei de quando descobri sobre sua morte.

Não acreditei por um segundo sequer que fora acidental.

Ela fez aquilo e eu jurei que a faria pagar

.

Keith não tinha mais ninguém para lhe fazer justiça. A avó já morrera há muito tempo, ele precisava de mim como um dia eu

precisei dele.

Juntei minhas últimas economias e fui para San [José\[14\]](#). Eu era ingênua, nunca tinha saído do Kansas e nem sabia por onde começar a busca por Sue.

Com meus poucos recursos, perdi meses preciosos até descobrir que ela estava morando em Nova Iorque e que havia se casado com um grego poderoso. Vi a foto dos dois nos jornais, ela com Joseph

nos braços. Pela idade do bebê relatada na reportagem, sabia que era o filho do meu amigo.

Olho para a criança sentada no chão em seu rico quarto de brincar. A mesma pela qual sou responsável agora.

Por tudo o que aconteceu, Deus foi generoso com Joseph, lhe dando não somente um pai substituto amoroso, como uma boa família.

Você não tem ideia do quanto seu pai o adorava mesmo sem conhecê-lo, meu amor — digo em silêncio.

— *O quanto ele se*

arriscou para te proteger

.

Joseph é uma criança calada, percebi, pelo pouco tempo que convivemos e eu me pergunto se tem a ver com o que passou ainda no útero materno: as brigas, o ódio recíproco dos pais.

Ele levanta a cabeça do joguinho de montar que estava brincando e me oferece uma das peças, sorrindo.

— Quer que eu brinque com você?

Ele balança a cabeça, fazendo que sim.

— Não sei se me entende, mas eu te amo, Joseph. Eu amava seu pai e te amo com a mesma devoção. Não há nada que eu deixaria de fazer para garantir que seja feliz.



Capítulo 26

Três dias depois

Maníaco por controle é sem dúvida uma boa definição para mim. Mesmo tendo que vir para uma reunião de emergência na Europa, onde estou tentando adquirir a maior emissora de tv francesa, eu preciso saber o que se passa em casa.

Em minha defesa, quando verifiquei

as câmeras de

segurança da residência,

não foi

para espionar, mas para conferir

se

tudo estava bem mesmo.

Joseph, eu sabia que estava protegido com Odin e Elina, mas e quanto a Cecily? Como estaria minha ruiva sexy que se transformou em minha obsessão erótica?

Propositadamente, não lhe telefonei desde que viajei. Há algo na mulher que me faz perder o controle pelo qual sou tão conhecido e dos relatórios que tive de Barbara, soube que o curto relacionamento de Cecily com Joseph tem sido perfeito.

A governanta me disse que meu filho

sorri o tempo todo

quando a nova babá está por perto.

O bem-estar de Joseph sempre estará acima do desejo que sinto por ela. Eu não posso me arriscar a perder alguém que tem sido importante para ele por uma aventura que, eu sei, não durará mais de uma noite.

Entretanto, como uma provocação, uma tentação balançando bem diante do meu rosto, eu não consigo desviar os olhos das câmeras de segurança da casa. Particularmente

a que está na área

da piscina aquecida, porque acabo de descobrir que nas últimas três noites, Cecily

tem nadado em um minúsculo

biquíni

branco que me

mostra cada centímetro de seu corpo delicioso.

Não importa o quão eu diga a mim mesmo que é pervertido ficar olhando-a. Não consigo parar agora que descobri seu segredo.

Posso me justificar

dizendo que aquela não é uma câmera

secreta, é como tantas outras que ficam espalhadas pela casa.

Ela tem conhecimento delas? Acho que não. Cecily

pode ser

sexy, mas não é provocadora.

Seguro a tampa do notebook com a intenção de fechá-lo, mas não o faço, os olhos ainda focados na imagem congelada de Cecily quase nua saindo da água na noite passada com o corpo todo respingando.

Como se tentasse testar minha sanidade, o telefone

toca com

uma mensagem dela.

Cecily: “Bom dia, senhor Dionysus. Eu gostaria de saber se há algum traje particular que deseja que Joseph use para o casamento, já que Elina me falou que o senhor chegará em cima da hora para a cerimônia. Barbara não soube dizer

. Caso precise que

eu providencie uma roupa para ele, deixe-me saber para que eu possa comprá-la quando sair da biblioteca hoje.”

Biblioteca?

Do que diabos ela está falando?

Toco no visor para completar a chamada.

— O que vai fazer na biblioteca?

Seu contrato com Elina

está

suspenso — falo assim que ela atende, após o telefone tocar somente duas vezes.

— *Bom dia, doutor... hum... Dionysus. Eu combinei com Elina de trabalhar meio expediente, na parte da manhã. O que me foi dito é que eu teria o dia livre, então, não vejo qual é o problema.*

— O que eu te disse é que talvez precise de você em outros horários, caso a senhora Nuttle falte ao trabalho.

— *Nesse caso, estarei*

à disposição.

Já expliquei

a Elina

sobre essas eventualidades.

Recebeu minha mensagem sobre a

roupa de Joseph, suponho — continua, já mudando de assunto, mas não estou disposto a largar esse osso tão cedo.

— Não estou lhe pagando o suficiente?

— *O quê?*

— Não está satisfeita

com o salário, por isso quer ir para a

biblioteca?

— *Claro que estou. Sabe que me paga muito acima do mercado.*

— Qual é o problema?

— *Não há problema algum, mas gosto de tornar meu dia produtivo.*

— Estude, então.

— *Não entendi.*

— Faça um curso universitário online. Eu pago.

— *Nem me contratou definitivamente ainda.*

— Estou contratando-a agora. Acabou o prazo de experiência.

— *E se eu não quiser ficar?*

— Você quer ficar

.

— *Sim, eu quero.*

— Então por que é tão teimosa?

— *Não estou sendo teimosa.*

Estou sendo independente. Se

não quer que eu continue na biblioteca,

tudo bem, mas não vou

deixar que pague um curso universitário para mim. Com o salário

que recebo, eu mesma poderei custeá-lo. Obrigada.

— Teimosa.

— *Esse não é o tipo de conversa adequada para termos* —

ela diz e mesmo sabendo que está certa, me irrita.

Eu não posso tê-la, mas não quero abrir mão da intimidade entre nós tampouco.

— Não dou a mínima para adequações.

— *Porque é o dono do seu mundo.*

— Isso mesmo.

— *Pois eu também sou do meu. Essas provocações entre nós
terminarão*

comigo demitida e o senhor, seguindo para a próxima conquista.

Ela está coberta de razão, mas não aceito ser contrariado.

— Acha que estou tentando conquistá-la?

Cecily

custa a responder e eu me sinto um cretino, porque sei que desde aquele dia no hospital, há uma teia de sedução se desenvolvendo entre nós.

— *Não... quero dizer*

, eu me expressei

mal. Só que você me

deixa confusa porque nunca sei como agir

.

Diabos! O que estou fazendo? Preciso dar um basta nisso.

— Não estou tentando te conquistar, apenas sendo amigável.

Deixe-me saber se mudar de ideia sobre a universidade. Pode continuar com seu trabalho de meio expediente na biblioteca também, desde que esteja disponível

quando eu precisar que fique

um turno extra com Joseph.

— *Eu estarei...*

— Sobre a roupa do meu filho,

enviarei uma estilista

com

alguns modelos para que você escolha. Eu só vou chegar no dia do casamento mesmo. Encontrarei com ele lá.

— *Madison me convidou para a cerimônia e a festa.*

— E você vai?

— *Se não tiver nada de errado para o senhor*

, irei sim.

— E por que teria? O que faz com sua vida fora do expediente não me diz respeito, Cecily

.

Depois que desligo,

fico

olhando para o aparelho, odiando a

maneira como apenas ouvir a voz dela me descontrola.

Saber que quero o que não posso ter me irrita, mas de maneira contraditória, é excitante também.

Ela disse que não sabe como agir comigo. Eu também não.

Cecily deveria ser minha funcionária, mas em pouco tempo de convívio, se tornou minha obsessão.

Pego novamente o celular

, determinado a apagar a babá dos

meus pensamentos.

Desde que a conheci, não saio com uma mulher, me dando a desculpa de que estou sem tempo, quando, na verdade, sei que é porque nenhuma delas é *ela*.

Chegou a hora de mudar isso.



Capítulo 27

Dia do casamento de Madison

Cage: *“Eu já estava perdendo as esperanças. Isso significa que terei ao menos uma dança com você hoje?”*

Aperto o celular com força, nervosa para caramba.

Sei que ao tomar a iniciativa

de enviar uma mensagem para

ele, estou lhe dando possibilidade

de um algo mais, mas eu preciso

parar de pensar em Dionysus ou vou botar minha situação com Joseph a perder.

Depois do telefonema com meu chefe em que ele deixou bem claro quem sou, ou melhor, quem não sou em sua vida, eu já estava decidida a esquecê-lo de vez, mas não foi aquilo o que deu o empurrão que faltava para entrar em contato com Cage e sim, ao navegar em um site de celebridades na internet hoje cedo, encontrar uma foto dele com uma famosa atriz francesa.

Ciúme não é algo racional. A possessividade em relação a ele tampouco, mas eu me senti um pouco louca quando o vi com a mulher e li a manchete: “Magnata da mídia supera a viuvez com uma amiga do passado”.

Como uma masoquista, li toda a reportagem.

“O magnata da família

de banqueiros

gregos e também dono

da maior emissora de tv do mundo, Dionysus Kostanidis, deixou

claro

que superou a viuvez ao retomar

a vida de conquist

as e voltar

a aparecer acompanhado em público.

Até agora, o bilion

ário havia

sido discreto,

em nome da morte de sua esposa, Sue. Isso tudo mudou na noite de ontem, quando foi visto em situação de intimidade

com uma famosa atriz

francesa. A coluna torce para um

recomeço do grego poderoso, mas já deixa como aviso para as

candidatas de plantão que, se Dionysus voltar à velha forma, teremos muitos corações partidos pelo planeta.

”

Não é problema meu — repito sem cessar.

Melhor que seja assim. Não vim para Nova Iorque para servir de brinquedo para um bilionário.

“Uma dança? Se contentará apenas com uma, senhor?”

Envio a resposta antes que me arrependa.

Eu não sei fler

tar, mas o medo de reencontrar meu chefe com

sua deslumbrante companhia faz meu estômago embrulhar, então, jogo a prudência para o inferno.

Talvez o que eu precise seja mesmo sair com alguém.

Cage: *“Não quero assustar você. Esperei muito por sua mensagem.”*

“Não estou assustada. Já sou grandinha.”

Largo o celular

em cima da cama, porque apesar de saber

que estou fazendo a coisa certa ao tentar apagar de uma vez por todas Dionysus da minha mente, a sensação de estar usando Cage me faz sentir culpada.

— Posso entrar? — Elina

pergunta segundos antes de abrir a

porta.

Quando a vejo com Joseph no colo, a tristeza que estava começando a se instalar

, desaparece.

— Meu Deus do céu, você está muito lindo, meu amor!

Eu escolhi um terno de três peças para ele, branco e com gravata azul-bebê.

Ele sorri quando abro os braços e se joga no meu colo.

— Não está pronta ainda?

Elina me chamou para que eu fosse me arrumar na casa dela, pois contratou uma maquiadora e uma cabeleireira para

atender as mulheres da família.

— O cabelo e a maquiagem, sim. Falta só colocar o vestido

— digo, apontando para o traje vermelho, de alças fininhas, longo e completamente colado ao corpo, que ela e Zoe me convenceram a aceitar de presente.

— Vai ficar linda. Será difícil

para os homens solteiros

desviarem o olhar

.

— Mesmo o meu chefe? — pergunto, imprudente.



— Cici...

— Estou brincando. Ele está saindo com uma modelo.

— Está?

— Vi sem querer em um site de celebridades.

Além do mais,

minha relação com ele é somente profissional.

Eu mandei uma

mensagem para Cage.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Mandou a mensagem para Cage? Disse-me que não estava interessada nele.

— Talvez eu precise apenas lhe dar uma chance.

— Não acredito nisso. Ou um homem faz seu coração disparar, ou não faz. É simples assim.

— Meu coração é estúpido, Elina. Dispara pela pessoa errada. Talvez tenha chegado o momento de ensiná-lo.

Olho-me na frente do espelho uma última vez antes de descer. A despeito do que disse a Elina, é a perspectiva de reencontrar Dionysus o que está me deixando de pernas bambas e não o fato de eu ter dado abertura para uma aproximação de Cage.

Pensar em encontrar o executivo do banco Kostanidis não faz meu coração errar sequer uma batida.

Estou me sentindo como uma princesa de um conto de fadas.

Ainda que constrangida por ter aceitado um presente tão caro de Zoe, não tenho como negar que a roupa e sandália, assim como

maquiagem e cabelo, não me deixarão destoar em nada das outras convidadas.

Há cerca de meia hora, Cage mandou uma mensagem se oferecendo para vir me buscar e eu quase neguei, mas estou determinada a deixar minha caipirice de lado.

Ele não é um total estranho, e sim, um alto funcionário do

banco Kostanidis. Também se mostrou um cavalheiro até agora, então não há razão para que não confie nele.

Saio do quarto porque ele já deve estar chegando.

Elina irá com o marido, filhos

e Joseph e eu deveria ir em

seguida com Lisa. Será ela quem ficará

com o meu menino hoje e

por mais que não seja isso o que desejo, não posso contrariar uma ordem direta do nosso patrão.

Como aceitei

a oferta de Cage para me apanhar, Lisa já saiu

com Anderson. Estou sozinha.

A casa está em silêncio

porque todos já se foram, então eu

tomo um susto quando chego no alto da escada e ao olhar para baixo, me deparo com Dionysus.

Por um instante, nenhum de nós fala e eu tento combater a saudade que senti.

Não funciona e não ajuda o fato de que ele está lindo de morrer em um terno cinza e, assim como o de Joseph, de três peças.

As pernas perdem a força e eu preciso me segurar no corrimão enquanto seus olhos me percorrem inteira.

Ele me olha como se eu fosse sua refeição favorita e estivesse faminto.

— Joseph já foi na frente com Elina — aviso, ainda sem coragem de começar a descer a escada.

— Eu sei.

— Não tem mais ninguém na casa.

Ele acena com a cabeça, deixando claro que está ciente daquilo também e meu nervosismo aumenta.

— Essa cor combina com você. Está linda, Cecily

.

Meu coração dispara diante do elogio inesperado e quando ele faz menção de vir ao meu encontro, sei que preciso tomar uma atitude ou estarei perdida.



Capítulo 28

Concentro-me na lembrança da imagem dele com a atriz e uma raiva assassina se espalha dentro de mim.

Quase recuperada do impacto de sua presença, ergo o queixo e começo a descer como se me sentisse muito segura, o que é uma mentira.

— Obrigada — digo ao passar por ele, como se estivesse muito acostumada com um homem lindo me elogiando.

Antes que me afaste, porém, ele segura meu braço.

Ao invés de encará-lo, olho para onde seus dedos tocam minha pele.

Dionysus é quente em todos os sentidos. Eu quero mais dessas mãos em mim, preciso delas me tocando inteira.

A atriz,

Cecily

. Apenas há dois dias o mulherengo estava com

outra mulher

. Ele está jogando com sua cabeça, talvez

orgulhoso

de

deixá-la trêmula como uma boba.

— Vou levar você — diz.

A declaração arrogante me deixa louca.

— Mesmo? Achei que viesse acompanhado ao casamento.

Esqueceu a atriz francesa na esteira do aeroporto?

Jesus Cristo, cale-se, Cecily! Daria para escrever uma enciclopédia só com os erros que acaba de cometer

.

O que você tem a ver com a vida amorosa do seu patrão?

É meu lado racional

implorando

para que eu lhe dê atenção,

mas o ciúme é muito mais forte porque mesmo sabendo o quanto estou me iludindo,

aquela bendita voz continua repetindo sem

cessar: *meu*.

Eu o encaro, tentando avaliar o tamanho do estrago que minhas palavras causaram, mas fico

irritada

quando noto um olhar

divertido.

Ele está rindo de mim, o bastardo destruidor de corações.

— Eu não transei com ela, ruiva.

— Não dou a mínima.

— Deveria, já que você foi a culpada por destruir minha foda.

Solto-me de seu aperto, preocupada em, se continuar tão perto, bater nele para arrancar aquele sorriso convencido de seu rosto.

— Não atrapalhei nada. Pode dormir com quem quiser, eu não ligo.

Seu sorriso de lobo mau aumenta.

— Quando saio com uma mulher, a última coisa que faço é dormir.

Engulo em seco, sentindo o centro das minhas coxas pulsarem.

— Tenho certeza de que sim. Agora se me der licença, tenho um casamento para comparecer.

Estou de costas para ele, mas não me afasto rápido o bastante e quase desmaio quando o sinto às minhas costas, a boca sussurrando perto da minha orelha:

— Eu não quero outra mulher.

— Não me importo com o que deseja, senhor

.

Ele afasta uma mecha do meu cabelo para o lado.

— Tão mentirosa. Está tremendo, Cecily

, e nós dois sabemos

a razão. É o mesmo motivo pelo qual, não importa o quanto tente racionalizar

, não consigo me manter longe.

Fico cansada de mentir e volto-me para encará-lo.

— Não me deseja realmente. Só está curioso. Pode ter a mulher que quiser, e talvez essa certeza o deixe entediado e o faça querer

brincar com alguém que não pertence ao seu mundo. Eu teria que estar morta para não me sentir atraída também, mas tenho muito a perder, Dionysus. Não vou voltar para o Kansas. Meu lugar é aqui e se você me permitir

, pretendo cuidar de Joseph por muito

tempo. Procure outra mulher para se divertir

, com todo o respeito,

senhor.

— É isso o que você quer?

— Não.

— Então por que está mentindo?

— Não estou mentindo, e sim, me protegendo.

— Eu quero a verdade.

— Ainda estamos naquele acordo em que posso falar sem que me julgue?

— Sim.

— Sobre meus desejos, o que quero é saber como é me tocar ouvindo sua voz. Ter certeza finalmente

do que é um orgasmo.

Sonhei que você me via fazendo isso e acordei com o corpo em chamas.

Se ele não fosse quem é, eu poderia ficar

assustada com a

intensidade

de seu olhar depois do que digo, porque parece prestes a rasgar minha roupa.

— Continue. O que mais você quer?

— Eu não sei muito sobre sexo, senhor, a não ser na teoria, mas pela maneira como fico quente quando está por perto, acho que qualquer coisa entre nós seria muito... forte.

Ele abaixa o rosto e me cheira na curva entre ombro e pescoço. Eu estremeço.

— *Forte?*

Acha que seria *forte*?

Eu te viraria

do avesso,

Cecily

. Agora mesmo quero rasgar subir esse vestido, me ajoelhar e

chupar sua boceta até te ouvir gritar meu nome. Garantir não só que você saiba o que é um orgasmo realmente, mas te dar a certeza de que não vou parar até que não possa me ver sem conseguir imaginar meus dedos, línguas e pau em você.

Eu me sinto tão fraca com essas palavras que preciso me apoiar no antebraço dele.

— Vê o que consigo fazer somente te dizendo o que quero?

Acha que se fodêssemos seria “forte”? Não, ruiva. Quando eu tomar você, a porra do planeta vai sair do eixo.

Obrigo-me a não me deixar levar pelo que diz. Tudo não passa de uma fantasia de duas pessoas que se desejam.

Mesmo que eu não esperasse nada dele depois, assim que eu cedesse, me mandaria embora e eu perderia para sempre o contato com Joseph.

— Não vai acontecer porque vivemos em planetas diferentes.

Eu preciso do meu emprego e estou determinada a mantê-lo. Não vai me querer por perto quando tudo terminar

. Pode negar isso?

Ele não diz nada e eu já tenho minha resposta.

Não lhe dou tempo de continuar falando porque apesar de tentar fazer uso da razão, o que ele disse, “quando eu tomar você, a porra do planeta vai sair do eixo”, é um convite tão tentador que sinto medo de ceder.

Eu mal chego à porta e sua voz me para novamente:

— Eu disse que vou te levar

.

Soa zangado e acho que frustrado também.

Nós dois estamos, porque o desejo que sentimos é um catalisador perigoso.

Olho para trás.

— Obrigada, não precisa. Eu já tenho carona.

Como se tivesse sido combinado, a campainha toca e ando depressa para abrir a porta.

Cage me encara do outro lado, sorrindo e sem disfarçar o interesse em mim.

Seu olhar não me causa nada, a não ser uma massagem no ego. Sei que nunca haverá algo entre nós, mas preciso de uma distração antes que cometa um erro que me custará muito caro.



Capítulo 29

— Você está linda — Cage repete o mesmo que Dionysus, quando abre a porta do carro para mim.

Dessa vez, porém, meu coração não dispara.

— Obrigada.

Ainda estou me recuperando da conversa de há pouco e do fato de que Dionysus foi

até a porta enquanto eu saía, não respondeu ao

cumprimento de Cage e se eu pudesse adivinhar

, quase voou na

jugular do meu acompanhante.

— Eu nunca imaginei
ver Zeus casando-se — o executivo diz,
acho que muito mais para preencher o silêncio
incômodo do que
para conversar sobre a vida amorosa de seu empregador.



Fecho meu cinto de segurança e me viro para encará-lo.

— Eu te mandei uma mensagem porque você me disse que estava oferecendo amizade, então, só para deixar claro, é isso que estou aceitando, Cage. Uma dança ou duas. Sua companhia e boa conversa. Nada além.

Ele não parece chateado.

— Posso saber por que não?

— Eu não tenho uma resposta para lhe dar no momento, apenas que não estou procurando romance.

Eu tenho, sim, uma resposta para dar, mas o que vou dizer?

Confessar que qualquer homem perto de Dionysus parece sem graça e apagado? Ou que a minha pele ainda formiga com a

promessa indecorosa de me dar prazer que meu chefe acaba de me fazer?

— Eu aceito sua amizade e as danças, Cici.

Por enquanto, não

vou te pedir nada além disso.

— É o melhor dançarino da festa, sabia disso? — pergunto a Joseph, que gargalha em meus braços enquanto giro com ele no meio da pista.

Pela minha visão periférica

, sinto os olhos de toda a família

Kostanidis,

e também dos Lykaios, em nós dois, mas no momento minha atenção é completamente do meu parceiro de festa.

— Maisssss, Shishi.

— Quer girar outra vez? Meu Deus do céu, você é incansável!

Sinto mãozinhas puxando minhas pernas e quando olho para baixo, vejo os gêmeos sobrinhos de Madison aparentemente querendo entrar na brincadeira também.

Coloco Joseph no chão e na mesma hora ele dá a mão para Soraya. Eu seguro com a minha livre a de Silas e formamos uma roda. As crianças dançam, imitando minhas palhaçadas e eu sinto meu peito desoprimir da intensidade do encontro com meu chefe mais cedo.

Ficamos na pista por várias músicas até que Lisa e a avó dos gêmeos e mãe de criação da noiva, se aproximam, talvez para me dar um descanso.

Assim que eles saem, porém, ouço Cage perguntar:

— Minha vez novamente?

Já dançamos algumas músicas e até agora, ele tem se comportado.

Antes que eu possa responder, o homem que faz minha pele inteira se arrepiar apenas com sua presença diz:

— Não, é a minha vez.

Eu sei que é totalmente inadequado aceitar dançar com ele e sei também que provavelmente seremos alvo de fofocas amanhã, mas se o grego não está preocupado, não sou eu que vou dizer não.

Uma dança é uma maneira segura de estar nos braços dele, matar minha fome por sua pele sem fazer nada que possa me arrepender depois.

Percebo que Cage deixa a decisão nas minhas mãos, mas Dionysus não nasceu para esperar e então, passando o braço pelo meu quadril,

começa a se afastar comigo para um canto mais vazio da pista.

— Você está dando motivos para falarem de nós.

Ele não responde, o maxilar trincado e toda a postura demonstrando tensão.

Eu não quero brigar, no entanto, e sim, aproveitar cada segundo dessa oportunidade, então, quando ficamos de frente um para o

outro, passo os braços em volta de seu pescoço, colando ainda mais os corpos.

Ele afasta o rosto para me olhar

.

— Por que veio com ele?

— Não vim com ele como um casal. Cage havia se oferecido para me buscar antes que você chegasse. Sou livre.

Posso sair com

quem quiser.

Ambas as mãos estavam em volta da minha cintura, mas depois do que digo, uma delas escorrega para meu quadril, apertando-o.

Seguro na lapela de seu blazer porque até mesmo um simples toque dele me faz queimar inteira.

Acho que Dionysus nota, porque nos afasta cada vez mais dos olhares curiosos dos convidados.

— Fale outra vez sobre o seu sonho.

Eu não demoro a entender que ele está retomando a conversa que tivemos na casa de Elina.

— Não. Tenho vergonha.

— Eu quero ouvir. Estou obcecado imaginando seu corpo ardendo de tesão enquanto dorme. Sentindo fome pelo que eu posso te dar
— sussurra em meu ouvido.

— Não devemos ter esse tipo de conversa.

— Combinamos que falar era um território neutro.

— Enquanto não estivéssemos nos tocando.

— Não estou tocando-a. É apenas uma dança.

— Você joga com palavras e acordos conforme seu interesse, Dionysus.

— Sou um negociador implacável,

Cecily

. Eu quero ouvir sobre

seu sonho.

Escondo o rosto no peito musculoso, aspirando o cheiro másculo, excitada e embaraçada na mesma medida.

— Naquele dia, na casa de Elina, me disse para me tocar imaginando

que era você quem estava fazendo. Eu o obedeci, mas nos meus sonhos, você queria *ver* enquanto eu me acariciava

—

começo, sem acreditar que estou fazendo mesmo isso.

— Continue.

— Você me direcionava. Dizia o que queria.

— Como, Cecily?

Não ouço mais a música e percebo que estamos perto de árvores, longe da festa.

— Não tenho coragem de falar

.

— O que eu te mandava fazer?

Ele me aperta contra si e eu perco o fôlego ao sentir a pressão de sua excitação.

— Mandava que eu tirasse a roupa, me deitasse na cama e separasse as coxas. Você queria...

— Ver sua boceta — sussurra na minha orelha.

— Sim.

— Você me obedecia?

— Eu fazia, mesmo com vergonha. No meu sonho, eu gostei de me mostrar para você.

— Caralho, você é muito gostosa.

— Foi um sonho.

— Não, é o seu desejo. Tem coragem de me dizer neste instante que não está molhada enquanto dança? Eu sei que se levantar seu vestido, vai estar pingando para mim, ruiva.

— Eu quero voltar para a festa.

— Não, você quer fugir do tesão que está sentindo, mas não vai conseguir. Enquanto não matarmos essa fome, não conseguiremos quebrar esse feitiço.

Evoco com toda a minha força de vontade a lembrança de que ele é um sedutor profissional.

Eu não posso trocar minha promessa por algumas horas de prazer.

— Tem razão. Estou tentando fugir

do desejo que sinto. Ele é tão

poderoso que parece se autocomandar, como se meu corpo não me pertencesse. O problema é que eu tenho uma ideia do que virá depois. Serei mandada embora com uma boa indenização e desejo

de boa sorte. Eu não quero isso. Não me trate como uma de suas mulheres. Não sou uma conquista.

Eu me afasto e fujo

correndo antes que eu acabe voltando atrás.

Estou trêmula, com o corpo implorando pelo dele e não posso me dar ao luxo de ceder.



Capítulo 30

Uma semana depois

— Eu adoro esse trabalho. Aprendi tanto desde que comecei aqui

— falo, assim que acabo meu expediente na biblioteca da Associação para crianças disléxicas que a minha amiga fundou.

Como Dionysus está viajando

novamente e Joseph dormindo na

casa dos parentes, para não ficar
sem fazer nada, tenho passado o
dia todo aqui.

A história

de vida da grega é uma das mais bonitas que já ouvi.

Ela tem dislexia,

mas os pais foram negligentes, para dizer o

mínimo. Na verdade, pelo que me contou, o pai era um verdadeiro
monstro, humil

hando-a quando errava as palavras, escondendo sua

condição do mundo inteiro,

impedindo

que fosse acompanhada por

profissionais competentes e que dessa maneira, obtivesse ajuda.

E tudo em nome do orgulho, da vaidade. O infeliz

não queria que

seus amigos milionários descobrissem que a filha era disléxica.

Odin, assim como nos contos de fadas, a salvou, em sentido literal e
figurado.

Trabalhou sua autoestima, procurou ajuda, fez com que ela
entendesse que não era estúpida como o pai a chamava, apenas
diferente.

Elina resolveu então fundar a Associação não só para dar suporte às crianças e jovens portadores dessa condição, mas também preparar os pais para lidarem com seus filhos, sem os constrangerem ou fazerem com que se sintam inferiores.

O trabalho aqui é lindo

e desde que comecei, evoluí muito como
ser humano.

— Sabe que pode continuar pelo tempo que quiser — diz.

— Obrigada. Eu às vezes acho que você não é real.

— Eu sou, sim. Agora a pergunta é: você é real, Cici?

— O quê?

— Sou a últim

a pessoa do mundo a forçar alguém a contar
segredos, mas sei que está escondendo algo.

— Eu...

Ela faz um gesto com a mão, me interrompendo.

— Vou te dar um conselho, Cici,

não porque quero me meter na

sua vida, mas porque sou sua amiga. Está na cara que você e
Dionysus estão loucos um pelo outro, parecem uma panela de
pressão prestes a explodir

. Eu não esperava que ele fosse se

envolver com alguém com pouco menos de um ano que Sue morreu, mas aqui está você.

— Elina...

— Deixe-me concluir

. É uma ligação inusitada, sem dúvidas, e

não porque você é a babá do filho

dele, mas porque os gregos

mantêm os romances fora de casa, até escolherem aquela com quem querem formar uma família.

Se Dionysus está arriscando

tanto continuando a investir

nessa atração, é porque não considera

o que vocês têm tão passageiro assim, mesmo que ele próprio não saiba disso ainda.

— Como chegou a essa conclusão?

— Sem ofensa, mas ele pode ter a mulher que desejar. Para que complicar tudo ficando com uma que mora dentro de sua casa?

— Talvez porque não cedi ainda...

— Não, eu duvido. Eu vi vocês dois no casamento. Vai acontecer, não importa o quanto lutem contra. Se Dionysus quisesse impedir que fossem adiante, te despediria.

Na verdade, nem te contrataria,

porque desde o hospital havia uma vibração clara entre vocês. O

que estou tentando dizer, e peço perdão de antemão por estar me metendo, é: seja sempre sincera com ele.

Sinto meu sangue gelar

.

— Não sei se estou entendendo.

— A sua história tem algumas lacunas. Onde está a pessoa a quem prometeu vir para uma cidade grande e vencer na vida?

— Ele está morto — respondo, decidida

a entregar uma pequena

parcela da verdade.

— Foi coincidência ter se jogado na frente do carro de Dionysus?

Sinto meus olhos doerem de vontade de chorar porque não quero mentir para ela. Elina

não tem sido outra coisa que não maravilhosa

desde que nos conhecemos.

Como se Deus tivesse pena de mim, Odin chega, me salvando de uma resposta.

Começo a recolher minhas coisas, sem fazer contato visual com

a mulher que não merece ser enganada. Poucas vezes senti tanta

vergonha na vida.

Despeço-me rapidamente dos dois e começo a andar para a saída, mas ela diz:

— Vou te acompanhar.

Odin olha de uma para a outra e posso ver que sentiu o clima estranho, mas não fala nada.

Quando estamos na porta que dará para a rua, seguro seu braço.

— Não sabe minha história

toda, mas te juro por tudo o quanto é

mais sagrado que não sou uma má pessoa, Elina.

Não tenho nada a

esconder quanto a isso ou mesmo intenções ruins.

— Mas esconde algo sobre o passado?

— Quem não esconde? — desconverso.

— Bom ponto, mas tenha em mente que nós gregos somos rancorosos, Cici. Se isso entre você e Dionysus crescer e ele encontrar respostas sobre seu passado por si mesmo, talvez não te dê uma segunda chance. Meu conselho não solicitado, mas que

darei de qualquer maneira, é: o que quer que esteja ocultando, conte antes que ele descubra sozinho, porque tenha certeza de que eventualmente, o fará.

Saio do edifício com as pernas trêmulas e o coração disparado.

Eu sei que ela tem razão, mas eu não estou pronta ainda.

Preciso conhecê-lo um pouco melhor para ter certeza de que não vai me excluir da vida de Joseph para sempre.



Capítulo 31

Paris — França

Mais uma viagem e reuniões como tantas das quais participei.

Ultimamente, no entanto, minha concentração tem falhado.

Nem mesmo a concretização da compra da tv francesa conseguiu prender meu interesse.

Por fora, sou o homem sofis-

ticado que o mundo conhece. Rico,

culto, dono do que eu quiser

.

Por dentro, sou um primitiv

o que não aceita nada que não seja

conquistar e fazer com que o mundo se dobre à minha vontade, ainda que ela, nesse instante, seja completamente proibida.

Eu nunca vivi

a experiência

de ter uma mulher fugindo de mim e

se fosse com qualquer outra, teria certeza de que Cecily estava jogando para me manter ligado.

A surpresa é que ela não está e pela primeira vez eu me sinto encurralado em uma negociação.

Eu a desejo. Ela me deseja.

Ela não quer perder o emprego. Eu não me imagino

convivendo

com uma ex-amante dentro de casa quando eventualmente nosso caso chegar ao fim.

Principalmente uma que é a responsável pelo meu filho.

Corro a vista em volta da sala e percebo a executiva da tv que acabo de comprar tentar chamar minha atenção, colocando uma mecha do cabelo longo e sedoso atrás da orelha e me olhando através dos cílios.

Desde a primeira

vez que pisei

aqui, ela tem se insinuado

e como

não vai continuar trabalhando para mim, embora não saiba disso ainda, eu poderia satisfazer

meu corpo sedento por sexo, passando

algumas horas no meio de suas coxas.

O problema é que me conheço e sei que não me trará satisfação.

Não é a loira quem eu quero, mas minha garota ruiva e sem filtro.

A virgem inocente, mas ousada, que mesmo com vergonha me disse que se masturba pensando em mim.

Apenas a lembrança de Cecily faz meu pau ficar como madeira maciça, coisa que o decote pronunciado da francesa, os biquinhos sexies que faz com a boca e a voz rouca não conseguiram.

Até encontrar Cecily

, achei que esse era o tipo de mulher que me

atraía e talvez fosse no passado, já que mesmo Sue não tinha nada de ingênua na cama. Ela sabia como satisfazer um homem e não tinha pudores em entregar o que lhe fosse exigido.

Apesar de minha falecida esposa ter jurado que o pai biológico de Joseph fora seu único amante, eu nunca acreditei naquilo. Não a

confrontei

tampouco. O passado sexual dela não me interessava, e sim, que se mantivesse fiel à família que estávamos formando.

Foi o meu sentimento inexplicável

de proteção por Joseph, ainda

intrauterino, o que tornou ficar com Sue a longo prazo uma possibilidade real.

Não há explicação

para eu ter me apaixonado por um bebê que

eu nem conhecia ainda, então, a única conclusão a que posso chegar é que era nosso destino sermos pai e filho.

Lembro do dia em que a conheci.

Ela tentava manejar um carrinho velho, que depois me disse, acabara de adquirir de segunda mão, perto do meu escritório. A barriga de grávida já era bem pronunciada. Mesmo sem entender muito sobre bebês, eu sabia que devia estar a poucos meses de dar à luz.

Era uma mulher pequena e muito bonita, mas parecia exausta.

Pedi que Anderson parasse o carro para ajudá-la

e foi

assim que

soube que estava faminta e não tinha qualquer pessoa para apoiá-la.

Na verdade, logo que a socorremos, ela desmaiou de fome e aquilo mexeu comigo para cacete.

Sue era meiga e educada. Nunca se alterava e parecia absolutamente comprometida com a gravidez, ansiosa para ver o garotinho que estava esperando, nascer.

Eu lhe ofereci um dos meus apartamentos para ficar e ajuda financeira para que pudesse ter o filho em paz.

Ela me contou sobre a vida com o ex-marido, já morto, e como ele a agredia quando estava bêbado. Em uma dessas ocasiões, eles estavam discutindo

perto de uma janela

e o filho

da puta depois

de surrá-la, perdeu o equilíbrio e morreu.

Não há um osso crédulo em mim, então, claro, fui verificar a situação.

Ela falou a verdade.

O ex, um homem chamado Keith Bates, foi um jovem empreendedor, químico, que inventou um desodorante feminino com duração de até setenta e duas horas.

Ele vendeu a patente para uma empresa muito conhecida no mercado e antes mesmo de concluir o curso, ficou rico.

Eles se conheceram em uma lanchonete onde ela trabalhava, cerca de um ano antes que engravidasse de Joseph.

Sue me disse que no início

viviam um relacionamento perfeito,

mas logo começaram as agressões.

Quando ela se descobriu grávida, decidiu

que precisava dar um

basta na relação abusiva, em nome da segurança do bebê.

O dia que lhe comunicou que estava indo embora, foi o dia da morte do ex.

A primeira coisa que perguntei foi onde fora parar o dinheiro da venda da patente. A vida dela parecia um quebra-cabeça com peças faltando.

Como esposa e carregando um herdeiro, seria natural que ficasse com tudo.

Ela me disse que não fazia a menor ideia. Nem ela e nem os advogados que contratou. Ao que parece, ele enviou tudo a um paraíso fiscal,

irrastreável, o que mostra que realmente não tinha caráter algum.

Quem deixari

a a própria esposa e além de tudo grávida,

desamparada?

Alguém sem honra.

Sem que eu planejasse, um laço se formou entre nós.

Eu nunca ia até a casa dela. Conferia

por telefone

se estava bem

ou ela me mandava notícias do desenvolvimento do bebê.

Imagens de ultrassonografia

e que estava tomando as vitaminas

como o médico lhe recomendara.

Acompanhei remotamente o fim da gestação. Apeguei-me a ela, mas principalmente, ao bebê que estava por nascer

.

Um dia, me convidou para jantar, em retribuição a ajuda que estava lhe dando e apesar de não querer me envolver com ela,

particularmente, eu aceitei.

No meio da refeição,

Sue entrou em trabalho de parto. Ficou em pânico e pediu que não a deixasse durante o nascimento.

Eu fui. Assisti

quando meu filho

respirou fora da barriga da mãe

pela primeira vez. O choro alto dizendo ao mundo que estava chegando, apesar de toda dificuldade que atravessou enquanto abrigado no útero materno.

Precisei

olhá-lo

apenas um segundo para ter certeza de que era meu.

Meu filho. Meu menino.

Meu.

Desde cedo, o amor entre nós foi sólido e recíproco, o que fez com que ficar com Sue se tornasse uma consequência. Eu queria Joseph comigo e a possibilid

ade disso acontecer seria me casando

com sua mãe.

Nunca fui apaixonado por ela, nos poucos meses em que estivemos juntos, mas eu lhe queria bem. Era uma boa esposa e mãe.

Calma e suave.

O oposto de Cecily

, minha tempestade.

— Então, com isso, acho que encerramos a reunião — o CEO

que contratei para comandar minha nova tv diz e eu aceno com a cabeça, totalmente alheio ao que foi dito e sabendo que terei que resolver a questão com Cecily para poder focar em minha vida profissional outra vez.

Joseph está na casa de Elina desde que voltei para a França.

Por mais que eu consiga sentir o quanto ela adora meu filho, eu

nunca corro riscos. Deixar uma estranha, tecnicamente falando, sozinha com ele, não é algo que me trará paz. Eu preciso de mais tempo ao lado dela para ter certeza de que é confiável.



Capítulo 32

Uma a uma, as pessoas vão saindo da sala de reuniões, restando somente a loira.

Eu a ignoro, esperando que entenda que está dispensada também, mas ela ainda assim não se move.

— Deseja alguma coisa, senhorita Moulin?

— pergunto, cruzando

as mãos em cima da mesa e finalmente lhe dando minha atenção.

— Como hoje será sua noite em Paris antes de voltar aos Estados Unidos, pensei se não gostaria de relaxar tomando um drinque mais tarde.

Recosto-me na cadeira, inventariando-a sem pressa, dos pés à cabeça.

No passado, seria o tipo de encerramento ideal para uma semana lotada de trabalho. Uma foda sem compromisso com uma parceira disposta.

A mulher tem um corpo agradável e um rosto bonito, mas mesmo sabendo que preciso apenas de uma palavra para tê-la nua em cima da minha mesa em questão de segundos, não fico sequer tentado.

— Divirta-se em meu lugar

. Tenho que acordar cedo amanhã.

Ela custa a se mover, como se não acreditasse que recusei a oferta.

Volto a focar no notebook, ignorando-a ostensivamente até que a vejo sair

.

Eu me levanto e tranco a porta. Confiro as horas no relógio.

Nove e trinta e seis da manhã, horário local.

Três e trinta e seis

da madrugada em Nova Iorque.

A essa altura, ela está dormindo e pensar em pegá-la desarmada me excita.

Ainda temos um acordo sobre falar sem tocar e eu preciso ouvir sua voz agora.

O celular chama algumas vezes antes que atenda, sonolenta.

— *Dionysus?*

Satisfação se espalha pelo meu peito com a certeza de que colocou um toque só para mim. Acho que atendeu no modo automático e só sabe que sou eu pelo som mesmo.

— Estava sonhando comigo, ruiva?

— *Ainda estou sonhando?*

Sorrio.

— É a desculpa que vai se dar depois?

— *Chegou de Paris? Está em Nova Iorque?*

— Não, ainda estou aqui, mas queria te ouvir ao acordar

.

Ela ri.

— *Não podia ter esperado algumas horas?*

— Não. Eu desconheço essa palavra, principalmente

quando se
trata de você.

— *E se eu ficasse chateada ao me acordar?*

— Não acredito nisso. Queria ouvir minha voz também.

— *Arrogante.*

— Esse sou eu, Cecily

. Sentiu minha falta?

— *Nem um pouco, embora ache que viaja*

demais. Praticamente

saiu correndo da festa de casamento. É o melhor chefe do mundo.

Quase não te vejo.

— Queria que eu ficasse?

Sabe o que aconteceria se eu tivesse

voltado para casa naquele dia?

— *Nada. Não aconteceria nada.*

— Eu te faria

gozar. Respeitaria nosso trato de não tocar, mas te faria gozar
somente dizendo o que quero de você. Com você.

— *Com todo o respeito, é muito convencido, senhor*

.

— Mesmo? Então pode negar que nesse exato instante, os biquinhos

dos seus peitos estão duros? Será capaz de dizer que se eu estivesse aí e pedisse para abrir as coxas para mim, não veria sua bocetinha intocada brilhando de tesão?

— *Não veria, eu não ia deixar*

.

— É o que quer, Cecily

.

— *Nunca fiquei nua para um homem.*

Cacete!

— Ficaré para mim.

— *Isso é algum jogo?*

— Quer que seja?

— *Estou tremendo. Parece um sonho.*

— Tremendo de tesão, gostosa?

— *Só de ouvir sua voz e as coisas sujas que está me dizendo.*

— Eu vou te fazer gozar. Estou obcecado em te ouvir gemendo meu nome enquanto goza, mas telefone não é a minha. Eu quero ver seu rosto lindo enquanto se dá prazer

.

— *Dionysus...*

— Estou louco para te provar, Cecily

. Quero enterrar o rosto no

centro das suas coxas e só parar quando me lambuzar todo com seu mel.

— *Você vai acabar me matando. É muito tentador
, mas...*

— Mas o quê?

— *Não quero perder o emprego.*

— Eu quero você.

— *Já deixou isso claro, mas não posso me arriscar*

. *Tenha um*

bom retorno para casa.

E em seguida, ela desliga na minha cara.

Levanto-me e sigo direto para a porta. Eu ia embora amanhã pela manhã, mas acabo de mudar meus planos.

Enquanto entro no elevador, penso em ligar

para ela novamente,

mas decido que não.

Cecily

quer minha palavra de que não será demitida

depois que

fodermos e com qualquer outra mulher, eu riria ao ser colocado contra a parede porque nunca reajo bem quando contrariado, mas a



garota me tem na palma da mão no momento. Pelo menos, enquanto eu não saciar a fome que sinto por ela.

Penso em todas as possibilidades.

Um caso secreto com a babá do meu filho

e quando chegar ao

fim, cada um seguindo seu caminho civilizadamente.

Não, é preciso um prazo, um período no qual possamos desfrutar do corpo um do outro, mas com um fim predeterminado.

Ligo para o meu piloto e mando que prepare o avião.

Essa febre vai passar. Eu só preciso estar nela, dentro dela e então, poderei seguir em frente na minha caminhada solo.

O voo atrasou porque o aeroporto ficou interditado por algumas horas devido a um pouso de emergência, mas finalm ente estou

aqui.

Já é noite, mas eu sei onde encontrá-la:

no mesmo lugar onde a

observo desde que descobri que Cecily nada de madrugada na piscina aquecida.

Sim, sou a porra de um voyeur, espreitando em segredo minha sereia.

Enquanto caminho para o lugar, livro-me

do blazer do terno e da

gravata, jogando-os displicentemente pelo chão.

Tento me convencer de que esse arranjo que planejei vai dar certo. Eu só preciso tê-la umas poucas vezes para me ver livre do feitiço, porque qualquer envolvimento com ela seria estupidez.

Eu não quero nada a sério com uma mulher e depois de quase um ano, foi a primeira babá com quem meu filho conseguiu se

adaptar realmente. Se fosse me deixar levar pela razão, eu nem começaria nada com ela, mas não há qualquer coisa de racional no desejo que a mulher me desperta.

Ela já deixou mais do que claro que o tesão é recíproco, mas sua força de vontade em resistir é muito maior do que a minha.

A teimosia em se render só faz com que meu sangue grego aqueça. O caçador em mim vindo à tona.

Ao contrário das outras noites, dessa vez estou aqui. Não através da tela do meu celular

, vendo-a pela câmera, mas a poucos passos

de fazer o que desejo, desde quando conversamos no hospital.

Eu não estou só testando nossos limites

quando vou para o lado

de fora sabendo que Cecily

está na piscina,

estou mandando para o

inferno todas as minhas regras, já que nunca trouxe outra mulher
com quem tive um envolvimento

ento sexual, além da minha esposa,

para dentro de casa.

Convenço-me de que tenho o controle da situação. Sou experiente.
Não há nada sobre sexo que eu não saiba ou já tenha feito.

O desejo por Cecily

só é tão intenso assim por ela representar

um desafio.

Estou começando a acreditar nisso, sentindo-me confortável com
minha decisão, quando a vejo.

Ela não está nadando, está saindo da piscina.

Eu disse que tinha controle sobre meu desejo por ela?

Não, eu não tenho controle algum diante dessa mulher.

Principalmente agora, quando a encontro completamente nua.



Capítulo 33

Encosto na porta que dá para a piscina e sei que Cecily tem consciência

de que estou aqui. Eu consigo ver seu corpo, não o rosto, mas se pudesse adivinhar

, diria que está envergonhada

porque para de andar.

Os meus olhos percorrem cada pedaço dela: pernas esguias, mas com coxas fortes, o quadril pronunciado que tanto me enlouquece, alimentando minhas fantasias mais sacanas. A boceta quase sem pelos, com um tipo de depilação

ousada. O abdômen

reto e os peitos grandes em comparação ao conjunto.

Ela é a visão de uma deusa encarnada. Toda feminina, mulher,

Cecily

consegue abrigar em si nuances de inocência

e petulância.

Tentação e pureza.

Há também algo de vulnerável

nela, que me faz querer protegê-la

e que me impede de tratá-la como ajo com minhas outras mulheres.

Um elo invisível

que não tenho noção de como pode ter se

formado, mas que me liga inexoravelmente à minha ruiva.

Foi essa a razão para que, no começo, eu quisesse mandá-la de volta para o Kansas.

Agora que já a conheço melhor, no entanto, eu a desejo comigo, porque sou egoísta e preciso desvendá-la, descobrir o que há nessa menina-mulher que não encontrei em nenhuma outra.

— Você voltou sem avisar

. Achei que seria amanhã.

— Era para ter vindo mais cedo, mas agora estou satisfeito que tenha te encontrado aqui.

— Sabia onde eu estava?

— Você nada toda noite quando estou viajando e Joseph fica com Elina.

— E me espiava?

— Sim, pelas câmeras.

Ela me dá um meio sorriso.

— Isso é um pouco pervertido, doutor Kostanidis.

Ela está me provocando, porque já não me chama mais assim.

— Perverso? Acredite quando digo que até agora fui um santo, Cecily

. As minhas perversões ainda não vieram à superfície.

Quando acontecer, talvez você fuja.

— Acha que vou correr?

— Você me diz: vai? Ou quer experimentar tudo o que desejo fazer com você?

— Não sei do que está falando.

— Continue mentindo para si mesma. É virgem, mas inteligente.

Sabe que eu te quero.

— Eu devo me cobrir.

— Quer se cobrir?

— Deveria querer, mas gosto do jeito que você me olha. Não parece errado você me ver nua.

Abro os botões da minha camisa, mas não a tiro do corpo.

Desfaço-me dos sapatos e meias e dou alguns passos para perto dela.

— Como eu te olho?

— Com fome.

— É uma boa definição.

— Eu sinto fome de você também, mas não...

— Shhhh... sem negativas ou razões para não nos envolvermos.

Eu sei todas de cor, mas tenho uma proposta.

— Proposta?

— Duas semanas juntos — digo, tentando me concentrar em seu rosto, mas a maneira como Cecily fica à vontade, completamente nua na minha frente, está me enlouquecendo.

As duas semanas que acabo de determinar são porque esse foi o maior período que já fiquei

com a mesma mulher, fora a minha esposa.

— Está me propondo ficarmos

juntos por um período, com prazo

para terminar?

Ela não parece chocada, mas há algo por trás da pergunta que eu não consigo definir o que é.

Decepção?

Talvez seja um acordo cruel para se oferecer a uma virgem, mas é muito mais do que já entreguei a outras mulheres.

— Sim. Quinze dias para explorarmos essa atração que está nos consumindo e então, seguimos em frente sem olhar para trás.

— E o meu emprego?

— Continuará aqui por tanto tempo quanto desejar, desde que, uma vez que terminemos, esqueça do nosso período juntos. Nunca deverá tocar no assunto ou insinuar o que quer que seja sobre nós dois. Quando o fim chegar, será um fim definitivo.

É ela quem se aproxima agora, o queixo erguido, linda para caralho com as mãos nos quadris, parecendo pronta para uma briga.

— Está tão seguro assim de que serei eu a ficar suspirando pelos quatro cantos com saudade de nós dois?

Jesus, a mulher está um passo além de ser uma delícia.

Cada

coisa que sai de sua boca, evoca o selvagem em mim. Ela me desafia sem dar a mínim

a para nossas posições sociais ou diferença de idade e vivência.

Cecily é corajosa, combativa. Um tesão.

— Sou o experiente de nós dois. Tive muitas amantes. Nunca me envolvi

com alguém ao ponto de querer mais. Então, sim, acho que se um de nós vai ficar com saudade, será você.

— Nem mesmo com sua esposa quis mais?

— Nem mesmo com ela.

— Mas se casaram.

— Sim, nos casamos. Qual é o ponto dessa conversa?

Dá de ombros e nesse instante sua expressão é indecifrável.

— Tenho uma contraproposta.

Tento disfarçar

ra surpresa enquanto calculo o que ela poderá querer. Só pode ser mais tempo comigo e talvez, por ela, pela minha ruiva gostosa, eu ceda. Porque, pensando bem, é provável que duas semanas não sejam suficientes.

— Estou te ouvindo, Cecily

.

No momento, eu concordaria com qualquer coisa que ela trouxesse para a negociação. Um mês, dois meses? T

udo bem.

Embora eu ache difícil

que meu interesse dure tanto, meu desejo

é o que está no comando e vou ceder à demanda dela se isso significa

ter aquelas coxas torneadas em volta da minha cintura enquanto me enterro em sua boceta.

— Uma noite e um dia.

Primeiro, acho que não ouvi direito.

— O quê?

— Falou para ficarmos

duas semanas juntos... como foi o termo

que usou, mesmo? Ah, lembrei:

“quinze dias para explorarmos essa

atração que está nos consumindo e então, seguimos em frente sem olhar para trás”. Não preciso de tanto. Estou apenas curiosa a respeito de sexo e você me atrai. Tenho vinte anos e nunca experimentei intimidades com um homem.

— Está me dizendo que só poderei tê-la por vinte e quatro horas?

Ela acena com a cabeça, parecendo indiferente ao meu choque.

— Eu só quero uma noite, a partir de agora. Dispense os outros funcionários.

Seremos só nós dois na casa. Serei sua até esse mesmo horário amanhã.

— Não. Eu não quero apenas vinte e quatro horas.

Cecily dá de ombros outra vez, como se a minha negativa em aceitar sua proposta encerrasse a negociação. Começa a andar para recolher um roupão em cima da espreguiçadeira.

Os quadris

em um balançar suave, a bunda empinada e redonda implorando por minhas mãos.

— Por que somente um dia?

Ela volta a me encarar

.

— Porque eu não posso me apaixonar por você. Duas semanas é tempo demais.

— E nesse prazo ridículo

que propôs acha que pode me dar tudo

o que quero?

— Não sei o que você quer, mas eu vou ser sua para qualquer coisa.

Eu a encaro, ainda sem acreditar no que diz.

— Está blefando? Porque se fecharmos esse acordo, nós o cumprimos, Cecily

. Terá apenas um dia comigo. Sem concessão.

É o que quer?

— Sim, é o bastante — responde teimosa e sua autoconfiança me enlouquece.

— Então, a partir de agora, você é minha.

Eu não lhe dou tempo para pensar, trazendo-a para mim pela mão e fazendo com que solte o roupão que segurava.

O primeiro

contato da palma com a pele nua de suas costas faz

com que nós dois gemamos, o desejo febril

não podendo mais ser

contido.

Surpreendendo-me, Cecily se joga nos meus braços, puxando-me para baixo, faminta e apressada.

As mãos pequenas desliza
m pelo meu pescoço, mandíbula,
peito. Ela parece não saber onde tocar primeiro
e sua necessidade
é como gasolina no fogo que me consome.

— Qualquer coisa? — pergunto, completamente insano.

— Tudo com você. Sou sua — diz, apenas segundos antes de eu segurá-la pela mandíbula e devorar sua boca.

O tesão que sinto por ela me deixa transtornado, fora de mim,
desesperado por seu contato e sabor.

Eu tenho seu rosto em minha mão e com a outra, puxo o corpo nu e úmido contra o meu.

Eu não a beij

o. Eu fodo sua boca, consumindo-a inteira com
ganância e selvageria.

No momento, estou pouco me fodendo para prazos, a única coisa que sei é que Cecily será minha. Já é minha.

Ela corresponde com avidez, queimando-se no mesmo fogo que eu, me oferecendo a boca em um beijo infinito em que línguas e

dentes duelam pelo controle, mas ao mesmo tempo, se rendem à entrega.

Não é um contato ensaiado, não há nada de elegante ou calculado na maneira como nos tocamos. É fome crua, que vem cozinhando em fogo baixo.

Desejo desenfreado, demanda, precisão, urgência.

Cecily arranca minha camisa e morde meu peito.

Eu rosno e ela sorri. Faz de novo, como se fosse minha dona.

Como se tivesse me provado a vida toda e soubesse como me enlouquecer.

— Quero você na minha cama.

— Eu não me importo aonde. Só não pare.

A água secou de sua pele de seda, restando suor, fruto do tesão e febre. Enquanto como sua boca, minhas mãos se deliciam pelas curvas do corpo dela.

— Eu vou te foder tão profundamente que não vai se lembrar de como era antes que eu estivesse aqui — prometo, escorregando a mão até o centro de suas coxas.

Alcanço o vértice encharcado e ela fica na ponta dos pés, ansiosa, porém, eu tenho outros planos e a pego no colo.

Ela merece muito além do que uma foda apressada, mesmo que não haja nada que eu queira mais do que tomá-la aqui, em pé, porque meu desejo está um passo além do descontrole.

Ao invés de me dirigir

para o quarto, no entanto, vou para a

piscina.

Eu a coloco no chão quando nos aproximamos da água, dou um passo para trás e começo a me despir.

Cecily está encabulada, mas não desvia o olhar

.

— Não vamos subir?

— Ainda não. Eu fantasiei

ter você nua, ao meu dispor, aqui. Só

me deu vinte e quatro horas, mas não terá um lugar nessa casa que
você caminhe sem se lembrar de mim, tomando-a.

— Não vou me lembrar. Eu nem gosto muito de você, para ser
sincera. É só desejo, mesmo — ela me provoca, porque nós dois
sabemos que é precisamente o oposto.

Ainda que eu não queira compromisso, o grande empecilho até

agora foi justamente esse: gostamos um do outro além do sexo. Das
pequenas impl

icâncias

mútuas e da minha parte, da maneira como

me enfrenta sem dar a míni

ma para quem sou ou quanto dinheiro

tenho.

— Não gosta de mim? — pergunto, escondendo um sorriso,
enquanto desço a boxer, a última

peça que faltava,

e meu pau salta

grosso e ereto.

Ela engole em seco, sem disfarçar o desejo.

Começo a me masturbar lentamente e seus olhos se arregalam.

Cada reação de Cecily me deixa ainda mais louco.

— Não, eu não gosto — continua mentindo. — Depois que acabar, eu vou seguir em frente.

— Talvez eu te persiga. Nunca vivi

a experiência

de ser deixado e

é isso que está planejando, não é? Me deixar querendo mais, na vontade?

— Sim, eu vou deixá-lo na vontade. Carente e suspirando por mim enquanto andar pela casa. Lembrando como foi me ter por apenas um dia. Vendo, mas sem poder tocar. O fim é inegociável.

Meu sangue ferve diante do desafio.

— Eu vou acabar com você hoje, Cecily

.

Ela se afasta sorrindo e corre para a água, mergulhando.

— Pode ser que eu também acabe com você, doutor Kostanidis

— a atrevida diz, depois que vem à tona. — Pode ser que eu o estrague para as minhas sucessoras.

As palavras soam como uma espécie de profecia e de algum modo, tenho a sensação de estar em desvantagem naquela negociação.

Estabeleça mais prazo — uma voz determina, mas eu a calo porque sou orgulhoso e nunca precisei

lutar pela atenção de uma

mulher, então, convenço-me de que a fome vai passar

.

Vou atrás dela, mas como já havia percebido pelos vídeos, é boa nadadora. Entretanto, eu tenho uma missão, que é não desperdiçar um segundo do tempo que me deu.

Sigo em sua caça na água e quando finalmente

a alcanço, eu

não espero, pegando-a no colo e andando para uma das bordas.

Sento-a lá e encaixo-me no meio de suas pernas, afastando-as amplas.

Eu olho seu sexo sem dissi

mular e sua respiração fica pesada

quando percebe qual é o foco da minha atenção.

— Você está olhando... você está...

— Sim, olhando essa boceta linda.

Abaixo a cabeça e beijo o interior de suas coxas, percorrendo com a língua a carne durinha e molhada. Eu adio de propósito provar o que quero e Cecily

não consegue controlar a inquietação,

as mãos vindo para o meu cabelo.

— Com pressa?

— Não com pressa. Ansiosa. — Suspira.

— Ansiosa pelo quê? O que você quer?

— Você.

— Eu vou te dar tudo. Não duvide disso.

— Eu quero tudo. Hoje, você me pertence, Dionysus. É meu como serei sua.

O jeito como diz aquilo, sem pudor e entregando-se, é o meu gatilho.

Eu a puxo para a borda, quase descolando sua bunda da superfície e sem lhe dar tempo de prever o que farei, separo os grandes lábios e caio de boca no clítoris duro.

O primeiro contato da minha língua com o feixe de nervos a faz tremer, tentando fechar as coxas.

Eu as mantenho afastadas e recomeço o ataque.

O gosto dela é de paraíso: doce e viciante.

Sua excitação encharca meus lábios e eu preciso de mais, então

substituo a boca no clitóris

pelo meu polegar porque preciso estar

nela de uma maneira ou de outra.

Enfio a língu

a profundamente em suas paredes estreitas. Eu

fodo seu canal aveludado, lambendo seu gosto, me tornando cada vez mais cativo de seu sabor

.

Ela endurece, o tesão fazendo com que puxe meus cabelos quase ao ponto da dor e eu a olho de baixo para cima, sem parar de comê-

la.

Cecily choraminga e apoiando as mãos na borda, ergue os quadris.

Ela quer mais e vou dar tudo.

Ávido, sugo seu néctar com voracidade, lábios e língua devorando-a, querendo gravar seu gosto.

— Deite-se e apoie-se nos cotovelos.

Ela obedece e a posição me deixa ver melhor o quanto seu sexo brilha, ensopado de mel, os lábios já um pouco inchados das minhas chupadas.

Eu mamoo sua boceta, me alim

entando da carne molhada e Cecily

treme, gemendo alto.

Prendo o clitóris

entre meus dentes e ela grita, descontrolada,

exigente, separando ainda mais as pernas, sem que eu mande.

Eu seguro seus quadris, lambo seu sexo em golpes longos e o primeiro orgasmo a faz convulsionar contra a minha boca.

Eu bebo tudo. Sugo e começo outra vez porque não consigo obter o suficiente.

Eu quero mais. Cada gota do prazer dela na

minha língua.

Cecily diz meu nome enquanto se entrega, assim como eu prometi que faria,

mas há algo de traiçoeiro

nessa conquista, porque

acho que posso ficar escravo desse chamado sensual.

Mesmo depois que seus tremores diminuem, eu não paro.

Eu a saboreio sem pressa, porque eu estou faminto e quero degustá-la, explorar cada recanto.

Giro a língua no clitóris

e meto meu polegar em sua abertura

intacta, dilatando-a, deixando que se acostume com a invasão.

Veludo quente. Um esconderijo

apertado. Uma prisão que quero

entrar voluntariamente.

Ela é meu oásis, meu éden.

Quero perder-me dentro de sua inocência,

ser aquele que a fará

mulher. O único detentor de seu prazer.

Os pensamentos incoerentes atravessam minha consciência, indo na contramão do nosso acordo e mesmo nesse instante, quando ainda não concluí

minha posse, eu sei que vou querer mais.

Sugo o clitóris

em mamadas suaves agora e ela enlouquece, me

fazendo promessas, negociando o que eu quiser, desde que não pare.

Troco o polegar pelo dedo indicador e aprofundo-o até encontrar meu alvo. Aquele ponto exato que assim que alcanço, ela urra, gozando gostoso outra vez.

Cecily estremece, tenta fugir. Não permito, mantendo-a onde quero. A boca aberta em sua entrada, engolindo seus sucos.

Ela se aperta em volta do meu dedo em pequenas contrações e a boceta vaza ainda mais de seu mel.

Eu puxo suas coxas sobre meus ombros e chupo tudo, sem deixar sobrar uma gota. A língua trabalhando dentro e fora, lambendo suas paredes internas, pelos, virilha.

Estou com tanto tesão que sinto dor, mas eu não consigo parar de comê-la.

— Eu vou desmaiar.

— Não vai. Eu não vou deixar. Vou te manter acordada por todo nosso tempo juntos.



Capítulo 34

Urgência e, ao mesmo tempo, uma necessidade de adiar, prolongar a tortura.

É o que ela me faz sentir

.

Quero levá-la para o meu quarto e fodê-la sem parar, mas também quero ficar aqui, olhando sua expressão pós-goço, ainda perdida no prazer que acabo de lhe proporcionar

.

— Eu não sei se aguento você. É muito sexy. Me deixa tonta, desesperada.

Jesus, ela não tem filtro

algum. Tão crua e verdadeira. Despida

de artimanhas, entregue e sensual.

Eu a pego no colo outra vez e ando para as escadas da piscina.

— Só vamos saber se aguentará quando chegar ao fim. E eu nem comecei ainda.

Caminho com ela em meus braços, mas tomando o cuidado de segurá-la de lado e não com as coxas em volta da minha cintura, porque não confio em mim mesmo nesse instante.

Sentir o roçar de sua boceta em meu pau duro como aço poderia me fazer cometer a loucura de meter fundo, em pé mesmo.

Assim que entramos na sala, começo a andar em direção às escadas, mas Cecily me para ao dizer:

— Aonde estamos indo?

— Quero você na minha cama.

— Lá, não.

— Por que não?

— Eu não quero.

— No seu quarto, então?

Ela sacode a cabeça, negando.

— É íntimo demais. Aqui, na sala mesmo. Assim, não vou me lembrar de você ao dormir

.

— Vai se lembrar de mim de qualquer jeito.

Serei seu primeiro —

falo, não por arrogância, mas por uma questão de fato.

— Não quero lembrar de nós dois lá e não quero me deitar na sua cama. Eu desejo tudo — diz, corando —, mas não a intimidade.

— Não há nada mais íntimo do que o que vamos fazer

.

Ela não responde. Beija-me

ao invés disso e mesmo contrariado,

sigo para a sala.

— Estamos molhando tudo.

— Quem se importa, ruiva? Só estamos nós dois aqui e agora você será finalmente minha.

Eu nunca tive que trabalhar o autocontrole com uma mulher porque
jamais cheguei ao ponto de perder a cabeça, mas com Cecily

, eu preciso de cada grama de força de vontade para pegar leve,
seguir um roteiro minimamente civilizado

e não assustá-la

nessa primeira vez.

Se fosse cumprir a exigência

do meu corpo, a reclinaria

sobre o

sofá e a foderia até que desmaiássemos de exaustão, mas ela não
tem experiência,

é virgem. Iria

traumatizá-la

e feri-la

também. Só de

pensar nisso, me sinto mal.

Eu a coloco de pé e me afasto para admirá-la.

— Você é uma deusa, Cecily

. Eu não sei como me convenci de

que podia me controlar

. Nunca tive a menor chance.

Parece sem jeito.

— Eu não quero que me olhe apenas. Toque-me. O relógio está correndo.

As palavras dela me fazem queimar, e não pelo desejo somente, mas com uma mistura de raiva porque nunca antes recebi um ultimato.

Relógio correndo? Jamais deixei que determinassem o quanto teria do que quero, e não estou disposto a começar agora.

— Acha que detém o comando sobre nós dois, Cecily?

Vou te

mostrar o quanto está enganada. Nenhum de nós têm controle do que está acontecendo ou nem estaríamos aqui.

— Não quero pensar no porquê não deveríamos estar. Só quero sentir.

— Não é tão corajosa assim, ruiva. Nem quer ir para a cama.

— Por que se importa?

— Não merece somente uma foda na sala.

— Por que não? Vou ser só mais uma mulher na sua vida.

— É assim que quer ser tratada?

— É assim que *prefiro*

ser tratada. É uma escolha.

— Ajoelhe-se, então. Se está escolhendo ser uma transa de uma noite, precisamos começar suas lições. Vai aprender como gosto que chupem meu pau.

Eu esperava que protestasse, me mandasse me foder, mas ela ofega, os olhos adquirindo um brilho intenso e como uma maldita tentação, me obedece.

Sinto-me instável, furioso, mas morrendo de tesão, também.

Quero colocá-la sobre meus joelhos e surrar sua bunda por me deixar confuso, por ser tão deliciosamente

teimosa, por me desafiar

.

Mas quero mais ainda foder sua boca, boceta e bunda. T

omá-la uma

e outra vez duro e profundamente para que ela entenda que não dita as regras aqui.

A tensão sexual entre nós dois é tão grande que até mesmo o ruído das respirações me excita.

Eu nunca fui posto contra a parede e a sensação de estar do outro lado da mesa, de me ter negado o que sei que vou continuar querendo, faz meu lado mais cruel aflorar

.

Puxo cada grama de racionalidade

para não dar vazão ao tesão

violento,

porque não quero assustá-la apesar de tudo, mas quando toma a iniciativa de me tocar

, mando o controle para o caralho.

Ela me acaricia devagar e não é o que quero. Normalmente, meu desejo não é suave, mas com ela, a intensidade do meu tesão é brutal.

— Vou te ensinar a chupar meu pau. A me engolir até que não consiga respirar

. Quero meter profundamente nessa boca gostosa.

Pela primeira vez desde que cheguei, parece ansiosa.

— Está com medo?

— De não agradar você, apenas.

— Porra, Cecily

.

Eu guio meu pau duro na frente de seus lábios, roçando-os com a cabeça molhada de pré-goço.

— Quero foder sua boca. Não que mame, apenas. Vou meter gostoso como vou fazer na sua boceta.

Ao invés de me empurrar, me chamar de perverso, canalha, safado, ela geme e separa os lábios para me receber

.

— Lamba a cabeça do meu pau. Está louca por isso, né?

A língua

a escapa timidamente

e e ela me prova quase que com

reverência, mas depois do primeiro contato, abre os lábios com avidez, sugando.

— Assim mesmo. Use a língua. Não morda.

Firmo seu rosto com uma mão e empurro os quadris. Ela é toda pequena em comparação a mim e não entra nem a metade.

— Relaxe a mandíbula. Não vou te machucar, mas preciso que me deixe entrar.

Começo a comê-la devagar, para que se acostume. Cecil y é uma aluna atenta. Pega o ritmo e, em pouco tempo, me chupa com ganância.

Meto mais profundo e ela engasga, assustada, apenas para dois segundos depois me tomar novamente quase inteiro.

Aperto os dentes quando sinto a parede de sua garganta. As pernas tremendo pela força com que tento conter a luxúria.

— Já fez isso antes?

Ela não responde e eu me retiro.

— Fale.

— Você é meu primeiro tudo.

Merda, suas palavras não deveriam me deixar louco assim, mas nesse momento, não sou um empresário instruído e com uma cabeça liberal.

Sou um homem das cavernas, um filho

da puta

territorial e egoísta, satisfeito por ela só pertencer a mim.

Volto a meter, indo cada vez mais longe e mantenho o cabelo dela enrolado em meu punho.

Cecily

agora não tem opção a não ser me deixar invadi-la, mas
estou atento a seu rosto, tendo a certeza de que é o que quer.

— Sua boca é a porra do paraíso.

Ela geme em volta do meu pau pelo elogio.

Cecily está se entregando sem regras ou pudores, choramingando
por mais, gulosa e safada.

Eu quero foder sua boca a noite toda, mas quero mais ainda me
perder na boceta intocada.

Uso de toda força de vontade para parar porque meu pau pulsa e sei
que mais um toque de sua língua e a inundarei com meu esperma.

— Eu não vou te foder aqui. Você merece mais — falo, enquanto
me abaixo para pegá-la no colo, sem dar a mínima para os
protestos.

Sigo direto para o meu quarto e a deito na cama.

Posiciono-me

sobre ela, ajoelhado, uma perna de cada lado de suas coxas e
escorrego uma das mãos entre as dobras ensopadas.

— Safada. Tão molhadinha.

Enfio

um dedo em seu calor, fascinado
com a beleza de seu rosto

enquanto se entrega ao prazer. Ela se mexe, circulando os quadris, querendo mais.

Uma veia pulsa em minha garganta, sinal claro de quanto estou me esforçando para não agir como um selvagem.

— Preciso dessa boceta me apertando, Cecily . Quero me enterrar até as bolas em você.

Vou ao banheiro e pego uma tira de preservativos.

Com a habilidade adquirida por anos de prática, me protejo rapidamente, enquanto ela observa.

— Não tomo pílula.

— Eu imaginei.

Nunca fodi sem, a não ser quando estava casado. Quero muito sentir sua carne contraindo à minha volta, mas não vou me arriscar. Se ficasse grávida, nunca mais se livraria de mim.

Era para ser uma brincadeira

, dado o pavor que ela parece sentir

de manter um caso comigo a longo prazo, mas incrivelmente, as

palavras não me causam incômodo como deveriam ao pensar em engravidar a babá virgem do meu filho.

Confuso com a descoberta, tento me concentrar apenas na atração sexual entre nós.

Eu me sento e a trago para o meu colo, mas não permito que desça, mantendo-a ajoelhada apenas.

Puxo-a para um beijo,

lambendo sua boca doce e ela se remexe,

contorcendo-se, gemendo.

— Não se abaixe. Vou te foder assim porque estou com tanto tesão que temo que se ficar por cima, posso te machucar. Sou

grande e você, deliciosamente

apertadinha. Nessa posição, vai ter

mais controle do quanto aguenta até que eu possa meter tudo.

— Meu Senhor!

— O quê?

— Você pode me fazer chegar ao céu só falando — diz e pega minha mão, levando-a até o meio das coxas.

Ela pinga nos meus dedos.

— É uma virgem muito devassa, senhorita Bradley

.

— *Sua* virgem devassa, doutor Kostanidis — provoca, me beijando.

Dou um tapa em sua bunda e sinto seu sorriso contra minha boca.

— Você me mata, Cecily

.

— É recíproco.

— Desça devagar — comando, segurando as bochechas de sua bunda. — Não quero que sinta mais dor do que o necessário quando eu te fizer minha.

— Estou queimando por você, Dionysus.

— Essa mistura de garota ingênua com puro pecado ainda vai roubar minha sanidade, deusa. Separe os lábios da boceta para mim. Quero você bem aberta quando eu começar a meter.

— Oh, meu Deus... — geme e quando olho para baixo, as mãos estão afastando as dobras como mandei.

— Você é um tesão.

Eu toco seu clitóris

muito devagar e ela morde o lábio,

acho que

para segurar os gemidos.

Eu a puxo pela nuca com força, mantendo-a parada enquanto chupo seus lábios.

Pressiono a outra mão acima da bunda e a forço para baixo.

— Desce, roça essa boceta molhada no meu pau.

Ela choraminga e eu escorrego um dedo, fazendo pressão por trás, em sua outra entrada.

— Vou te tomar toda. Não hoje, por respeito a sua inocência, mas vou te comer inteira.

— Só temos hoje.

Eu não respondo porque sei que não será assim. É impossível provar algo tão doce quanto ela e não querer mais.

Eu entro só com a cabeça, dilatando seu sexo, mas sem empurrar ainda.

— Ahhhh...

Circulo seu clitóris com o dedo para que relaxe.

— Mais — pede, inclinando-se
sobre mim e oferecendo os peitos
lindos.

Ela está arrepiada e sinto sua ansiedade me alcançando em ondas.

— Está louca para ser fodida,
ruiva. Desesperada para que eu te
preencha.

— Dionysus...

O clamor dela me põe faminto
e sugo o bico intumescido

do seio.

Suas mãos vêm para o meu cabelo.

— Ohhh...

Cecily

é pura intensidade, responsiva e deliciosa.

Suas reações

alimentam minha loucura por ela.

Chicoteio o mamilo com a minha língua e ela agarra minha cabeça para me manter parado.

Inocente, sedutora, exigente. Ela é uma mistura inebriante.

— Desce mais. Tome o quanto aguenta.

Ela desliza mais um pouco, mas fica tensa.

— Dói?

— Você é muito grande para mim.

— Não existe isso, vai conseguir me acomodar inteiro, linda.

Eu

só preciso que esteja pronta e você está, Cecily

. Essa boceta

intocada está ensopadinha.

Empurro para cima, ao mesmo tempo em que a trago ao meu encontro, com a mão ainda em sua bunda.

O corpo me suga, mas ela solta um gemido angustiado.

— Muito?

— Sim. Eu te sinto me abrindo, mas não pare. É tão gostoso.

— Toque a pulsação no meu pescoço — ordeno e quando ela obedece, continuo. —

Percebe como meu coração está acelerado? Isso é o quanto estou me segurando para não me enterrar todo em você. Saber que em alguns segundos vou estar inteiro em sua boceta me deixa louco, Cecily

.

Ela me observa, esperando que eu a guie. Sua submissão, um contraste com a costumeira impertinência, me excita para caralho.

Cecily é quente por dentro e seu cheiro de mulher, de fêmea pronta para ser tomada, é como uma espécie de entorpecente que desperta todos os meus sentidos.

— Vai doer — aviso, perto da ruptura —, mas não posso mais esperar.

Coloco a mão entre nossos corpos e massajeio seu nó rígido, apertando-o com pressão suficiente

para fazê-la implorar pelo

orgasmo e quando seu olhos perdem o foco, eu mudo o agarre para seus quadris e a faço sentar em mim, afundando-me por completo.

Ela tenta fugir e me morde.

— Não, amor. Vai passar. Confie em mim.

Sem sair de seu interior

, mudo a posição, deitando-a e cobrindo
seu corpo com o meu.

— Dói muito...

— Eu sei, mas logo vai ficar
uma delícia.

Eu nunca quis alguém
como eu te quero, ruiva. Me deixa te foder gostoso.

Eu começo a me mexer devagar, atento às reações dela.

Ainda está tensa e com dor, mas quando abaixo a cabeça e mamo
seu peito, geme e afasta as pernas, permitindo que me acomode
melhor.

— Tome-me. Eu quero tudo. Meu corpo está doendo com você e por
você, Dionysus.

Suas mãos agarram a minha bunda, me puxando.

Ela mantém o olhar preso no meu e os quadris se movem, inquietos,
a boceta me sugando, causando um tremor de tesão à base da
minha coluna.

Eu me afasto, saindo inteiro,
mas volto mergulhar até o saco. Os
pelos roçam, suores se misturando. Somos uma bagunça de desejo
escorregadio.

Eu a seguro pelas ancas, erguendo-a no ângulo que quero e urro de
prazer quando sinto as bolas batendo contra sua bunda, enquanto
martelo cada vez mais rápido e profundo.

— Quero comer essa boceta como café da manhã. Vou me alimentar de você todos os dias, metendo gostoso.

Ela se contrai, o que me mostra que gosta da minha boca imunda.

— A dor está passando. Não se segure. Tome-me como quiser.

Eu preciso de você.

Apoiado nos cotovelos, mordisco sua orelha.

Empurro forte, percorrendo várias vezes a estrada úmida de seu sexo.

Ela me aperta dentro do corpo, mas ainda está tensa.

Não paro. Deslizo

em sua boceta, penetrando-a profundamente e

ela arqueia, vindo ao meu encontro.

— Isso, minha delícia. V

em comigo, se entregue.

Acaricio

seu clitóris

e sinto pequenos espasmos em volta do meu

eixo.

— Vai gozar para mim. Comigo dentro de você. Envolve suas pernas na minha cintura.

Cecily

se entrega, obediente e sedenta, mas agora já não recebe apenas. Aceita, mas doa, movendo-se como a deusa que é. A boceta quente e suave como seda me engolindo.

Meu coração alcança um ritmo perigoso, as batidas tão aceleradas quanto a fúria com que a fodo.

Ergo uma de suas coxas até meu ombro, circulando os quadris

até encontrar o ângulo que a faz gritar meu nome, descontrolada, gozando tanto que meus pelos ficam molhados.

O rosto bonito está corado, a boca entreaberta ainda deixando escapar gemidos.

Eu me ajoelho

na cama e a trago comigo, montada. Cecily

ainda

está gozando quando recomeço a fodê-la nessa posição, penetrando-a sem dó.

Mordisco pescoço, mamoo os peitos, saboreando os picos durinhos.

Toco sua bunda com a ponta do dedo médio sem parar de meter e ela vem ao encontro da minha mão.

— Quer tudo, né? Quer que eu te tome inteirinha.

— Imagens

dela de quatro enquanto como sua bunda fazem meu pau virar aço dentro de suas paredes.

— Qualquer coisa com você — diz, me beijando. — Tudo com você.

Ela se alavanca em meus ombros, descontrolada, carente e quando dou o que quer, fodendo-a como um animal,

se desmancha

em meus braços, emendando outro orgasmo.

— Quero mais. Não acabei ainda — aviso.

Eu a coloco em suas mãos e joelhos,

de costas para mim e meto

outra vez.

Ela parece uma boneca, entregue para que eu faça o que quiser.

Enfio tudo, investindo ferozmente em seu interior

. Segurando seus

quadris com uma mão, sem me importar que estará marcada amanhã. *Desejando* deixar minha marca.

Tomo sua boceta no ritmo que quero, lento, mas a cada vez, parando profundamente dentro dela, mantendo-a dilatada para mim.

Abaixo-me e mordo seu ombro. Curtindo cada investida dentro de seu corpo, querendo ficar ali para sempre.

Molho o polegar na boceta e uso a umidade para penetrar de leve sua bunda.

No começo, fica tensa, mas eu não paro, persuadindo-a a aguentar.

A cada vez que entro em seu sexo, retiro o dedo de sua bunda, intercalando a penetração.

Cecily geme alto e rebola.

Safada, gostosa, despudorada. Minha.

As contrações recomeçam e com um gemido longo, ela goza, a cabeça tombando na cama.

Eu poderia continuar por muito tempo porque quero adiar ao máximo o meu prazer. Eu nunca experimentei uma conexão tão forte com uma parceira, mas por ser a primeira vez, não posso exigir tanto dela.

Agarro os quadris com ambas as mãos e bombeio duro, em uma dança quase cruel. Mesmo exausta, ela arqueia, apertando meu pau em sua boceta deliciosa.

— Minha. — Após a declaração imprudente, eu me rendo ao prazer, urrando seu nome.



Capítulo 35

— Aonde você vai? — ela pergunta, assim que me levanto.

— Pegar comida. Eu não comi nada. Vim direto de Paris e não gosto de refeições de avião, nem mesmo das do meu.

São seis da manhã e eu pensei que após horas sem lhe dar descanso além de uns poucos cochilos,

estivesse dormindo, mas

parece ter um sono leve.

Ela se ajoelha

na cama, completamente nua e meu pau responde

à visão do corpo delicioso.

— Estou com fome também.

— Vem — chamo, oferecendo a mão.

— Preciso me vestir

. Pode chegar alguém.

— Só por isso?

Seu rosto cora.

— Sim, por causa dos outros funcionários.

Não é porque sinto

tanta vergonha de você. Já viu tudo.

— Já, sim, mas não me canso de te ver nua. Quanto aos empregados, mandei mensagem ao chefe dos meus seguranças de madrugada. Ninguém virá hoje, só os guarda-costas, mas eles não entram quando estou aqui.

Vou até o closet e pego uma das minhas camisas. Já tinha vestido uma boxer, então ficaremos relativamente compostos.

Paro na frente dela e estico a mão para lhe entregar, mas quando faz menção de pegar, me afasto porque não quero que se cubra.

— Não sei se vou te emprestar uma camisa. Por que esconder meu paraíso?

O rubor aumenta.

— Me acha bonita?

— Não, te acho perfeita

para caralho. Linda não chega nem perto

de definir

.

Vejo que esconde um sorriso depois do elogio.

— Não tinha noção disso?

— Não. Nunca dei muita importância para aparência, a não ser no dia do casamento, quando me senti como uma princesa. —

Estica a mão. — Me empresta? Não posso comer nua.

Ao invés de lhe entregar a camisa, me aproximo e a visto. Fecho os botões e dobro as mangas até os cotovelos.

— Não sou criança. Podia ter feito isso sozinha.

— Eu sei, mas minha necessidade de controle chega a esse ponto.

Apesar do que falo,

fico

novamente confuso porque, sim, sou um

controlador nato, mas nunca em relação às minhas mulheres e sim, à minha vida em geral.

O que diabos está fazendo comigo, menina?

— Disse que se sentiu como uma princesa no casamento de Madison e Zeus. Nunca foi a uma festa daquele tipo?

Seguro sua mão e começo a sair do quarto.

— Minha cidade tem cinco mil habitantes e as pessoas são simples.

Não há festas assim. Quando se casam, é comida caseira, música alta e muita dança. Só isso. Nada de vestidos de oito mil dólares. — Pausa e quando a olho, vejo que parece envergonhada.

— Fico mal só de pensar quanto custou. Zoe me obrigou a aceitar de presente. Ele e a sandália. Nunca vou poder pagá-la.

— Vou mandar fazer um cartão de crédito para você. Compre o que quiser.

— Não, meu salário já é além do suficiente

e por favor, nesse

instante, não quero falar sobre dinheiro.

Eu paro de andar e viro-me de frente para ela.

— Dinheiro

é um meio para atingir

um fim. Só quero que possua

tudo o que deseja. Não tem nada a ver com o que houve entre nós.

— O que eu desejo não pode ser comprado. Não se preocupe, não preciso de nada. A não ser que haja outro casamento em breve, tenho roupas para mais de um ano. Elina

trocou meu guarda-roupa

inteiro

quando comecei a trabalhar na biblioteca.

Não gosto de falar

de dinheiro com você. Parece errado depois do que fizemos.

Olho para o rosto inocente e entendo pela primeira vez que a diferença entre nós não diz respeito somente a idade ou posição social. Cecily

, não importa o quão atrevida seja, é ingênua e pura.

— Eu quero conversar sobre nosso arranjo.

Ela me encara em silêncio

por uns segundos e sei que entende

do que estou falando: eu quero mais.

— Não consigo pensar quando estou com fome. Minha barriga está roncando, doutor Kostanidis. Preciso de muita comida.



Ela sai correndo e apesar de puto por perceber que está fugindo da conversa, sorrio.

Cecily Bradley é imprevisível como uma tempestade de verão.

Não gosto de tempestades, normalmente. De imprevisão tampouco, mas contraditoriamente,

gosto muito de tudo o que vem

dela.

Não volto a tocar no assunto do prazo que estabelecemos ontem.

Ao invés disso, eu a observo enquanto come.

— Estava com fome mesmo.

— Eu como igual a um estivador depois de uma jornada de quarenta e oito horas ininterruptas. Nada elegante.

Eu gosto do jeito

como ela usa a ironia

contra si mesma. Não é

falta de autoestima, percebo. É a petulância característica.

— Fez isso a vida inteira?

— Comer muito? — pergunta, continuando a devorar a omelete e com um sorriso de canto de boca. — Sempre que possível.

Franzo a testa.

— O que isso significa?

Desvia os olhos e dá de ombros.

— Exatamente o que falei:

se tenho comida sobrando, como

muito. Caso contrário, o faço com moderação. Consigo me adaptar muito fácil.

É como ter uma bola de ferro revirando no estômago.

— Já passou fome?

Ela pega a jarra de suco e enche o próprio copo.

— Quer mais? — indaga, ignorando minha pergunta e eu nego com a cabeça. — Acho que não engordo porque tenho bons genes.

Minha mãe era magra.

Permito que mude de assunto porque não quero constrangê-la, mas agora quero saber mais sobre seu passado.

— Fale-me sobre sua vida no Kansas.

Ela se levanta sem me responder e vai até a geladeira.

Volta com

um tubo de chantilly

.

— Já conversamos muito. Eu quero realizar

uma fantasia — diz,

sentando-se na mesa, na frente da minha cadeira, mas sem separar as coxas.

Eu sei o que ela está fazendo: guiando a situação para o sexo, porque Cecily não quer conversar sobre o passado.

Caço avidamente qualquer gota de força de vontade dentro de mim para lhe dizer não, mas não adianta.

Rosno, irritado

e separo suas coxas. A boceta está brilhando

de

excitação.

Eu me levanto e segurando os lados da camisa dela, rasgo-a de seu corpo, transformando-a em um trapo que descarto no piso. Os botões se espalhando no chão da cozinha.

Eu a empurro para que se deite na mesa e planto seus pés na superfície.

Sem falar nada, abro o tubo da cobertura gelada e espalho em seus peitos e boceta.

— Não se mexa ou vou parar.

Lambo a cobertura em seu sexo e a mistura doce junto ao seu gosto me delicia.

Ela ondula a cada toque da minha língua, gemendo baixinho, mas eu não paro até fazê-la

gozar. Quando se entrega ao clímax,

puxo suas pernas à minha volta e meto profundamente em sua caverna sedosa.

A minha mente é uma confusão de raiva e tesão porque não gosto de ser manipulado e pela primeira vez, eu me pergunto a

razão dela ser tão arisca.

Sim, sei que nossa relação envolve riscos, mas tenho certeza de que essa loucura que me atingiu depois que transamos não é unilateral.

No entanto, parece fácil

para ela virar as costas ao que

temos.

O que está me escondendo? Porque tem que haver algo que a faz tão segura de que deve correr para longe de mim.

Minha intensidade a está assustando?

— Era isso o que queria? Ser fodida?

— Sim.

— Não, está mentindo. Você queria fugir da conversa.

— Eu sempre desejo você. Não menti.

— Sim, eu sei que me quer. Nesse instante, sua boceta está pulsando em volta do meu pau, mas sei que está se escondendo de

mim também e não gosto disso. Eu vou desvendar você — aviso,
metendo nela sem descanso.

Deslizo

uma mão na curva da bunda; acaricio

um mamilo

com o

polegar; mordisco seu pescoço.

A tensão e urgência, a raiva, aos poucos cedem lugar ao prazer

.

É uma foda zangada, brutal, mas ela parece tão necessitada quanto
me sinto. Ela se move, acompanhando o ritmo e por muito



tempo eu a como sem parar.

Agarro seu pescoço, fazendo um pouco de pressão, o que parece excitá-la

ainda mais porque em seguida, ela goza fazendo um som rouco.

Calor e um choque de tensão explodem dentro de mim e eu a sigo, me derramando por inteiro nela.

A sensação das paredes molhadas é deliciosa,

e segundos

depois eu entendo o motivo: fomos sem proteção.

— Não usei preservativo.

Eu ainda estou deitado sobre seu corpo, na mesa, mas depois do que falo, ela me empurra.

— Ai, meu Deus!

Cecily se afasta, mas não parece com raiva e sim, desesperada.

— Calma, nunca fiz

sexo sem proteção, a não ser com a minha...

— Eu sei. Ouvi quando me falou isso no quarto, mas deveria ter escutado também quando eu lhe disse que não uso pílula.

— Escutei, mas agora há pouco, perdi o controle. Eu queria estar dentro de você e não me lembrei de nos proteger. Vou assumir qualquer responsabilidade

sobre minha inconsequência,

no entanto.

— O que isso significa?

— Significa

que se estiver grávida, vou me casar com você. Não há outra saída.

— O quê?

— Escutou o que falei.

Peço perdão pelo descuido, mas se tem meu filho dentro do corpo, não há outra solução.

Ela me olha, pálida, mas não rebate o que falo.

Outro filho

não estava nos meus planos, mas se acontecer, não há maneira de que permitirei que seja criado longe de mim.

Ela começa a sair da cozinha.

— Não fuja.

— Não estou fugindo.

— Está, sim. Vem cá.

Ela anda devagar, sem jeito,
mas quando abro os braços, aceita
meu abrigo e afunda o rosto no meu peito.

— Estou apavorada.

— Confia em mim?

— Sim.

— Vou estar do seu lado se estiver carregando meu herdeiro.

— Por obrigação.

— Por *responsabilidade*

.

— Dá no mesmo. Queria algo casual e agora...

— Agora, talvez o que fizemo

s traga consequências, mas não há

como voltar atrás no que aconteceu. Está feito. Não vou deixar que se afaste. De acordo com sua palavra, tenho mais um dia ao seu lado — falo, como se pretendesse mesmo concordar com aquilo.

— Está brincando, né? Ainda quer fazer sexo comigo mesmo sabendo que eu posso estar...?

— Quero. Eu te falei

que ia te virar do avesso nessas vinte e

quatro horas, Cecily

. Acredite, nós mal começamos.



Capítulo 36

— A quem você fez a promessa que te trouxe a Nova Iorque?

Tomo um susto com a pergunta porque pensei que ele estava dormindo. Já é noite outra vez e nos resta pouco menos de duas horas.

Logo, vou deixar de lado minha fantasia de Cinderela, de namorada do grego sexy e voltarei a ser a Gata Borralheira.

Não — uma voz avisa — talvez não seja o fim e haja uma consequência desse encontro proibido.

Meu Deus do céu e se eu estiver mesmo grávida?

Eu me sinto como uma trapaceira porque isso me permitiria ficar com Joseph para sempre, além de continuar com o homem por quem, agora sei, estou apaixonada.

Mas não é o que ele quer. Usou a palavra *responsabilidade* para definir o que faria se eu estiver esperando um bebê.

Ele já tem um filho

e por tudo o que sei, não estava procurando
uma nova esposa.

Jesus, que confusão!

Penso na pergunta que acaba de fazer, na verdade, uma
continuação da conversa da qual fugi na cozinha. Eu poderia tentar a
manobra outra vez, mas ele não é bobo. Ficaré ainda mais
desconfiado.

Além disso, meu corpo está esgotado, penso, escondendo um
sorriso.

Dionysus cumpriu a promessa de fazer amor ou ao menos
preliminares

em quase todos os cômodos da casa. Deu-me e exigiu

tudo, na mesma medida e depois de uma maratona de sexo, estou
dolorida e exausta, mas saciada e feliz também.

Fora poucos cochilos, sua boca, mãos e sexo exploraram meu corpo,
me fazendo gritar de prazer e implorar por mais.

O tempo todo, ele quis luz, me olhar, e no começo tive vergonha.

Eu sabia que fazer amor com alguém requereria uma boa dose de
intimidade, mas é muito mais.

A entrega é absoluta, principa

lmente na hora do orgasmo. Depois

de tantos que me deu, tenho certeza, ele conhece todas as minhas
vulnerabilidades.

Eu não entendo como as pessoas podem fazer sexo casual.

Trocar de parceiros a cada semana. Acho que se fizess e isso, me sentiria vazia.

O prazer de possuir e ser possuída por alguém por quem nos sentimos atraídas é uma delícia,

mas e o depois? Porque com ele,

não importa o quanto eu saiba que o que tempos tem prazo para acabar, eu me sinto especial.

Eu nunca vou esquecer do modo como a expressão dele é tensa alguns segundos antes de gozar e como, ao se entregar ao nosso prazer, o rosto másculo e li

ndo relaxa, a boca buscando a minha

sem parar, mesmo após estarmos quase desmaiados de exaustão.

E quanto a fôlego, preciso dizer que ele ganha de mim com vários corpos de vantagem.

Dionysus é doze anos mais velho e ainda assim, tem um vigor inesgotável.

— Achei que nosso tempo juntos era voltado para me ensinar os prazeres do sexo. — Finjo

brincar, mas, na verdade, é porque não

quero trazer o nome de Keith à tona. Não ainda, ao menos.

— Conte-me, Cecily

. O que fez uma menina do Kansas vir se

arriscar em uma selva como Manhattan?

— Amor.

Estou deitada sobre ele e depois do que falo, sinto seu corpo endurecer de tensão.

— Veio por um homem?

— Sim.

— Olhe para mim.

Eu obedeco, mesmo com medo porque sei que estamos pisando em gelo fino.

— Vim por uma promessa e por amor a alguém, mas não do tipo homem-mulher.

— Amizade?

— Sim. Eu fui criada por minha madrasta. Ela não é uma boa pessoa. Já tinha uma filha

e quando meu pai morreu, fiquei

aos

seus cuidados.

Desvio nossos olhos, constrangida.

— Por que parou de falar?

— Não quero que sinta pena de mim. Não preciso de pena.

— Por que eu faria isso?

— Porque minha história de vida é um pesadelo. Eu passava fome, apanhava. Não ia a médicos e nem podia sair para brincar

.

— *Cinderela*

— diz, mas o rosto contraído de tensão.

— O quê?

— Quando foi

atropelada, pedi ao meu primo para te investigar

—

fala e eu meio que já esperava aquilo. — Odin te comparou à Cinderela.

Ele descobriu sobre sua madrasta e sua irmã de criação.

Contou-me a respeito e disse que sua história

parecia a da princesa

do conto de fadas. Nunca imaginamos, no entanto, que fosse tão ruim. Onde essa filha da puta está?

— Vivendo na capital

do Kansas. Quando fiz

dezoito, saí de casa.

Abri mão de tudo que meu pai deixou. Só queria distância delas.

Ele acena com a cabeça, o rosto mais sério do que já vi até hoje.

— Por isso não queria voltar para seu estado.

— Não, é pela promessa que fiz.

— Onde esse amigo que tanto ama se encaixa nessa história?

Meu coração dispara. Eu pretendo contar para ele sobre Keith um dia, mas preciso mover as peças com cuidado.

— Ele era neto de uma vizinha.

Só ia passar as férias na minha

cidade, uma vez por ano, mas mesmo assim, quando chegava, era como se fosse natal. Os dias ficavam mais brilhantes e divertidos.

Ele me dava total atenção, carinho. Cuidava de mim. Mesmo depois que crescemos, ainda aparecia duas vezes por ano.

— Por que não te tirou daquele inferno?

— Não podia. Eu era menor de idade. Ele, quatro anos mais velho, mas nenhum juiz

deixaria

um jovem adulto se responsabilizar

por uma adolescente. Jodelle,

minha madrasta, tampouco permitiria.

Ela precisava de mim por perto até a maioridade porque eu teria que assinar um documento abrindo mão da casa do meu pai.

— Por que fez isso? Era sua por direito.

— Acho que foi criado em uma família,

amorosa, Dionysus. Por

isso não entende. Não há dinheiro que compense você conviver com quem odeia. E eu odiava as duas.

— Nunca tentou fugir?

— Tentei, sim e levei uma surra tão grande que quase morri.

Esse meu amigo... ele largou tudo e cuidou de mim, na casa da avó. Tentaram denunciar. Ninguém acreditou porque o xerife era primo de Jodelle.

Eu estava com dezessete, então meu amigo me

deu dinheiro para ir embora tão logo me tornasse maior de idade.

— Ele te amava.

— Sim, tenho certeza, mas não dessa maneira que está pensando. Acho que houve uma época em que ambos acreditamos que

juntos como um casal, não porque nos sentíamos atraídos, mas pela solidez do sentimento.

— Por que não aconteceu?

— Ele conheceu outra pessoa e com o passar do tempo, entendi que o que sentíamos era amor de irmãos mesmo. Combinamos que eu o encontraria quando fosse embora do Kansas, mas essa mulher com quem ele se casou não me queria por perto. Ela o convenceu a me esquecer.

— Ninguém convence o outro de tal coisa.

— Ele estava apaixonado. Eu não fiquei

com raiva. Continuamos

nos comunicando. Ele me fez prometer várias coisas com relação ao futuro — falo, vagamente —, e uma delas é que nunca mais deixaria que alguém me fizesse aceitar menos do que mereço.

— Onde ele está agora?

— Morto.

— Não tem mais ninguém, então?

Levanto-me, precisando de distância

para respirar. Não é isso o

que quero dele: carinho e amizade. Preciso do rompimento quando

a noite de hoje acabar

.

Desejo a relação profissional

de volta porque qualquer outra

coisa confundirá minha cabeça.

— Tenho a mim mesma e a Deus. — Finjo sorrir

.

— Aonde você vai?

— Tomar banho. Nosso tempo juntos está terminando.

— Não precisa acabar assim.

— Disse-me que não ia me dar outra chance.

— Está pedindo por uma?

— Não. Estou bem com apenas o hoje — minto e saio correndo para o banheiro.



Capítulo 37

Ele vem em meu encalço e eu nem sei mesmo por qual razão estou me afastando. Deveria aproveitar o pouco tempo que sobrou.

Talvez seja porque não esperava essa conversa sobre o passado em um momento de tanta intimidade.

— Está fugindo

de mim — diz, entrando comigo no chuveiro e me abraçando por trás.

— Não.

— Mentirosa.

Eu giro em seus braços.

— Estou fugindo de *mim*. Quero ceder. Aceitar mais tempo com você, mas não vou porque sairei machucada. Ainda estou inteira.

É

hora de parar.

— Talvez tenhamos que continuar juntos de qualquer maneira.

— Não vai acontecer porque Deus sabe que nenhum de nós merece ficar preso em um casamento sem amor

.

Seu rosto enrijece como se não tivesse gostado do que falei.

Ele me pega no colo.

Eu deveria empurrá-lo para longe, mas não consigo parar de querê-lo e cruzo as pernas em sua cintura.

— Acha que já acabou? Pensa que vai fugir de mim?

Eu não acredito que ele esteja falando do momento, e sim, de continuarmos nosso caso depois de hoje, mas me faço de boba.

— Não está cansado?

Ele parece mais chateado ainda com a minha pergunta dissimulada.

— Não. Estou faminto

— diz e me toca com a mão aberta. — Sua

boceta está doendo?

— Ardendo, pulsando, mas eu quero mais.

Ele me beija,

entrando em minha boca e sexo ao mesmo tempo.

Eu me sinto cheia, preenchida e tão completa que gemo seu nome, esquecendo-me de qualquer proteção para o meu coração tolo.

Não quero pensar, então correspondo ao beijo com a minha alma, implorando que ele me dê mais e mais.

— Você é tão quente, Dionysus. Tão deliciosamente quente e duro em todos os lugares.

Ele emite um gemido selvagem, enquanto a mão aperta meu bumbum.

— Faça sua proposta, Cecily

. Negocie comigo. Eu quero mais, independentemente do risco de gravidez.

— Não.

Ele me imprensava na parede do boxe e a força com que entra em mim faz meu peito doer, não porque esteja me machucando, e sim, porque sei que sentirei falta disso, de nós dois, para sempre.

Ele estava certo. Vou querer mais também.

Desvio nossos olhos quando essa certeza me atinge como um soco, mas a mão dele vem para o meu pescoço, me obrigando a encará-lo, o corpo se movendo contra o meu sem descanso.

— Negocie comigo. Eu quero você.

Eu não posso. Se exigir que ele nunca me mande embora, que me deixe ficar

com Joseph para sempre, vai desconfiar

, vai

descobrir tudo e não estou pronta para dizer adeus ao meu menino ainda. Não agora que o encontrei.

— Não. Vai encontrar outra pessoa. Eu também. Isso é só sexo.

Ele rouba meu fôlego,

fundindo

a boca na minha, engolindo

meus

gemidos, dominando meu corpo e sem que eu autorize, se
apossando do meu coração.

Dionysus é tão forte que só precisa de uma mão para me segurar, o
braço atravessado pelas minhas costas, me penetrando sem cessar
ou permitir que não o encare de volta.

Abaixa a cabeça, sugando meu mamilo, sabendo exatamente o que
fazer para me enlouquecer

.

— Mais forte.

— Vou te machucar.

— Estou desesperada por você. Me dê tudo.

— Segure-se em mim.

Apesar de termos feito amor de todas as maneiras, ele agora parece
um bárbaro, como se quisesse me marcar, provar que lhe pertença.

Aperto minhas coxas ainda mais à sua volta, cruzando-as, e é toda a
preparação que tenho antes que ele comece a bombear com
violência.

Ele move os quadris em uma cadência ininterrupta e cada vez que
me penetra, os pelos roçam no meu clitóris,

tornando o estímulo

ainda mais intenso.

— Ai, meu Deus.

— Queria tudo, Cecily?

— Com você eu quero tudo porque é meu, Dionysus. Meu.

Convulsiono

em seus braços, enquanto sou atingida

por diversas

sensações ao mesmo tempo.

Desejo, plenitude

e a pior de todas: a certeza de que nunca mais

experimentarei nada que se compare a isso.

Ele me toma em um ritmo animalesco

e eu peço por mais. Atinjo

o orgasmo, uma, duas vezes e ele não para, incansável.

Afundando e se retirando. Dentro e fora, até que meu corpo não
saiba nada além do que essa dança perfeita.

Seguro seu rosto, desistindo

de me esconder. Só por hoje, me

permitirei ser tola.

É carinho agora, muito mais do que sexo. É paixão, muito mais do que desejo.

Beijo sua boca lentamente, sentindo um novo clímax se aproximar quando ele incha dentro de mim.

— Eu quero beber você.

— Caralho, Cecily

.

— Por favor.

Ele inclina

o corpo e martela duro, só parando quando grito, rendida a um novo orgasmo.

Depois me beija a testa, coloca-me devagar no chão e empurra meus ombros, fazendo com que me ajoelhe.

— Abra a boca.

Eu já o tomei, mas em uma lição demorada e lenta. Neste instante, estou sem controle. Eu quero puxá-lo para o meu abismo.

Quero engoli-lo inteiro. Devorá-lo.

O pau dele está rígido, inchado, diante do meu rosto e o mundo para de girar.

Só há ele. Nós dois, perdidos em nosso universo secreto.

Ele é meu homem, mas também é pecado.

Ele é meu abrigo, mas também o proibido.

Meus lábios envolvem seu eixo grosso e o desejo suplanta qualquer vergonha. Eu o puxo para mim e olhando-o, lambo a cabeça

inchada.

Dionysus segura meu rosto.

— Abra a boca e chupe. Tome tudo como eu te ensinei. Quero ver meu gozo escorrendo.

As palavras ásperas vão na contramão da delicadeza com que acaricia

minha mandíbula e eu fico ansiosa para satisfazê-lo, para que sinta, ao menos, um pouco da loucura que me desperta.

Eu tremo enquanto o deixa usar minha boca como se fosse o sexo, o cuidado dando passagem à fome.

Ele me possui, movendo os quadris, impulsionando dentro de mim sem delicadeza.

Chupo e tomo tanto quanto posso, mesmo quando sinto o maxilar dolorido, mas não vou parar enquanto ele não me der seu prazer

.

Passo as unhas em sua bunda e coxas e ele urra, estremece, antes de dizer:

— Vou gozar. Beba.

Eu não tenho outro aviso porque segundos depois ele começa a se derramar dentro de mim em jatos quentes e eu engulo, porque seu prazer é o meu também.

Ele se abaixa e me ergue, segurando meu rosto.

Beija olhos, testa, bochecha e boca.

— Aquele trato não vale mais.

— Ele está valendo.

— Não. Eu quero negociar. Não vou te deixar ir embora nem tão cedo.



Capítulo 38

Nós mal voltamos ao quarto e o telefone fixo toca.

Quase nunca recebo chamadas nele e pelo horário, só pode vir de alguém que estava tentando me contatar pelo celular

.

Com uma toalha em volta dos quadris, vejo Cecily saindo do quarto, talvez para me dar privacidade.

— Não. Fique.

— Nós...

— Espere-me atender o telefone ao menos.

Eu a vesti com o meu roupão e parece mais frágil

ainda dentro do

traje muitos números acima do dela.

Arrastando os pés, provavelmente porque eu estraguei seus planos de fuga, senta-se na beirada da cama.

Pego o telefone.

— *Dionysus?* — Ouço Elina

do outro lado e imediatamente

meu

coração dispara.

— O que aconteceu?

— *Não fique nervoso, mas parece que uma das minhas empregadas se esqueceu da alergia de Joseph e lhe deu um biscoito com manteiga de amendoim*

.

— Ele está bem?

— *Odin chamou o pediatra*

que cuidava das crianças,

mas antes

mesmo que ele chegasse, lhe administramos

a [EPIPEN\[15\]](#), por orientação do médico. Foi bom que você tenha enviado o medicamento para um caso de emergência como esse. Ele foi examinado em seguida e está bem, mas toda essa agitação deixou-o ansioso.

— Já estou indo.

— *Sim, venha. Ele está chamando por você e Cici.*

— Chego aí em no máximo meia hora.

— O que aconteceu? — Cecily pergunta assim que desligo.



— Uma das empregadas deu um biscoito com amendoim para Joseph. Como sabe, ele é alérgico.

— Oh, meu Deus! — ela empalidece. — Como ele está?

— Elina

garante que está bem, mas vou buscá-lo. Disse-me que mesmo depois de medicado, ele continuou ansioso, chamando por nós dois.

— Posso ir também?

Cecily parece tão nervosa quanto eu, o que só me dá mais certeza ainda de que ela gosta mesmo do meu filho.

Para ela,

Joseph não é somente um meio de ganhar a vida.

— Sim, venha.

— Quando for viajar da próxima vez, me deixe ficar com ele, Dionysus. Tem minha palavra de que Joseph estará seguro comigo.

Não estou acusando Elina de nada. O que aconteceu foi um acidente, mas se você estiver fora, eu vou dar a ele cem por cento da minha atenção.

— Tudo bem.

— Está falando sério?

— Estou, sim. Quando eu tiver que sair, do país, Joseph ficará aos seus cuidados.

— Por que confia em mim ou devido ao que aconteceu entre nós?

Desvio os olhos da estrada para encará-la.

— Se acha que o fato de ter te levado para a cama faria com que deixasse meu filho

aos seus cuidados, não tem a menor ideia de

quem sou, Cecily

. Deixarei

Joseph com você porque confio.

Além do

mais, as regras sobre não sair de casa sozinha com ele continuam.

— Eu não me importo, desde que eu possa ter certeza de que ele está bem.

Parece aborrecida e se fosse qualquer outra pessoa, eu deixaria para lá porque não sou do tipo sensível

ou que fica

muito ligado

nos

sentimentos alheios, mas me pego explicando:

— Nunca permiti

que qualquer uma das mulheres que tive após a morte de Sue se aproximasse dele.

— Foram tantas assim?

— Sou um homem saudável de trinta e dois anos, Cecily

. Tenho

uma vida sexual ativa.

— Não deveria ter perguntando nada. Não é da minha conta, doutor Dionysus. Nosso acordo já acabou.

— Há menos de meia hora eu estava te fodendo dentro do meu boxe. Eu gozei na sua boca e você bebeu e queria mais, então não me venha com essa de doutor Dionysus, Cecily

.

— Foi você mesmo quem disse que eu deveria me esquecer de nós dois quando o acordo terminasse.

— Isso antes de saber qual é a sensação de estar em sua boceta. Eu não sou um cara romântico, mas quero ver o que pode acontecer entre nós se continuarmos juntos.

— É atração física. Em qual mundo uma babá e um bilionário grego ficam juntos? Não no meu, certamente.

— Se estiver esperando meu filho,

vai ver isso acontecer, porque

vou colocar um anel tão grande no seu dedo que poderá ser visto da plataforma lunar

.

— Não me conhece. Não sabe nada de mim. Como pode sequer considerar casar-se comigo?

— Eu quero criar meu filho, se houver um.

— Não precisamos nos casar.

— Por que não? Adora Joseph. Nossa atração sexual é inegável.

É um bom acordo.

Percebo que ela se virou no banco para me olhar

.

— Foi isso o que aconteceu entre você e Sue?

— Quer falar sobre minha falecida esposa?

— Eu deveria responder que não, mas foi você quem levantou a hipótese de que posso estar esperando seu bebê, então, sim, eu quero saber sobre o relacionamento de vocês.

Olho para a frente em silêncio por alguns segundos.

— Joseph não é meu filho biológico.

— Eu sei. Elina me contou. Pode me falar mais a respeito?

— Eu conheci a mãe dele quando ela ainda estava grávida.

— Onde está o pai de Joseph?

— O filho da puta está morto.

Ela arfa, talvez assustada com minha agressividade.

— O que ele fez de errado?

— Bebia, usava drogas e batia nela, mesmo depois de descobrir que esperava uma criança.

Paro em um sinal e pelo retrovisor vejo os guarda-costas nos seguindo. Quando olho para o lado, Cecily

está rígida

no assento, o

rosto virado para a janela.

— Como ele morreu? — pergunta, sem me encarar.

— Isso importa? Mereceu estar morto. Eu poderia matá-lo com minhas próprias mãos se ainda estivesse entre nós.

Ela ainda não fala nada.

— Assustada com minha outra face, Cecily? Esse sou eu. Um Kostanidis. Não perdoo e nem sinto pena dos inimigos.

— Não é isso.

— O que há de errado, então?

— Nada. Gostaria de ouvir o resto da história.

— Quando a conheci, Sue estava passando necessidade.

Encontrei-a na rua, aliás, muito parecido com o que aconteceu conosco. Ela tentava subir com um carrinho na calçada. Estava sozinha, famin

ta e sem saber o que fazer para cuidar da criança que ia nascer. Ajudei

-a. Acabamos criando um laço. Quando

Joseph nasceu, me apaixonei por ele e o quis para mim.

— E casou-se com ela, então.

— Sim.

— Amou-a?

— Não de maneira apaixonada. Como mãe e minha companheira, senti carinho. Nunca houve fagulhas ou...

— Ou o quê? — pergunta, se voltando no banco para me olhar

.

— *Fome*, ruiva. Eu nunca fui faminto por ela como sou por você.



Capítulo 39

— *Shishiii*,

[babas\[16\]](#) — Joseph diz, correndo para nós assim que entramos na sala da casa de Odin.

Eu me abaixo para pegá-lo no colo e quando o tenho comigo, o aperto contra o peito. Não sou de demonstrar emoção em público, mas a ideia de que algo pudesse ter acontecido com meu filho acaba com qualquer chance de comedimento.

— Ele estava ansioso. Sinto muito por isso, primo — Elina diz, constrangida, depois de me dar um beijo.

— Foi um acidente. Eu confio

em vocês ou não deixaria

Joseph

aqui. Obrigada por agir rápido.

— Foi Odin quem pensou em tudo — diz, olhando para trás ao perceber que o marido se aproxima. — Na verdade, fiquei desesperada. Nunca lidei com alergias com as minhas crianças.

Joseph está no meu colo, mas também estende a mãozinha para Cecily

, que a aceita e beija sem parar

.

— Senti tanta saudade, amor — fala e meu menino se derrete.

— Chegou hoje? — Odin pergunta, mas tenho certeza de que já sabe a resposta.

— Ontem.

Elina

não disfarça

quando corre o olhar de mim para Cecily

. Vejo

minha ruiva corar

.

— Ficou em casa? — pergunta.

— Sim, *nós* ficamos.

Cecily me dá um olhar mortal e eu entendo parcialmente que esteja zangada. Nosso pacto está uma bagunça.

Eu lhe propus um acordo com prazo para acabar

, mas foi só tocá-

la para saber que o tempo que me ofereceu não daria nem para o começo e agora, com a possibilidade

real de uma gravidez, talvez

estejamos ligados para sempre.

— Vai para a biblioteca amanhã? — Elina pergunta para ela.

Cecily

me encara, como se esperasse eu me pronunciar e depois do que me pediu na vinda para cá, sei a razão: quer ficar com Joseph, apesar de ser o turno da senhora Nuttle.

As linha

s estão sobrepostas. Não há mais um rótulo para o que Cecily é em minha vida. Certamente, não mais a babá do turno da noite apenas. Talvez se torne a madrastra do meu filho.

Pela primeira

vez entendo a confusão do caralho que criei. O que

é mais absurdo, dado quem sou, no entanto, é que não estou preocupado com a possibilidade

muito real dela ficar para sempre

em minha vida.

— Faça como quiser — digo a ela.

— Prefiro ficar

com ele, então — fala, chamando-o para o colo e

para minha surpresa, Joseph se joga nos braços dela.

Ele nunca me troca por outra pessoa.

— Vou almoçar com vocês amanhã, então — Elina insiste e Cecily concorda com um aceno de cabeça.

Odin me chama com o olhar e eu me afasto para ver o que quer

.

— Estão juntos? — pergunta, sem preâmbulos, assim que entramos em sua biblioteca.

— Não sei como responder a isso.

Falo rapidamente sobre o acordo que lhe propus e também que mudei de ideia

depois das vinte e quatro horas que Cecily

me deu

como prazo. Em seguida, que conto que pode ter engravidado e que se for o caso, nos casaremos.

Odin nem pisca. Não parece espantado. Como eu, é grego.

Família

signific

a tudo para nós. Nunca deixaríamos um filho

ser

criado à distância.

— É isso o que quer?

— Me casar? Não. Ficar com ela? Sim, no momento, é o que quero.

— Não sabe muito sobre Cecily

.

— Sei o que você descobriu. Mas há algo mais que preciso que investigue:

quero saber a respeito da madrasta e da irmã de criação de Cecily

.

— Nenhuma das duas vale porra nenhuma. A madrasta se casou de novo; a filha,

Peyton, vive de dar golpes em velhos ricos que

pagam com joias os favores sexuais que lhes presta.

— O que eu quero é saber mais sobre o passado delas, principalmente do tempo em que Cecily vivia com as duas infelizes.

— Alguma época específica?

— Adolescência. Cecily

também tinha um amigo que a ajudou.

Está morto agora, mas era alguém importante para ela. Descubra quem foi.

— Não tem nada a ver com a possibilidade de gravidez somente.

Você a quer em sua vida.

— Eu quero conhecê-la melhor sim, mas temo estragar tudo. Sue foi a única constância no que diz respeito à mulheres, desde que me entendo por gente. Nunca fiquei com alguém a longo prazo.

— Nem ficaria

com sua falecida

esposa, se não fosse por

Joseph.

Sacudo a cabeça sorrindo porque nenhum dos meus parentes sabe o significado de diplomacia.

— Nossa família

é composta por bastardos desconfiados

— digo,

mas não estou aborrecido de fato. — Nem meus irmãos ou você e Christos jamais disfarçaram que não gostavam dela.

— Não gosto de santos. Sue era boa demais para ser verdade.

— Cecily também, segundo você.

— Eu descobri tudo sobre a vida de Cecily

. Se ela tivesse algum

ponto podre em seu caminho, eu já teria desvendado.

— Qual é o problema real em relação a Sue, Odin? Zeus também a detestava.

Ele dá de ombros.

— As pessoas erram, fazem merdas. São imperfeitas.

Acordam

em dias ruins e querem mandar todo mundo se foder, eventualmente. Sua ex-esposa estava sempre feliz. Nenhuma marca emocional aparente com relação ao passado traumático.

— Então é isso? Sua desconfiança

era porque ela não parecia

deprimida?

— Não. Era porque tinha peças da própria história que não se encaixavam.

— Como o quê, por exemplo?

— Fez faculdade, tinha formação universitária,

mas trabalhava

servindo café no campus em que o ex-marido estudava. Era mais velha do que ele, mas o acusava de ser controlador, tirânico, segundo me disse. Por tudo o que pesquisei, porém, não há nada no histórico de Keith Bates que comprove isso.

— Como assim?

— Todos com quem ele se relacionava

diziam que era um cara

calado, um *geek*, mas nada violento.

Vou conceder que as pessoas,

na maior parte das vezes, não mostram sua verdadeira face, mas ele não tinha qualquer incidente

de violência

contra mulheres ou até

mesmo brigas de bar, antes de sua morte. Nem mesmo um registro

por parte de Sue, em qualquer delegacia, dizendo que sofria abusos.

— Há muitas mulheres que apanham e não denunciam.

— Sim, há e pode ter sido o que aconteceu no caso dela, mas eu não sei... algo não se encaixa. Não é tanto uma certeza, mas uma sensação de que a história

foi pintada para você com as cores que

ela queria que visse.

— E o que mais?

— Voltemos a Keith. Alguém que é um bêbado contumaz ou viciado em drogas, como ela o acusou, eventualmente teria um problema

com a lei:

ser pego em uma blitz,

se envolver em brigas,

ser irresponsável no trabalho ou faculdade.

Keith nem mesmo saía

de casa antes de se casar com ela, Dionysus. O cara vivia para estudar e trabalhar.

— Por que só está me contando isso agora?

— Porque você estava de luto, em primeiro

lugar. Tanto sua ex-

esposa quanto o suposto falecido

marido abusivo dela estavam

mortos. Não fazia qualquer sentido trazer isso à tona.

— Então, por que agora?

— Está em um novo relacionamento, ao que parece. Seu casamento foi curto e nem teve tempo de conhecê-la, mas aqui vai

uma opinião:

Sue não era uma santa. Seu casamento foi curto e nem teve tempo de conhecê-la, antes de lhe propor compromisso.

Não interferi.

Era adulto e deveria saber o que estava fazendo, mas talvez seja a hora de fechar essa porta do passado.

— Não foi por amar Sue ainda que nunca fiquei com alguém a sério depois da morte dela, mas porque jamais desejei.

— E agora?

Passo as duas mãos no rosto.

— Agora, eu tenho mais perguntas do que respostas, primo, então vou optar por viver um dia de cada vez.



Capítulo 40

Sei que o que aconteceu com Joseph foi mesmo um acidente, mas ainda assim, eu me sinto culpada.

É como se Deus estivesse me castigando por me desviar completamente do caminho que eu havia estabelecido.

Não vim a Nova Iorque para me divertir

, tampouco para me

apaixonar pelo pai adotivo do filho

de Keith, e sim para ter certeza

de que, ao contrário do monstro que foi a mãe, nosso menino estava sendo bem cuidado.

Ele está. Disso, não tenho mais dúvida, então, metade da minha missão está cumprida porque ainda que eu continue amando Keith como a um irmão, eu falharei com ele em um ponto.

Não posso entrar na justiça
contra Dionysus pela guarda do filho.

Precisei
apenas de uma curta convivência
com eles para entender
que o sangue, nesse caso, não significa
nada. Joseph e Dionysus
pertencem um ao outro.

O grego é o sol do meu menino e eu nunca teria coragem de brigar por Joseph diante de um juiz,

tentar tirá-lo

do pai, requerer a

guarda, amparada na carta que tenho do meu amigo e que faz as vezes de seu testamento.

Eu vivi

o desamor familiar

por anos, então conheço, por exclusão,

o oposto: o amor dedicado, fiel

e absoluto e é assim que Dionysus

age com o herdeiro.

Ele ama Joseph com o coração, como se fosse dele, e eu não imagino um pai melhor para criá-lo.

Seria o momento em que eu deveria virar as costas e ir embora.

Não há mais nada para fazer aqui, mas fora o fato de que me apeguei muito mais a Joseph do que imaginara, me encontro também enredada em uma teia de omissões tão grande que não faço ideia de como sair

.

Lembro-me da conversa com Elina.

Naquele dia, a possibilidade

de fica

r com meu chefe era remota, ainda que existisse. Tudo mudou agora.

Talvez não sejamos um casal no sentido completo da palavra, mas tampouco somos patrão e empregada.

Eu, que sempre odiei mentiras, estou enganando o homem por quem me apaixonei.

Aperto os olhos para não chorar, enquanto passo a mão pelo cabelo do menino adormecido.

Tão puro, inocente, sem ter a menor ideia

do pesadelo que foi o

relacionamento

dos pais ou do ser humano vil

que era aquela que o

gerou.

Dionysus ficou conosco até que o filho

dormisse, mas teve que

descer para fazer uns telefonemas de trabalho e eu pedi para continuar com o garotinho.

Estou me escondendo, claro. Apavorada e com muita vergonha, também.

Eu ouvi calada enquanto ele recontava as mentiras que provavelmente ouviu de Sue, destruindo a imagem e reputação de Keith.

O que eu podia fazer? Dizer quem sou?

Ele vai me odiar porque saberá que tudo o que fiz

para conhecê-

lo, conseguir o emprego, me inserir em sua casa, não passou de uma armação.

Com a melhor das intenções, visando o bem de Joseph e sem qualquer interesse próprio, mas ainda assim, uma armação.

Penso na conversa de hoje cedo e a seriedade com que disse que se casaria comigo caso esteja grávida.

Se for confirmado

e ele descobrir quem sou, vai me tirar a guarda

do bebê?

Com seu poder e dinheiro, não tenho dúvida de que conseguiria.

Jesus, o que eu faço?

Conte a verdade — uma voz avisa. — Diga a ele quem é antes que essa confusão se transforme em uma bola de neve.

Eu não tenho coragem. Não ainda. Eu preciso de mais tempo para fazer isso de uma maneira que cause o menor estrago possível.

Ele disse que quer negociar o nosso relacionamento.

Aceitaria ficarmos juntos se eu lhe dissesse

toda a verdade?

Se não, ao menos deixaria que eu visse Joseph, que acompanhasse seu crescimento mesmo que não houvesse mais nada entre nós?

Ou ao contrário, me odiaria?

São muitas dúvidas para que eu arrisque tanto.

Tenho que ter certeza da gravidez primeiro. Se estiver mesmo esperando um Kostanidis,

terei muito mais a perder se o pai do meu

filho passar a me desprezar

.

A porta se abre e eu o vejo, contra a luz, grande e poderoso, mas também um homem de família.

Recordo o que disse sobre Sue. De como ele amou e protegeu Joseph desde sempre e assumiu a cobra traiçoeira

que era a mãe

dele para manter o bebê por perto.

Ele foi generoso com a ex-mulher de Keith, mas não tenho dúvida de que a destruiria se descobrisse quem ela era de verdade. O

problema é que não tenho provas. É a minha palavra — a de uma estranha, tecnicamente falando — contra a da ex-esposa morta.

Dionysus é essencialmente bom, eu sei, mas há algo de cruel nele também.

É dessa nuance que tenho medo. De ser alvo de sua raiva e vingança.

Ele me tiraria

nosso filho,

se eu estiver grávida? Me impediria

de

ter contato com a criança?

Sinto-me sufocar e com a desculpa de deixar os dois sozinhos, me levanto e ando para a porta.

Ele não se move e faz que não com a cabeça, como se me dissesse para não sair

.

Vai até a cama e coloca o filho no berço.

Eu observo a cena e meu peito se aperta porque eu não quero deixá-los. Eu quero os dois, porque a voz imprudente que grita dentro de mim que Dionysus é meu, que

ambos são, não se cala.

Vejo-o ligar

a babá eletrônica

e em seguida, vir ao meu encontro.

Ele pega a minha mão e depois de sairmos, fecha a porta do quarto. Continuo parada, encarando-o. O coração martelando dentro do peito pelo que vou fazer

, mas não consigo enxergar outra saída.

— Eu quero mais também. Não me importa o prazo. O quanto for.

Eu quero mais.



Capítulo 41

— Por que essa mudança? — pergunto, estudando o rosto dela com atenção.

— Não sei se entendi.

— Antes de irmos buscar Joseph, disse que não queria mais.

Estava irredutível, na verdade.

— Você mudou de ideia?

— Não, eu nunca volto atrás quando tomo uma decisão. Quero você.

— Não sei como faremos isso funcionar

.

— Não sabe como faremos *funcionar*

o quê, Cecily? Somos

livres.

Ela não diz nada. Eu pego sua mão novamente e começo a descer as escadas.

Está gelada, suando frio, então depois de posicionar a babá eletrônica na mesa da cozinha, eu a sento na bancada e me encaixo no meio de suas pernas.

Cecily

olha em silêncio

para o cômodo e em seguida, para mim.

Sei que ambos não podemos esquecer o que aconteceu nesse ambiente.

Um ato desesperado de desejo, paixão, que talvez tenha criado um vínculo eterno entre nós dois.

— O que teremos que fazer funcionar? — repito a pergunta.

— Ficarmos juntos.

— Tem medo de estar grávida?

— Sim, tenho, mas não é por isso que quero mais. É por você.

Nós dois. No entanto, vai ser uma confusão. Serei babá durante o dia e sua namorada durante a noite.

— Por que não *namorada em tempo integral*

?

— Nesse caso, teria que me mudar para meu apartamento outra vez. Precisaria de outra babá para Joseph. Não quero deixá-lo.

— Por que precisaria

deixá-lo?

Fale o que está pensando, Cecily

.

Está conversando por código. Isso não funciona comigo. Gosto de tudo às claras.

Percebo quando engole em seco.

— Estou propondo um relacionamento secreto.

— O quê? Nunca me escondi. Não tenho satisfação a dar a qualquer um.

— Não se escondeu porque não precisou trazer mulher alguma para a sua casa, mas nunca as assumiu também. Comigo, só fará porque tenho que estar aqui. Não percebe que somos uma bagunça?

Eu a puxo para perto, segurando seu rosto.

— Sim, somos uma bagunça. Eu não gosto de bagunça, mas eu gosto de você.

— Deseja-me, quer dizer

.

— Com loucura. Agora mesmo quero puxar sua calcinha para o

lado e fodê-la

duro, mas gosto de você também, mesmo que eu não tenha te planejado.

— Dá para planejar esse tipo de coisa? Por favor, me ensine.

— Para quê? Está comigo agora. Não precisa de outros planos para caras nem tão cedo. Talvez, nunca.

— Não fale essas coisas.

— O quê? É algo que temos que considerar

.

— Sou ansiosa. Prefiro não pensar na possibilidade de um bebê até que ela se torne real.

— Duas semanas.

— O quê?

— Esse é o prazo em que você vai saber se está esperando meu filho.

— Não parece assustado.

— Sou um homem, não um garoto, Cecily

. Filhos não me

assustam. Crianças não se fazem sozinhas. Foi preciso minha participação ativa. Nunca fujo das minhas responsabilidades.

— Não estava insinuando que o faria, mas o que pensei é se quando fala em filho

e casamento, você entende que levará a mãe

de brinde. Não foi apaixonado por Sue. Não é por mim também porque mal nos conhecemos. Como pode sequer considerar ligar sua vida à minha para sempre?

— Eu acredito em destino. Se tiver que acontecer, estava escrito que seria assim. Nosso encontro foi no mínimo inusitado.

— Assim como aconteceu com sua primeira esposa.

Franzo a testa, pensando em algo que nunca me ocorreu.

O que diabos Sue estava fazendo perto do banco? Na ocasião, quando recuperou os sentidos, disse que comprara o carrinho de

bebê de segunda mão que carregava naquele dia, mas não há lojas ou brechós em volta. Apenas prédios comerciais.

Eu nunca pensei sobre isso antes. Talvez seja a conversa com Odin o que tenha ligado minha desconfiança.

— Não como aconteceu com Sue. Com ela, eu me senti protetor por estar grávida. Eu te quero por você mesma.

— *Desejo* — repete.

— Sim. O que há de errado nisso? Pode negar que sente também?

— Não estou negando.

— Não quero que vá embora daqui. Não quero outra babá da noite para o meu filho. V

amos negociar seus termos.

— Mantemos tudo em segredo até fazermos o teste de gravidez.

Pode ser que dê negativo e talvez, até lá, vejamos que tudo entre nós não passou de uma atração forte e poderemos voltar ao que éramos antes de ficarmos juntos.

Deveria me sentir aliviado

com a proposta. Cecily está me

oferecendo duas semanas de sexo sem compromisso e me dizendo que se não estiver grávida, serei livre outra vez.

Eu não me sinto aliviado e sim, puto.

— Por que é tão desapegada?

— O quê?

— Como pode ser assim? Não estou querendo bancar um babaca, mas sei que as mulheres, por via de regra, se envolvem mais e você é inexperiente,

Cecily

. Entretanto, age como o se que

acontece entre nós fosse algo que vive todos os dias.

Seu rosto se fecha e desce do balcão.

— Pare de querer fugir toda vez que é confrontada.

— Não estou fugindo, mas fiquei

chateada com o que disse.

Sabe que nunca vivi o que tivemos. Eu era virgem. Você é meu único. Meu primeiro tudo.

As palavras pesam entre nós. Sua força nos atingindo simultaneamente.

Ando até ela, a pego no colo e a encosto na parede.

— Fale outra vez.

— Você é meu único. Meu primeiro tudo.

Puxo sua calcinha para o lado e desço meu zíper, entrando inteiro em sua boceta.

— Não podemos fazer assim.

— Não vou gozar dentro, mas quero te sentir me molhando.

Repita que é minha.

— Meu único. Meu.

Fodo duro, sem pena.

— Se é minha, por que o desapego, então?

Ela segura meus ombros e começa a abrir minha camisa. Beija meu peito, me morde.

— Porque nunca tive nada. Nem sonhos ou esperança. Tenho medo de alimentá-los,

esvaziar-me neles até que não sobre nada de

mim.



Capítulo 42

Dez dias depois

— *Casamento?* — Hades repete quando conto aos meus irmãos, junto aos Lykaio, através da nossa chamada de vídeo semanal, sobre a possibilidade de Cecily estar grávida.

Aceno com a cabeça, o maxilar contraído de tensão. São meu sangue e carne e os amo acima de tudo, mas não permitirei que questionem minhas decisões.

— Sim, casamento. Saberemos dentro de poucos dias.

Entretanto, estamos juntos.

— *Estão?*

— Em segredo, por ora. Cecily não quer que saibam.

— *Por que não?*

— *É um interrogatório,*

Hades? Caralho, larga do pé dele — Ares

rosna.

— *Se ela estiver*

, tem certeza de que é seu? — meu irmão mais velho pergunta.

— Sim. Cecily

era virgem. Não me lembro de ter questionado a paternidade quando descobriu que Madison estava grávida.

— *Não questionei,*

pelo mesmo motivo que você não o fará.

Minha esposa era virgem

também. — Ele passa as duas mãos pelo

rosto. — *Desculpe-me, não é nada contra Cecily*

, ela parece uma

boa garota. Talvez seja resquício

da minha antipatia

pela sua

falecida esposa ainda.

— Sue e Cecily

são água e óleo — Hades intervém, me surpreendendo. — *Até mesmo para mim, que desconfio da sombra,*

tenho certeza de que são opostos completos.

— Sue mentia

— Christos fala pela primeira vez.

Nosso primo mais velho nunca afirma algo sem ter certeza e agora lhe dou minha total atenção.

— Por que diz isso?

— *Ela nunca olhava nos olhos das pessoas quando falava.*

Antecipava a necessidade dos outros, visando agradar. Nunca gostei de sua esposa ou a achei confiável.

— Esperaram eu enviudar para me contar que a odiavam?

— *Se casou com Sue na velocidade da luz. Queria nosso Joseph. Entendemos isso, mas estávamos de olho nela.*

— Jesus, do jeito que falam, parecemos um tipo de máfia.

— *E não somos? — Odin debocha. — A única diferença é que nosso ramo de atividade é legal, mas...*

Meu primo deixa o resto no ar, porque mesmo com os telefones seguros, projetados pela empresa dele, há coisas que não devemos falar

, como por exemplo, que obrigamos o inimigo

de Zeus, inimigo

[de todos nós, na verdade, se matar\[17\].](#)

— *Não posso negar que ultrapasso*

limites

quando quem está em

jogo é a família

— Christos dá de ombros.

— *E por falar*

em família.

— Zeus aponta para seu segundo

telefone. — *Com toda a correria,*

esqueci de lhes contar que

Brooklyn acordou do coma.

— *Eu sabia que Athanasios conseguiria*

— Hades diz.

Conversamos por um tempo ainda e quando a chamada coletiva finalmente se encerra, volto a telefonar para Odin.



— Descobriu alguma coisa sobre a família de Cecily?

— *Várias. O que exatamente você quer?*

— Vingança. Talvez minha namorada seja boa o bastante para esquecer o que sofreu, eu não. Ela foi agredida, passou fome.

— *Caralho!*

— Era uma vulnerável nas mãos principalmente

da madrasta e

viveu no inferno por anos. Não vai ficar assim.

— *Vou te mandar um relatório*

sobre as duas. No caso da

madrasta será mais fácil.

O atual

marido está envolvido

em uma teia

de negócios ilegais.

— Envie-me e decidirei

o que fazer. Sobre a irmã, também.

Ambas vão pagar.

— *Cecily sabe disso?*

— Não. E nem precisa. Basta que eu tenha a certeza de que vão se arrepender para sempre de terem-na ferido.

— Você é o garotinho mais inteligente do mundo! Sinto tanto

orgulho, meu lindo.

Ouço a risada do meu filho

depois que Cecily o elogia e algo

dentro do meu coração se contrai.

Ela conseguiu em um período curto fazer com que Joseph risse mais do que por todo o tempo desde que nasceu.

Ele teve poucos meses com a mãe antes que Sue falecesse no

acidente de carro e por vezes me perguntei se em sua cabecinha infantil, sabia que não a veria nunca mais e isso o entristecia.

Agora, com Cecily

, ele desabrocha. Talvez porque seja a única

das pessoas que o cerca, fora a família, que o ama verdadeiramente.

Tiro os sapatos e meia como sempre faço antes de entrar no quarto de brincar do meu filho.

Quando apareço no campo de visão

de ambos, os dois sorriem.

Não é a primeira vez que acontece. Tenho tentado chegar em casa mais cedo para participar

dessa pequena reunião familiar

e em

cada uma delas, sinto uma paz que nunca antes experimentei.

Plenitude.

Sim, é isso, eu me sinto completo.

— Babas[18]!

— Esse sou eu — falo, sem conseguir esconder o orgulho que me causa Joseph me receber tão sorridente.

— Bincá!

— Sim. Por isso cheguei mais cedo, para brincar

.

Abaixo-me para falar com Cecily e beijo sua boca.

Na primeira vez que fiz isso, ela virou o rosto, alegando que talvez Joseph passasse a nos ver como um casal.

Não sei se ele entende que ela é minha namorada, mas não vou criar meu filho em uma bolha.

Cecily é minha.

Não basta ter que fingir

para o mundo todo, ainda ter que nos

esconder em meu próprio reino? De jeito nenhum.

— Você é teimoso — sussurra, depois do beijo, mas está sorrindo.

— Sou faminto pela sua boca. Agora, me expliquem qual é brincadeira hoje. Estou ansioso para começar

.



Capítulo 43

Dias depois

Hoje Madison me telefonou para dizer que a irmã, Brooklyn, que saiu do coma há alguns dias, está se recuperando muito mais rápido do que o esperado.

Um milagre da vida, Deus lhe dando uma segunda chance.

Eu preciso de um milagre também. E de segundas chances, principalmente,

mas além de tudo, eu preciso ter coragem para contar ao pai do meu filho quem sou.

Isso mesmo. Terei que revelar minha identidade não mais a Dionysus, o chefe, namorado, amante. Ele é tudo isso também, mas é, principalmente, o pai do bebê que estou esperando.

Estou grávida.

Havíamos combinado que eu faria o exame de sangue com o mesmo médico que está cuidando de Madison, mas eu não pude esperar. A ansiedade estava me matando, então, hoje pela manhã fui sozinha a uma clínica e fiz.

— Shishiii.... Uco.

— Mais suco?

— Shimmmmm.

— É bom ser pequeno e tão amado, não é, Joseph? Não ter dúvidas, medo de ficar sozinho, não saber ainda o que é sentir culpa... Porque é assim que estou hoje. Triste, e sem orgulho nenhum de mim mesma.

Seco as lágrimas

que teimam em escorrer. Não acho que esteja

emotiva por causa da recém descoberta gravidez e sim, porque tenho guardado o choro por uma vida inteira.

— Está sentindo alguma coisa, senhorita Bradley? — Barbara pergunta.

Senhorita

Bradley

, não Cecily

. Uma prova de que eu e Dionysus

não somos tão discretos como acreditávamos. Os empregados já perceberam que estamos juntos.

— Não. Só um pouco emotiva.

— Parece cansada. Não é justo que Lisa a sobrecarregue tanto.

Ela já faltava normalmente, agora parece que por saber que mora aqui, tornou-se mais irresponsável.

— De verdade, não me importo de ficar com ele, Barbara.

— Sei que não. Qualquer um percebe que ama o garoto.

Concordo com a cabeça apenas, porque apesar de nos darmos bem, não estou com vontade de conversar e acho que ela nota, já que logo em seguida, sai.

Meu celular

toca e vejo pelo identificador

que é Dionysus. Hesito

antes de atender, tão cansada de mentir, ocultar ou qualquer outro nome que se dê para o que venho fazendo.

Dionysus: “Atenda”.

Não sou exatamente fã de ordens ou ultimatos, no entanto, fico arrepiada ao ler o visor

. Não devo estar bem, mesmo.

— Eu ia atender.

— *Não ia. Estava pensando. Decidindo-se. Por que sempre tenho que perseguir você, Cecily? Por que parece gostar de fugir de mim?*

Fui eu quem te perseguiu

— penso. — *E tenho medo que me*

odeie quando descobrir isso.

— Gosto da ideia de ser caçada por você.

— *Não tenho problema com isso. Caçá-la me excita. Além do mais, sabemos que a noite terminará comigo dentro de sua boceta.*

— Meu Deus do céu!

— *Venha me ver. Quero te foder em cima da minha mesa.*

Sei que hoje ele está na emissora de tv. Nunca fui lá e tenho curiosidade. T

alvez fizesse meu dia ficar um pouco melhor

.

— Não posso. Lisa não veio novamente.

— *Porra! Há três dias está trabalhando em dois turnos. Deve estar exausta.*

— Tanto quanto as mães ficam

quando criam os filhos

sozinhas.

Estou bem, mas não posso ir hoje. Convide-me novamente amanhã.

— *Vou pedir a Ares que fique*

com Joseph essa noite

e te levarei

para jantar

.

— Não estou pronta ainda.

Ele vem insistindo

para que apareçamos em público

e sei que os

irmãos e primos dele sabem sobre nós, porque me contou que conversou com eles. Elina também, então só falta Madison dos parentes mais próximos.

— *Quando?*

— Eu não sei. Por que isso é importante?

— *Não gosto de me esconder, mas hoje, não é sobre isso. Quero ficar a sós. Precisamos conversar*

.

— Sobre o quê?

— *Não minta para mim, Cecily*

. *Na verdade, sequer omite. Não*

reajo bem a traições

de qualquer tipo. Você foi ao médico. Mesmo

depois de conversarmos

sobre fazer o teste no obstetra

da família,

foi sozinha. Por quê?

— Porque sinto que estou perdendo o controle da minha vida.

Queria manter um mínimo que fosse de autonomia.

— *Escondendo de mim se está grávida?*

— Não. Eu nunca faria isso. Acho que somos errados um para o outro, mas não te esconderia a verdade.

— Não quer jantar?

Tudo bem, mas vamos tirar

a noite só para

nós dois de qualquer maneira. Ares vai ficar

com meu filho.

Pego

você às oito.

— Não tenho escolha?

— *Dessa vez, não. Esteja*

pronta. Vamos jantar

e depois vai me

dizer qual foi o resultado do exame.

Desligo o telefone com o coração disparado. As batidas tão intensas que me doem o peito. Estou com medo de contar tudo, mas ele tem o direito de saber

.



— Por que parece prestes a desmaiar? — Ares pergunta quando nos encontramos no corredor da mansão e eu me assusto.

Estou pronta para jantar com meu “não sei que nome chamá-lo” e ia passar no quarto de Joseph para me despedir, quando dei de cara com o segundo Kostanidis mais velho saindo de lá.

— Não pareço — respondo de cara fechada porque mesmo que os parentes sejam intimidantes,

assim como o próprio Dionysus,

estou emocionalmente

esgotada hoje e será preciso muito mais do

que um grego bilionário mal-humorado para me tirar do eixo.

— Está escondendo alguma coisa? — pergunta, fingindo brincar, mas sei que está falando sério.

Já reparei que cada um dos Kostanidis tem características peculiares.

Zeus é sério e tem um jeito de te olhar que parece ver sua alma.

Dionysus parece suave, charmoso, capaz de fazer calcinhas derreterem, mas é tão desconfiado

e frio

quanto os outros membros

da família.

Ares é um bad boy à primeira vista, rebelde e que não dá a mínima para o que pensam dele, mas assim como os outros, é cínico e observador, e apenas passa uma falsa impressão de leveza.

Finalmente, temos Hades, o mais assustador de todos. Ele encara as pessoas como se as odiasse ou ao menos desprezasse o mundo inteiro.

Poucas vezes se dirigiu

a mim e quando o fez, eu

quis correr.

A Cecily que chegou em Nova Iorque talvez fugisse após a pergunta dele. A de hoje, aprendeu sobre a própria força.

— Se eu estivesse, doutor Kostanidis

— falo

com imprudência

—,

não seria ao senhor que iria revelar

Não tenho ideia de qual será sua reação, mas me irrita ainda mais quando vejo um canto de sua boca se erguer, em uma sombra de sorriso.

— *Doutor Kostanidis?*

— Não é o seu nome?

— Pode estar carregando meu sobrinho dentro do seu corpo, *Cici*

— diz, enfatizando meu apelido de propósito. — Vai continuar me chamando assim quando entrar em trabalho de parto?

— Não teve graça.

— Não tentei ser engraçado, só disse a verdade. Se estiver esperando um filho

do meu irmão, será nossa. Parte da família.

Então, talvez devesse começar a se acostumar a me chamar pelo nome, [moro moo\[19\]](#).

Capítulo 44



— É um sequestro? — ela tenta brincar, mas sei que está muito nervosa.

— E se for? Não acha que é um pouco tarde para sentir medo de mim?

— Não tenho medo de nada — diz, olhando para fora da janela, enquanto Anderson dirige.

Acho que ela não se dá conta de como é transparente e que demonstra ansiedade no momento. Vê-la tão nervosa me faz desejar protegê-la porque eu acho que sei a razão.

Não sou do tipo que aprecia mistérios.

Segredos geralmente

me irritam, mas com ela, estou fazendo uma concessão, considerando nossa situação atual, sua juventude e acima de tudo, inexperiência.

Cecily passou de uma existência simples no Kansas a vir conviver em meio à alta sociedade e mesmo que ainda não tenhamos nos mostrado em público

como um casal, ainda assim é

uma mudança drástica de estilo de vida.

Ela é forte, não tenho dúvidas. Atravessou o inferno na

infância

e adolescência — espancamentos, fome e solidão — e ainda consegue sorrir e ter amor dentro de si.

Entretanto, há muita vulnerabilidade nela também.

— Disse-me que queria conversar — fala.

— E iremos, mas não agora.

— Eu não entendi. Por que saímos então?

Eu puxo sua nuca e tomo-lhe a boca em um beijo lento.

Normalmente, basta um simples encostar para estarmos queimando um pelo outro, mas hoje, eu quero mais do que fodê-la. Quero sua entrega e confiança.

Ela fica

tensa a princípio,

mas logo se desmancha, virando

um pouco o corpo para me sentir melhor, encostar o peito no meu, quase montando meu colo.

Quando nos separamos para recuperar o fôlego, seguro seu rosto.

— Não quer aparecer em público

ainda, mas vou te levar a

um encontro de qualquer modo. É minha namorada. Se não vamos a um restaurante, o restaurante virá até nós.

Pela primeira vez na noite, ela sorri.

— Uma surpresa?

O rosto está relaxado, completamente desarmado.

— Gosta delas?

— Das boas, sim. — Ela reclina a cabeça contra a minha mão, tentando pegar mais carinho. — E nossa conversa?

— Mais tarde. Teremos tempo.

Ela não diz mais nada. Recosta no meu ombro, enquanto a mão pousa na minha perna, fazendo desenhos imaginários.

Minutos depois, ainda está quieta e não consigo entender a razão do silêncio.

Cecily

é vibrante e feliz.

Não age em seu modo

natural hoje.

— Por que tão calada?

— Estou pensando.

— Fale-me.

— Por que quer ficar comigo? Poderia ter a mulher que desejasse. Para que se meter nessa complicação?

— Eu não desisto do que quero só porque é complicado.

— Entendeu o que eu disse.

Anderson estaciona em frente a uma das minhas coberturas na cidade, em frente ao Central Park. Ela é perto da antiga de Zeus, onde ele morava antes de se casar com Madison. Está mobiliada e

comprei como investimento. Iria vendê-la, mas resolvi, depois da recusa de Cecily de sair em público, que traria um restaurante inteiro para ela aqui.

— Sim, eu entendi — continuo. — O que não estou conseguido entender é por que parece estar quase torcendo para

que eu desista de você. Não sabe que isso só fará com que eu te persiga ainda mais?

— Como um desafio? — pergunta, parecendo zangada.

Na verdade, eu tenho a sensação de que anseia por uma razão para brigar.

— Como a mulher que eu quero.

Saio do carro, me sentindo um pouco puto agora.

Ela me envia mensagens cruzadas. Parece completamente envolvida sexualmente, mas se fecha em relação a qualquer outra coisa.

Dou a volta para abrir sua porta, me antecipando a Anderson e ajudo-a a descer. Seguro sua mão e sigo para o elevador

.

— Um edifício residencial?

Assinto com a cabeça, sem falar. Dentro do elevador, sei que ela me observa, mas eu não a olho de volta, tentando me acalmar

.

Tenho um gênio infernal

e não quero dizer algo que vá me

arrepender.

Persegui-la

não me incomoda. Vê-la tentar sabotar nós dois,

já é outra história.

Cecily se aproxima de mim e pousa as mãos em meu peito.

— Você é um sonho. É por isso que sinto tanto medo.

— O quê?

— Ficar com você é como viver um sonho. Um tipo de conto de fadas que nunca esperei que fosse acontecer comigo. Não, na verdade, um que não acontece com garotas como eu.

— Porque sou rico?

— Não. Porque pertencemos a universos diferentes. No seu mundo, as mulheres, os relacionamentos, são descartáveis. Sou uma garota do interior

. Não importa o corte de cabelo novo e as

roupas que Elina

me deu, continuo sendo uma menina do interior

do

Kansas, Dionysus.

— Eu não me importo de onde veio, quanto tem no banco, se é experiente, mas sim o que eu sinto quando estou dentro de você.

O que eu senti desde a primeira vez em que entrei em você. Tem razão quando diz que no meu mundo os relacionamentos são

descartáveis, mas se fosse esse o presente caso, não estaríamos aqui.

— E o que estamos fazendo aqui?

O elevador para e eu a guio em silêncio.

A porta da cobertura se abre, provavelmente porque Anderson avisou que estávamos subindo e um garçom nos recebe, dando as boas-vindas.

Ela interrompe os passos, olhando para mim com uma pergunta no rosto.

Não falo nada, pousando a mão na parte baixa de suas costas e guiando-a para o interior do apartamento, até a parte de fora.

Como uma boa menina, ela me deixa levá-la

até seu lugar na

mesa longa, retangular, que está coberta com pétalas de rosas e dois castiçais com velas acesas no centro. Rígida, espera em silêncio, sentada, até que eu me acomode.

— Eu não estou entendendo. Por que isso tudo?

— Por que não? Acha que não merece?

Ela abre a boca e volta a fechá-la, mas eu sei a verdade.

Cecily tem baixa autoestima, fruto dos anos em que foi inferiorizada.

Acredita que deve agradecer por qualquer coisa, como se ser aceita e amada fosse um favor que lhe estão prestando.

O garçom vem nos cumprimentar e fala sobre o cardápio, dando-lhe todas as opções, dignas de um restaurante três estrelas do guia Michelin, que foi o que contratei.

Aguardo que escolha. Não estou interessado na comida ou bebida, mas nela.

Eu me dei conta de que estava agindo como se Cecily fosse

uma mulher ao alcance da minha mão, com quem só faço sexo, e apesar de tudo ter começado assim, pelo tesão louco que sempre senti pela babá do meu filho,

meu desejo por ela não diminui

o que

normalmente, já deveria ter acontecido.

Eu quero entender a razão, mas muito além disso, quero investir para saber até onde poderemos chegar juntos.

— Não é isso — finalmente responde minha pergunta.

— É justamente esse o problema sim. Você está esperando que falhemos, e que a qualquer momento eu a mande para longe.

Seu rosto transmuta-se em zanga. Está chateada.

— Seu histórico não é nada bom.

Minutos depois, quando o garçom volta, ela parece alheia a mim.

Reparo que ela pediu suco de laranja ao invés de aceitar o vinho que ele ofereceu. Continua tensa enquanto ele serve as bebidas e a entrada. Muito concentrada nos copos e pratos enquanto eu, como um obcecado, tento decifrá-la.

— Está com fome, Cecily?

— Sim.

— O que há de errado, então?

— Nada, além do que eu falei.

Seu passado no que diz

respeito a mulheres não é bom. Não acredito em uma mudança drástica do dia para a noite.

— Podem ir — falo aos empregados do restaurante. — Eu mesmo nos servirei.

Ela me olha espantada, mas não diz nada.

Observo-os partirem, confusos e somente quando tenho certeza de que estamos a sós, volto a falar:

— Quer conversar sobre o passado? — pergunto, com ironia.

— O que sei do seu, além do pouco que me entregou? Nem mesmo o nome do seu querido melhor amigo, o homem que a fez mudar sua vida, me disse. Por que tanto mistério, Cecily?

Ela fica da cor de uma folha de papel em branco.

— Não sei do que está falando.

— Disse que meu histórico

com mulheres é uma merda. Tem

razão. Nunca pude ser considerado um príncipe encantado, mas sempre fui

cem por cento honesto e estou sendo com você também.

Pode dizer o mesmo?

— Está me acusando de algo?

— Não. Se eu desconfiasse de você, não estaria perto do meu filho, da minha família.

— Então do que se trata?

— Trata-se de você jogar na minha cara que só quero fodê-la, e no entanto, quando tento mostrar que não é só isso, nos sabota. Eu não tenho paciência

para infantilidade.

Já é uma mulher.

Decida o que quer.

— Ou o quê? Está me ameaçando?

— Eu não ameaço. Eu ajo. Ameaças são feitas por pessoas fracas.

— E se eu disser que o que quero não é você?

— Não vou te prender, mesmo tendo certeza de que é uma mentirosa. Você me quer sim. Quer até demais, mas é covarde. Tem medo de se machucar. Prefere viver em segundo plano, como sempre te deixaram.

— Eu não prefiro, eu...

— Se acostumou a ninguém te enxergar. Eu estou aqui. Eu vejo você, quero você e no entanto, é insegura demais para lidar com isso.

— Porque não acredito que me queira. Acha que estou grávida. Por isso viemos. Fale a verdade de uma vez.

— Aguenta a verdade? Então aqui vamos nós: se estiver grávida, vamos nos casar. Será isso ou vou lutar pela guarda integral da criança na justiça.

— Teria coragem de me impedir de ver meu filho?

— Não seja dramática. Já convive comigo há tempo o suficiente para saber que nós Kostanidis valorizamos a família.

O

que estou te dizendo é que se acha que vai embora com uma criança minha, morar no Kansas ou em qualquer outro lugar, permitindo

que eu o veja em visitas

programadas, não faz ideia

de

quem sou.

— Dá no mesmo. Está falando

que se eu estiver grávida, não

terei opção. Ficaremos juntos, mesmo que você passe a me odiar.

Ainda que não me quisesse por perto e que desprezasse.

Aperto os olhos, a certeza de que está me escondendo algo aumentando.

— Por que eu te odiaria?

Ela se levanta da mesa.

— Não importa. Essa conversa é inútil. Não estou grávida.



Capítulo 45

Levo apenas dois segundos para me arrepender do que acabo de falar e fico ainda mais assustada quando Dionysus se levanta também de sua cadeira.

Meu medo não é porque acho que ele poderia me fazer algum mal, e sim porque não há mais nada em seu rosto que demonstre o homem que conheci.

Ele parece frio, distante, inacessível emocionalmente.

Exatamente o tipo de pessoa que imaginei

que fosse quando

vim para Nova Iorque.

Apenas agora me dou conta de onde me meti.

O problema é que sei que não vou fugir

, porque não é mais

apenas a respeito de Joseph ou minha promessa a Keith. É que estou carregando o filho

do homem a quem estou enganando — a

quem acabei de enganar outra vez por nenhuma outra razão além de ser uma covarde — dentro do meu corpo e sei, pelo tempo em que convivemos, que Dionysus não é do tipo com quem se deva brincar.

— Não está? — repete.

— Não. Agora, podemos voltar a ser o que éramos antes.

Não precisa mais fingir

que está preocupado comigo. Nada disso

que preparou era necessário.

— Quer brigar apenas, Cecily? Ou quer terminar?

Ele está me dando a chance de correr enquanto ainda tenho tempo. Enquanto ele ainda não descobriu sobre o bebê.

Joseph está bem, seguro. Por que não consigo simplesmente virar as costas, então?

Deveria aproveitá-la, mas eu não posso.

Só a ideia

de me afastar dele para sempre, faz meu coração

sangrar.

— Não, eu não quero terminar. Como poderia querer isso?

Eu te amo.

— Ama? — repete, aproximando-se com a mesma graça e letalidade de um leão diante da presa.

Estou congelada no lugar, temor e excitação incendiando meu sangue.

Aceno com a cabeça, concordando.

Ele age rápido. Em um momento, está vindo para mim. No seguinte, varre tudo o que está em cima da mesa com o braço, em um gesto de impaciência,

fúria

mal contida, fazendo copos, pratos e

talheres caírem no chão.

Pega-me no colo e me senta nela, encaixando-se entre minhas pernas.

— Não se parece com alguém apaixonada.

— Como parece alguém apaixonado, Dionysus? — pergunto, já perdida nele, retirando seu terno, abrindo-lhe a camisa com urgência, mordendo e lambendo qualquer pedaço de pele a que tenho acesso.

Sua respiração é um rugido. Como eu, acho que sente-se faminto, selvagem.

Ele não responde, arranca minha roupa com a mesma necessidade furiosa que sinto de ter sua pele na minha.

O vestido sai pela minha cabeça e é arremessado sem cuidado ao chão; em seguida, destrói minha calcinha.

— Fique com as sandálias. Quero te foder assim.

A aspereza com que fala, seu torso musculoso e nu, o olhar que diz “você não vai dormir hoje”, me fazem esquecer por que viemos e da briga que acabamos de ter

.

Afasto para um lugar bem secreto da minha mente o fato de que, mais uma vez, estou criando uma teia de mentiras.

Tomo um susto quando ele me vira na mesa, me colocando de quatro. Estou aberta, exposta, usando nada além do que as sandálias de salto alto.

Grito quando ele morde uma das bochechas do meu bumbum e em seguida, gemo alto quando ele as separa e me beija entre elas.

Ele se inclina

e ataca meu sexo com a língua,

mas o polegar

invade-me por trás e eu fico

tonta com tantas sensações ao mesmo

tempo.

Dionysus parece determinado a conseguir minha rendição, porque ambos sabemos que mesmo depois de ter dito que o amava, ainda há barreiras entre nós.

Empurro para longe a tristeza que ameaça se instalar quando

penso nisso e me concentro apenas no agora.

O ataque sensual é implacável,

feroz e eu custo um nada

antes de implorar por mais, empurrando-me para trás, oferecendo-lhe tudo, gemendo meu orgasmo.

— Você é deliciosamente sensível, minha Cecily

.

Meu corpo está viajando no orgasmo, a mente, em suas palavras:

minha Cecily

.

Ele não me dá tempo para me recuperar, puxando-me para baixo, me debruçando sobre a mesa e deslizando dentro de mim com uma estocada firme. Um braço sob meu abdômen para me manter erguida na posição que quer e ao mesmo tempo, espalmando meu sexo inteiro.

O homem é multi-tarefa,

conseguindo me fazer sentir como

se estivesse em vários lugares em mim ao mesmo tempo, prendendo-me na fortaleza de seu corpo delicioso.

Monta-me duro, indo fundo e em um ritmo que me rouba o ar.

Fecho os olhos, deliciando-me

na sensação de ser tomada

sem cuidado, apenas um macho louco por sua fêmea; homem e mulher; sem regras, passado ou culpa.

Ele me cavalga com ferocida

de, me fazendo gritar seu nome

tantas vezes que os clamores se emendam.

— Mostre-me o quanto me ama — diz, enquanto entra vorazmente em mim, bombeando dentro do meu corpo como se me possuir fosse tão vital quanto sua próxima respiração.

— Eu te amo. Sou sua, Dionysus. Não sabe disso ainda?

Reclina-se, mordendo minha orelha.

— *Minha* — diz com um rugido.

— Sim.

Volta a se erguer, empurrando-se dentro de mim, ao mesmo tempo em que o dedo invade meu lugar intocado.

Gemo, envergonhada, mas deliciada também.

— Gosta disso, não é?

— Sim... oh, Deus!

— Você é a minha mulher, Cecily

. *Namorada*, não um *caso*.

Eu te desejo comigo, em mim e queria que estivesse grávida do meu filho.

Não acho que ele saiba realmente o que está dizendo.

Acredito que seja uma mistura de fúria pela nossa briga, misturada à frustração por eu não me render como minhas antecessoras fizeram.

— Não queria. Só me deseja-me. Não vamos complicar tudo.

Eu te amo e não estou cobrando compromisso.

Ele me ergue, sem sair do meu sexo, mas a diferença de altura entre nós é grande, então preciso apoiar as minhas mãos na mesa, reclinar

.

— Não tem ideia do que quero, Cecily — fala, de maneira enigmática.

A maneira como me possui agora é quase cruel, mas eu quero mais.

Estou sensível

, corpo e mente. Quero a conexão e a paixão

dele. Quero seu querer e desejo. Sua fome e até seu descontrole.

Sei por sua respiração que está quase alcançando o clímax, mas ele é um amante generoso e está decidido a me levar junto.

Toca meu clitóris

e eu tremo, completamente entregue em

suas mãos.

Ele me acaricia

devagar, focado no meu prazer, mesmo que

eu saiba que está muito perto da própria libertação.

As estocadas

são vigorosas, mas em um ritmo mais lento agora, enquanto murmura palavras em grego que apesar de não entender, presumo que sejam de carinho.

Essa combinação faz com que meu orgasmo se forme na contramão de como ele me toma — galopante e necessitado.

— Goze para mim, [yineka mou](#)[20].

— Dionysus...

— Entregue-se, Cecily

As palavras me libertam

de mim mesma, tornando impossível

qualquer coisa que não a submissão absoluta.

Com um gemido alto e um “eu te amo”, rendo-me ao pai do meu bebê.

Ele me segura, me dá tudo, concentrado no meu prazer e apenas quando meus tremores diminuem, sai de mim, volta a reclinar-me sobre a mesa e goza nas minhas nádegas e costas.

— Entregue-se — repete, deitando-se sobre meu corpo.

— Como posso te dar mais?

— Não quero só sexo, quero sua confiança. Me dê tudo.



Capítulo 46

— Vai me contar quando estiver pronta? — Elina pergunta, sentada em sua mesa da Associação.

Ela pediu que eu viesse vê-la porque segundo me disse, não estou agindo de maneira normal ultimamente.

Eu nem tento negar, porque agora tenho certeza de que ela sabe sobre mim e Dionysus, embora talvez esteja falando a respeito da conversa que tivemos há algum tempo sobre meu passado.

— Vou sim. Sobre tudo, prometo.

— Eu não te julgarei,

Cici.

Seja o que for, vou ouvi-la

porque

a considero uma amiga. A não ser que tenha feito algo para

prejudicar

minha família,

que para mim é sagrada, eu estarei do seu

lado.

— Obrigada. Eu não sei compartilhar

, mas estou me

esforçando.

— É tão ruim assim? A verdade sobre seu passado, quero dizer.

— É algo que pode me afastar de vocês para sempre.

— Dê novamente sua palavra de que não é nada que prejudicará Dionysus, Joseph ou qualquer um dos meus parentes.

— Eu juro, Elina. A única a ser prejudicada nessa história, serei eu.

O celular

toca e eu o pego dentro da bolsa e me levanto para

atendê-lo, aproveitando com unhas e dentes qualquer chance de fugir daquela conversa difícil.

Número desconhecido.

— Alô?

— *Harper?*

— Você faz de propósito, né? Sabe o quanto detesto esse nome, Peyton.

— *Não faço de propósito. V*

ocê que é paranoica.

Com um gesto para Elina,

aviso que vou sair para a sala ao

lado, porque sei que nada que venha da filha

da ex-esposa do meu

pai pode ser bom.

— Paranoica uma ova. Jodelle

odiava a própria mãe. A troco

de que me deu o nome dela? Só pode ser como uma maneira de que se lembrasse constantemente de me detestar também.

— *Harper, Harper, você já pensou em procurar ajuda psiquiátrica?*

Essa mania de perseguição pode indicar

problemas

mentais graves.

Suspiro, com vontade de jogar o celular na parede.

— O que você quer, Peyton? Já não deixei claro da última vez em que nos falamos, que não me interessa o que você e sua mãe pensam de mim? Por que não pode esquecer que eu existo?

— *Estou em Nova Iorque também. V*

amos almoçar

.

— Almoços, na verdade qualquer tipo de encontro de confraternização, são para amigos ou parentes. Não somos uma coisa nem outra.

— *Descobri que está trabalhando*

para a família

Kostanidis

.

Como conseguiu?

— Por que isso seria da sua conta?

— *Porque ao contrário*

de você, minha pobre e simplória

quase irmã, eu sonho alto. Ainda há três gregos solteiros nessa

família.

Eu sou linda e tenho certeza de que se tiver uma chance,

posso conquistar um para mim. Já pensou? Esposa de uma magnata? Sim. Gosto de como isso soa. Nasci para ser rainha, Harper.

— Por mim, pode ser o que quiser, até mesmo mico de circo, desde que fique longe. Não deixaria que se aproximasse mesmo que fosse mais inteligente

e tentasse me enganar fingindo

que

existe uma alma e um coração dentro de você, Peyton. Agora se pensa que vai me convencer a vir me ver sabendo de suas intenções, é ainda mais idiota do que eu pensava.

— *Eu sabia que você não valia*

nada, Harper. Aquela pose de

boa moça era tudo fachada. Aposto que está aí porque quer um deles para você. Provavelmente

armou para conseguir

um emprego.

Como diabos alguém dos confins do Kansas iria parar no meio da realeza empresarial?

Sinto-me tonta porque apesar do que ela diz ser um absurdo, não é uma mentira total. Eu vim para Nova Iorque com uma intenção e movida por ela, aproximei-me de Dionysus.

— *Já ouviu falar que quem cala consente, irmãzinha?*

— Não, quem cala, às vezes é porque não gosta de discutir com idiotas, Peyton. Vá para o inferno.

Bato o telefone

e estou tremendo tanto que preciso me apoiar

na parede para não desmaiar. Nem percebo que a porta se abriu e Dionysus entrou, até que sinto os braços protetores do meu namorado à minha volta.

— O que aconteceu? — pergunta, preocupado.

Agarro-me a ele como se fosse minha tábua de salvação.

— Nada, só preciso me sentar um pouco.

Ele me pega no colo e me deita em um sofá. Senta-se ao meu lado.

Abro os olhos e vejo que seu rosto está tenso.

— Como me encontrou? O que está fazendo aqui? —

pergunto.

— Elina me disse onde você estava. Vim te fazer uma surpresa e no fim, sou eu quem recebo uma, quando te encontro quase desmaiada contra a parede. O que houve?

— Peyton me ligou. Está em Nova Iorque e queria me ver

.

— A filha da sua madrasta.

Concordo, movendo a cabeça.

— Não foi só isso. O que mais ela fez?

Mesmo morrendo de vergonha por sequer mencionar aquilo, não há razão para protegê-la.

— Ela queria que eu a convidasse para almoçar. Descobriu que trabalho para você e aparentemente acha que tem uma chance de conquistar um dos “três Kostanidis solteiros”, como os chamou.

Ela é louca.

— Ficou com ciúme? — sua expressão se desanuvia pela primeira vez.

— Não. Você é meu até que se diga o contrário — falo e ele rosna, abaixando a cabeça para beijar a curva do meu pescoço.

Parece muito satisfeito com minha demonstração de possessividade.

— Fiquei

com raiva por ter algum tipo de relação, ainda que

remoto, com aquele ser humano, se é que ela pode ser chamada assim.

— Vou colocar guarda-costas para cuidar de você, só para o caso delas tentarem se aproximar

.

— Não precisa. Ninguém sabe de nós dois. Não corro riscos de sequestro nem nada do tipo. Sou uma ninguém, Dionysus.

— Não fale esse tipo de merda, Cecily

.

— É verdade. Acho que se eu chegasse até os jornais e dissesse que sou sua namorada, ririam.

— Não te assumi ainda porque estou respeitando até que esteja pronta, mas minha paciência está se esgotando.

— O que isso significa?

— Mais cedo do que tarde, vamos contar para a família que estamos juntos. Não ache que ficaremos namorando escondidos para sempre. Nenhum de nós é mais adolescente. Somos livres.

Não há empecilhos.

Há muitos empecilhos, a começar pelas verdades que ocultei.

— Está zangado? Gostei da última vez que fizemos sexo de reconciliação. Uma pena estarmos aqui e não no seu escritório.

— Não me provoque, Cecily

. Posso te deixar nua em segundos e me enterrar em você sem dar a mínima se seremos flagrados.

Sinto minha pulsação acelerar

.

— Leve-me para casa, então. Ou melhor, vamos de novo para a cobertura. Assim, vou poder gemer alto quando me tomar

.

Em um instante, ele está de pé e me puxa para seus braços.

— Não tem ideia do que faz comigo, não é? Não sabe o quanto sou louco por você.

— Mostre-me. Sou sua.



Capítulo 47

Semanas depois

Eu não tenho enjoos.

Não vomitei uma vez sequer. A única coisa que me faz ter certeza de que estou grávida, além do resultado do exame, são os seios extremamente doloridos.

Depois daquele jantar, algo mudou entre nós. Não sei se foi por ter confessado que o amava, mas agora, além da luxúria, eu sinto que ele tem um cuidado comigo que, adivinho,

não teria com

uma mulher que fosse apenas passageira em sua vida.

Ainda vivemos um relacionamento clandestino e sinto a impaciência de Dionysus crescer como uma panela de pressão prestes a explodir , mas não foi

por isso que vim ao seu escritório

no

banco hoje, e sim, porque estou disposta a dizer parte da verdade.

Contar que estou grávida.

Pela janela escurecida do carro, vejo o mesmo segurança que há alguns meses, me barrou na entrada, dizendo que eu nunca chegaria até Dionysus.

O que ele pensaria se soubesse que Anderson dirige nesse instante o carro em que estou, e que em alguns minutos, se tudo der certo, contarei ao grego inacessível

a quem ele me disse ser mais

difícil de falar do que o próprio Deus, que espero seu filho?

Sim, chegou a hora de começar a parar de mentir, de ocultar.

Não importa o quanto ele me odeie no futuro quando souber que entrei em sua vida por uma armação calculada,

ele tem o direito

de

saber que vai ser pai.

— Vou estacionar perto do elevador privativo, Cici.

Anderson, de todos os empregados, tem certeza de que eu e o chefe dele estamos juntos e no começo, tentou voltar a me

chamar de senhorita Bradley, o que não permiti.

Eu ainda me sinto

culpada pelo susto que lhe dei e o considero um amigo.

— Foi aquele no qual subi outra vez com Dionysus, né?

— Sim. Basta apertar o doze e vai dar direto na sala do doutor Kostanidis.

— Obrigada, Anderson.

— Está com o crachá?

— Estou, sim.

Retiro a identificação

especial que Dionysus fez para mim e

que dá acesso exclusivo

ao elevador que sai diretamente na sala

dele.

Ele desce do carro e abre a minha porta. Quando me levanta, franze a testa, como se estivesse preocupado.

— Está tudo bem, Cici?

Ao invés de responder, devolvo outra pergunta.

— Acredita em milagres, Anderson?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Todos os dias quando nos levantamos, um pequeno milagre acontece, Cici.

Somos apenas peões, dispostos no tabuleiro

da vida pelo grande jogador: Deus. Ele pode nos movimentar como bem entender e ainda que pensemos que somos imortais, que

viveremos para sempre, isso não é verdade. Então, sim, eu acredito em milagres. Cada respirar a um novo nascer do sol é um milagre.

— O milagre

da vida. Sim, você está certo. Alguém me disse

uma vez que sou um gato, tenho sete vidas, mas eu já gastei duas.

Restam-me cinco. Não preciso mais de tantas. Eu quero continuar na atual. Não quero ir a lugar algum.

— Então lute para ficar

.

Por um instante, eu acho que ele sabe de tudo, ou ao menos, desconfia que sou uma farsa.

Não, seria impossível.

Meus traços foram bem apagados. As

peessoas que sabiam da minha proximidade

com a avó de Keith são

Jodelle e Peyton e nem mesmo elas tinham conhecimento do quanto meu amigo me protegia, já que ele aparecia eventualmente em nossa cidade.

Eu me despeço e entro no elevador. Menos de um minuto depois, a porta começa a se abrir e me preparo para enfrentar a

secretária mal-humorada de Dionysus.

Na primeira vez em que estive aqui, a mulher me olhou de cima a baixo como se eu fosse um inseto e eu estava bem vestida até.

Para minha surpresa, no entanto, quem aparece quando a porta se abre totalmente é Cage.

— Cecily

, você por aqui!

Ele parece mesmo espantado por me ver, mas se recupera rapidamente.

— Oi, quanto tempo.

— Não por minha vontade — diz, se aproximando e me dando um beijo na bochecha.

Estranho a intimidade

porque apesar de termos conversado

por mensagens de texto e telefonemas

algumas vezes e de ter sido

minha carona para o casamento de Madison, nunca nos tocamos além de um aperto de mãos.

— Eu vim ver Dionysus.

Se fica

surpreso por eu me referir ao nosso chefe pelo primeiro

nome, não demonstra. Talvez porque suponha que a razão

seja Joseph, já que, para todos, ainda sou apenas a babá noturna do garotinho.

— Deve ter sido o destino que fez com que nos encontrássemos. Tenho uma festa da empresa para comparecer em algumas semanas. Ia mesmo te ligar

. Quero que seja minha

acompanhante.

— Cage, eu...

— Espera, não responda ainda. Não ouviu minha proposta inteira. A festa será em uma sexta, então pensei em emendar um fim

de semana nos Hamptons, o que acha? Tenho amigos lá. Tenho certeza de que no Kansas não há lugares tão sofisticados.

E não se

preocupe por ser apenas uma babá. Eles não a julgarão.

Eu não sei o que me irrita mais: ele assumir que eu ficaria deslumbrada com o convite por, lembrando suas palavras “ter certeza de que no Kansas não há lugares tão sofisticados

”, ou o fato

de acreditar que me sentiria envergonhada por ser apenas uma babá.

Acredito que interpreta meu silêncio

de maneira equivocada,

achando que estou considerando aceitar a proposta, porque continua:

— Não estou te pressionando, mas preciso que saiba que não sou um monge, Cecily

. Tolarei seu recato até agora, porque

para ser sincero, acho charmoso esse jeito caipira, mas se aceitar

meu convite, dormiremos no mesmo quarto.

Eu não sei se são os hormônios da gravidez o que me fazem querer matá-lo, mas sinto vontade de voar em seu pescoço e lhe arrancar o sorriso pretensioso da cara.

Eu nem me importo que pela minha visão periférica, vejo

pessoas se aproximando, provavelmente a secretária com algum outro funcionário. Estou decidida a colocá-lo em seu devido lugar

.

Antes que eu possa dizer algo, porém, a porta se abre e Dionysus aparece.

— Entre — fala comigo sem olhar na direção de qualquer outra pessoa.

Eu, que já estava com raiva de Cage, sinto meu temperamento emergir.

— Boa tarde, doutor Kostanidis.

Sim, eu sei que não deveria provocá-lo. Por sua expressão, tenho certeza de que ouviu o que Cage disse, mas eu estou muito

chateada por me tratar como se fosse uma propriedade.

Ele se aproxima e eu estremeço, mas não de medo e sim porque não consigo controlar as reações loucas do meu corpo sempre que está por perto.

— Sabe que não precisa ficar envergonhada,

[agapi mou\[21\]](#).

Arregalo os olhos quando sua mão enorme vem para a minha nuca, porque sei o que ele vai fazer e também que as outras pessoas aqui conosco estão atentas à cena.

Eu tenho tempo de impedi-lo

quando me puxa para si e me

beija na boca na frente de todos, mas não o faço porque nunca conseguirei resistir a ele. Assim, quando nossos lábios se encostam, esqueço do mundo à nossa volta e correspondo com meu coração.

Quando amoleço em seus braços, entregue e apaixonada, depois de segundos que mais parecem horas, ele se afasta, mas sem me soltar.

— Dionysus... hum... doutor Kostanidis, eu não sabia que você e Cecily

, quero dizer, a senhorita Bradley... estavam juntos.

Eu talvez tivesse pena dele se não fosse tão idiota e ofensivo

ao me tratar como se devesse ficar

agradecida por ter feito o favor

de me convidar para uma festa e um fim de semana, mas estou apreciando vê-lo se contorcer de constrangimento, embora agora que o efeito

do beijo

passou, esteja com raiva de Dionysus também.

— Não anunciamos ainda, mas a partir de agora, está avisado. Não entre no meu caminho, Cage. Não terá uma segunda chance.



Capítulo 48

Eu fecho a porta e só preciso olhar para ela uma vez para ter certeza de que está louca comigo.

Somos dois.

Hoje, decidiremos de uma vez por todas o futuro do nosso relacionamento.

— Fez de propósito.

— Não sei a que parte você se refere. Se quando enfiei minha língua na sua boca ou quando disse àquele imbecil que você é minha mulher

, mas para ambas, a resposta é sim.

— Não foi o que combinamos.

— Não houve combinação e sim, meu respeito em função do quanto parece sentir pavor de que saibam que é minha. Mas aqui vai a novidade, Cecily: acabou essa história de encontros clandestinos. Entendo que meu mundo não seja atraente para alguém que nunca teve a vida exposta nos jornais.

Não me agrada

tampouco a ideia

de que te persigam, mas ao menos à família

e aos

parentes mais próximos, diremos.

— E é assim, você decidiu tudo sozinho?

— Eu te dei todas as oportunidades para amadurecer a ideia.

Ou

seria melhor dizer

, para amadurecer e ponto?

— O que isso significa?

— Me enfrenta com as mãos na cintura e

por mais louco que seja, sua raiva me excita.

Eu deveria me manter longe, mas não consigo, então ando até onde está e a imprenso contra a parede.

— Acha que é mulher, mas não passa de uma garotinha assustada.

— Não sabe nada sobre mim.

— O que não sei, é porque esconde, mas eu vejo você.

— Vê coisa alguma. Está só contrariado porque não aceita que sou eu a virar o jogo e não querer te assumir

.

Se eu não estivesse tão puto, riria, porque ela está parcialmente certa. Não é só isso, no entanto. Pela primeira vez, considero, por escolha, manter uma parceira em definitivo e apesar de ter certeza com cada gota de sangue no meu corpo que é o que Cecily quer também, há algo que a impede de aceitar .

De repente, aquilo tudo se torna demais.

Eu sei muito pouco sobre amor, porque nem sei se foi o que meu pai sentiu pela minha mãe ou se aquilo era obsessão, mas do que conheço, não é uma dança que se executa sozinho.

É preciso que seja a dois.

— Há semanas venho lutando contra minha natureza e tentando entender seu lado. Não quero mais fazer isso.

Ela empalidece

e tudo em mim diz para protegê-la, mas não me movo.

Cecily tem que brigar pelo que quer

.

— Não entendo...

Eu sinto seu medo, o calor de sua respiração. Foda-se, eu quase consigo ouvir as batidas do coração dela.

Ou seriam as do meu?

— Diz que me ama, mas nem sabe o que é amor. Sei que sou o primeiro

namorado, seu primeiro

tudo, mas para seu azar, não sou

um garoto. Minhas atitudes são as de um homem adulto e nem mesmo por você vou me esconder. Se não consegue assumir o que quer, paramos por aqui.

Dou um passo para trás, no exato momento em que ela agarra as lapelas do meu blazer

.

Eu poderia fazê-la soltar

, mas espero.

— Não quero parar.

— Não sabe o que deseja — acuso.

— Sei sim. Eu vim aqui.

Fiquei

com tanta raiva quando vi Cage convidando-a para sair que nem me lembrei que não havíamos combinado nada.

— Por que veio?

— Porque eu te amo.

Eu me afasto, irritado porque “eu te amo” não é uma resposta.

Ela vem para perto outra vez.

— Vim porque te amo e também para te dizer que estou grávida.

Eu tive medo de te contar naquele dia. Parecia tão zangado. Disse que pediria a guarda do bebê se não ficássemos juntos e naquela hora eu estava apavorada. Não estou mais. Não tanto, ao menos.

— Você está grávida?

Ela mentiu e eu não entendo porque não consigo odiá-la por ter

me ocultado a gravidez por várias semanas. Ao invés disso, meu coração bate como se o peito não fosse capaz de contê-lo.

— Diga alguma coisa.

— Você mentiu. Disse na minha cara que não estava. Eu deveria te odiar.

— Mas não odeia?

Olho para sua face ainda pálida.

As olheiras

embaixo dos olhos

que sempre me fascinaram. As sardas na pele clara.

— Não. Eu não sei que porra de feitiço

jogou em mim porque

Deus sabe que eu não perdoaria algo assim de qualquer outra pessoa, mas eu não te odeio, Cecily

, porque agora, você vai ser

minha para sempre.

Eu a suspendo contra a porta e o que acontece em seguida é fruto do desejo que beira a insanidade que sentimos um pelo outro.

Em uma fração de segundos, eu a encaro para somente no instante seguinte estar inteiro nela.

Não sei quem baixou o zíper

, quem se livrou da calcinha.

O que importa, se no final,

estou dentro do meu paraíso? Se

tenho a mulher que mais desejei até hoje em meus braços, me dizendo que está grávida do meu bebê?

— Não quero te dar a guarda do nosso filho porque quero que

fiquemos juntos. Eu sou sua. Você é meu. Joseph é nosso, assim como esse bebê que vai nascer. Nenhum de nós vai a lugar algum.

Ela está chorando e enquanto a fodo, lambo suas lágrimas.

Eu aperto suas coxas em volta do meu corpo e embora eu saiba que precisamos conversar, nesse instante, eu quero a conexão.

As unhas dela me arranham pescoço, cravadas, me mostrando o quanto ambos estamos por um fio entre desejo e desespero.

— A cada vez que estou em você, eu me sinto em casa. É como se seu corpo fosse meu lar

, Cecily

.

— Eu te amo. Não quero perder você.

— Não vai. É minha agora. V

ocê dois são meus.

— Suas responsabilidades?

— Minha mulher

, meu filho. Meus.

Entro e saio dela sem descanso, engolindo, faminto e com ganância, cada um dos seus gemidos. Sei que ela está muito perto do gozo e que não vou durar também.

Segundos depois, ela se contrai à minha volta, em espasmos rítmicos. Eu me retiro quase completamente e volto.

— Vou gozar dentro de você. Enchê-la completamente.

É uma promessa, uma ameaça, um desafio.

É uma marca e uma jura para que ela nunca se esqueça que me pertence.

— Faça. Goze em mim.

Balanço os quadris contra o corpo pequeno, metendo com força e ela geme alto. Empurro uma, duas, três vezes e então eu derramo minha semente dentro da minha mulher

.

Cecily se agarra em mim, esgotada, acho que física e emocionalmente e apesar da ligação que sinto entre nós no momento, também intuo que estou deixando algo escapar

.

Como uma confirmação, ela diz:

— Jure nunca me odiar

.

— Por que não me pedir para te amar, ao invés disso?

— Porque amor não se pede. Já o ódio, pode ser negociado, porque é uma escolha. Não me odeie, Dionysus. Partiria meu coração.



Capítulo 49

Quase um mês depois

— Por que não está todo mundo gritando? Só eu não sabia que eles estavam juntos? — Madison, que se tornou mãe há apenas uma semana, pergunta, com aquele seu jeito direto e todo mundo sorri.

Estamos em um almoço na casa do Kostanidis

mais velho, todos

reunidos em volta da mesa, à exceção da irmã dela, Brooklyn, que está namorando o médico que a trouxe de volta do coma.

Assim como aconteceu com Elina

e Zoe, eu adoro a esposa de

Zeus. É o tipo de pessoa que não se tem que adivinhar o que está pensando. Fica desenhado no rosto dela se gosta de você ou não.

Apesar de saber que conto com o apoio das três esposas dos parentes do meu futuro marido, eu não sei qual será a reação dos membros masculinos da família.

— Se serve de consolo, sabíamos que eles estavam namorando, não que Cici espera um bebê — Elina diz.

Sei que não ficou

chateada por ter escondido meu romance com

o primo de seu marido. Até porque, como acaba de dizer, todos já sabiam, à exceção da esposa de Zeus.

— Em relação ao bebê, foi uma surpresa até mesmo para o pai

— Hades fala e eu sinto meu rosto esquentar

.

Finjo

que não me importo, acariciando

o cabelo de Joseph, que

dorme no meu colo, quando, na verdade, estou morrendo de vergonha.

Dionysus pretende anunciar ao mundo sobre nosso relacionamento

e a gravidez em breve e fiz uma promessa a qual pretendo cumprir de que não deixarei

passar muito tempo, tão logo

todos saibam sobre nós, para lhe revelar a verdade sobre Joseph.

Vou ser a esposa, a mãe de seu filho,

não mais um caso

passageiro. Ele vai me ouvir. Vai entender minhas razões e quando

ler a carta que tenho de Keith, perceber de uma vez por todas quem foi Sue.

Mas e o resto, Cici? V

ai ter coragem de contar tudo?

Uma coisa de cada vez. Se eu começar a pensar em todos os segredos que existem entre nós, vou surtar.

— Não se meta. — Dionysus rosna para o irmão caçula, que nem parece se abalar, olhando para mim com desconfiança.

— Então, presumo que teremos um casamento para breve —

Zoe fala, sorrindo.

— Amiga, você só não é grega por um erro do destino — Elina brinca —, porque nunca vi gostar tanto de uma comemoração.

— Amo festas e principalmente

casamentos. Quando os pais já

antecipam e sabemos que em breve teremos um bebê, então, melhor ainda.

— Ou talvez dois — Ares debocha, fazendo um gesto de cabeça para a cunhada, já que Madison deu à luz gêmeos.

No dia em que entrou em trabalho de parto, foi uma loucura. Eu tive que ficar com Joseph e os gêmeos de Brooklyn porque todos foram ao mesmo tempo para o hospital.

Até então, ninguém sabia sobre nós e Dionysus e eu discutimos mais uma vez, cada um achando que tinha razão, sobre abrirmos

nosso relacionamento,

mesmo depois da demonstração pública

de

afeto que deu na sede da empresa dele.

Eu sabia que estava em um beco sem saída, mas naquele momento, além da preocupação da imprensa fazer um escândalo quando descobrisse que ele se casaria com a babá do filho, havia

também a de que quando Jodelle

e Peyton souberem, vão tentar se

aproximar como as falsas que são.

Depois que ele voltou do hospital, fizemos as pazes e prometi que hoje seria o dia em que falaríamos com a família.

— É um só — meu noivo diz.

Sim, *noivo*. Ontem ele colocou um enorme anel de diamante no meu dedo e eu, ele e Joseph comemoramos entre nós, em casa.

Nosso menino, claro, não entendeu nada, mas bateu palminha durante o jantar e pareceu feliz.

— Já foram ao médico, então? — Zoe pergunta, confusa.

— Já, sim. Fiz uma ultrassonografia

há pouco menos de uma

semana. Estou de quase quatro meses.

Todos ficam em silêncio e morro de vergonha.

Fui infantil em esconder deles, mas principalmente, do pai.

— Bem, não importa a data e sim que temos mais um grego abatido

— Madison fala. — Cuidado, Ares e Hades. Faltam só

vocês.

— Se é para rogar praga, faça em cima de William e LJ, os

sócios de Athanasios. Estou fora — Ares debocha.

Eles continuam conversando e depois de responder algumas perguntas das mulheres da família,

olho para Dionysus, que está

calado enquanto os primos e os irmãos interagem.

Fico sem jeito ao perceber que estava me observando e mais ainda quando fala baixo o suficiente para que ninguém mais ouça:

— Do que tem medo, Cecily?

— O quê?

— Ainda está com medo de algo. Do quê?

— Eu tenho medo de tudo, mas já me acostumei porque eu cresci desse jeito. Ao contrário do que acontece com a maioria das

pessoas, o medo não me paralisa. Só há uma coisa que me apavora realmente.

— O quê?

— Perder sua confiança e respeito.

— E por que isso aconteceria?

— Já decidiu se o vestido vai ser creme ou branco? — Zoe pergunta, levantando-se da mesa após pedir licença. Com a



desculpa de não falar alto para não acordar Joseph, levanto-me também.

— Eu já volto — digo, mas ele não diz nada. Só continua me encarando.

De longe, enquanto converso com a esposa de Christos, vejo Odin entregando papéis para Dionysus e sinto meu sangue gelar quando ele pega a pasta e olha na minha direção.

Jesus, o que será aquilo?

Não tenho tempo de mergulhar na crise de ansiedade que se tem início

porque em seguida, Madison fala sobre a decoradora que contrataram para fazer o quarto das filhas

gêmeas e me chama para

mostrá-lo.

Dias depois

— *Ela é sua nova escolhida, então, doutor Kostanidis?*

— *Vamos ter um casamento para breve? Nunca apareceu em público*

por mais de uma vez com uma mulher que não fosse sua ex-esposa e já é o terceiro evento que vão juntos.

— *A senhorita*

Bradley

está sendo apontada como a dona do seu coração. A afirmação procede?

— *Senhorita*

Bradley

, pode falar um pouco como é viver

um conto

de fadas na vida real?

As perguntas são infinitas e repetitivas.

Não é a primeira vez que temos que atravessar um túnel de paparazzi em um evento e tudo isso faz parte de um plano de

exposição dos assessores de imprensa dos Kostanidis para que os repórteres se acostumem com o nosso relacionamento e não nos persigam cada vez que formos jantar

.

É quase como saturá-los tanto com aparições de nós dois juntos que, no fim, perderão o interesse.

A única coisa a qual Dionysus se negou terminantemente foi quando um dos assessores quis fotos de nós dois com Joseph.

Também sou contra expor crianças, claro, mas perguntei-lhe porque nunca havia foto do filho no jornal.

Foi então que ele me contou que apesar de acreditar que Keith não tinha parentes, não queria correr o risco de que surgisse algum que notasse a semelhança dele com o pai biológico, e pedisse a guarda.

Eu fui para o banheiro e chorei, sabendo que o relógio da vida está tiquetaqueando, encurtando cada vez mais meu prazo para dizer a verdade.

Escondo meu rosto no peito dele, me sentindo sobrecarregada com aquele excesso de atenção sobre nossas vidas.

— Hoje é o último dia, *agapi mou*. Logo soltaremos um comunicado na imprensa sobre o noivado e não precisaremos mais sair em público.

— Eu não sei por que se interessam tanto por nossas vidas — digo, quando já estamos lá dentro. — O que lhes diz respeito?

Finalmente

nos acomodamos à mesa do salão de festas. Hoje, viemos a um evento beneficente e é a primeira vez depois do casamento de Madison que uso um vestido longo.

Eu me sinto como uma atriz de Hollywood em uma noite de entrega do Oscar. Tanto pelo luxo da recepção como pela parte de estar representando um papel mesmo.

A procrastinação em revelar a verdade está sugando todas as minhas forças.

— Também não entendo, mas é assim desde que sou criança. Já me acostumei. Entretanto, protegerei você e Joseph tanto quanto for possível.

Lembro-me que na época da morte de Sue, os jornais desenterraram a tragédia do primeiro casamento dela e do

“relacionamento abusivo” com Keith.

Foi retratada como uma jovem mulher sofrida que após ter uma segunda chance de ser feliz, perdeu a vida de forma drástica.

Jesus, eles não fazem a menor ideia

da maldade dentro daquele

ser.

Estou suando frio e pela primeira vez, enjoada, mas nem acho que seja da gestação e sim de nervosismo mesmo.

— Vou ao toalete — falo

a ele, depois de sorrir para as pessoas à

nossa volta.

— Eu te acompanho.

— Não precisa.

— Não faço algo porque preciso e sim, porque quero, Cecily

. Eu a

[levarei até lá, anhele mou.](#)

[\[22\]](#)



Capítulo 50

Quando entro no toalete, está vazio.

Nem estou com tanta vontade de usar, apesar de ter passado a fazer xixi com mais frequência. Li que é um dos sintomas da gravidez.

Vim, entretanto, para me esconder. Para tentar me acalmar.

Não posso nem jogar água no rosto porque vai estragar a maquiagem, então apenas puxo respirações profundas, sentada em uma poltrona perto de um espelho de corpo inteiro.

Abrem a porta do banheiro e me preparo para sair. Não quero companhia e nem testemunhas de que deixei

meu noivo no corredor

para ficar aqui, olhando para o nada.

Eu nem estava com vontade de vir a esse evento. Preferia mil vezes ficar em casa com ele e Joseph.

Passo pela pessoa de cabeça baixa, sem qualquer vontade de ser simpática, mas tomo um susto quando ela segura meu braço.

— Ora, ora, se não é o destino. Deixam babás frequentarem bailes de gala agora?

— Peyton? — pergunto, olhando para a mulher à minha frente.

Eu sei que é ela, pela voz, mas a aparência não tem mais nada a ver. Está irreconhecível.

A boca está cheia de preenchimento labial

e eu me pergunto por

que, já que é apenas poucos anos mais velha do que eu.

Também colocou silicone,

tenho certeza, pois os seios estão

enormes no decote do vestido de seda vermelha. Por fim

, mudou a

cor dos cabelos. São vermelhos como os meus, mas dá para ver que é tinta, apesar de estar muito bonito.

Ela é linda, sempre foi. A maior prova de que beleza exterior e interior não precisam andar lado a lado.

— Ah, mas espera, você não é mais babá. É a namorada do grego rico! A santinha do pau oco finalmente

conseguiu fazer algo

que prestasse na vida.

Eu me recupero rápido do susto. Toda a fragilidade que eu sentia ao entrar no banheiro transmutando-se em raiva.

— Não meça os outros por você, Peyton. Outro dia mesmo estava me pedindo para ser apresentada a um dos Kostanidis.

Como se eles fossem se envolver com alguém da sua laia...

— *Bonita*

, quer dizer?

— Não. *Vulgar*. Interesseira.

Tão feia por dentro que a beleza exterior não consegue compensar.

Ela dá risada.

— Acha que os homens estão interessados em beleza interior

,

irmãzinha?

Tão tola. Não sei o que levou o grego a se interessar por alguém tão sem sal, mas escute o que eu digo:

me dê cinco minutos

sozinha em um quarto com seu homem e ele vai esquecer até mesmo do seu nome, Harper.

Eu sei que ela está me provocando e deveria deixar passar, mas foi tempo demais sendo humilhada e agora meu copo encheu.

— Você é uma vadia, Peyton. Diz que conquistaria qualquer homem? Não, você poderia lhes dar prazer, mas sexo sem sentimento não prende ninguém. Iguais

a você, há milhares

por aí.

Agora me diga, o que acha que vai acontecer quando não for mais jovem e bonita? Acredita que os homens que a sustentam continuarão a pagar para te ver?

Em uma conversa que tivemos, Dionysus me contou que descobriu que Peyton estava fazendo programa, trabalhando como acompanhante de luxo.

— Sua desgraçada! — Ela avança, mas antes que possa me alcançar corro para a porta. Seguro a maçaneta, mas não consigo sair porque ela me puxa pelo cabelo, batendo meu rosto na parede.

Eu grito e em um instante, Dionysus está comigo.

— Solte-a, miserável!

Ele não a espera obedecer, me salvando das garras dela e escondendo-me atrás de seu corpo.

— Ah, o namorado rico... estávamos mesmo falando de você.

Ele a ignora e mexe no celular

.

— Não sou namorado. Sou noivo. Tem sorte de ser mulher, cretina, ou estaria morta agora. Você acaba de cometer um erro.

Tocou na minha futura esposa. Espero que goste da roupa que veio hoje. Vai ficar famosa quando tirarem sua foto na cadeia.

— O quê? Não! Foi um mal-entendido! Diga a ele, Cici.

— Cici?

Agora sou Cici?

— pergunto, sentindo gosto de sangue

na boca. — Se eu não estivesse grávida, te daria uma surra,

Peyton, mas não vou arriscar o bem-estar do meu filho por uma filha da mãe como você.

— *Grávida?*

Como isso é possível?

Não é justo. Sou mais bonita.

Mais inteligente... eu sou...

Os seguranças entram no banheiro e a levam para fora. Continua gritando, desvairada, enquanto Dionysus ordena aos nossos guardacostas que afastem todos da entrada do banheiro para que eu possa sair discretamente pela parte traseira do prédio.

— Vamos para casa. Vou chamar um médico.

— Eu estou bem.

— Cortou a boca.

— Não é nada perto da satisfação de vê-la presa.

O rosto dele relaxa um pouco.

— Está se tornando vingativa, linda? Aprendendo com a minha família?

Estremeço diante de suas palavras, mas finjo sorrir

.

— Talvez. O que vai acontecer com ela?

— Não muito, por enquanto. Será acusada de agressão, mas essa é somente a ponta do iceberg.

— O que isso significa?

— Significa que eu nunca perdoo uma ofensa.



Capítulo 51

— Você tem alguma coisa a ver com isso? — Cecily pergunta, entrando no meu escritório da emissora.

Ela tem Joseph pela mão e na outra, segura um celular

.

— *Babas!* — meu filho

diz, se soltando e vem correndo me
abraçar.

Depois de beijar meu menino e puxar minha mulher para perto com o
braço livre, olho a tela que me mostra.

— Sim, fui eu. Fui atrás dos negócios dele. Quase como tirar doce de
criança. Ele sonega imposto há anos — falo, sem dar muita

importância

para a notícia

que tanto Jodelle,

a madrastra de Cecily

,

quanto o marido, foram presos por fraudarem o imposto de renda.

Ela se afasta um pouquinho para me olhar

.

— Por minha causa?

— Por minha, na verdade. Você é minha mulher. Uma ofensa a você
é uma ofensa a mim também.

— Mas nem me conhecia naquela época!

— Por que se importa, Cecily? Fiz um favor à sociedade.

— Eu não me importo, mas fiquei

pensando se desejaria se

vingar de qualquer um que me machucou?

Vou até um armário onde guardo brinquedos para Joseph e pego uma caixa de carrinhos. Em todos os meus escritórios, mantenho jogos e brinquedos.

Depois que acomodo meu filho no chão, sigo para onde ela está.

— Do que se trata essa conversa?

— Eu só queria saber.

— Alguém te fez mal além de sua madrasta e da cretina da Peyton?

— Deixa para lá. É bobagem minha. Acho que tem razão. Estou assimilando

demais a personalidade dos gregos e me tornando alguém cruel.

Sorrio, porque não conheço um ser humano mais compassivo do que Cecily

. Deu para perceber que estava preocupada com a ex-esposa do pai. Quanto a mim, não perderei uma noite de sono por

isso. Uma pena que a cadeia por fraude seja tudo o que irá enfrentar.

O telefone dela toca e quando olha para o visor, parece contrariada. Em seguida, mostra-me.

— Não atenda.

— Não posso fugir dos meus problemas, Dionysus. O que ela poderá fazer? É só um telefonema.

— Não deve se aborrecer.

— Estou grávida, meu noivo, não doente.

Ela se afasta um pouco para atender. Eu verifico onde Joseph está e confiro que continua onde o deixei, cercado de carrinhos.

Ando até Cecily

, sem disfarçar que estou ouvindo a conversa.

Não dura muito e por suas respostas, tem a ver com a prisão da mãe de Peyton.

Cecily desliga, os lábios contraídos em uma linha fina.

— O que houve?

— Adivinha? Ela queria que você interviesse para ajudar Jodelle.

— Ainda que eu decidisse por isso, o que não tenho a menor intenção de fazer, não há o que mesmo um bom advogado consiga.

Sua madrasta não tem como escapar da justiça.

Sean Carlson, o

marido dela, frauda o imposto de renda há mais de uma década.

Jodelle,

pelo que pude verificar

, ajudou-o a lavar dinheiro, não

apenas servindo como uma espécie de laranja, mas ativamente também. Ambos serão condenados, não tenho dúvidas.

— Eu não ia pedir que interviesse. Se fizeram o que está dizendo, merecem ser presos até que sanem a dívida. Eu não sei como funciona esse tipo de pena realmente, mas uma vez li uma reportagem em que se comentava sobre os chamados crimes do colarinho branco. As pessoas tendem a achar que esse tipo de infração — desvio de verbas públicas, sonegação de impostos —

são menos piores do que homicídio,

agressões. O cientista

político

entrevistado na reportagem explicava por que não.

— Aham. Enquanto em crimes contra vida propriamente ditos a vítima

é uma só pessoa, no desvio de verbas públicas,

por exemplo,

milhares podem morrer, já que hospitais deixaram de ser
construídos, entre outros benefícios

que não são direcionados à

população em geral. Em última instância,

são ainda mais letais do

que crimes comuns.

— E quanto a Peyton, o que acontecerá com ela?

— Vai ser punida também.

— Não precisa fazer nada, Dionysus. Tenho certeza de que acabará
se dando mal sozinha.



— Eu não funciona como você, Cecily
. Não dou segunda chance
a um inimigo.

Cecily

— *Cici, aonde você está?*
— Elina pergunta ao telefone.
— Em casa, por quê?
— *Não saia na rua hoje.*
— Estava me arrumando para ir ao banco.
— *Meu bem, acho que não leu os jornais,*
né? Odin acabou de
me liga

r para te avisar

, porque parece que não consegue falar

com

Dionysus. Ele está em uma reunião no banco da família.

— O que houve? Está começando a me assustar!

— *Calma. Não é nada tão grave.*

Sento-me, sentindo as pernas fracas. Mil cenários diferentes passando pela minha mente.

Há dois dias os assessores de imprensa deram notícias, junto a fotos oficiais

nossas — minha, de Dionysus e Joseph — sobre o noivado.

Hoje, eu estou decidida

a contar a ele toda a verdade sobre o

passado. Não posso adiar mais. T

enho que parar de ser covarde.

— Diga-me, por favor

.

— *Falou que está indo ao banco? Talvez seja melhor mesmo. A filha de sua madrasta vendeu uma reportagem contando um monte*

de bobagens a seu respeito,

inclusive

que você deu o golpe da

barriga em Dionysus. Disse que saiu do Kansas determinada a encontrar um marido rico de qualquer jeito.

— Ah, meu Deus do céu!

— *Calma. Dionysus nunca vai acreditar*

em algo assim. Odin já

entrou em contato com Zeus e estão tomando providências para neutralizá-la

e tentar

conter os estragos. Se for mesmo encontrar

Dionysus no banco, não vá sem os guarda-costas.

— Obrigada por me avisar

, Elina. Estou saindo de casa agora.

— *Para minha paz de espírito, mantenha o celular ligado, Cici.*

— Pode deixar. Assim que eu chegar lá, eu te aviso. Sei que Dionysus não vai acreditar nela, mas eu preciso conversar com ele pessoalmente.



Capítulo 52

— *Em que tipo de reunião estava?* — Zeus pergunta ao telefone.

— *Não consegui falar com você pelo celular e a secretária disse que recebeu ordens para não te interromper*

.

— Eu tive que lidar com um problema de proporções gigantescas.

Passei a manhã reunido com os advogados. Um dos executivos do nosso grupo está sendo acusado de assédio sexual pela secretária.

— *Foda-me! Quem é?*

— Prefiro conversar sobre isso pessoalmente. Agora me diga a razão da urgência para me encontrar.

— *O que vou te trazer não é nada de bom também.*

— Suponho que não. Quando peguei o telefone, tinha seis chamadas: duas de Odin, sua, de Christos, Hades e Ares. O que diabos aconteceu? Estourou a Terceira Guerra Mundial?

— *Não pode ficar incomunicável com uma noiva grávida, Dionysus.*

— Sei que Cecily está bem, assim como Joseph, caso contrário os guarda-costas teriam dado um jeito de me contatar.

— *O que tenho que falar é sobre sua noiva. A filha da madrasta dela deu uma entrevista dizendo um monte de merdas, dentre as quais, que Cecily veio para Nova Iorque atrás de um marido rico.*

— O quê?

— *Deu detalhes de conversas entre as duas. Provavelmente*

está

com inveja

e com raiva

também depois do que aconteceu durante a

festa beneficên

te. Foi presa por agredir

Cecily

, o que não deve ter

sido bom para os negócios

— ironiza.

Garotas de programa não podem chamar a atenção.

Principalmente

as de luxo, como Peyton. Os homens que pagam para sair com elas exigem, acima de tudo, discrição.

— Estou indo para casa. Cecily não deve ter dado tanta importância ou teria me telefonado.

Não há qualquer ligação

perdida

dela.

— *Você mudou.*

— Por quê?

— *Se fosse há algum tempo, teria ficado desconfiado de sua noiva.*

— Eu confio

em Cecily

. Peyton é um ser humano vil.

Não merece

credibilidade. Mas ela vai pagar dessa vez.

— *O que pretende fazer?*

— Retribuir o mal com o mal. Quem perdoa é Deus. Eu acerto contas. Faça-me um favor, ligue

para os nossos advogados e peça

para que tomem providências. Quero que qualquer notícia sobre Cecily seja abafada.

— *Já fiz isso. Odin também está investigando*

mais a fundo e

sabemos que quando terminar

, não vai sobrar pedra sobre pedra.

Depois que me despeço do meu irmão, penso em ligar

para ela,

mas decido ir para casa e falar pessoalmente. Deve estar chateada.

Eu deixei

Anderson à sua disposição,

então decido mandar uma

mensagem para os guarda-costas para que me deem uma carona para casa. Combino que me peguem na frente do banco.

Assim que chego no térreo, caminho para a porta principal, mas antes que a alcance, um dos seguranças me para.

— Doutor Dionysus, posso falar com o senhor?

Tento me lembrar o nome dele, mas não consigo. Olho para o crachá.

Allen.

— Bom dia, Allen. Na verdade, estou com pressa. É rápido?

— É sim e também do seu interesse.

Ele olha em volta, parecendo sem jeito, como se temesse que alguém nos ouvisse.

Irritado,

mas mantendo a expressão neutra, faço um gesto de cabeça para um canto da portaria, onde não há pessoas.

— Não posso demorar. Tenho um compromisso urgente.

— É sobre sua noiva.

— O quê?

— Eu juro por tudo o quanto é mais sagrado que não estou tentando fazer fofoca, mas depois da reportagem de hoje cedo...

Sinto minha irritação

aflorar

. A lealdade

a Cecily

me fazendo sair

em sua defesa.

— Cuidado com o que vai dizer

, pode custar seu emprego.

— Trabalho há vinte anos aqui, senhor. Quando seu avô e pai ainda eram vivos, inclusive

. Sou um empregado leal, não um

fofoqueiro

e farei o que minha consciência

mandar. Eu vi, como

acho que o mundo todo, o anúncio do seu noivado com a senhorita Bradley e apesar de estar mais arrumada nas fotos do jornal, eu a reconheci imediatamente.

— Reconheceu?

Ele acena com a cabeça, fazendo que sim.

— Achei estranho porque nunca a vi saindo com o senhor do banco, então como poderiam estar noivos? Depois entendi que ela deve vir com Anderson, entrando direto pela garagem e em seguida, pelo elevador privativo.

— Do que no inferno você está falando?

— A história romântica de como se conheceram que o jornal publicou, sobre o atropelamento dela, talvez não seja tanta coincidência

assim. Naquela tarde, antes do acidente, a senhorita Bradley havia tentado entrar no banco. Ela veio aqui procurando *especificamente* pelo senhor.

Sinto meu sangue gelar, a desconfiança
se espalhando pelo meu
sangue como um veneno.

— Continue.

— Assim, quando vi que estavam noivos, fiquei
ressabiado. Não
acredito em coincidências,
senhor. Lembro da conversa que tive
com ela naquele dia. Desaconselhei-a
a tentar encontrá-lo. Mande
que voltasse para a cidade pequena de onde viera. Ela me
agradeceu e saiu. Fiquei com pena, a imagem da menina ruiva
puxando a mala me deixou com insônia naquela noite porque achei
que deveria ter oferecido ajuda. Ela parecia sozinha.

— Resuma, Allen.

— Tenho carregado essa sensação de injustiça

comigo desde

então, mas... — ele coça a cabeça, claramente desconfortável —

houve a reportagem hoje com a irmã de criação falando que a senhorita Bradley veio do Kansas para conseguir um marido rico.

Pode me despedir se quiser, doutor Kostanidis, mas eu precisava

lhe avisar que talvez esteja entrando em uma armadilha.

Contraio o maxilar com tanta força que os dentes trincam.

— Obrigado.

Ando em direção ao meu carro, sem ver ou ouvir as pessoas à minha volta, mas quando chego no veículo,

antes de entrar, o chefe

do meu guarda-costas diz:

— Anderson acaba de chegar com a senhorita Bradley. Entraram pela garagem. Ela está em sua sala esperando-o, senhor. Ainda quer que o levemos para casa?

— Não. Estou indo encontrá-la.

O meu escritório fica

no décimo segundo andar. Eu poderia pegar

o elevador privativo, mas dessa vez, opto por ir pelas escadas.

Preciso me acalmar. Devo manter em mente que não importa o que ela tenha feito, Cecily está grávida do meu filho.

Enquanto subo sem pressa, repasso mentalmente o que vivemos desde o dia em que Anderson a atropelou.

Depois, ela se oferecendo para ser babá de Joseph.

Seria uma chance de se inserir dentro da minha casa.

Recordo as nossas conversas e me volta à memória o dia em que me pediu para não odiá-la.

— *Jure nunca me odiar*

.

— *Por que não me pedir para te amar?*

— *Porque amor não se pede. Já o ódio, pode ser negociado, porque é uma escolha. Não me odeie, Dionysus. Partiria meu coração.*

A sensação de ser traído não é algo que eu consiga lidar

,

principalmente

por vir da mulher por quem estou completamente apaixonado. Aquela que escolhi para ser minha companheira de vida, formar família. Envelhecer ao meu lado.

Chego ao meu destino e por um momento, quero voltar no tempo.

Não ouvir o que Allen disse.

E continuar deixando que ela o enganasse para sempre?

Sinto desprezo por mim mesmo por sequer considerar tal hipótese. Se o que Allen

contou for verdade, Cecily

mentiu o tempo

todo.

Abro a porta que dá na recepção e dispenso a secretária.

Minha expressão deve estar uma merda, porque ela não discute.

Não abre a boca para dizer que deixou Cecily entrar. Só pega a bolsa e vai embora.

Seguro a maçaneta da porta, sentindo-me sangrar por dentro. A certeza de que todo o meu futuro vai mudar assim que estivermos frente a frente.

Ela está de costas, olhando para a janela panorâmica, mas quando me ouve entrar, vira-se.

Seu rosto está pálido e me dá um sorriso fraco, inseguro.

Observo-a de longe e o amor que sinto é tão grande que uma espécie de dor física me atinge, me impedindo de ir onde está.

— Dionysus...

— Quem é você, Harper Cecily Bradley?

Ela balança sobre as pernas, como se fosse perder o equilíbrio, mas logo em seguida, se apruma outra vez.

— Sabe quem sou. Não pode ter acreditado nas mentiras de Peyton.

— E nas suas mentiras, devo acreditar? — Cruzo os braços em frente ao peito, fingindo

uma calma que estou longe de sentir. —

Vou te perguntar uma vez só, então tome cuidado com o que vai responder: quando foi atropelada por Anderson... foi por acaso?

Vejo os olhos dela se encherem de lágrimas

e é como se alguém

enfiasse uma faca no meu peito. Antes mesmo que abra a boca, já tenho minha resposta.

Ainda assim, espero até que diga:

— Não, não foi por acaso.



Capítulo 53

Eu passei meses me preparando para esse dia. Para o momento em que toda a verdade viesse à tona.

Eu rezei e tentei criar coragem porque eu sabia que o momento do nosso confronto não seria algo bonito de se ver

.

Jamais conseguiria me preparar, no entanto, para o olhar dele quando finalmente soube de tudo.

Em um primeir

o momento, eu vi dor e aquilo

quase me partiu em

duas, mas em seguida, ela foi substituída por desprezo quando eu confirmei o que tenho certeza que ele já sabia.

Receber o ódio do homem que amo quase me mata.

Eu tento me manter firme, mas por dentro estou quebrando em mil pedaços.

— Eu ia te contar tudo.

— O quê? Veio dar uma nova versão da história que Peyton revelou aos jornais? Uma roupagem diferente, tipo: vim para te dar o golpe, mas me apaixonei?

A ironia

dele é como uma facada, mas eu não deixo que perceba.

— Não pode acreditar nisso. Sabe que não dou a mínima importância para o seu dinheiro. Só me interessa você e Joseph.

— Deixe meu filho fora disso, Cecily

.

— Por que eu o deixaria de fora se foi por ele que eu vim?

— O quê?

— Eu não posso convencê-lo do contrário, se quer acreditar que sou uma interesseira

como Peyton afirma, mas posso te dar minha

palavra de que não vim para Nova Iorque por você. Vim por Joseph.

Se eu esperava qualquer mudança para melhor na expressão dele, não é o que acontece. Ele parece ainda mais irado.

— É parente daquele filho da puta?

— Não fale assim de Keith! E não, ele não era meu parente, era meu melhor amigo.

— Amigo? Um agressor de mulheres? Um miserável que espancou a esposa grávida?

— Não foi isso o que aconteceu, Dionysus. Pelo amor de Deus, precisa me ouvir

.

— Eu não preciso nada. Não tem direitos, Cecily

. É uma

mentirosa que entrou de maneira sorrateira em nossas vidas.

Ganhou minha confiança, o amor do meu filho, da minha família.

Não me passa despercebido que não fala

do amor dele mesmo e

isso, claro, porque nunca me amou. Ele nem sequer me dá a chance de explicar

.

— Não vou conseguir conversar com você agora. Está muito nervoso.

— *Nervoso?* Não tem a menor ideia do que estou sentindo.

— Raiva, eu sei, e sinto muito por te magoar. Eu sinto tanto, Dionysus.

Tento dar um passo para perto, disposta a qualquer coisa para obter o perdão, mas ele me para com um gesto de mão.

— Não. Eu não quero que toque em mim e nem respirar o mesmo ar que você. Infelizmente,

sabemos que terei que fazê-lo,

no

entanto, porque carrega meu filho,

mas nunca mais vai encostar em

mim, Cecily

.

Eu tento levar em consideração o quanto está ferido, baseado no

que sei sobre o orgulho dos Kostanidis,

mas ainda assim não posso

controlar a mágoa que as palavras dele me causam.

— Keith não era quem Sue dizia,

Dionysus. Ela casou-se com ele

por interesse. Ficou com ódio quando ele doou o dinheiro da venda

da empresa anonimamente para instituições

de caridade. Ela

planejou um golpe que não deu certo. Queria ser a rainha de um rapaz ingênuo e tudo o que conseguiu foi viver como classe média alta. Era bom, muito mais do que ela teve no passado, mas não o suficiente para alguém tão ambicioso.

— E por que deveria acreditar em você?

— Porque te amo e amo Joseph. Eu sinto muito por não ter revelado isso antes. Eu tinha a intenção de ir embora, deixar que vivesse a vida com seu filho,

porque sabia que ele estava bem ao seu lado.

— E se não estivesse?

— Eu ia lutar pela guarda dele na justiça.

Foi o que prometi a

Keith. Eu achei que era com Sue que teria que brigar, mas ela morreu. Eu não fazia ideia de que ela havia se casado com um grego rico. Só descobri pelos jornais e revistas, quando deram a notícia da morte dela e apenas por isso, tentei encontrar você.

— Não acredito em nada do que diz.

— Entretanto — continuo, fingindo

que o que falou não me

magoa —, foi

preciso apenas uma semana para saber que o filho

de

Keith estava sendo bem cuidado. Vi o quanto se amam e deveria ter ido embora naquela hora, mas me apaixonei por você.

— Se *apaixonou*? Ou tentou acertar onde Sue falhara?

Eu sei que estou errada para caramba, mas a falta

de fé dele em

mim me machuca e eu não consigo ficar calada.

— Alguns diriam

que não fal

hou tanto assim. Casou-se com dois

homens ricos. Uma pena para ela que o primeiro tinha um bom coração e doou toda sua fortuna.

Noto uma veia pulsando em seu pescoço e sei que está se controlando porque estou grávida. Vê-lo com tanta raiva de mim é mais do que posso suportar.

Não adianta ficar aqui. No momento, ele me odeia e não ouvirá nada do que eu disser.

Tiro a carta que sempre carrego comigo, de dentro da bolsa.

— Eu vou deixar isso para você ler quando estiver mais calmo. É

uma carta de Keith. Deveria lê-la. — Coloco-a em cima da mesa dele e começo a andar para a porta. — Estamos ambos nervosos,

então vou para casa. Quando quiser conversar, estarei à sua espera.

— Não.

Eu paro de andar e olho para trás.

— Não quer que eu vá embora? — pergunto, com uma centelha de esperança acendendo em meu coração.

— Não quero que vá para casa. Não é mais sua casa. Anderson a levará para a cobertura. Fique longe de Joseph. Eu não confio em você.

— Eu estou com um filho

seu dentro de mim. Acha que eu faria

o

quê? Fugiria com Joseph?

— O que eu acho não vem ao caso, Cecily

. Você é uma

mentirosa e só não será expulsa da minha vida definitivamente por causa do bebê.

— Não quer dizer isso, Dionysus. V

ocê sabe quem sou.

— Não, eu não sei. Agora saia. Vai receber notícias dos meus advogados.

Eu abro a porta, mal conseguindo enxergar a maçaneta, a vista totalmente nublada pelas lágrimas.

Penso em ligar

para Elina

porque não quero ir para a cobertura.

Não quero ficar sozinha.

Quando coloco a mão dentro da bolsa, no entanto, percebo que deixei o celular na sala dele. Por nada no mundo voltarei lá.

Tampouco vou pegar carona com Anderson.

Tomarei um táxi e depois peço a Elina que recupere meu aparelho.

Ao invés de pegar o elevador privativo,

que me deixará em frente

à garagem em que Anderson está, vou para o de acesso público.

Entro, transtornada, mas antes que a porta se feche, Cage aparece.

— Cecily

, o que houve?

— Eu estou bem.

— Não, você não está. Vem aqui — chama, me puxando para um abraço.

Estou tonta, fraca e me deixo guiar

.

Ele me segura com firmeza.

— O que houve? — pergunta.

— Estava saindo?

— Sim, por quê?

— Me dá uma carona para a casa de Elina?

— Apenas se me contar o que aconteceu ou chamarei Dionysus.

Parece prestes a desmaiar.

— Nós brigamos. Isso é tudo. Agora, ajude-me por favor

, Cage.



Capítulo 54

Ela mal fecha a porta e eu quero trazê-la de volta, porque meu coração traiçoeiro não aceita que tudo entre nós tenha terminado assim.

Vou até a janela, olhando sem ver o céu nublado, a mente tentando racionalizar

o que acabo de descobrir ao invés de deixar a

raiva e o orgulho me dominarem.

Volto para a minha mesa e pego a carta.

Eu não quero lê-la porque independentemente do que esteja escrito, não mudará o fato de que Cecily

mentiu, mas ao menos eu

terei o outro lado dessa história.

Até agora, só tive a versão de Sue. Juntando tudo o que Odin descobriu sobre o passado de Keith e mais as desconfi anças dos

meus parentes em relação a ela, sinto que devo ao homem morto ao menos o benefício da dúvida.

Abro a folha de papel e vejo que em alguns pontos, a letra está borrada.

Lágrimas de Cecily?

Começo a lê-la.

“Minha adorada Cici, sabe como sou horrível para escrever até mesmo mensagens curtas, agora imagine uma carta inteira, mas eu preciso deixar registrado muito mais do que consigo colocar em uma conversa telefônica.

Primeiro sobre o passado, sobre nós dois.

Quero pedir perdão. Eu jurei lealdade. Eu jurei cuidar de você e te abandonei.

Enquanto você crescia naquele inferno, eu tinha a certeza de que me pertencia, que era meu destino e que em algum momento do futuro, ficaríamos juntos. O tempo foi passando e meu amor por você não mudou. E nem o seu. Da sua parte, não havia sentimento de homem-mulher, o que percebi foi a mais pura e sincera amizade.

Sei que se eu insistisse, teria ficado comigo por gratidão. Não era o que eu queria. Estava apaixonado. Queria que me amasse da mesma forma.

Não sinto orgulho de dizer que me afastei por despeito.

Subestimei-a. Como, minha mente nublada pelo orgulho pensou, uma garota do interior do Kansas poderia não ficar agradecida, apaixonada pelo salvador dela? Por um homem brilhante, jovem e rico, disposto a lhe dar o mundo?

Sim, Cici, a arrogância me derrubou porque hoje eu vejo que foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida.

Não fique cansada se, de vez em quando, nessa carta, eu te pedir perdão. Nunca poderei me desculpar o suficiente.

Quando conheci Sue, eu tinha acabado de ganhar minha fortuna e achei que poderia comprar tudo o que quisesse, inclusive o amor de uma mulher linda.

Como já conversamos, foi perfeito no início, mas depois que a empolgação sexual dos primeiros meses passou, restou o vazio porque ela não era você. Nada parecida com você. Não tinha seu sorriso, bondade, inocência.

Na verdade, a mulher que tinha meu filho dentro do corpo mostrou-se um monstro e agora temo que não verei o bebê nascer.

Ele ainda não tem um nome e nem ninguém que o proteja e apesar de saber que não tenho o direito de fazer isso, pedirei do

mesmo jeito: cuide do meu filho. Lute com ela pela guarda. Sue não quer essa criança.

Como sei disso? É imprudente. Fica fora até tarde da noite, bebe, grita, não se alimenta direito. Parece torcer para que o bebê não vingue, inclusive.

Também estou desconfiado de que sai com outros homens, mesmo grávida.

Deve estar se perguntando por que não vou embora se, como lhe disse por telefone, por mais de uma vez achei que Sue atentou contra a minha vida.

A resposta é simples: não posso enquanto meu filho não nascer

.

Enquanto ele não estiver livre da prisão que é o corpo dela.

Tive problemas estomacais em um passado recente e apesar dos médicos que me examinaram não terem detectado nada, eu acho que ela tentou me envenenar. Estou ficando paranoico. Não como mais em casa. Durmo pouco, sempre vigilante a uma agressão e estou contando os meses até que ela dê à luz.

Se algo me acontecer, olhe por ele. T

em que me prometer isso,

Cici.

Eu nunca pensei em jogar a ajuda que lhe dei na sua cara, mas não tenho mais ninguém. T

em que ser você.

Temo mandá-la ao encontro dela porque Sue é perigosa e cruel, mas alguém precisa lutar pelo meu filho. Ele não pode ficar à mercê daquele monstro.

Eu nunca terei palavras o suficiente para lhe dizer o quanto me arrependo não só de ter me unido a ela, mas de não ter perseverado por seu amor, Cici. Fui fraco e prepotente.

Queria que você ficasse agradecida, corresse atrás de mim, visse o quão maravilhoso eu era.

Fui um idiota orgulhoso e destruí qualquer chance de ser feliz, mas vou te amar para sempre, minha Cici.

Perdão.

Com todo o meu amor,

Keith.”

Solto a carta em cima da mesa, enquanto as palavras que acabo de ler dançam pelo meu cérebro.

Eu não sou um crédulo na alma humana. É justamente o oposto.

A natureza desconfiada, traço tão característico na minha família, me faz ter certeza de que quando acuado, as pessoas são capazes das atitudes mais vis.

Não achei, no entanto, que a podridão de Sue pudesse ir tão longe.

Penso na minha esposa falecida e em como ela parecia uma mãe dedicada para Joseph. Em seguida, recordo-me que o contrário não era verdadeiro: meu filho

nunca ficou

confortável

com ela como fica

com Cecily e até mesmo com Elina.

Eu me pergunto o quanto, em sua cabecinha infantil, ele sabia que a mãe não valia nada.

Nesse instante, tenho as peças que faltavam no quebra-cabeça, mas não muda o fato de que Cecily

me enganou. Ela teve várias

oportunidades de me contar a verdade e não o fez.

Por medo?

Sim, depois de ler a carta de Keith, acredito que tenha sido por medo, afinal,

não tinha a menor ideia

de quem eu era. Com certeza,

mesmo em sua ingenuidade

, não acreditou que eu entregaria meu

filho, não importa a história triste que me contasse sobre a concepção dele.

Pego o telefone para liga

r para aquele que pode me dar

respostas, Odin, mas antes que possa fazer algo, a sala é invadida por ele e meus irmãos.

Levanto-me e apesar de não estar nem na hora do almoço ainda, sirvo-me de uma dose de uísque.

— Precisamos pensar em uma estratégia para minorar o estrago que Peyton causou — Odin diz. — E também há algo que preciso contar sobre a morte do ex-marido de Sue.

Faço um gesto de cabeça para a carta.

— Leiam.

Um a um, eles o fazem e quando terminam, vejo suas feições mudarem, não de surpresa, já que nenhum deles gostava de Sue, mas por raiva.

— Eu acho que ela o matou. Foi isso que vim dizer. Não temos como provar porque a polícia

fez um trabalho investigativo

de

merda, mas tenho razões para acreditar que Sue matou o ex-marido, empurrando-o da varanda do apartamento onde viviam.

— Como teria forças? Estava grávida — Zeus pondera.

— Nunca saberemos. Ela pode tê-lo drogado antes ou talvez ele não tenha reagido. Jamais teremos certeza.

— Como a polícia

pode ter sido tão incompetente? — Ares

pergunta.

— A polícia,

na maioria

das vezes, é preguiçosa — Hades fala,

a

[raiva tomando conta de suas feições e nós sabemos a razão](#)

[\[23\]](#).

— Onde está Cecily? — Zeus pergunta.

— Eu a mandei para a cobertura.

— O quê?

— Foi antes de ler a carta. Não a queria perto de Joseph.

— Maldito orgulho grego esse nosso — Odin rosna. — Ela não pode ficar sozinha, Dionysus.

— Não está. Anderson a levará para o apartamento.

— Isso não está certo. Vou pedir a Elina que vá encontrá-la.

Antes que ele pegue o telefone, porém, como se tivesse sido combinado, um celular começa a tocar

.

Olhamo-nos, mas não é o de nenhum de nós e só então percebo o aparelho novo que comprei para Cecily em cima da mesa.

Eu o pego e vejo que é a esposa de Odin chamando. Coloco no viva-voz.

— Cecily esqueceu o celular — falo ao atender

.

— *Onde ela está, Dionysus? Estou ficando preocupada. Cici me*

disse que ligaria assim que chegasse aí.

— Nós brigamos. Eu a mandei para a cobertura.

— *Você fez o quê?*

— Eu a mandei embora.

— *Você é como um irmão para mim, mas nesse instante, eu poderia matá-lo, Dionysus. Como pôde deixá-la sozinha?*

— Não sabe da história toda.

— *Não, eu não sei, mas seja ela qual for, eu conheci Cici.*

Ela é uma pessoa boa e te ama. Viveu abandonada a vida inteira e agora, quando seu mundo está desabando, você, o pai do filho dela, lhe

vira as costas!

Sinto-me envergonhado, não pelo que Elina fala. Não dou importância

ao que pensam de mim, mas sim pela maneira como afastei Cecily

.

— Vou encontrá-la. Deve ter chegado na cobertura a essa altura.

— *Mande-a para mim. Se não a quer, eu quero. Cici não é apenas sua noiva ou sei lá como a considera agora. Ela é minha amiga e não está sozinha.*

Ela desliga o telefone sem se despedir e quando olho para os meus parentes, todos me encaram em silêncio.

Pego meu próprio aparelho para ligar para Anderson. Chama apenas duas vezes antes que ele atenda.

— Cecily já chegou à cobertura?

— *O quê? Na cobertura?*

Não, eu a trouxe para o banco e ela

subiu. Está em seu escritório. Não a vi mais.

— Ela desceu há cerca de meia hora. Não está aqui. Mandeí que o encontrasse e pedisse que a levasse ao apartamento.

Enquanto falo,

algo parecido com ácido se espalha pela minha

garganta.

Tento me convencer de que ela está bem, ao mesmo tempo em que a consciência de que mandei minha mulher grávida embora, sozinha

e assustada, me causa um mal-estar fodido.

Antes que desligue o telefone, vejo cada um dos meus irmãos pegarem o celular

.

Sei o que estão fazendo: olhando as câmeras do edifício.

— Ela desceu com Cage pelo elevador comum. Foram para a garagem. — Ares é o primeiro a concluir

.

— O quê?

— Espere um pouco. Estou voltando a gravação.

Segundos depois, ele me mostra a tela. No vídeo, Cecily entra chorando no elevador, mas antes que as portas se fechem, Cage aparece.

Não dá para ouvir o que conversam, mas ele a puxa para um abraço, consolando minha mulher

.

Hades me mostra o próprio aparelho agora, com as câmeras da garagem.

Nela, Cage e Cecily chegam ao andar subterrâneo, no estacionamento comum para executivos e clientes. Desaparecem da visão até que segundos depois, vejo o carro dele saindo do prédio.

— Cage não deveria mais estar aqui — falo.

— O quê? — Zeus pergunta.

— O executivo que lhe contei que estava sendo acusado de assédio pela secretária, é ele. Cage já deveria ter deixado o prédio antes mesmo de Cecily chegar

.

— O que diabos está acontecendo, Dionysus? — Ares questiona.

— Eu não faço a menor ideia.

Só sei que Cage não poderia mais circular pela empresa.

Vejo Odin se afastar
, digitando freneticamente no celular

.

Enquanto isso, tento ligar
para o telefone
de Cage, mas vai direto
para a caixa postal.

Telefone para a cobertura, para ver se ela chegou lá. Ninguém atende.

Tento a portaria, mas o porteiro garante que Cecily não subiu.

Quando meu primo volta para perto de nós, digo:

— Devemos chamar a polícia?

— Ainda não, eu estou tentando rastreá-lo.

Lembro-me de algo.

— O relógio.

— O quê? — meu primo pergunta.

— Cecily

queria manter-se saudável durante a gravidez. Eu lhe dei um dos seus relógios [inteligentes](#)

[\[24\]](#). O último modelo que sua empresa lançou, Odin.

— Ótimo. Nós vamos achá-la.

— O que acha que aconteceu? — Ares pergunta.

— Eu não sei ainda, mas até que Cecily seja encontrada, devemos tratar como sequestro.



Capítulo 55

— Finalmente, bela adormecida! — Ouço uma voz de homem dizer ao longe e me esforço para abrir os olhos.

Em minha mente sonolenta, eu me lembro de uma situação parecida, quando acordei em um hospital.

Abro os olhos e não é um enfermeiro que está comigo, no entanto. É Cage.

Assustada, olho em volta e quando vejo paredes escuras do que parece um casebre, tento me levantar.

— Não faça isso ou vai passar mal. Precisamos pensar nesse bebezinho dentro de sua barriga.

Apesar das palavras, não há um pingo de preocupação em seu rosto. Ele soa irônico.

— Cecily

, Cecily

, você me deu trabalho.

— Onde estamos?

— Linda, essa é a pergunta menos importante de todas e sim, se você ficará ao meu lado ou contra mim.

Meu coração acelera. Os olhos do homem parecem os de um louco, mas o instinto me manda ficar calma.

— Por que eu ficaria contra você?

— Não sei. Talvez porque esteja apaixonada pelo grego? Aliás, satisfaça uma curiosidade:

o que diabos há no homem, tirando o

status

de bilionário,

obviamente, que faz com que as mulheres

caiam de amor por ele tão rapidamente quanto moscas presas em teias de aranha?

Eu o ouço em transe, como se estivesse em meio a um pesadelo, tentando juntar as peças e não custo a entender que esse homem que, para mim, era um executivo inofensivo

do banco Kostanidis,

na

verdade, é um louco que me trouxe para um lugar desconhecido.

Estou deitada no que parece ser uma cama, com uma coberta sobre o corpo.

Enquanto ele fala, olho discretamente o ambiente, tentando encontrar uma saída, entender o que está acontecendo.

Sou fã de programas investigativos.

Na verdade, viciada

neles e

tento me lembrar de como vítimas que foram sequestradas e sobreviveram, agiram.

O celular

— penso, apenas para dois segundos depois me dar conta de que esqueci na sala de Dionysus.

A lembrança dele, da nossa última

conversa, traz uma sensação

de buraco no meu peito, mas eu não me permito afundar naquilo.

Não se trata de nós dois mais, e sim de proteger o bebê que carrego.
Eu preciso sair daqui.

— Até mesmo Sue — ele continua —, com toda a vivência, não
resistiu. No fim, estava se rendendo, a miserável.

— Sue? Está falando sobre a ex-esposa de Dionysus?

— Ah, Cecily

, minha ruiva deliciosa,

não me subestime. Sabe

perfeitamente quem é Sue. Eu custei a entender quem *você* era.

Apareceu de repente, do nada e assim, em um instalar de dedos,
estava dentro da família

Kostanidis,

não só como babá do pirralho,

mas como futura esposa do magnata grego e ainda com um herdeiro
a caminho. Muito mais inteligente do que a vadia morta.

— Cage, você não está falando coisa com coisa! Pode me explicar o
que há de errado?

— Primeiro me diga: está do meu lado ou contra mim?

— Não sei exatamente o que está me propondo, mas o que acha? —
pergunto, pedindo perdão ao meu filho

em silêncio

pelas

mentiras que vou dizer. — Dionysus descobriu meus planos e me expulsou da vida dele. Eu preciso de uma alternativa. Investi alto nessa jogada. Não posso sair com uma mão na frente e outra atrás.

— Pensei que fosse amiga de Keith. Foi o que descobri te investigando. Não quer mais ficar com Joseph?

— Não preciso dele. Como você mesmo disse, tenho um herdeiro legítimo, um verdadeiro Kostanidis, a caminho.

— Conte-me a sua história, e eu te contarei a minha.

— Não há muito para ser dito. Keith pediu que verificasse se o filho

dele ficaria

bem caso lhe acontecesse alguma coisa. Nunca me

disse que a agredia. Pintou-se como um homem apaixonado. Eu acreditei. Ele achava que Sue não era confiável. O que ele infelizmente não sabia, é que eu também não era.

— Não o amava?

— Amava, sim, mas não mais do que a mim mesma. Quando cheguei em Nova Iorque e me aproximei da família Kostanidis,

enxerguei uma oportunidade. Por que deveria cuidar de uma criança que não era minha se podia tentar me inserir

dentro da casa deles e

conquistar o ricoço só para mim? Forjei

um atropelamento, ele caiu

como um pato, mas a vadia da minha quase irmã estragou tudo quando eu já estava praticamente a caminho do altar

.

Sinto vontade de vomitar por dizer aquilo, mas meu desejo de sobreviver é maior do que a consciência.

— Intel

igente. Não apostaria tanto em você, Cecily

. Tem carinha

de santa. Quem diria?

— Agora é a sua vez. Conte-me sua história.

— É longa. Sente sede ou fome? Não tenho muito aqui porque não esperava te trazer hoje. Foi um golpe de sorte te encontrar.

Estava recolhendo minhas coisas para partir do banco, quando a vi, através das câmeras, chegando. Supus que estivesse no andar de Dionysus.

— Partir?

— Ah, sim. — Revira os olhos. — Uma puta me acusou de assediá-la sexualmente. Fui mandado para casa. Estava sob investigação.

De qualquer modo, não pretendia voltar ao banco. Ia começar a fazer as rodas do meu plano para você, girarem. Sua ida

hoje até lá só pode ter sido uma resposta de Deus. Ou então, como os gregos acreditam: destino. Quer mais um travesseiro?

Pergunta, como se não tivesse acabado de me contar que planejava me sequestrar

.

Eu não demoro a concluir

que há muita maldade em Cage, mas

loucura também. Ele age como se não tivesse me drogado e sequestrado. Como se estivesse realmente preocupado comigo.

Essas nuances me assustam ainda mais do que se ele fosse totalmente mal.

— Não, obrigada.

— Sei que é desconfortável, mas não se preocupe. Não ficaremos muito tempo aqui.

— Estou bem. Conte-me sua história, Cage.

Forço um tom carinhoso, quase como se estivesse falando com uma criança e, ao mesmo tempo, em movimentos lentos, solto o relógio do meu pulso porque me lembro que está interligado ao celular

.

Dionysus me disse que nunca deveria tirá-lo, porque pode ser rastreado. Dou graças a Deus por tê-lo obedecido.

Sei que ele me odeia no momento, mas quer nosso filho.

Quando

se der conta de que não cheguei à cobertura, tentará me encontrar

.

— Eu estudei na mesma faculdade

que Keith. — Começa e eu o

encaro. Não consigo disfarçar

a surpresa. Ele percebe. — Eu te

disse que era uma história

longa. Nós ficamos

próximos porque eu

era ainda mais pobre do que ele e não muito popular. Eu o vi enriquecer sem fazer força. Sortudo. Ele era generoso, isso é inegável,

e me ajudou a comprar meu primeiro

carro e pagar minhas

dívidas estudantis. Eu estava dois anos à frente dele. Me formei muito antes. Se não fosse pela ajuda que me deu, ainda estaria

[pagando meus empréstimos\[25\]](#).

— Onde Sue entra nessa história?

— Calma, menina. Que pressa! Vamos lá, mesmo já fora da faculdade, mantivemos contato. Ele estava no último ano e apesar de ter muito dinheiro no banco, continuava levando a mesma vida medíocre de sempre. Como diz o ditado, quem nasceu para lagartixa, nunca se transforma em jacaré. Bem, se ele não tinha o que fazer com o dinheiro,

eu tinha. Tentei convencê-lo a investir

em

um negócio. Ele não quis. O idiota

acreditava que poderia mudar o

mundo.

— Sim, ele era um tolo. Achava que todos eram bons.

Dá de ombros.

— Foi uma boa coisa ele ser tão ingênuo. Enfim, inseri Sue na jogada. O que eu como amigo não consegui, talvez uma boceta pudesse. Ela era recém-formada também. Prostituta até o último fio

de cabelo, fazia qualquer coisa por dinheiro. Muito ambiciosa.

Fodíamos eventualmente, mas eu sabia que para inseri-la em meus projetos, teria que fazer com que se apaixonasse por mim.

Acreditasse que eu a amava também.

— Keith sabia sobre o envolvimento de vocês?

— Minha doce Cici, acha que éramos amadores? Planejamos que Sue o encontrasse no lugar que ele mais frequentava: a cafeteria da universidade. Sério, o romance entre os dois foi tão rápido que quase senti pena de Keith. Ele caiu de amores por ela em um piscar de olhos. Casaram-se, e pouco tempo depois, o cretino começou a parecer um disco arranhado, com a ideia tola de doar todos os bens. Estava se desfazendo do dinheiro muito depressa nessas doações, o que atrapalharia

nossos planos de um

divórcio vantajoso.

— *Divórcio?*

— Sim, no começo não planejávamos matá-lo. Sue não era tão má quando tudo começou.

Ele acaba de afirmar

, sem demonstrar qualquer remorso, que

mataram Keith. Se eu tinha alguma dúvida de que é louco, ela se foi agora.

— Continue.

— Keith estava doando tudo na velocidade da luz. Sue engravidou em um ato de puro desespero. Quem sabe com um herdeiro a caminho, o imbecil

criasse juízo? Não adiantou, então

tivemos que partir para uma decisão drástica. Keith precisava morrer.

Mesmo sem saber dos detalhes e de que havia alguém além da ex-mulher de Keith envolvid

a na trama, o que ele conta não me

espanta porque eu já imaginara algo assim.

— E então vocês o mataram.

— Eu? Quem pensa que sou, Cecily? Nunca fiz mal a uma mosca. Apenas planejo.

Ele soa quase ofendido e aquilo me mostra o quão fora da realidade se encontra.

— Tudo bem. Desculpe-me. Ela o matou.

— Isso mesmo. Empurrou-o da sacada. A polícia acreditou na

palavra da pobre grávida agredida. Investigaram

mal para caralho.

O que nós não sabíamos é que Keith já havia doado todo o dinheiro a aquela altura.

— Nossa, quanta estupidez!

— Não é?

— Só não entendo é como vocês dois vieram parar em Nova Iorque.

— Eu não morava mais na Califórnia,

mesmo antes de Keith

morrer. Sabe como é: nunca coloque todos os ovos na mesma cesta, como diria

Warren Buffett[26]. Ainda éramos amantes, mas eu a monitorava à distância,

visitando-a aos fins de semana. Consegui

um emprego no banco Kostanidis

e estava ganhando bem, mas não

tanto quanto eu queria. Os planos com Keith deram errado e eu tinha uma cúmplice

grávida de um inútil

morto, nada guardado de

reserva e planos que nunca se concretizariam se eu não encontrasse uma solução.

— E encontrou?

— Melhor do que imaginava.

— Dionysus?

— No início,

não foi ele que visamos. Até mesmo para mim,
inteligente
e ambicioso,
era mirar alto demais. Pensei em fazer com
que um daqueles velhos ricos se apaixonasse por ela, a bancasse
como amante. Sabe como é, começar tudo de novo, como aconteceu
com Keith.

— Queria um novo marido para ela?

— Isso. E se fosse velho, melhor ainda. A morte dele não levantaria

suspeitas. Sue passava quase todos os dias na porta do banco,
andando com um carrinho como se precisasse de ajuda. Ela era
discreta, se misturava à multidão para não chamar a atenção dos
seguranças. Há algo a ser dito sobre homens: somos todos tolos.
Não podemos ver uma mulher em necessidade que o instinto de
herói entra em ação. O destino interveio. Não foi um velho rico quem
apareceu para ajudá-la

a, foi Dionysus. Sue tinha todo aquele

aspecto de boa moça, doce, submissa. Falsa para caralho. Não
acreditei que ela conseguiria enganá-lo, mas de alguma maneira,
conseguiu. Entretanto, estragou tudo ao se apaixonar pelo grego.

— Apaixonou-se?

— Sim. Não queria mais me ver. Discutimos. Ameacei contar tudo.
Se ela pensava que ia se dar bem sozinha, estava muito enganada.
Eu lhe disse que a mataria se me traísse. Não precisei.

A

imbecil

morreu sozinha. — Ele sorri e cruza as mãos no colo. —

Agora é sua vez novamente.

— Eu não estou entendendo.

— Não minta para mim, Cecily

. Sabe que não me contou a

história toda.

— O quê?

— Na noite em que sofreu o acidente, Sue me disse que estava indo se encontrar com a melhor amiga de Keith, que a havia lhe contatado. Só descobri há pouco tempo que essa amiga era você.



Capítulo 56

Quase uma hora antes

— Já a localizei — Odin diz.

— Onde?

— Cage saiu de Manhattan. Está a cerca de meia hora ao norte.

— Ele abre o celular e me mostra o mapa, mas eu já estou de pé.

— Temos que ir.

— Dionysus, precisamos agir com calma.

— Não. Precisamos trazê-la de volta. É por minha causa que ele a levou. Cecily é minha mulher, não importa que eu tenha agido como um idiota orgulhoso que só pensou no próprio rabo. Eu a quero de volta. O lugar dela é ao meu lado.

— Acha que foi

por vingança, por tê-lo colocado sob investigação

que Cage a levou? — Ares pergunta.

— Não — Zeus fala. — É arriscar demais por causa de um emprego. Há muito além nessa história que não estamos conseguindo alcançar

.

— Não importa. Descobriremos depois. O importante agora é salvar Cecily — digo, tentando ocultar o desespero de imaginar minha mulher à mercê daquele filho da puta.

— O meio mais rápido seria um helicóptero, mas o mais arriscado também. Ele o ouviria. Vamos de carro. Reuniremos alguns seguranças. Ele está sozinho. Não conseguirá escapar

.

— Não chamaremos a polícia?

— Por enquanto, não. A polícia precisa de mandados, autorizações, toda uma fodida burocracia da qual estamos isentos.

Fazemos do nosso modo, quando Cecily

estiver em segurança, nós

entregamos aquele merda para as autoridades — Zeus diz, mas posso ver pela expressão de Odin que ele gostaria de resolver aquilo de outra maneira.

Sei bem quais são seus métodos e para ser honesto, não dou a mínima para qual será o destino de Cage depois, desde que ele pague por ter ousado levar minha noiva.



— Eu não posso perdê-la.

— Não irá — Ares garante. — Vamos salvá-la, irmão.

Cecily

— Sim, eu ligu

ei para ela — falo,

porque é muito arriscado mentir.

Eu não tenho ideia do quanto ele sabe sobre o que aconteceu naquela noite.

— E o que mais?

— Encontramo-nos em um motel de beira de estrada. Discutimos.

Eu estava mesmo preocupada com o bebê. Sue, não. Joseph tinha poucos meses apenas e tive pena. Não sou totalmente má, Cage.

Ele está acreditando em mim? Rezo para Deus que esteja.

— Ninguém é apenas mau, docinho. Todos temos dois lados.

Quanto a Sue, ela não queria engravidar, mas sabia que o menino era necessário para formar a imagem de jovem abandonada e necessitada que Dionysus tinha dela.

Concordo com a cabeça e preciso fazer força para conter a bile que me sobe à garganta.

— Sue ficou com raiva por eu tê-la procurado. Mandou que eu saísse de seu caminho ou chamaria a polícia.

Eu sabia que ela

estava blefando

o. Não tinha certeza do que acontecera com Keith.

Não fazia ideia

de que ela o matara, mas estava convicta de que não havia contado a história toda para o novo marido e que não desejaria chamar atenção, acionando as autoridades.

— Ela estava casada com um grego rico. Se sua preocupação era com o menino, obtive sua resposta. A criança ficaria bem, né?

Penso com cuidado no que dizer em seguida. Negociar com um louco que tem rompantes de lucidez de vez em quando é como jogar xadrez.

— Sim, àquela altura, eu sabia que o bebê ficaria bem, mas

pensei que ela poderia me ajudar também. Eu não queria voltar para o Kansas.

— E então?

— Ela se negou. Não queria saber de mim. Disse que faria Dionysus me prender se eu insistisse.

Na hora, fingi

aceitar, mas

não estava disposta a desistir

. Despedi-me e fui embora. Tinha que

devolver o carro alugado. Naquele momento, não possuía meios de

continuar no estado de Nova Iorque — minto —, mas sabia que ela estava nas minhas mãos. Com o que eu sabia sobre o passado dela, baseado no que Keith me contou sobre ser ambiciosa e cruel,

Sue me entregaria o que eu quisesse. Aparentemente, adivinhou minhas intenções. V

eio atrás de mim pela estrada. Me perseguiu.

— O acidente que a matou... você estava presente...

Ele parece genuinamente surpreso.

— Sim.

— Como é possível que não a tenham ligado à morte dela?

— Sue tentou me jogar para fora da estrada. Me empurrar em um barranco. Sou boa motorista, consegui escapar do pior, ela não.

Pelo espelho retrovisor, vi o carro dela caindo no vazio — conto, dessa vez, estremecendo de verdade ao me lembrar do pavor que senti quando naquela noite vi que a louca tinha mesmo a intenção de me matar. — Continuei dirigindo

por mais alguns quilômetros,

mas estava muito escuro e eu, nervosa, entrei na contramão. Bati de frente em uma mureta. Quase morri também. Nunca ligaram os dois acidentes.

— Caralho, isso parece uma cena de filme!

Consegui visualizar

totalmente vocês duas em luta pela sobrevivência.

Venceu a cadela,

Cecily

. Tem minha admiração.

— Não está com raiva de mim?

— Com raiva? Por que estaria? Sue estragou tudo. Ela só precisava jogar direito e ficaríamos

bem, mas não. A puta se

apaixonou pelo grego e quis me dar uma rasteira.

— Tinha desistido do golpe, então?

— Ela tentou desistir

, sim, eu, nunca. Ameacei entregá-la à
polícia

e em uma fração de segundo, toda a empáfia desapareceu.

Voltou a ser a piranha dócil

de sempre e me deu uma apólice

de

seguro.

— Como assim?

— Eu a obriguei

a engravidar do grego — ele fala

e sinto vontade

de vomitar. — Ela ficaria

ligada a ele para sempre, me dando

dinheiro

toda vez que eu a ordenasse. Quando matou Sue naquele dia,
Cecily...

— Eu não a matei.

Tento me lembrar de alguma notícia sobre ela estar grávida quando
morreu, mas tenho certeza de que não li nada a respeito.

— Quem se importa? — diz, revirando os olhos. — Já vi que você é
sensível,

então tudo bem, vou mudar a maneira que me expresso.

Quando não morreu naquele dia, Cecily

, e ao invés disso mandou

Sue para os confins do inferno, você enviou para a morte o filho de Dionysus também.

Ele está sorrindo e eu, mais apavorada do que nunca.

— Os jornais não noticiaram nada sobre um bebê.

— O homem é um magnata dono de uma emissora de tv. Devem ter abafado o caso. Mas isso não importa mais e sim que agora será você a me proporcionar uma boa vida.

— Não estou entendendo.

— Vou ser sincero porque acho que já somos amigos, tá? Eu não ia te devolver, eu ia te matar. Mesmo que não curta muito essa coisa de violência,

eu queria vingança. Com o que acaba de me contar, o jogo mudou completamente porque sei que tem muito a perder.

Preciso de você viva. Vou te soltar. Você vai voltar e reconquistá-lo, porque eventualmente ele vai acabar te perdendo por ter mentido sobre Keith. Quando estiverem bem novamente, vai me sustentar para o resto da vida. Nós dois ficaremos bem — diz, passando o dedo indicador

ao longo do meu braço e eu me esforço para não me

encolher. — Quem sabe até não possamos ser mais do que amigos depois que o bebê nascer? Não antes, sinto muito. Não curto corpos de grávidas. São disformes. É meio nojento.

Eu o encaro, em silêncio, apavorada por tantos motivos diferentes que sinto-me prestes a desmaiar

.

— E se eu disser não?

— Por que faria

isso? Ambos queremos nos dar bem. Agora aqui

vai um senhor incentivo:

o que acha que Dionysus fará quando

descobrir que esteve envolvida na morte de Sue e matou o outro filho

dele que nem nascera? É uma menina esperta, mas só para o caso de não estar conseguindo visualizar

o quadro inteiro, vou te

dizer. Ele mandará te prender assim que o bebê que está esperando nascer. Vai ficar com seu filho

e você, na cadeia para o resto dos

seus dias.

Não acredito nisso. Qualquer perito que investigar

o acidente que

sofri mais a fundo, poderá comprovar que foi Sue quem bateu em mim e não o contrário.

De qualquer modo, não há nada que me ligue

ao acidente dela.

Entretanto, hoje eu conheci um lado assustador de Dionysus. Uma nuance cruel de sua personalidade. Ele me mandou embora sem pensar duas vezes.

Repasso mentalmente a informação que Cage acaba de me dar

.

Sue estava grávida.



Voluntariamente

ou não, o herdeiro dele se foi em uma situação

em que eu estive envolvida. Ele nunca vai me perdoar. Vai tirar nosso filho de mim se souber a verdade.

Estou perdida.

— Temos um acordo? — pergunta.

— Sim. Eu não quero ir para a cadeia.

— Boa menina.

Fecho os olhos porque não posso mais fingir

diante daquele

doente e tenho medo de que ele descubra o que estou pensando.

Interpretando meu silêncio erroneamente, diz:

— Precisa descansar, querida. Vou te deixar aqui por mais umas quarenta e oito horas. Apenas tempo o suficiente

para que o grego

fique preocupado. Desesperado para tê-la de volta e então, solto você na cidade. Afinal,

não queremos que nada aconteça ao bebê.

Ele é nossa galinha dos ovos de ouro.

Cecily

Eu não tinha a intenção de dormir, mas aparentemente, acabei cochilando.

Quando desperto, há barulho de passos e gritos. Portas batendo. Homens dando ordens.

Cage fala comigo, mas eu não entendo nada. Sinto-me entorpecida, como em uma realidade paralela.

Abro os olhos e vejo o rosto assustado do meu sequestrador. Há algo errado.

Tento me levantar, mas não tenho forças. Ele deve ter me drogado outra vez porque, de repente, tudo fica escuro.



Capítulo 57

Algumas horas depois

— Para onde o levaram? — pergunto a Odin ao telefone.

— *Ele está sob a custódia
da polícia*

agora — diz, ainda soando
contrariado e eu sei a razão.

Odin não acredita na justiça
dos homens. Ele queria *resolver*
a

questão com Cage com as próprias mãos. Se fosse algo que
envolvesse apenas nós, eu não pensaria duas vezes, mas há Cecily
, que pode ser implicada no desaparecimento dele.

Há câmeras de segurança no banco que mostram minha mulher
saindo com o filho

da puta do prédio. Não é algo que se possa ocultar.

— Providenciarei para que nunca mais veja a luz do sol.

— *Eu estou assistindo*

o interrogatório

junto aos advogados. Há

muito

mais do que imagina

por trás, Dionysus. Não começou com o

caso de assédio à funcionária

do banco e tampouco com Cecily

e

sim, com Sue.

— Sue?

— Aham, mas não se preocupe com isso agora. Cuide de sua mulher. Ele não irá a lugar algum.

Há um tempo, suas palavras me trariam tranquilidade.

Até

descobrimos o que acontecera com nossa mãe e Zeus obter sua vingança contra o homem que destruiu a vida dela, eu acreditava na lei dos homens e que todos têm direito a um julgamento justo.

Eu não penso mais assim.

Há pessoas que não merecem viver em sociedade.

O importante agora, no entanto, é que Cecily esteja em segurança, sendo atendida.

Eu não sou do tipo que teme o que quer que seja. Se algo entra em meu caminho, me ameaça ou àqueles que são importantes para mim, o ódio é minha válvula de escape natural.

Hoje, no entanto, ao ver Cecily

desacordada na casa caindo aos

pedaços, eu experimentei

sentimentos que até o momento me eram

desconhecidos: medo e culpa. Muito remorso também.

— Ela acaba de despertar — o chefe da equipe médica diz, aproximando-se.

Athanasios vem logo atrás.

Estou com meus irmãos, Elin

a, Madison, assim como Christos e

Zoe, que vieram da Carolina do Norte.

Joseph ficou com Eleanor

, madrastra de Madison.

Nós trouxemos Cecily

para o hospital

do qual Athanasios é dono.

Apesar de ser neurologista,
ele está acompanhando o atendimento
dela como um favor pessoal.

Há horas minha mulher está sendo submetida a exames e essa é a primeira vez que alguém vem falar conosco.

— Eu gostaria de vê-la — digo.

— Ela pediu para falar
com você Dionysus — nosso amigo diz —,
mas aviso que não deve aborrecê-la. Está sob muito estresse ainda.

A pressão foi estabilizada, mas estava alta quando chegou.

— Não tenho qualquer intenção de deixá-la
nervosa, mas preciso
conferir por mim mesmo que Cecily está bem.

Ele começa a andar para o quarto em que ela foi internada e o sigo em silêncio. Na porta, eu hesito antes de entrar

.

É a segunda vez que encontro Cecily em um hospital. Na primeira, ela era uma desconhecida e eu mal podia esperar para me livrar da garota estabanada que se jogou na frente do meu carro.

Agora, eu preciso de seu perdão.

Sim, *perdão*.

Não importa que ela tenha mentido para se aproximar de mim.

Acredito, agora que a raiva passou, que o fez mesmo com a melhor das intenções: proteger Joseph.

Depois de ler a carta de Keith, estou seguro de que nunca realmente conheci Sue. Ainda mais agora com o que Odin contou: que ela estava envolvida também com Cage.

Abro a porta e Athanasios não entra, nos dando privacidade.

— Cecily — chamo, fechando-a atrás de mim.

Ela está olhando para a janela, apesar de eu ter certeza de que me ouviu chegar.

— Nós precisamos conversar, Dionysus.

Dou a volta na cama para encará-la. Não quero que se aborreça, mas não sei conversar de outra maneira que não seja enfrentando meu interlocutor

.

— Sim, precisamos, mas não agora. Se tudo der certo, terá alta amanhã, segundo os médicos disseram. O bebê está bem.

— Eu sei. Athanasios me disse.

— Então, eu só queria...

Ela faz um gesto, me parando. Em nenhum momento olha para mim.

— Sou eu quem tem que fal

ar. Fiquei

calada por tempo demais.

Ocultei a verdade. Estou cansada. Já te disse sobre a promessa que fiz

a Keith e a razão pela qual me aproximei

de você: precisava

ter certeza de que Joseph estava bem. Quando me sequestrou, Cage uniu as peças que faltavam na história

de Sue, de Keith... e

na nossa também. Talvez você queira se sentar. Há muito a ser dito.

Puxo uma cadeira para perto da cama e nem assim Cecily me

olha. É como se estivesse alheia a tudo.

Tento pegar sua mão. Ela faz que não com a cabeça.

— Disse-me para nunca mais tocá-lo. Quando eu acabar de contar o que preciso, provavelmente repetirá isso novamente, então sou eu que peço agora: não encoste mais em mim.

Sinto como se tivesse tomado um soco e imagino

que o mesmo

se passou com ela quando lhe falei isso em meu escritório.

— Conte-me o que precisa. Primeiro, conversaremos sobre o passado. Depois, sobre nós.

— Não existe um “nós”. A única ligação que temos é o bebê.

Não discuto, lembrando-me do que os médicos recomendaram.

— Conte-me o que aconteceu, Cecily

.

— Se você me encontrou, provavelmente me viu saindo do prédio com Cage. Eu acho que ele me drogou. Acordei em um casebre...

Ela fala

com calma e eu não a interrompo. Sua explicação

é clara

e a linha do tempo faz todo o sentido.

Cecily leva quase meia hora para me explicar tudo, dando detalhes que, se não fosse ela a me contar

, não acreditaria.

Eu levei

um monstro para dentro da minha casa. Casei-me com

ela e formei uma família.

A esposa dedicada e mãe amorosa nunca existiu. Sue era uma farsa. No lugar dela, havia uma mulher fria, calculista, capaz de

envolver sem pensar duas vezes um jovem altruísta e crédulo em uma trama de ganância e morte.

— Essa primeira

parte da história

não tem a ver com você, e sim,

com Keith. Eu custei a encontrar Sue. Só descobri que ela veio para Nova Iorque quando vi uma foto de vocês três nos jornais, onde a reportagem os retratava como uma jovem família feliz.

Estavam

recém-casados e com um bebê novo. Soube imediatamente que era

o filho de Keith por causa da idade de Joseph.

Ela me revela como contatou Sue e do encontro que tiveram no motel. As ameaças que minha falecida esposa lhe fez.

Nada disso me causa espanto, até o momento em que Cecily me conta que Sue tentou matá-la na estrada.

— Eu consegui escapar, e segundo as enfermeiras e equipe médica disseram, foi um verdadeiro milagre ter saído do acidente apenas com alguns arranhões.

— E ela morreu, caindo no despenhadeiro.

— Sim. Mas essa ainda não é a história

toda. Cage me disse que

Sue estava grávida do seu bebê, Dionysus. — A voz dela treme quando fala isso. — Eu não sou hipócrita e não vou dizer que lamento a morte dela, mas mesmo que não acredite em mim, lamento a morte do filho

de vocês e ainda que não tenha tido culpa

diretamente no acidente, peço seu perdão.

— Perdão? Ainda que houvesse um bebê, não tomou qualquer ação na morte dela.

— *Ainda que houvesse?* Ela estava grávida. Cage garantiu. Foi uma espécie de presente que Sue deu a ele. Um tipo de “apólice de

seguro”, foi o termo que ele usou, para que estivesse ligada a você para sempre e eles lucrassem com isso.

— Sue não estava grávida, Cecily

. Eu tenho certeza disso. Ela

não tinha mais útero. Sofreu uma complicação

no parto de Joseph.

Não podia mais ter filhos.

— O quê? Mas Cage...

— Foi apenas mais uma mentira que ela contou. Enganando a ambos: marido e amante.

— Eu não sei o que dizer

.

— Lembro-me que na época do parto de Joseph, me perguntei como uma mulher jovem e que já havia sofrido tanto, podia ser ainda mais castigada por Deus, impedida de ter outras crianças.

Hoje, penso que foi

a justiça

divina

fazendo um favor à humanidade.

Nenhuma criança merecia como mãe um monstro daquele.

— Eu...

— Acabou de falar o que precisava?

Ela acena com a cabeça.

— Está bem para conversar?

— Sim.

— Eu poderia te pedir perdão, apenas. Seria mais fácil e salvaria

meu orgulho. Não é o que quero. Vou fazer o meu melhor para explicar o que estou sentindo, embora não seja bom em me expor

.

— Dionysus, não acho que nós...

— Cecily

, quando você saiu da minha sala ontem de manhã, pediu que eu te ouvisse. Eu me recusei e tem todo o direito de fazer

o mesmo agora. Vou contar com sua generosidade, no entanto.

Ouçame e somente então, tome uma decisão.



Capítulo 58

— Eu fui

criado por uma família,
que, na teoria, era perfei
ta. Pai e

mãe apaixonados, amorosos conosco. Não nos faltava nada. Sou o terceiro dos filhos. Nem cobrado demais e nem mimado em excesso. Um privilegiado

como meus irmãos. Eu achava que tinha o

mundo aos meus pés. Quando estava saindo da adolescência, minha mãe fugiu de casa com outro homem.

Ele parece ter dificuldade

de contar aquilo e intuo ser tanto por,

como mesmo confessou, não saber falar de sentimentos, quanto porque deve ser doloroso recordar o passado.

— Mamãe morreu em um acidente de carro com o homem que, durante anos após o ocorrido, pensamos ser amante [dela\[27\]](#). Meu pai se suicidou

no mesmo dia. De uma hora para a outra, o mundo

que conhecíamos, desapareceu. Passamos a desconfiar de nossas

sombras e a falta de fé no mundo era alimentada pelo nosso avô paterno, que queria vingança contra a família

que desgraçou a

nossa. Somente há pouco tempo, descobrimos que nada do que pensávamos ser verdade, era. E o verdadeiro culpado pela morte da

[nossa mãe estava bem debaixo dos nossos narizes](#)

[\[28\]](#).

Ouço-o narrar como se vingaram do homem, mas que mesmo após o acerto de contas, o ódio que alimentaram

no passado já os

havia moldado para sempre e que eles continuaram desconfiando até da própria sombra.

— Como já te disse antes, não me apaixonei

por Sue e sim, pelo

que ela representava: família

. Algo que eu havia perdido. Eu amava

Joseph. Eu não tinha amor por ela, mas estava disposto a trazê-la para perto se isso significasse

me tornar pai do meu menino.

Quando você apareceu, foi

diferente

de tudo o que eu já conhecera.

Não sabia o que fazer com o que me fazia sentir, com o desejo louco que me despertava, que ainda desperta... eu só sabia que não podia deixá-la ir

.

Agarro a barra do lençol com força para me impedir de tocá-lo.

— Tijolo

por tijolo,

você derrubou as defesas que criei.

Se tornou

a minha vida. O meu mundo. Quando eu descobri que me enganou...

— Como descobriu?

— Allen

, o segurança com quem você falou no dia em que se jogou na frente do carro, viu a reportagem que narrava sobre o nosso noivado e em seguida, a de Peyton contando aquelas mentiras a seu respeito. O pobre homem quis me avisar, e acredito nas boas intenções dele, mas desejei

estrangulá-lo

porque mesmo

sentindo raiva, eu continuei te amando louca e apaixonadamente como sempre.

— Você me mandou embora.

— Sim, eu mandei, mas aquilo não duraria. Eventualmente eu iria procurá-la e pedir perdão.

— Exatamente como está fazendo agora.

Ele acena com a cabeça, concordando, e eu o encaro, estudando o rosto do homem que eu amo.

Depois do que aconteceu na última

vez que nos vimos e também

do que Cage me contou sobre a suposta gravidez de Sue, eu me preparei para o ódio dele.

Prometi a mim mesma que Dionysus não me pegaria de surpresa. Eu estaria pronta para qualquer coisa que ele jogasse em cima de

mim.

E então ele me surpreendeu há pouco, ao revelar a esterilidade dela.

Como a tola carente que sou, em um primeiro momento, meu coração descomprimiu.

Ficaria

tudo bem — pensei, agradecida, porque não havia motivo para ele sentir raiva. Não prejudiquei

seu bebê porque Sue não

estava grávida.

Agora, depois de ouvi-lo

e mesmo que entenda o lado dele, sinto

raiva de mim mesma por aceitar tão pouco.

Por sempre ansiar pela boa vontade alheia.

Por sempre precisar ser querida.

— E então, agora eu deveria entender que quando me mandou embora, não queria realmente dizer aquilo. Estava apenas chateado.

— Cecily...

— Eu compreendo tudo o que você passou, Dionysus e também as razões pelas quais não confia em ninguém além da sua família. É

um pai maravil

hoso e eu não poderia imaginar

alguém mais perfeito

para cuidar de Joseph. Como eu disse no seu escritório, em nossa última conversa, tudo o que fiz foi pensando na promessa ao meu amigo.

— Eu entendo...

— Não, você não entende. Keith esteve lá para mim quando eu mais precisei

dele. Eu tinha que conferir

se Joseph estava bem. Em

minha ingenuidade,

achei que poderia encontrar você, contar minha

história. Fui à sede do banco por dias seguidos, mas logo percebi que nunca me deixariam entrar e meu dinheiro estava acabando.

Jogar-me na frente do carro foi um ato de desespero.

— Eu acredito em você.

— Acredita mesmo? Ou é o medo de quase ter perdido o bebê que eu carrego o que o fez mudar de ideia?

— Eu quero esse filho,

mas eu quero você, principalmente,

Cecily

. Uma família,

nossa família.

— Eu preciso de um tempo para pensar. Uma das promessas que fiz

a Keith foi

jamais

voltar a permitir

que me dessem menos do

que eu merecia. Sabe o que entendi depois que acordei hoje aqui no hospital? Ainda não sei como cumprir essa promessa, porque qualquer migal

ha de sentimento que me oferecem, eu me ajoelho

e

agradeço porque não me acho merecedora. Eu te amo, mas eu preciso me amar também.

— Não quero que vá para longe.

— Eu não vou, mas por enquanto, não voltarei

para a sua casa.

Estou magoada. Não consigo esquecer o que disse:

que aquela não

era a *minha* casa. Há alguns dias, seu pedido de perdão seria o bastante. Agora, eu preciso de ações.

— O que tenho que fazer?

— Em primeir

o lugar, não é você, sou eu. Sempre tive uma bengala emocional na qual me amparar. Meu pai, minha família tóxica que eu achava que um dia iria

me amar, Keith, e você, meu

príncipe

encantado. Até mesmo no dia em que me mandou embora, eu não quis ir para a cobertura. Eu queria ficar com Elina. Eu necessito de um tempo comigo mesma. Não me afaste de Joseph.

Eu quero vê-lo pelo menos uma vez na semana, mas eu não quero ver você. Preciso testar a mim mesma. Saber se o que sinto por você é amor ou se é desejo de pertencer a alguém.

— Não sabe se me ama?

— Nesse momento, não.



Capítulo 59

Três semanas depois

— Shishiiiiii,

bola... — Joseph ri, apontando para a minha barriga, que já está arredondada a essa altura.

Ele não sabe que em alguns meses ganhará um irmão, mas mesmo assim, eu coloco sua mãozinha para senti-lo

e digo que tem

um bebê dentro da “bola”, como ele chama.

— É incrível

a ligação

de vocês dois — Elina

diz. — Acompanhei

no pouco tempo em que Sue era viva, o relacionamento dela com

Joseph. Nunca houve essa cumplicidade entre eles.

Joseph levanta para pegar um carrinho e eu abaixo o tom.

— Dizem que as crianças sentem quando são amadas. Por tudo o que sei, ela o via como um meio para atingir um fim.

Toda a família

sabe da verdade agora. Antes que a história

sórdida chegasse aos jornais, reunimos todos e contamos em detalhes. Logo em seguida, foi noticiada pelos meios de comunicação ao redor do planeta.

Achei que Dionysus abafaria o escândalo envolvendo a ex-mulher e a morte de Keith, assim como o papel de Cage em tudo.

Não foi

o que aconteceu e eu imagino

como deve ter sido para os

Kostanidis estarem no olho do furacão, mas eu mentiria se não confessasse que fiquei satisfeita.

A justiça

a finalmente

foi

feita

para Keith, já que todos agora sabem

quem foi Sue. Não importa que estejam ambos mortos, nunca é tarde para se fazer a coisa certa.

— Não parece feliz, Cici.

— Porque não estou mesmo. Dionysus está levando ao pé da letra o tempo que pedi a ele.

— Ele está respeitando seu espaço, mas está orbitando à sua volta se não percebeu. Não há um espirro seu que ele não saiba.

— Eu estou com saudade, mas não quero mais bancar a tola carente, Elina. Eu me valorizo muito pouco.

— Sei tudo sobre baixa autoestima, amiga, e vou te dizer uma coisa: se amar é, principalmente,

se dar o direito de escolher. Do

que adianta seguir um plano, provar que pode viver sem ele se, no fundo, está sofrendo?

— Eu não sei o que fazer

.

— Não se falam pelo telefone, ao menos?

Sacudo a cabeça, fazendo que não.

— Apenas por mensagens, mas amanhã tenho consulta com o obstetra. Na última vez, antes de nos separarmos ainda, não conseguimos ver o sexo. Talvez dê para descobrir nessa próxima.

— Não acha que deveria permitir que ele participasse?

— Não sei como dar o primeiro passo sem parecer fraca.

— Considera amar uma fraqueza?

— Não, acho que não.

— Tudo bem. Não quero te pressionar.

Horas depois, quando ela vai embora, eu não espero que Anderson venha pegar Joseph. Ao invés disso, passo a mão no telefone.

Tremo quando toco a tela no local onde aparece o nome do homem que amo.

Chama várias vezes, mas ninguém atende.

Ele sabe que sou eu e não quer responder? Já me esqueceu?

Segundos depois, meu coração dispara quando vejo seu nome acendendo no visor.

— Alô?

— *Você me ligou? Está tudo bem com você e com o bebê?*

— Hum... está, sim. Eu só queria saber se hoje será você ou Anderson a pegar Joseph.

Ele fica

em silêncio

por um tempo e sei a razão: até agora não

lhe convidei

para vir e como bem lembrou Elina,

Dionysus estava

respeitando meu desejo de manter distância.

— *É isso o que quer?*

— Hum...

— *Cecily*

.

— Sim, quero tratar sobre uma consulta que farei. Pensei que talvez você gostaria de ir

.

— *Estou indo encontrá-la. Conversaremos pessoalmente.*

Ele não me dá chance de dizer não, desligando em seguida.

Do chão, onde brinca com soldadinhos,

Joseph olha para mim e

sorri, como se aprovasse minha atitude.

— Eu o amo, meu lindo.

Só estou com medo de bancar a fraca

outra vez, mas eu amo o seu pai.



Abro a porta e me esqueço de respirar.

Todos os dias, quando ligam

os a tv ou acessamos redes sociais,

vemos homens bonitos.

Modelos, atores.

Há diversos representantes da beleza masculina espalhados pelos quatro cantos do planeta, mas nenhum deles chega aos pés, para mim, do meu grego.

Eu sempre me senti sem fôlego perto dele, desde a primeira vez

em que o vi, mas hoje, ele parece ainda mais selvagem. Os olhos atormentados, o cabelo longo desalinhado indo na contramão do terno de corte perfeito.

Aqueles olhos lindos me observam com seriedade, mas com muita fome também, e meus joelhos enfraquecem.

Eu me sinto dominada por tamanho. Ele nem entrou ainda e parece que ocupa a casa inteira.

Está em todos os lugares. Está em toda parte em mim.

— Não pode mudar de ideia

— diz, acho que interpretando meu silêncio equivocadamente.

— Sobre o quê? — disfarço.

— Sobre me querer aqui. Vim porque me chamou. Não vou embora.

— Não quero que vá embora... agora. Mas ainda não estou pronta para que fique em definitivo.

Ele dá um passo para dentro.

— Onde está Joseph?

— Dormindo. Eu te chamei porque tenho consulta com o obstetra amanhã. Acho que conseguiremos descobrir o sexo do nosso filho.

Quer vir?

Ele fecha os olhos por um instante. Quando abre outra vez, vejo a emoção mais crua neles.

— Obrigado por isso.

— Por te deixar participar?

— Por não me impedir

.

— Achei que nada poderia impedi-lo.

— De estar com meu filho,

não, mas ele não nasceu ainda e não

forçaria minha presença. Não quero que fique atormentada e sim, que tenha uma gravidez tranquila.

Sinto um estremecimento de medo.

Ele está me superando? Suas palavras demonstram que sim.

Como se tudo o que importasse fosse o bem-estar do bebê.

— Não tenho intenção de impedi-lo

— falo, tentando salvar meu

orgulho. — Vou te passar o horário da consulta por mensagem.

Tenho que conferir porque não me lembro.

Ele concorda com a cabeça, se afastando de mim.

— Vou pegar Joseph.— diz, e dou espaço para que entre. —

Quanto ao horário da consulta, virei buscá-la. Iremos juntos O garotinho está adormecido no sofá e quando o vejo pegar o filho nos braços, entro em pânico.

Não quero que vá embora ainda.

— Você... hum... quer comer alguma coisa?

— Você está no cardápio?

Por um instante, acho que não ouvi direito. Ele parecia tão controlado, tão senhor de si, mas agora me olha com uma fome primitiva.

Não consigo formar uma frase sequer e ele começa a andar em direção à porta.

— Não pergunte algo que não esteja pronta para ouvir a resposta, Cecily

.

Depois disso, vai embora, me deixando trêmula.



Capítulo 60

— Devo esperar aqui, doutor Kostanidis?

— Anderson pergunta

quando estaciona na garagem da cobertura.

Pelo espelho retrovisor

, percebo que está sorrindo.

— Sim, vou subir para pegá-la.

— Se me permite a intromissão, é o destino de vocês dois ficarem juntos.

Em outra época, talvez o comentário me incomodasse porque não gosto de ver minha vida privada sendo discutida, mas depois do

sequestro de Cecily

, temos sido alvo de manchetes e honestamente,

pouco me importa a opinião pública. T

udo o que me interessa é ela.

Cecily

precisa saber que não me envergonho de nossa história.

De nenhum detalhe dela.

— Sim, ela foi destinada a mim — finalmente respondo, saindo

do carro.

Demoro menos de dois minutos para chegar ao andar e parece estranho ter que tocar a campainha quando do outro lado da porta está a mulher da minha vida, mas nesse instante, a cobertura pertence a ela, é seu lar e Cecily

merece toda a privacidade

que

desejar.

Toco apenas uma vez e a porta se abre.

Eu sempre achei que as mulheres quando grávidas ficavam bonitas, mas Cecily

está um passo além. O rosto está corado e mais

bochechudinha. Os seios forçam o tecido do vestido flexível, grudado ao corpo, desenhando suas curvas deliciosas.

O cabelo, que amo manter envolta do punho enquanto a fodo, cai solto por suas costas.

Afasto os pensamentos.

Há semanas não encosto nela e sinto-me como um morto de fome, mas não quero por tudo a perder agora que ela está outra vez abrindo espaço para mim em sua vida.

— Pronta?

Ela concorda com a cabeça.

— Estou ansiosa. Quer menino ou menina?

Quero você e qualquer coisa que vier de você. Uma criança ou várias. T

udo.

— Não tenho preferência — falo, ao invés disso, para não assustá-la.

Dou espaço para que ela saia e seu perfume se entranha em minhas narinas, me deixando duro.

Eu prometi a mim mesmo que não iria tocá-la, que não me importaria, mas meu corpo tem vontade própria e pouso a mão logo acima de sua bunda para guiá-la.

Ela estremece ao meu toque e quando entramos no elevador

, nos

encaramos, cada um em uma parede oposta.

— E você?

— O que tem eu? — responde sem fôlego e nesse instante sei que estamos na mesma sintonia.

O desejo é recíproco.

— Quer menino ou menina?

— Como todas as mães, quero que nosso filho nasça saudável.

Nosso filho.

Cada vez que ela repete isso, tenho a esperança de que tudo ficará bem.



Eu respeitei o espaço que me pediu porque sei que a magoei, mas estou chegando ao meu limite.

— Quanto tempo?

— Está dizendo para ele nascer?

— Não. Quanto tempo preciso para te convencer de que sou louco por você? Eu nunca vou desistir

, Cecily

.

Ela engole em seco.

— Eu não quero que desista.

— O que quer, então?

A porta do elevador se abre e ela se direciona

para a saída, mas

antes, olha para trás e por um segundo, consigo ter um vislumbre da
minha garota atrevida. A mesma ruiva deliciosa

que roubou meu

coração.

— Quero que me persiga. Sonhei com isso a noite toda.

“Quero que me persiga. Sonhei com isso a noite toda.”

Enquanto esperamos o médico preparar o equipamento de
ultrassonografia, as palavras dela fazem meu sangue ferver

.

Eu nunca me considerei

alguém ansioso. Por que seria? Sempre

tive tudo a um estalar de dedos.

Agora, sinto-me dividido

a prestar atenção no exame ou deixar

minha mente viajar em tudo o que quero fazer com ela.

— Vamos começar — o médico diz e para minha surpresa, Cecily estica a mão para mim.

É a primeira

vez, desde que nos separamos, que toma a atitude

de me tocar.

Entrelaço nossos dedos e trago a mão pequenina aos lábios.

Um instante depois, como da primeira

vez que viemos, a imagem

do nosso bebê aparece na tela e eu sinto a garganta trancar quando o coração se faz ouvir claramente.

Na outra consulta, em minha arrogância, apesar de estar muito feliz, eu dei tudo como certo:

minha mulher, *meu* filho.

Agora, depois de quase perdê-la em mais de um sentido, a grandiosidade

do que está acontecendo toma outra proporção. Sinto meus olhos umedecerem e quando olho para Cecily

, está chorando

também.

— Presumo que sejam lágrimas de alegria, papai e mamãe, porque nosso menino está indo muito bem.

— Um menino? — Cecily

repete. — Um irmãozinho

para Joseph?

Sorrio e me abaixo para beijá

-la, esquecido das regras de que eu
mantivesse distância.

— Vamos fazer um time de futebol
inteiro.

Encher essa cidade de
pequenos Kostanidis.

O médico e a enfermeira riem e saem para nos dar privacidade,
alguns instantes depois.

Cecily se senta na maca.

— Eu quero isso.

— O quê, minha ruiva?

— Nossa família. Um time de futebol ou dois. T
udo.



Capítulo 61

Eu ando até a porta e a tranco. Quando volto para perto dela, vejo que seu rosto está corado e a respiração, falha.

— O que está fazendo?

— Não pode me dizer algo assim depois de semanas faminto, minha mulher

.

— Não podemos fazer nada. A equipe médica está do outro lado da porta.

— Não preciso de muito tempo. Só quero que goze na minha boca.

Seus olhos arregalam.

— Não está falando sério.

Apesar do que diz, eu já conheço-a bem demais para saber que está queimando de desejo também.

— Se não quer que eu enterre a cara no meio da sua boceta em dois segundos, peça-me para sair

, Cecily

. É sua última chance.

Ela passa a lín

gua pelos lábios,

depois, olha para a protuberância

na frente da minha calça.

Sem fal

ar mais nada, chega para trás na maca e planta os pés na beirada.

Em um centésimo de segundo, sua calcinha não existe mais.

— Eu não tenho outra para ir embora.

— Não vai precisar. Vou te levar direto para a cobertura. Quero-a na nossa casa, mas vamos passar o dia na cama, e não vai ser suave. Os empregados ouviriam.

— Meu Deus, você está me matando.

— Apoie as mãos na maca. Não quero que se machuque.

Ela obedece e com ambos os polegares, separo os lábios de seu sexo.

Sem lhe dar tempo para o próximo pensamento, cubro sua boceta com a boca. A língua

lambendo toda a extensão ensopada

com seus fluidos.

Eu a devoro como um homem desesperado e privado de seu alimento favorito e sinto cada terminação nervosa dela vibrar ao meu encontro.

O primeiro

ataque é voraz, sedento, visando meu próprio prazer.

Eu quero engoli-la

inteira e não lhe dou opção, a não ser me entregar tudo.

O gozo vem rápido, forte, ansioso. Os suspiros intercalam do com arfadas de satisfação.

Eu desacelero, a língua seduzindo-a, ora usando os dentes para arranhar o clitóris

duro, ora com os lábios

sugando o nó de nervos.

Estou em uma missão que não é apenas fazê-la gozar. Estou determinado agora a lembrar-lhe que é minha, sempre será minha.

Eu não a chupo, apenas. Eu tomo posse de sua boceta doce.

Como, provo, lambo, a fodo com língua e dedos.

Percebo a urgência se construindo nela. A necessidade de alcançar o clímax.

Eu paro quando está muito perto e sorrio contra

seu sexo quando ouço o suspiro de frustração.

— Mais — pede.

— Diga que é minha.

— Isso é chantagem.

— Não. Estamos negociando. Eu te faço gozar até desmaiar de exaustão. Você nunca mais me afasta da sua vida. Nunca mais duvida do nosso amor. De como sou louco por você.

— Você me tem em suas mãos nesse instante. Concordaria com qualquer coisa que pedisse. Não seria um contrato válido.

Eu recomeço a atormentá-la com a boca. Sua respiração acelera.

Está quase lá e então, eu paro outra vez.

— Sou sua. É sim, um contrato válido — diz, segurando minha cabeça para que não tire a boca de onde ela precisa. — Não porque quero gozar, mas porque te amo, Dionysus. Sempre te amei.

A confissão

era o que eu desejava, mas não estava pronto para o quanto mexeria comigo ouvi-la.

Sou eu quem está louco agora e preciso de tudo.

— Não grite — aviso. — A equipe médica está na sala ao lado.

— Por que eu gritaria? Ohh...

Gemo ao sugar o clitóris

brilhante de tesão. Enfio dois dedos

nela, fodendo-a até que começa a impulsionar

os quadris, tentando

obter mais.

Eu não paro dessa vez porque ver Cecily
tão descontrolada me
enlouquece também.
Eu tiro tudo dela e doo na mesma medida.



Estou em casa novamente. Nela, dentro dela, com ela.

Cecily é meu abrigo, meu lar

. Minha.

Ela morde o próprio braço para não gritar quando por fim me entrega seu mel.

Eu me levanto e a puxo para mim.

— Prometa-se o mesmo — pede. — Diga que nunca mais vai me mandar embora.

— Nunca mais, [*agapi mou*](#)[29]. Nenhum de nós irá a lugar algum.

Um mês depois

— Peyton está morta — Cecily

diz, entrando na minha sala, na

sede da emissora.

— O quê?

— Acabaram de me telefonar do hospital.

Querem que confirme

que é ela, já que não tem mais parentes vivas e Jodelle encontra-se presa.

Coloco meus óculos e abro o notebook em cima da mesa. Não encontro notícia na internet com o nome dela.

— Não tem nada aqui. Nem mesmo na coluna policial da emissora.

Todo dia são reunidas reportagens para chamadas de manchetes. Seleccionamos o que vamos apresentar

.

— Não deve ter saído ainda. Provavelmente estão esperando que a identidade dela seja confirmada.

— Diga-me sobre os fatos.

— Parece que foi morta por um cafetão, em um motel barato.

Digito

a informação

e finalmente

encontro uma pequena nota em

um site sensacionalista.

“Profissional do sexo encontrada morta a facadas em aparente briga com agenciador

.”

É tudo o que preciso saber.

Fecho o computador e me levanto, andando para perto da minha noiva.

— Isso te abala?

— Tanto quanto a morte de qualquer ser humano me abalaria.

Não por Peyton ter sido minha parente por afinidade.

Eu só queria

saber o que aconteceu. Ela parecia bem financeiramente naquela

vez em que nos encontramos na festa. Como pôde acabar assim, em um hotel barato, morta por um cafetão?

Dou de ombros.

— Eu fiz com que ela ficass

e famosa depois que foi aos jornais

falar mal de você. Providenciei

para que cada site de fofocas

mostrasse a foto dela, identificando-a

como garota de programa. A

partir daquele instante, nenhum dos antigos clientes a contrataria.

Eles são infiéis, mas exigem discrição. Não podem se dar ao luxo de terem os nomes envolvidos em escândalos. Peyton passou a ser *persona non grata*

. Como a única coisa que sabia fazer era vender o

corpo, teve que se ajustar.

— Foi culpa minha, então? T

ive algo a ver com ela acabar assim?

— Não. — Beijo

sua testa. — A responsabilidade

é toda minha.

Sou eu quem não perdoa. Sou eu quem sempre vai atrás de vingança.

— Você me perdoou por ter lhe ocultado a verdade.

— Foi um caso isolado,

Cecily

, e só porque é a mulher da minha

vida, meu amor e mãe dos meus filhos.

Não me vejo fazendo isso

com relação a qualquer outra pessoa.

— Tenho medo quando você fala assim.

— Nunca oculte quem eu era. Sabia onde estava se metendo.

— Sim, acho que eu sabia, mas nunca tive a menor chance a não ser te amar.

— Faria diferente, se pudesse?

— Não. Eu tentaria te contar a verdade mais cedo do que fiz, mas no resto, eu não me arrependo. Tudo aconteceu como deveria.

Aceno com a cabeça porque concordo. Eu também não mudaria nada em nossa história,

a não ser a parte em que a mandei embora

e com isso, a expus à loucura do filho da puta do Cage.

— Não precisa ir identificá-la.

Providenciarei

para que um

advogado, discretamente, confirme a identidade de Peyton através de DNA. Pagarei por tudo, mas não quero você perto dela nem mesmo depois de morta.



Capítulo 62

Grécia

Dizem que o dia do casamento é o mais importante da vida de uma mulher, só perdendo para o nascimento do primeiro filho.

Para mim, é um passo além.

Eu não estou apenas prestes a me unir para sempre ao amor da minha vida. Sinto como se tivesse lutado uma verdadeira guerra para chegar até aqui.

Foram tantos obstáculos, lágrimas, paixão, medo, perdão, recomeços, que eu me sinto como uma vitoriosa, finalmente indo

pegar meu prêmio. Não aquele que alguém me entregou de mão beijada, mas um pelo qual eu lutei.

Eu mereço tudo de bom que conquistar.

Eu mereço e ponto.

Enquanto caminho para o altar com Joseph, Silas e Soraia liderando o caminho, sei que a cada passo que dou estou mais próxima dos meus sonhos de ter uma família

e pertencer

. De não

precisar sentir vergonha por amar e querer ser amada.

Desde criança, acostumei-me a me desculpar porque fui doutrinada para ser assim.

Criada por uma madrasta que não me amava. Ao lado de um pai que não sabia o que fazer comigo, na maior parte do tempo eu era alguém de quem não se lembravam.

Depois que passei a conviver com Dionysus, ele me ensinou que se quero algo, devo dizer, lutar por aquilo,

não sentir medo de expor

meus desejos.

Ele me ensinou que se quero mais uma colherada de doce, mais um beij

o, um abraço ou um orgasmo, não tenho que fingir

que está

tudo bem.

Eu relutei em me expor

. Não é confortável.

As pessoas nos julgam, comentam, maldizem, ao contrário de quando vivemos nas sombras.

O problema é que elas não são mais bem-vindas em minha vida.

Não quero o mormaço, ou os lugares secretos. Quero a luz, o calor do sol em minha pele. Quero me lambuzar de felicidade.

E agora, enquanto ando de cabeça erguida, tentando conter o choro ao ver a emoção no rosto do homem que nasceu para ser meu, eu sei que todos os tropeços que dei, as lágrimas que chorei

desde a infância,

o relacionamento não concretizado com Keith

porque da minha parte era platônico, tudo seguiu a rota natural para me trazer até aqui.

Para ele, o meu grego arrogante. Meu amor dominante e teimoso.

Orgulhoso, e algumas vezes, cruel.

Mas completamente meu.

— Está sorrindo — ele diz quando o alcanço, quase em frente ao altar.

Esquece os protocolos, os ensaios que fizemos e me beija, provavelmente dando alguns cabelos brancos à cerimonialista.

— Por que não sorriria? — falo, quando nos afastamos para respirar.

— Estou dentro do meu próprio conto de fadas.

— Cinderela?

— Não. Princesa Cecily

. Minha história é única. O começo dela

eu não desejaria a ninguém. O final, eu não trocaria por nada.



Capítulo 63

Nova Iorque

Meses depois

— Bebêeeeeeeee! — Joseph grita, apontando para a “fotografia”, na verdade, uma imagem de ultrassonografia

que emolduramos e

pusemos no quarto do nosso filho que ainda vai nascer

.

Dionysus, que estava ajeitando

um quadro na parede, olha para

trás e sorri ao ver o entusiasmo dele.

— Isso mesmo, meu homenzinho. Um irmão para você — diz.

— Imãun! — Joseph repete e depois, esquece da “conversa” e volta a brincar com os caminhões.

— Ou muitos irmãozinhos para ele.

Eu me levanto com dificuldade

de da cadeira de balanço, a barriga

tornando impossível me erguer com graça.

Quando vê que estou meio “entalada” no assento, meu marido superprotetor corre para me ajudar. Mas ao invés de me levantar, senta-se e me puxa para seu colo.

— Eu quero meu time de futebol inteiro, como me prometeu — digo.

— Seu desejo é uma ordem, minha dama. Pena que não dá para fazer mais de um bebê por vez. Pela minha vontade, emendaria uma gravidez na outra. Fica muito sexy e safada quando está grávida, ruiva.

— Eu não me importo em ter filhos

em sequência. Quero a casa

cheia e sugiro que pratiquemos para garantir a produção de herdeiros em série.

Ele geme e sinto-o endurecer embaixo do meu bumbum.

— Como eu disse, uma safada. Está me provocando porque sabe que o médico proibiu que eu te foda nessa última semana. Mas



assim que o período de resguardo passar, você não vai dormir, Cecily

.

Nascimento de Andrus

— Meu Deus do céu, eu amo ter meu filho

em meus braços —

digo, olhando meu Andrus, que é o pai escrito, mamar —, mas como você conseguiu ter dois de uma vez? — pergunto a Madison e depois olho para Brooklyn, a irmã dela. — Dói para caramba. Aliás, vocês duas tiveram gêmeos!

— Nós três — Elina diz.

— Nós quatro — Zoe sorri. — E no meu caso, duas vezes gêmeos. Tirando Brooklyn, todos são de pais gregos. Isso te diz alguma coisa?

— Jesus, sim! Que eu não vou escapar, então — brinco. — Só pode ser alguma coisa que colocam na água dos gregos. Estão tentando povoar o mundo por conta própria.

Todas riem e eu observo meu marido do outro lado do quarto, conversando com os parentes, mas com os olhos o tempo todo em cima de mim, como um leão protegendo a cria.

Minutos depois, quando a família

parte, ele vai lá fora pegar

Joseph, que segundo me disse, acaba de chegar com Eleanor

.

Não gostamos de deixá-lo no hospital por muito tempo porque não é um bom ambiente para uma criança, mas eu estou morrendo de saudade do meu filho e só terei alta amanhã.

Joseph também estava louco para conhecer o irmão.

— Bebêeeee! — Ele já entra cheio de energia, de mãos dadas com o pai.

— Shhhhhh... Precisa falar baixinho

com ele, meu amor — digo,

quando Dionysus o senta na cama, ao meu lado. — Seu irmão é muito pequeno e se assusta facilmente.

Ele coloca o dedo indicador na frente da boca e faz: “shhhhh”.

— Quer segurá-lo?

Ele faz que sim com a cabeça e depois que Dionysus o ajeita encostado aos travesseiros, com cuidado, coloco Andrus em seus braços.

Não consigo me impedir de chorar ao ver a concentração com que Joseph encara o bebê.

Eu queria registrar esse momento em uma pintura.

— Imãun!

— Sim. Seu irmão mais novo, meu filho

— Dionysus diz e depois,
olha para mim. — Nossa família.

— *Meus* — falo.



Epílogo 1

Um ano e meio depois

— Eu queria ter vindo antes. Sinto muito por demorar tanto. Há quase seis meses eu te trouxe para cá, mas não tinha coragem ainda de vir visitá-lo

— falo ao meu amigo, abaixando-me para
colocar flores no túmulo dele.

Eu pedi que Dionysus o trouxesse para Nova Iorque. Assim, eu poderia visitá-lo

sempre que sentisse saudade. Não fazia qualquer sentido mantê-lo sozinho na Califórnia.

Não há parentes lá. Aliás,

Keith não tem ninguém que se lembrará dele a não ser eu e Joseph, um dia.

Sim, eu e meu marido conversamos muito a respeito e chegamos à conclusão de que, quando crescer, nós contaremos a verdade sobre sua adoção.

— Eu não sei se aí do céu você tem acompanhado as últimas notícias, Keith, então queria te dizer que ficou tudo bem, no fim.

Aqueles que te fizeram mal, os dois traidores, foram punidos. Sue morreu naquele acidente ao qual sobrevivi

e Cage nem chegou a ir

a julgamento. Morreu na cadeia mesmo. E eu tenho algo para te confessar.

Olho à minha volta para ter certeza de que estou sozinha no cemitério, mas só vejo Anderson e os seguranças a uma certa distância, me esperando.

— Acho que é possível que Dionysus, um dos Kostanidis, os Lykaios ou, quem sabe, todos juntos, tenham algo a ver com a morte dele. Por tudo que sei, os gregos que agora são meus parentes, podem ser cruéis quando o que está em jogo é a proteção de seus entes queridos. Não me leve a mal, não estou culpando-os.

Na verdade, estou agradecida, mesmo que eu nunca vá confessar isso em voz alta. No fim,

você foi

vingado. Eu te amo, Keith. Sempre

será meu melhor amigo e espero que esteja em paz aí no céu.

Estou feliz.

Tenho minha família

e filhos.

Uma carreira de meio

expediente na Associação de Elina. Tenho você aqui comigo e principalmente,

tenho o amor da minha vida ao meu lado. Prometo

não demorar a voltar. Fique bem.

Começo a caminhar para o carro quando vejo outro veículo estacionar atrás do de Anderson.

Sorrio, balançando a cabeça e paro de andar, esperando que meu homem controlador venha até onde estou.

— Por que não me surpreende que tenha vindo?

Ele me beija e puxa-me para seus braços.

— Estava preocupado de que não se esforçasse demais — diz, acariciando

minha barriga de gestante de cinco meses e adivinhem só? De gêmeos! Mais dois Kostanidis a caminho.

— Além disso — continua —, é a primeira vez que veio visitar Keith desde que eu o trouxe da Califórnia.

Uma ocasião importante.

Para o resto de nossas vidas, estarei presente em todas as que contarem para você.

— É por dizer coisas assim que nunca se mete em encrencas comigo, grego. Consegue ser a um só tempo, um neandertal e o homem mais amoroso do mundo.

— Eu tenho treinado, ruiva. Sou uma mula de tão teimoso, mas aprendo rápido. E se tem algo que entendi desde que entrou em meu caminho, é que nunca quero te perder.

— Vai ser um marido perfeito, então?

— Não, eu não posso prometer isso. Tenho defeitos

demais para

almejar a perfeição. Mas te prometo que a lembrarei todos dias o quanto sou louco por você, minha Cecily

.



Epílogo 2

Aniversário de um ano dos gêmeos Adonis e Achilleas

— A família

está crescendo — Zeus diz, vendo nossos filhos correndo na ilha grega que costumamos passar as férias.

Sempre nos pertenceu, mas somente depois que casamos, passamos a frequentá-la realmente.

Não foi algo combinado. No começo, era apenas uma espécie de válvula de escape da loucura que é Nova Iorque, porque aqui as crianças podem correr livremente,

nadar, brincar, sem que os guarda-

costas fiquem tão em cima deles.

— Sim. E em breve teremos mais membros, pelo que soube.

— Madison está grávida do nosso primeiro menino. — Meu irmão sorri, como se achasse que é o homem mais sortudo do mundo. Ele está enganado. Esse sou eu. — E vocês, como andam a produção?

— Enquanto ela quiser crianças, não vou me opor. Já desistiu do time de futebol, mas deseja ao menos seis. Temos quatro, então estamos quase lá.

— Acha que o avô ficaria feliz? — pergunta.

— Sim, eu acho que sim, afi

nal, tudo o que mais lhe importava era

manter o nome Kostanidis vivo e nesse setor

, estamos indo bem.

Ouçó uma risada ao longe e quando me viro, vejo Cecily dançando no meio das crianças.

Ela levanta a cabeça e me vê observando-a. Faz um gesto de “vem aqui” com o dedo.

— Tenho que ir, irmão. Aquela que comanda meu destino acaba de me solicitar

.

— Destinada ao Grego. Daria um bom nome de filme.

— *Destinados*

. Sempre esteve escrito que pertenceríamos um ao outro.

Ando até onde ela está e Cecily corre para os meus braços.

— Se divertindo? — pergunto.

— Muito. Acho que uma vez babá, sempre babá. As filhas de

Madison são muito engraçadas. A maior prova de que o fruto não cai

longe da árvore. São desaforadas e estão deixando os primos sem resposta.

— Nós Kostanidis

gostamos das nossas mulheres atrevidas — falo,

pegando-a no colo e me afastando do resto da família.

— Sabe que eu reparei que você segue um padrão desde o início, marido?

— De que tipo? Tenho várias manias.

— Não, estou falando sobre festas. Sempre que estamos em uma, você me rouba dos convidados.

— Isso é porque sou um maldito

egoísta. Ganancioso por você. Não

gosto de compartilhar

.

Ela sorri.

— Temos quatro crianças. Querendo ou não, tem que me compartilhar

.

— E por falar em crianças, acho que estamos em desequilíbrio na família. Muitos homens para perturbá-la.

— O que tem em mente?

— Providenciar minha primeira herdeira.

— Eu topo — ela diz sorrindo, agarrada ao meu pescoço.

— Acho que não entendeu, *kardia mou*[\[30\]](#). Estou falando neste instante.

Fim!

Os olhos que sempre me fascinaram brilham como acontece quando fica com tesão.

— Não sou adepta de adiar nada, marido. Estou me oferecendo como voluntária para essa missão.

Não deixe de ler nas próximas páginas um bônus do próximo livro da série.

Ares



Nova Orleans

Vir aqui não foi o que planejei.

Quando me dispus a ajudar meu irmão Zeus, me tornando o tutor da aspirante a bailarina

e também única herdeira das ações

que ele necessitava, eu pretendia me manter a distância.

Eu não crio laços além dos familiares.

Não quero uma mulher

para cuidar — no caso, uma garota.

Tudo o que Clementine tinha que fazer era ficar sossegada, manter-se nas sombras, alcançar a maldita idade estipulada no testamento para tomar posse dos seus bens e desaparecer da minha vida para sempre.

Ao invés disso, ela despertou o interesse de um filho da puta

obcecado por sua beleza. Alguém que está deixando minha tutelada apavorada e por mais que eu não queira qualquer proximidade com

ela, sou um Kostanidis e por enquanto, ela é minha.

Ninguém irá machucá-la.

PAPO COM A AUTORA

Espero que tenham curtido acompanhar a história de amor do nosso grego lindo, Dionysus, e sua Cecily

.

O próximo livro

da série, como devem ter percebido pelo bônus,

é de Ares Kostanidis, o bad boy grego, gostoso e mal-humorado que recebe a ingrata tarefa, através de um acordo que fez para ajudar Zeus no livro 1, Seduzida por Contrato, de ser o tutor de uma herdeira muito rica e completamente inexperiente.

Um grande beijo e até a próxima aventura.

D. A. Lemoyne

Interaja com a autora através de suas redes sociais

[GRUPO DE LEIT](#)

[ORES NO FACEBOOK](#)

[FACEBOOK](#)

[INST](#)

[AGRAM](#)

[PÁGINA COM TODOS OS LIVROS DA AUT](#)

[ORA](#)

Obras da Autora

[*Seduzida - Muito Além da Luxúria \(Livro 1 da Série*](#)

[*Corações Intensos\).*](#)

[*Cativo - Segunda Chance \(Livro 2 da Série Corações*](#)
[*Intensos\).*](#)

[*Apaixonada - Meu Para Sempre \(Livro 3 da Série Corações*](#)
[*Intensos\).*](#)

[Sedução no Natal - Conto \(Spin-off de Seduzida e Cativo\)](#)

[Imperfeita - O Segredo de Isabela \(Livro 4 da Série](#)

[Corações Intensos\)](#)

[Isolados - Depois que Eu Acordei \(Livro 5 da Série](#)

[Corações Intensos\)](#)

[Nascido Para Ser Seu \(Livro Único\)](#)

[168 Horas Para Amar Você \(Livro 1 da Duologia Família](#)

[King\)](#)

[Sobre Amor e Vingança \(Livro 2 da Duologia Primos](#)

[Lykaios\)](#)

[168 Horas Para o Natal \(Conto de Natal - Spin-off de 168](#)

[Horas Para Amar Você\)](#)

[Uma Mãe para a Filha do CEO \(Livro 1 da Série Irmãos](#)

[Oviedo\)](#)

[A Protegida do Mafioso](#)

[O Dono do Texas \(Livro 1 da Série Alma de Cowboy\)](#)

[Um Bebê Por Contrato \(Livro 2 da Série Irmãos Oviedo\)](#)

[A Obsessão do Mafioso \(Livro 1 da Série Alfas da Máfia\)](#)

[Uma Família Para o Cowboy \(Livro 2 da Série Alma de](#)

[Cowboy\)](#)

[A Esposa Contratada do Sheik \(Livro 1 da Quadrilogia Casamentos de Conveniência\)](#)

[Como Domar um Mulherengo \(Livro 3 da Série Irmãos Oviedo\)](#)

[Um Anjo Para o Mafioso \(Livro 2 da série Alfas da Máfia\)](#)

[O Herdeiro do Cowboy \(Livro 3 da Série Alma de Cowboy\)](#)

[Um Bebê Para o Italiano \(Livro 1 da Série Bebês Inesperados\)](#)

[Sob a Proteção do Bilionário \(Livro 2 da Duologia Seduza-me\)](#)

[Bastardo Apaixonado \(Livro 4 dos Irmãos Oviedo\)](#)

[Proibida Para o Cowboy \(Livro 4 da Série Alma de Cowboy\)](#)

[A Eleita do Grego \(Livro 1 da Duologia Primos Lykaio\)](#)

[Destinada ao CEO \(Spin-off Irmãos Oviedo – A História de Isabel e Stewart\)](#)

[A Princesa Seduzida pelo Magnata \(Livro 3 da Quadrilogia Casamentos de Conveniência\)](#)

[A Esposa Inocente do Mafioso \(Livro 3 – Série Alfas da Máfia\)](#)

[A Mãe da Minha Menina \(Irmãos Oviedo – Livro 5\)](#)

Seduzida Por Contrato (Irmãos Kostanidis – Livro 1).

Sob o Domínio do Mafioso (Série Honra Irlandesa - Livro 1).

Deliciosa Armadilha (Livro 1 da série Feitiço Italiano

Como Encantar seu Príncipe (Livro 3 da série Bebês

Inesperados).

Um Herdeiro para o Sheik (Spin-off de A Eleita do Grego).

O Devasso e a Viúva Virgem (Livro spin-off da série Alma de Cowboy).

Senador Gray – Meu Cowboy Protetor (Livro 5 da série Alma de Cowboy).

Tentadora Confusão (Série Acordo com o Cupido – Livro 1).

Arrogante Rendido (Série Deuses de Branco – Livro 1).

A Filha do Inimigo do Mafioso (Livro 4 – Série Alfas da Máfia).

Imprevisível Perfeição (Série Uma Esposa para o meu Pai– Livro 1).

Nas Mãos do Magnata (Série Bilionários Turcos – Livro 1).

Desejada pelo Pecador (Livro 1 da Duologia Seduza-me).

Destinada ao Grego (Irmãos Kostanidis – Livro 2)

(Série Honra Irlandesa – Livro 2)

SOBRE A AUTORA

D. A. Lemoyne iniciou

como escritora em agosto de 2019

com o livro

Seduzida, o primeiro

da saga Corações Intensos. De lá

para cá, foram várias séries de sucesso como Alma de Cowboy, Irmãos Oviedo, Irmãos Kostanidis entre outros.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua “biblioteca”

particular

, que ficava em um quarto dos fundos do

seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros, a

senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Brasileira,

mas vivendo atualmente na Carolina do Norte,

EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos, e os heróis apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredita no amor, e ler e escrever são suas maiores paixões.

Contato: dalemoynewriter@gmail.com

[1]. Protagonista de Um Bebê para o Italiano.

[2]. Protagonista de Seduzida por Contrato, livro 1 da saga Irmãos Kostanidis.

[3]. Protagonista de Sobre Amor e Vingança.

[4]. Esse personagem, já mencionado em Seduzida por Contrato, livro 1 da saga Irmãos Kostanidis, será protagonista da minha série de dez magnatas.

[5]. Protagonista de Sobre Amor e Vingança.

[6]. “Sim” em grego.

[7]. “Dor” em inglês.

[8]. Os eventos citados são esclarecidos em detalhes no primeiro livro da série, Seduzida por Contrato. Por não serem relevantes para a presente obra e também para não dar spoilers, não serem repetidos.

[9]. Protagonista de Arrogante Rendido, livro 1 da série Deuses de Branco.

[10]. Protagonista de A Eleita do Grego.

[11]. Esse evento é narrado no livro 1 da série, Seduzida por Contrato e será o plot do livro 3, no qual Ares vai ser o protagonista.

[12]. Ao contrário do que se pensa, o amendoim não é semente ou fruto, mas um legume muito semelhante ao feijão. Fonte: *Site Conquiste sua vida*.

[13]. Cidade fictícia criada para o livro.

[14]. Cidade da Califórnia.

[15]. **EpiPen®** e **EpiPen Jr®** contém o medicamento epinefrina (adrenalina), um agonista dos receptores alfa, indicado no tratamento

de emergência de reações alérgicas (Tipo I) incluindo anafilaxia.
Fonte: Bulario.

[16] “Papai” em grego.

[17] Esse fato é descrito detalhadamente em Seduzida por Contrato e não é relevante para presente obra. Por essa razão e também para não dar spoilers, não o descreverei novamente.

[18] “Papai” em grego.

[19] “Baby”.

[20] “Minha mulher”.

[21] “Meu amor”.

[22] “Meu anjo”.

[23] A questão de Hades será explicada no livro dele, o quarto da série.

[24] Aqui ele se refere a uma espécie de Apple Watch.

[25] Empréstimos estudantis. Nos Estados Unidos é comum alunos se formarem na universidade e depois passarem anos pagando empréstimos estudantis que, dependendo do curso, podem chegar a quase meio milhão de dólares.

[26] Um dos investidores mais importantes do mercado financeiro global, ele é famoso por aconselhar a não se investir todo o dinheiro em um mesmo lugar. No caso, Cage está distorcendo um pouco a frase, no sentido de que ele precisava de um plano “b”, caso as coisas com relação a Keith não saíssem como imaginavam.

[27] Esse evento é narrado de forma mais explicativa no livro 1 da série, Seduzida por Contrato e não relevante para a presente obra. Só estou citando-o novamente para contextualizar a história.

[28] Idem a explicação anterior.

[29] “Meu amor”.

[30] “Meu coração.”

Document Outline

- [Sinopse](#)
- [Nota da Autora](#)
- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)

- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
- [Capítulo 35](#)
- [Capítulo 36](#)
- [Capítulo 37](#)
- [Capítulo 38](#)
- [Capítulo 39](#)
- [Capítulo 40](#)
- [Capítulo 41](#)
- [Capítulo 42](#)
- [Capítulo 43](#)
- [Capítulo 44](#)
- [Capítulo 45](#)
- [Capítulo 46](#)
- [Capítulo 47](#)
- [Capítulo 48](#)
- [Capítulo 49](#)
- [Capítulo 50](#)
- [Capítulo 51](#)
- [Capítulo 52](#)
- [Capítulo 53](#)
- [Capítulo 54](#)
- [Capítulo 55](#)
- [Capítulo 56](#)
- [Capítulo 57](#)
- [Capítulo 58](#)
- [Capítulo 59](#)
- [Capítulo 60](#)
- [Capítulo 61](#)
- [Capítulo 62](#)
- [Capítulo 63](#)
- [Epílogo 1](#)
- [Epílogo 2](#)
- [Bônus](#)
- [Papo com a Autora](#)

- [Obras da Autora](#)
- [Sobre a autora](#)